



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido por dirigentes de montadoras de veículos e integrantes da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea)

São Paulo-SP, 02 de março de 2010

Se eu pudesse, se a imprensa não estivesse aí, eu ia começar a cantar assim: Eô, eô, a fome é um terror! Para a gente comer logo...

Mas eu quero cumprimentar os companheiros dirigentes da Anfavea,

Quero cumprimentar os companheiros dirigentes da indústria automobilística,

E quero cumprimentar a todos, na pessoa do companheiro Jackson Schneider, que é o nosso presidente da Anfavea.

[Quero] dizer para vocês que esse reconhecimento, eu acho que ele tem que ser estendido ao trabalho extraordinário que fez o ministro Guido Mantega, ao trabalho extraordinário que fez o ministro Miguel Jorge, ao trabalho extraordinário que o Conselho Monetário teve nas discussões para enfrentar a crise econômica, que resultou em uma experiência extraordinária e muito exitosa para o nosso país.

Se nós analisarmos o momento que estamos vivendo hoje – e eu vivo há muito tempo com a indústria automobilística brasileira desde 1969, eu fui ser delegado do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Eu sou dirigente sindical do tempo da Willys-Overland do Brasil, da Chrysler, da Vemag e de tantas outras empresas que já não existem mais. E a quantidade de crise que nós vivemos naquele período, e o que nós estamos vivendo hoje, no Brasil, nós poderíamos dizer que estamos vivendo um momento mágico na indústria automobilística brasileira. Um momento de inteira harmonia entre o governo e a indústria automobilística, entre a indústria automobilística e os



consumidores brasileiros, entre a indústria automobilística e a crença que a indústria automobilística tem demonstrado no futuro do Brasil e nas políticas do governo, que justifica os investimentos que várias empresas estão fazendo hoje, no Brasil.

Eu não vou nominar os investimentos, porque eu tenho medo de esquecer, mas eu acabo de vir de Sorocaba, onde fomos inaugurar uma fábrica de máquinas agrícolas e de máquinas para a construção civil, da Case [New] Holland do Grupo Fiat, em um investimento extraordinário, numa demonstração de confiança na economia brasileira, na agricultura brasileira e na capacidade de exportação do Brasil.

Bem, eu penso, companheiros, que é importante que a gente tire lições do momento que nós estamos vivendo. Vamos analisar o que era o crédito no Brasil, há seis anos. Eu disse agora há pouco, e vou repetir: é que nós tínhamos a imagem de março de 2003, R\$ 381 bilhões de crédito disponibilizado para o conjunto do Brasil. E hoje, somente o Banco do Brasil tem mais do que isso. E o Brasil inteiro tem hoje 1 trilhão, 410 bilhões de crédito, e é pouco. E veja, outro dia eu brincava: precisou tomar posse na Presidência da República um torneiro mecânico que passou 30 anos da sua vida dizendo que era socialista para lembrar aos capitalistas brasileiros que o regime capitalista precisa de capital, financiamento e crédito, senão ele não funciona. Então nós éramos um país de regime capitalista, vivendo em um regime de crédito como se fosse a velha União Soviética, ou seja, sem crédito, sem capacidade de investimento do Estado, sem capacidade de financiamento dos bancos públicos e dos bancos privados. Ou seja, a economia estava totalmente atrofiada. E esse milagre não é só do governo, esse milagre também é de vocês. Porque houve um momento em que nós confluímos para um mesmo pensamento. Vem uma crise... Ora, se vem uma crise, ela vai afetar em primeiro lugar o quê? O setor de exportação, porque a crise era exatamente do lado mais rico da economia. Ora, então o que você tem que fazer?



Fortalecer o mercado interno. Para fortalecer o mercado interno, o que é que você tem que fazer? O óbvio: mais crédito, menos juros, mais prazo para pagamento. Foi isso que aconteceu, ou seja, nós não fizemos nada mais, nada menos do que aquilo que eu disse lá em Sorocaba: fizemos o óbvio.

Quando uma criança está com fome, o que é o óbvio? A mãe dar comida, não é isso? Mas muitas vezes, dependendo da formação da mãe, ela vai fazer um discurso, ela vai inventar um jeito de fazer com que a criança coma sem a presença dela. A criança pode morrer. Foi isso o que aconteceu com o Brasil durante muito tempo. Nós não fazíamos o óbvio, o óbvio, porque entendíamos que tinha coisas mais difíceis para serem feitas. E nós estamos colhendo apenas isso.

Eu lembro que um dia eu chamei o Guido e falei: Guido, eu penso que o governo federal já está em uma situação boa, é preciso que agora a gente desafogue um pouco os estados e os municípios, porque eles foram arrojados quando se criou a Lei da Responsabilidade Fiscal, porque era preciso ajustar as contas deles. Mas aquilo foi feito em um momento de crise profunda. Ora, você não pode, dez anos depois, continuar com o mesmo arrojo, sem criar condições de eles fazerem uma pequena obra. Tudo era por conta do governo federal! Então, nós temos que desobstruir, para permitir que os prefeitos possam ir ao Banco Mundial, possam ir ao BNDES buscar 50 milhões emprestados, 100 milhões, para que um prefeito termine o mandato dizendo: “Eu fiz a minha obra”, não a obra da Dilma, não a obra do Lula, mas a obra dele, da prefeitura.

Então, esse processo de desobstrução significou, até agora, quase 180 bilhões de desoneração, desde que nós começamos essa política de desoneração, com a Lei do Bem. Você imagina que no Brasil nós tivemos que fazer uma lei com o nome “Lei do Bem”.

E fazer o óbvio significa, companheiro Arlindo Chinaglia, que nós passamos um ano e meio discutindo o tal de “um computador para todos”. E a



discussão era tão alucinante, que era saber se a gente ia fazer financiamento em 10 ou em 12 meses, 14 ou 24, 30 ou 38, se o juro ia ser um, se ia ser dois, se ia financi... Sabe, uma discussão maluca, que era própria da experiência cultural do Brasil.

Quando nós resolvemos desobstruir, o que aconteceu no Brasil? O computador, que eu considero hoje... Tem quatro paixões na vida de um ser humano e no Brasil. Eu digo sempre: a do homem é casar com uma mulher bonita, a da mulher é casar com um homem bonito, ter uma casa boa, ter um carro e ter um computador. Essas são as quatro paixões. Dê isso para um cidadão e ele não vai nem fazer campanha de oposição com o governo, não vai fazer passeata, manifestação. Ele vai ocupar, sabe... o final de semana é lavando a calota do carro; à noite, até três horas da manhã, na internet. Ou seja, quando ele vai pensar, ele lembra da mulher e lembra do governo, não tem tempo de fazer muita coisa.

Então, nós estamos descobrindo apenas as coisas fáceis que nós não poderíamos ter esquecido. E o momento agora é extremamente importante para nós.

Vocês sabem que eu sou um “fissurado” em que o Brasil ocupe um lugar de destaque no mundo. O Brasil não pode se contentar em ser a sexta indústria do automóvel do mundo, o Brasil não pode se contentar em ser... O Brasil precisa trabalhar sempre, o ser humano tem que trabalhar sempre para ser o primeiro. Se ele não vai ser o primeiro, ele vai ser o segundo, vai ser o terceiro. Mas se a gente se contenta como uma criança que está na escola e ela chega no começo no ano, vai fazer uma prova, ela fala: “Bom, a média... a prova vale 5, mas se eu tirar 2.5, 2.4 ou 5, eu estou dentro da média”. E ela estudar para tirar 2.4 ou 5 [2.5], ela vai tirar 2. Ou seja, nós precisamos sempre trabalhar na perspectiva de atingirmos o máximo.

E veja o Brasil, olhe o mapa do Brasil, olhe as condições dos avanços tecnológicos brasileiros, as condições da indústria brasileira. E olhe o que nós



temos para o lado de toda a América Latina, o potencial dos produtos brasileiros terem acesso a esse mercado. Eu dizia agora aos companheiros aqui. Eu fui à Guatemala agora, a maior alegria do presidente da Guatemala é o Brasil ter conseguido financiar para eles 3,5 mil ônibus para ele renovar toda a frota de ônibus. E nós não estamos vendendo apenas o ônibus, nós estamos vendendo o sistema. Nós pegamos alguns modelos de algumas cidades que têm o sistema de transporte melhor e estamos vendendo o sistema. Nós vendemos do ticket de embarque à descida do degrau.

Ou seja, agora mesmo eu fui a El Salvador e eles querem comprar 4,8 mil ônibus brasileiros. E por que essa gente quer comprar do Brasil se antes eles estavam subordinados apenas à política norte-americana? É porque os norte-americanos também já não têm mais a visão de integração tal como tinha há alguns anos atrás. Hoje, cada um está cuidando de si, por conta da crise econômica. Cada um quer livrar a sua economia. E o Brasil tem uma disposição extraordinária de, primeiro, adentrar o mercado latino-americano... Fizemos uma reunião com os empresários mexicanos para provocá-los de que é uma vergonha o comércio bilateral entre México e Brasil ser de apenas US\$ 7 bilhões. Poderia ser US\$ 20 bilhões, poderia ser US\$ 25 bilhões, porque são quase 300 milhões de habitantes dos dois países, e que, portanto, nós temos um potencial extraordinário. Agora, o México... O mundo é redondo. Eu falei para o Calderón na reunião: Calderón, dá uma olhada no mundo, é redondo! Você não pode ficar com um negócio aqui no olho só vendo os *States* aqui do seu lado. Dá uma olhadinha lá para baixo e veja que tem a América do Sul, tem Mercosul, tem Brasil. Você não pode ficar dependendo dos Estados Unidos, como você está.

Agora, você olha para cá, você tem o continente africano, com um potencial extraordinário para os produtos brasileiros, se a gente acreditar que é possível fazer isso. Porque, veja, a possibilidade de uma ascensão dos africanos, e deles poderem comprar máquinas e produtos mais sofisticados



nossos é mais provável do que os países ricos, que têm tecnologia mais avançada do que nós, comprarem os nossos produtos.

Eu digo sempre o seguinte: eu nunca vi mascate vender roupa na Avenida Paulista. Ele vai em Itaquera, ele vai na Zona Sul, vai em Pirituba, mas, na Avenida Paulista, ele deixa para as butikues. E todas agora estão com um pouco de crise de não pagamento de imposto. Eu vi, no Rio de Janeiro, desmontaram uma ontem.

Então, os desafios estão colocados para nós é não permitir que a gente volte ao passado. Ou seja, daqui para frente é garantir os investimentos, é garantir a política, sabe, trabalhada junto com o governo, para que a gente possa manter a política tributária adequada, a possibilidade de termos produtos competitivos mas, ao mesmo tempo, termos produtos para chegar ao consumidor.

Tem gente já reclamando. Tem gente que está falando: “Puxa vida, você veja em São Paulo, você veja quanto carro! São Paulo, demora uma hora e meia para ir para não sei para onde. Está difícil”. Já tem gente que acha que tem carro demais. Certamente, esse que acha que tem carro demais, deve ter uns três ou quatro na garagem. Porque tem aí pelo menos uns 70% dos brasileiros, ou 80, que ainda tem como sonho ter o seu primeiro carro. E eu sou daqueles que acha que na medida em que a gente colocar mais carros... Quantos carros você tem ali, Chinaglia? Um só? Aquele “véio”, que polui muito, que solta muito gás de efeito estufa?

Pois bem, essa era uma discussão que nós fazíamos na década de 90, de fazer uma renovação da frota. Agora, queremos fazer a renovação da frota de caminhão. Eu não estou contente ainda com o Procaminhoneiro, porque ele não chegou no autônomo ainda, ele chegou apenas nas cooperativas e nas pequenas empresas, mas ele tem que chegar no autônomo, aí é que a gente vai renovar a frota. “Ah, mas onde vai colocar o caminhão velho?” Alguém vai querer comprar aquele caminhão velho, alguém. E, aí, nós vamos conseguir



renovar a frota de caminhões.

Bem, eu quero, Schneider, dizer para você da minha alegria de estar vivendo este momento. Eu, que vivi durante muito tempo em confronto com a indústria automobilística. Aqui, com mais experiência de todos eles, para não falar o mais velho, o Mauro Marcondes, ainda no tempo da Volkswagen, o Pinheiro no tempo da GM... foram brigas homéricas que resultaram em um aprendizado para todos nós. Eu acho que hoje não há nenhuma razão para qualquer indústria automobilística do mundo ter qualquer dúvida a respeito das condições do Brasil e do potencial do Brasil. E acho que o Brasil também não tem nenhum problema hoje para desconfiar, de criar as condições para facilitar a entrada de capital estrangeiro para que isso invista no setor produtivo neste país.

É com essa mentalidade que nós trabalhamos. Acho que o mundo desenvolvido ainda vai demorar um tempo para sair da crise, vocês sabem disso. Vocês sabem que pela primeira vez na história da indústria automobilística, para não falar na história do Brasil, as filiais estão melhores do que as matrizes. Ou seja, são os alunos de antes que vão agora dar aula para os professores de antes de ontem, que pareciam que sabiam tudo.

E a verdade é que o Brasil estava mais preparado, mais consciente e deu os passos mais corretos. Se o mundo tivesse dado os passos que o Brasil deu, o *Lehman Brothers* não teria quebrado, a gente não teria tido o crédito desaparecendo como desapareceu, a indústria europeia não estava na crise, o consumo não estava na crise e... Disse bem, o Schneider: “Enquanto o mundo está desempregando ainda, nós já tivemos no ano passado um bom crescimento do emprego formal”. Este ano começamos janeiro com um número excepcional – 185 mil novos postos de trabalho. Só na indústria com carteira profissional assinada e nós achamos que a tendência natural é 2010 ser um ano excepcional para o Brasil.



Para terminar, eu queria dizer para vocês o seguinte: não acreditem e não aceitem aquela ideia imbecil que se falava neste Brasil: “Ah, se ganhar fulano, vai estragar tudo. Se ganhar Beltrano, vai estragar tudo”. Não existe essa hipótese. Fizem muito terrorismo contra mim durante todas as vezes que eu disputei eleição. Ou seja, mentiram tanto, que um dia o povo não acreditou mais. Não existe possibilidade de quem quer que seja estragar o que está construído neste país. A tendência natural é fazer mais e fazer melhor. E, no momento certo, eu tenho certeza de que isso vai ficar claro para a sociedade brasileira. A eleição não pode mais causar qualquer cenário de terrorismo no Brasil: a bolsa caiu porque não sei quem subiu, a bolsa subiu porque não sei quem... não existe essa possibilidade, não existe. Eu já fui muito vítima disso. Estou terminando o mandato este ano, tive que provar a cada dia que a gente tinha condições de fazer as coisas neste país e hoje eu tenho convicção de que poderíamos ter feito muito mais. Agora, também, em oito anos a gente não pode fazer tudo. Eu espero que quem vier faça muito mais porque nós precisamos crescer, gerar emprego, gerar renda e a indústria automobilística é muito importante para a economia do Brasil.

Boas vendas em 2010. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de encerramento do Encontro de Administradores do Banco do
Brasil no estado de São Paulo**

São Paulo-SP, 02 de março de 2010

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Guido Mantega, ministro da Fazenda,

Caro deputado Paulo Maluf, aqui presente. Até pensei que eras um gerente do Banco do Brasil, eu fiquei procurando qual agência.

Meu caro companheiro Dida, presidente do Banco do Brasil, por meio de quem cumprimento todos os vice-presidentes, toda a direção do Banco do Brasil e todos os gerentes do Banco do Brasil, as funcionárias do Banco do Brasil, nossas gerentes,

Primeiro... Ô Dida, olhe uma coisa. Se apagássemos essa luz aqui você iria pensar que você estaria em uma floresta com tantos vaga-lumes, que são essas luzinhas de celulares acessas para cá.

Segundo, eu fiquei pensando, depois de ouvir o Dida, depois de ouvir o Guido, a Dilma – e eu sabia do sucesso da Luiza Trajano, aqui, hoje de manhã –, eu fiquei imaginando o que falar para os nossos companheiros e companheiras do Banco do Brasil.

Eu queria, possivelmente, fazer o mais curto pronunciamento em homenagem ao Banco do Brasil que eu já fiz. Eu já fui muito puxa-saco do Banco do Brasil. Nunca recebi contribuição na minha conta bancária por conta disso. Ainda não entrei no crédito consignado, mas quando deixar a Presidência quero ser bem atendido em uma agência, pelo gerente da agência de São Bernardo do Campo, que quando eu entrar lá tem que sorrir, me



atender bem. Fazer como a Luiza faz na loja dela. Ela ri porque quer vender. O gerente do Banco do Brasil pensa que ele quer dar uma coisa dele, não. Você está vendendo um produto. Qual é o produto? É o crédito que tanto nós precisamos para o País crescer. Mas tudo isso, depois que terminar o mandato, nós conversamos, querido Dida.

Uma coisa importante, companheiros, que o Dida certamente não falou porque sofreu muita pressão ali para encurtar o discurso dele, mas que eu vou dizer para vocês aqui o seguinte: primeiro, o Banco do Brasil tem que ser tratado como um dos orgulhos do nosso país. Nós, muitas vezes, fomos doutrinados a acreditar que o servidor público brasileiro, seja ele do Banco do Brasil ou não, não é bom, ganha demais e trabalha pouco. E eu perguntava ao companheiro Dida: qual é o salário do presidente do Banco do Brasil? Eu não vou dizer, para os vice-presidentes não fiquem fazendo pressão para querer ganhar o mesmo salário. Mas, veja, o presidente do Banco do Brasil, o maior banco do Brasil e o maior banco da América do Sul, certamente não ganha um terço do que ganha o presidente do banco que seja o terceiro ou o quarto colocado neste país. Possivelmente, só de bônus, eles ganhem umas cinco vezes o que você ganha no Banco do Brasil.

E da mesma forma vale para um gerente do Banco do Brasil. Porque nós vamos fazendo juízo de valores muitas vezes equivocados e muitas vezes, eu diria – uma palavra bem chula –, emprenhado, nós vamos fazendo juízo de valores das pessoas. Então, quando nós vemos um gerente do Banco do Brasil, nós achamos que ele ganha 40 mil, 50 mil, 60 mil, 80 mil, 90 mil, quando, na verdade, se a gente for ver, possivelmente, a média fica entre 12 mil – das grandes agências pode chegar a doze, das pequenas pode chegar a oito –, o que é um salário pequeno diante da responsabilidade que tem um gerente do Banco do Brasil, de prestar o seu serviço.

Eu estou correndo o risco, ministro Guido Mantega, ministra Dilma e o companheiro Dida, de já ter alguém fazendo uma pauta de reivindicação aí.



Mas como nós não estamos na data-base, é só em setembro, nós temos um tempo de conversar e fazer um acordo.

Mas eu estou dizendo isso porque às vezes eu fico ofendido quando as pessoas tentam nivelar o Estado por baixo. Eu conheço funcionário do governo que eu achava que ganhava muito e ganhava R\$ 26 mil por mês, que saiu para ganhar R\$ 200 mil e receber dois anos adiantado. Eu conheço funcionários do governo brasileiro que ganhavam R\$ 24 mil por mês, que foram convidados a trabalhar em empresa multinacional ganhando algumas dezenas de milhares de dólares por mês. E, quando estão do nosso lado, são marajás, não têm competência e não trabalham. Quando vão para o lado de lá, são *experts*, são especialistas, são quadros, são sumidades.

Então, eu penso, companheiro Dida, que eu queria dizer essas palavras aqui porque depois eu vou cobrar o trabalho deles e é importante a gente começar valorizando aquilo que a gente tem de melhor, que é o nosso servidor público brasileiro, seja ele de banco privado... seja ele dos bancos públicos, seja ele dos ministérios.

Bem, no caso do Banco do Brasil, há uma coisa extremamente importante: eu acompanho o Banco do Brasil há muito tempo. Há muito tempo, porque eu fui dirigente sindical, porque participei de dezenas de greves. Porque, quando se fala em greve de bancários no Brasil, a gente pensa que são os bancários que fazem greve. Que nada. Quem faz greve é o Banco do Brasil ou a Caixa Econômica Federal, ou seja, que é onde tem uma estabilidade e as pessoas sabem que não vão perder o emprego por causa da greve. Em alguns dos outros privados, o pessoal sabe que corre o risco que não corre no Banco do Brasil.

Mas, então, eu acompanho há muito tempo o Banco do Brasil, desde da década de 70. Eu lembro de uma greve difícil, difícil, que eu fui embaixo da Câmara Municipal de São Paulo tentar acabar com essa greve e o pessoal radicalizado... Você era governador, viu, Maluf? Era uma greve radicalizada, a



polícia acochando os trabalhadores e eu fui lá para ajudar. Na época, o presidente do Sindicato ainda não era o Gushiken, era o Augusto, para tentar ver se a gente resolvia a questão daquela greve.

Então, eu acompanho muito os bancários e os bancários foram uma categoria sempre muito aliada dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Ou seja, sempre trabalhamos muito juntos, os dois sindicatos sempre se entenderam muito bem, por isso que são dois dos sindicatos mais importantes do sindicalismo brasileiro, que são os bancários e os metalúrgicos do ABC.

Mas, então, eu acompanhei muito essa vida dos bancários e via, quantas vezes, manchetes estampadas nos principais jornais brasileiros falando do déficit do Banco do Brasil. Aquela manchete, ela cheirava a gosto de privatização. Nada melhor do que você mostrar que o banco é deficitário para você, então, justificar a privatização. Graças a Deus o Banco do Brasil não foi privatizado, ou seja, abriu para a venda de ações, e eu acho que isso foi um bem para o Banco do Brasil sem que o banco perdesse a sua essência de banco público.

E, depois, eu lembro, no governo, quando a gente logo tomou a atitude de fazer com que a gente comprasse o Banco do Piauí. Está lembrado, Guido Mantega? Compramos o Banco do Piauí, depois compramos o Banco de Santa Catarina. Depois, nós até iríamos comprar outros. Acontece que quando a gente pensa em comprar, as pessoas logo aumentam o preço, sabe? “É o Banco do Brasil?” “É”. “Então, vamos aumentar o preço aqui e dar uma ‘tacadinha’ ali”.

Tivemos a decisão, no auge da crise, de comprar a Nossa Caixa. Não pensem que as pessoas queriam que nós comprássemos a Nossa Caixa. Não porque ela não fosse um banco bom, não porque ela não tivesse condições. Eu sei que aqui tem muito gerente da Nossa Caixa já com o adesivo do Banco do Brasil. Se não está na roupa ainda, está no coração já, e eles vão perceber que foi um avanço extraordinário o Banco do Brasil adquirir a Nossa Caixa.



Mas muita gente não queria que comprasse porque: “Olha, porque o Lula vai comprar a Nossa Caixa em um ano que antecede as eleições? Vai colocar R\$ 6 bilhões na mão de um possível candidato a presidente da República, de uma pessoa que vai disputar a eleição?” E eu, sinceramente, não conseguia ver assim. Eu consegui entender o seguinte: o Banco do Brasil já não era o banco mais importante do Brasil, já não era o primeiro, ele tinha perdido espaço. Era uma oportunidade extraordinária do Banco do Brasil crescer no estado de São Paulo, e nós dissemos ao companheiro Dida: olha, se o negócio é bom, faça a avaliação e faça o negócio. As eleições serão em um outro momento, uma outra história, mas não vamos trincar a possibilidade do Banco do Brasil pela mesquinha política e porque tem eleições no próximo ano.

Quando veio a crise financeira mundial... eu não acredito, Guido, que na história do Brasil um presidente do Banco do Brasil se reuniu tanto com o Ministro da Fazenda e com o Presidente da República como o Dida se reuniu e outros dirigentes antes do Dida se reuniram, para discutir a questão da redução do *spread* bancário e para discutir a questão do financiamento do crédito. Nós estávamos vendo que o crédito de repente desapareceu do mercado. É como se fosse num passe de mágica, todo o crédito, mais ou menos em setembro, agosto de 2008, desapareceu. Então empresas... Eu não sei se eu poderia utilizar a Luiza como exemplo, mas pessoas que eram ligadas a banco há 40 anos, há 30 anos, pessoas que eram consideradas clientes especiais, de repente não conseguiam 10 “mil réis” para capital de giro. De repente aquele cliente especial virou um assombro para a maioria dos bancos no mundo e no Brasil. E nós então começamos a tomar atitude para que os bancos públicos assumissem a responsabilidade de não permitir que o crédito desaparecesse nesse país.

Foram brigas homéricas, brigas... Brigas, não, porque um presidente da República de fato não deveria brigar, ele poderia mandar. Se o cara não fizer,



manda embora e coloca outro. Mas como nós adotamos uma atitude republicana e democrática, é melhor a gente conversar, discutir e ver as possibilidades, é sempre um jeito de fazer as coisas acontecerem da forma mais primorosa.

Se fosse um jogador de bola, o Banco do Brasil dizia: “Nós queremos dar o nosso melhor”. Era tudo o que o Dida dizia: “Nós queremos dar o nosso melhor”. E esse nosso melhor está acontecendo agora. Nós provamos que o Estado não é ineficaz, como alguns queriam fazer crer, durante as últimas três décadas. Nós provamos que o Estado não precisa se meter a ser um gerente, a ser um empresário. Mas o Estado tem que ser o grande indutor e o grande regulador das coisas que devam acontecer em uma nação.

E foi essa indução que fez com que nós tomássemos a decisão de comprar 50% do Banco Votorantim. Nós precisávamos financiar o mercado de carro usado. Os bancos pequenos, que tinham carteira, não tinham mais crédito. O Banco Votorantim era o banco privado que tinha a maior carteira de carro usado. Eu não sei se o número está correto, por volta de R\$ 90 bilhões de financiamento. Ou seja, nós, então... Eu lembro que um dia eu falei com o Dida, o Dida falou: “é, nós num tem *expertise*”, nós num tem *expertise* para financiar carro usado”. Mas até formar *expertise*... Você imagina: se para formar um diretor, eu levo trinta anos, para formar uma cara com *expertise* em carro usado, ia levar mais trinta anos... A crise levava de rodo até o Obama! Quanto mais o Lulinha aqui, que estava, sabe, no final. Bem, então, nós decidimos o que? Bom, então, em vez de a gente ficar aprendendo *expertise*, vamos comprar quem tem *expertise*. E compramos logo 50% do Banco Votorantim.

Também quero dizer para vocês, viu Dida, que havia muita gente que ficava: “Ô Lula, não faça isso, isso não é bom...” Eu falei: Meu filho, eu não estou preocupado com o que é bom, o que é ruim, eu estou preocupado é o seguinte: esse país não vai deixar de ter crédito. O que está matando esse



país... Porque, veja que absurdo, companheiros: precisou ganhar a eleição nesse país um metalúrgico que não é economista, que não é cientista político, que a vida inteira, trinta anos, acreditando no socialismo – viu, Guedes –, trinta anos. Então, é um metalúrgico, socialista, para dizer para esse país: não é possível um país capitalista, sem capital, sem financiamento e sem crédito. Ou a gente coloca essas coisas que são as premissas de um sistema capitalista para funcionar, ou não funciona. Durante 25 anos, este país tinha parado de fazer financiamento, de fazer empréstimo, era proibido crescer, era proibido. Os bancos tinham desaprendido a fazer financiamento.

Então, nós tomamos a atitude de fazer o quê? Ô Dida, você poderia ter falado aqui. Em março de 2003, quando eu já tinha dois meses na Presidência da República, meu caro Maluf, o Brasil inteiro, o Brasil inteiro, de 190 milhões de habitantes tinha disponibilizado, de crédito, apenas R\$ 381 bilhões. Hoje, só o Banco do Brasil, Guido, já tem por volta de 320 bilhões. Isso, em dezembro. Se pegar janeiro e fevereiro, com essa bola toda do crescimento, já deve estar com 330. Mas o que é importante? É que o Brasil inteiro saiu de 381 bilhões de crédito para R\$ 1 trilhão, 410 bilhões de crédito neste país.

E eu dizia, hoje: o que nós fizemos? Nós não fomos atrás de nenhum Prêmio Nobel, nós fizemos o óbvio. Na verdade, foi o “prêmio óbvio”, prevaleceu a obviedade, ou seja, é preciso colocar dinheiro em circulação neste país. O crédito consignado, parecia... Eu, meus companheiros, durante 30 anos eu convivi com parte dos grandes economistas deste país, o Guido se lembra. A gente, nas nossas discussões, nunca discutia crédito consignado. A gente discutia a dívida externa, dívida interna, o aumento da poupança, *default*. Até hoje eu não sei o que é o *default*, mas eu achava tão bonito as pessoas falarem *default*, que eu falava *default*.

Pois bem, o que nós fizemos com o crédito consignado? Nós colocamos dinheiro na mão de aposentado e demos como garantia não a carteira profissional do vizinho, demos a sua conta bancária. Nós demos de crédito o



contracheque da Previdência Social. Garantimos que os sindicatos fizessem acordo com as empresas e dessem como garantia o seu holerite de pagamento. Nesses cinco anos, mais de R\$ 110 bilhões já foram emprestados no crédito consignado. Dinheiro que circulou por aí, dinheiro que não foi ser depositado em lugar nenhum, mas dinheiro que entrou no supermercado, que comprou um pão a mais, comprou um sapato, uma meia, comprou um vestido. A Marisa [Luiza] vendeu geladeira, vendeu roupa, vendeu tudo o que ela quis vender. A Luiza vendeu tudo. Por isso que ela está rindo assim, agora. Vendeu tudo! Por quê? Porque o dinheiro chegou.

Vocês imaginam o orgulho que eu sinto quando pego um jornal e vejo o jornal dizendo que a economia de um lado fracassou e de outro lado mostrando que é exatamente no Norte e no Nordeste do País, onde as classes D e E consumiram mais do que as classes A e B do Sul do País. Ou seja, o pobre teve acesso a dinheiro neste país. E é isso que mudou. E esse papel não aconteceria se não fossem os bancos públicos, se não fosse o Banco do Brasil, se não fosse a Caixa Econômica Federal. Nesses dias eu estava vendo em um programa, Dilma, a Caixa Econômica Federal saiu, de financiamento de habitação, de R\$ 5 bilhões em 2003 para [R\$] 45 bilhões em 2009 – são nove vezes o aumento.

O BNDES saía de 38 bilhões, 39, 37 para 139 bilhões no ano passado. Esse dinheiro está gerando alguma coisa neste país. De repente aparecem alguns e falam: “Ah, esse governo tem muita sorte”. E nós realmente precisamos de sorte. Porque, imagina se aquele jogador do Corinthians, um tal de... que perdeu o gol no final do jogo. Hein? O Tcheco. Ô, gente, se o Tcheco tivesse a sorte que eu tenho, ele tinha marcado aquele gol de cabeça e o Corinthians tinha empatado. Ora, pô. Eu não quero no meu time um jogador azarado, por que eu vou querer para o meu país um presidente azarado que não tenha sorte? Eu quero alguém que tenha muita sorte, porque é o que este país está precisando.



E estava ouvido a companheira Dilma falar e ouvi as palavras dela. É verdade: o orgulho que nós estamos recuperando, uma coisa nossa. Não era possível, como nós tínhamos vergonha de sermos brasileiros. As pessoas, se pudessem sair daqui e buscar o passaporte em qualquer país vizinho, iriam, só para dizer: “eu não sou brasileiro”. Quando, na verdade, qual o país do mundo que tem um povo que pode ter mais orgulho do que nós?

O pessoal dizia, antes: “Olha, Deus não foi muito justo com o Brasil, porque Deus deu furacão para outros países, deu terremoto, deu neve; para o Brasil, deu uma classe política que não governava corretamente o Brasil”. Isso é uma bobagem, porque a gente muda de quatro em quatro anos. De quatro em quatro anos a gente pode mudar o destino deste país, o destino da cidade, o destino do estado. É que, muitas vezes, nós, em vez de agirmos, ficamos reclamando. É mais fácil reclamar. É mais fácil a gente acordar de manhã achando que nada vai dar certo. “Ah, vai chover, eu não vou sair de casa”; “ah, vai fazer muito sol, eu não vou sair de casa”; “ah, nem chove, e nem faz sol; o que é que eu vou fazer?” Não há espaço para as pessoas que não têm determinação. Não há espaço para as pessoas que não ousem perseverar todo santo dia. Não há espaço para uma pessoa que não levante todo dia querendo vencer.

Vocês, companheiros e companheiras, que são gerentes e diretores deste extraordinário banco, tão elogiado na tarde de hoje – nunca vi tanto elogio na minha vida. Possivelmente, mais ou menos próximo, quando eu ganhei as eleições – só depois de ganhar. Mas durou apenas um tiquinho, porque quando fui montar os ministérios, já começaram as críticas. Mas vocês, companheiros que são gerentes, trabalhem com a seguinte convicção: um gerente do Banco do Brasil, um diretor do Banco do Brasil não é pouca coisa; ele é muita autoridade. Se ele for humilde, ele já é uma grande autoridade. Só pelo fato de ele ser gerente. Imagina se ele for pomposo, então? Se ele for daqueles que andam com o nariz em pé. Aí fica hiperimportante, mas não fica



respeitado. É melhor autoridade com humildade do que a arrogância sem humildade.

Então, quando... Eu fico imaginando por que o Dida... Prestem atenção em uma coisa, companheiros e companheiras. Ô, Guido, é melhor falar “companheiros e companheiras” do que falar “todos e todas”. “Companheiros e companheiras” dá um componente de classe mais vivo, demarca mais o campo de classe dos bancários do Banco do Brasil e do governo. “Todos e todas” é uma coisa... “Companheiros e companheiras”. Estamos mais próximos, mais aconchegados.

Então, eu queria dizer, meus companheiros e companheiras: eu não sei se vocês têm dimensão... Porque hoje eu sou o presidente da República, então, eu entro em um lugar, eu sou importante. Mas eu sou cliente do Banco do Brasil antes de ser Presidente da República. E de outros bancos.

E se a gente entra no banco, a gente... Em um banco, a gente tem a mesma sensação de um hospital. Qual é a sensação que vocês sentem, quando vocês entram em um hospital e você está esperando uma palavra de conforto da atendente, você está com uma dor desgraçada, querendo que alguém te dê uma coisa milagrosa, e você encontra uma funcionária mal remunerada, mal humorada e querendo se vingar em você, achando que se ela tratar você mal, ela vai receber aumento de salário?

Imagina no banco também ser assim. Se você entra em um banco, com uma dívida no pescoço, não é, Luiza, uma dívida aqui, precisa pagar alguma coisa hoje, está vencendo o meu precatório aqui, está vencendo a minha... uma dívida qualquer que eu tenho. Aí, eu vou ao gerente, chego lá e encontro um cara mal humorado, corinthiano, não muito contente com a derrota de domingo: “O que você quer? Já preencheu a ficha? Volta amanhã”. Pronto, desgraçou, foi à falência.

Então, um sorriso, um tratamento afetuoso, uma pergunta carinhosa, um gesto, um aperto de mão, um tapinha nas costas, um abraço, vocês não sabem



como faz um bem, mesmo para quem não está precisando de nada, imaginem para quem está precisando de um emprestimozinho do Banco do Brasil, mesmo que seja de R\$ 100,00, 50, 200. Se é um daqueles pobrezinhos que chega com sandália havaiana... Antigamente, andava de alpargata rosa, aquela que as cordas iam soltando atrás, ele entrava no banco e a corda ficava lá no portão, lá na porta do banco. Imagine esse pobre coitado entrar lá pedindo R\$ 1 mil para fazer um empréstimo do Pronaf, se ele encontra um gerente bem nervoso. Ou porque o Corinthians perdeu, ou porque a mulher não tratou ele bem, deu uns cascudos nele. Imagine se ele tenta se vingar no pobre coitado.

Então, eu queria dizer para vocês: vocês são muito importantes. São muito importantes, e não pensem que eu estou falando isso porque eu sou presidente da República. Daqui a nove meses eu não sou mais presidente da República. E todos vocês sabem que quem não tem mandato, nem vento bate nas costas, nem vento, sabe? Eu tenho clareza disso. Eu tenho clareza.

Quando chegar dia 2 de janeiro, 2 de janeiro... Não, dia 1º tem a posse. Dia 2, Maluf, quando eu chegar em casa, eu não vou ter ninguém para xingar, não vou ter ninguém para pedir para ligar. E aí quando eu ligar para alguém que eu pensava que era meu conhecido, o cara fala: “Quem? Que Lula?”. Então, eu tenho consciência disso. Então, eu não estou falando isso para vocês porque eu sou o presidente da República, eu estou falando isso para vocês porque eu sou cidadão brasileiro e porque vocês têm muita importância.

Quando um cara entrar na agência do Banco do Brasil, por favor, ali está entrando um brasileiro, que não quer outra coisa na vida, a não ser uma ajuda. E, naquele momento, quem pode ajudá-lo são vocês. Mesmo para dizer “não”, digam com um sorriso. Porque um “sim” mal-humorado é a mesma coisa que dizer “não”.

Com isso, meu querido Dida, eu queria te dar os parabéns. Dar os parabéns a toda direção do Banco do Brasil, a todos os funcionários e funcionárias, porque se tem uma coisa que vocês fizeram neste ano, além de



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

fazer o crédito, foi lavar um pouco a alma daqueles brasileiros que ainda acreditam no setor público brasileiro, que ainda acreditam no Estado brasileiro, que ainda acreditam que um banco como o Banco do Brasil pode ensinar os outros bancos a fazerem crédito para o povo brasileiro.

Um abraço, boa sorte e que Deus abençoe a todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração de unidade industrial da Case New Holand
(CNH) da Fiat**

Sorocaba-SP, 02 de março de 2010

Meu caro governador do estado de São Paulo, José Serra,
Minha querida companheira ministra-chefe da Casa Civil, Dilma
Rousseff,

Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,
Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

O companheiro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da
República,

Companheiros deputados federais Arlindo Chinaglia, Jefferson Campos
e Renato Amary,

Senhor Vítor Lippi, prefeito de Sorocaba,

Vereador Mário Matos, presidente da Câmara Municipal de Sorocaba,

Meu caro Geraldo Alckmin, secretário estadual de Desenvolvimento,

Meu caro João Sampaio, secretário estadual de Agricultura,

Meu caro Sérgio Marchionne, presidente mundial do Grupo Fiat,

Meu caro Belini, presidente do Grupo Fiat para a América Latina,

Meu caro Valentino Rizzoli, presidente da Case New Holand para a
América Latina,

Meu caro Edemilson Terto da Silva, presidente do Sindicato dos
Metalúrgicos de Sorocaba,

Eu aqui vou tentar falar em nome dos sindicatos, em nome dos
trabalhadores e em nome da Presidência da República, porque falaram três
diretores da Fiat, quatro políticos, três ministros... dois ministros, um



governador, um prefeito, e o presidente. Eu vou aqui... como eu sou velho militante do sindicalismo de Sorocaba, eu me sinto no direito até de tentar representá-los aqui nesta tarde memorável. E por que memorável? Porque estamos inaugurando uma fábrica que estava fechada. Uma fábrica fechada não serve nem para a gente mostrar em fotografia, porque significa desolação, significa desemprego, significa falta de desenvolvimento na região, no município, no estado e no país. E nós estamos inaugurando esta fábrica que ficou fechada, praticamente, por cinco anos ou quatro anos e meio.

E ao inaugurá-la, eu queria que vocês, trabalhadores, investidores, fornecedores, tivessem clareza – e a imprensa, sobretudo – de que inaugurar uma fábrica como esta é a mesma sensação de que se nós estivéssemos inaugurando o nascimento de uma criança. Nascer é a primeira coisa. Mas depois que nasce é preciso cuidar, para que essa criança estude, para que essa criança sobreviva e se transforme em um ser humano altamente produtivo para o seu país.

Uma empresa como esta, se nós não dermos sequência ao que vem acontecendo no Brasil, para que essa empresa vender mais no mercado interno, exportar mais, essa empresa, da mesma forma que abriu, ela fecha as portas, como já aconteceu em tantos outros momentos da história do nosso país. Como eu sou otimista, inveterado otimista - sou tão otimista que sou corintiano, de tanto que eu sou otimista – eu estou convencido de que nós estamos vivendo um momento ímpar na história do País, ímpar.

Eu, certamente, poderia chamar a atenção dos mais jovens, possivelmente uma menina com menos de 30 anos que trabalha nesta empresa, mas chamar um pouco a atenção dos mais velhos, dos da minha geração ou um pouco mais novos do que eu, para que toda vez que a gente analise a economia brasileira, a gente lembre o que aconteceu neste país nos últimos 30 anos, para a gente saber de onde nós partimos e onde nós pretendemos chegar.



O Brasil tem, depois de muitas décadas perdidas, a oportunidade de se transformar definitivamente, em uma grande economia. O Brasil tem, depois de muitas décadas perdidas, a oportunidade de nos próximos anos se transformar na quinta economia mundial, na sexta economia mundial e, quem sabe, com um pouco de esforço, a gente ir até um pouco mais longe.

Por isso, ao inaugurar uma fábrica como esta, da qualidade tecnológica desta fábrica, é preciso que a gente comece a discutir, concomitantemente com a inauguração, a manutenção e o fortalecimento do mercado interno, para a sobrevivência desta fábrica, e do mercado externo, para que esta fábrica possa adentrar outros continentes e colocar a marca ítalo-brasileira no mercado estrangeiro.

E aí nós temos um potencial extraordinário. Nós temos toda uma América Latina, onde o Brasil se apresenta como país de maior envergadura e, portanto, de maior potencial. Nós temos todo um continente africano, onde o Brasil pode, pela proximidade cultural, ter uma vantagem comparativa com qualquer outro país do mundo.

E para isso basta que nós vençamos algumas barreiras. A primeira barreira é interna. Nós temos que tomar todas as medidas possíveis para garantir que os nossos produtos sejam cada vez mais competitivos e cada vez mais de qualidade. Mas, ao mesmo tempo, nós temos que competir com as matrizes das empresas que estão implantadas no Brasil, que normalmente têm sua sede lá fora e, também, possivelmente, participam do mercado que nós queremos entrar. E aí é uma disputa comercial que nós temos que fazer. Eu já dei demonstrações de que, em se tratando de vender um produto brasileiro no exterior, não tem... comigo não tem meio termo. Eu sou garoto-propaganda... Eu lembro, Serra, que quando o Bush veio a São Paulo, nós fomos discutir o biocombustível. Nós fomos lá em Guarulhos visitar um posto da Petrobras que vendia etanol, e era para tirar uma foto perto de um carro da GM e de um carro da Ford, e o Bush então me disse: "Olhe, eu não posso fazer *merchandising*,



eu não posso sair perto do carro.” Eu tenho os braços curtos, mas se eu pudesse eu abraçava os dois e tirava a fotografia, porque eu queria fazer, na verdade, era a propaganda de um combustível renovável, que o Brasil tem tecnologia há muitas décadas e, portanto, o mundo que quer enfrentar a questão do clima vai ter que adotar o etanol ou o biodiesel como parte da matriz energética do mundo.

Nós, agora, estamos aqui inaugurando esta fábrica extraordinariamente bonita. Esta fábrica foi feita exatamente porque a diretoria do Grupo Fiat compreendeu que a economia do Brasil é séria, que a política no Brasil é séria; compreendeu que na crise o Brasil, que durante as últimas três crises tinha quebrado, compreendeu que o Brasil era o país que estava mais sólido para enfrentar a crise. Eu lembro o quanto eu apanhei quando eu disse que a crise, aqui, tinha chegado por último e ia acabar primeiro. Eu lembro quando eu disse que era uma marola, porque não era o que era nos Estados Unidos. E todos nós sabemos que a crise americana chegou ao nível que chegou porque o presidente Bush não teve coragem de tomar as medidas corretas no tempo certo. Com US\$ 60 bilhões, ele teria evitado a quebra do *Lehman Brothers*, mas não soube tomar decisão política. Porque tem muita gente que acha que a política é uma coisa difícil. A política é a única coisa que a gente não aprende na universidade. Você aprende a ser médico na universidade, você aprende a ser dentista, você aprende até a ser cientista político, mas [a ser] político, é difícil. Política é difícil, porque a arte da boa governança é você fazer o óbvio. Vocês vão perceber que no dia-a-dia as coisas mais corretas que nós fazemos é aquilo que parece o óbvio, mas as pessoas não fazem. Porque quando as pessoas querem fazer a coisa muito difícil, essas pessoas não deveriam ser políticas, deveriam ser cientistas e tentar inventar qualquer coisa, porque na política a gente não inventa.

Eu vou contar um caso para vocês. Em março de 2003, eu tinha dois meses na Presidência da República deste país, e o Brasil inteiro – 190 milhões



de brasileiros – tinha de crédito disponibilizado no Brasil apenas R\$ 381 bilhões, era todo o crédito disponibilizado no país, R\$ 381 bilhões. Ora, era óbvio que em um país de economia capitalista, em que você não tem capital, não tem financiamento e não tem crédito, as coisas não vão. Quando eu cheguei ao governo, tinha uma coisa chamada “fila burra” - o Serra falou de burros aqui em Sorocaba, que tinha, tinha muito... era uma parte de burros de carga que tinha aqui, que levava... trazia comida e levava não sei para onde... – mas tinha uma coisa chamada “fila burra” no Ministério da Fazenda, ou seja, entrava, Prefeito... as prefeituras apresentavam projetos – o Alckmin, como governador, se lembra disso – as prefeituras apresentavam projetos para pegar financiamento de saneamento básico, e uma prefeitura não tinha direito; a primeira não tinha direito, mas as outras todas tinham direito; e por conta da primeira, que não tinha direito porque o projeto não era correto, simplesmente aquele primeiro travava e não liberava para o segundo, para o terceiro, para o quarto, para o quinto, ou seja, ficavam mil prefeitos com projetos corretos precisando do financiamento, e o governo segurava, por conta de uma prefeitura que estava na frente, e que era mais fácil dizer: “Refaz o projeto e sai da fila.” A fila era a fonte pela qual o governo dizia “Não vamos fazer investimento”. Por que eu fiz a comparação? Porque em um país em que você precisa fazer a economia crescer, não era possível que você não tivesse nem crédito e nem financiamento.

Ora, hoje o crédito no Brasil ainda não é tudo o que nós queremos. Mas nós saímos de R\$ 381 bilhões para R\$ 1 trilhão e 410 bilhões de crédito. É um pouco mais. Somente o Banco do Brasil, hoje, tem tudo o que o Brasil tinha em 2003, somente o Banco do Brasil. A Caixa Econômica Federal saiu de 5 bilhões em 2003 para 45 bilhões no ano passado, apenas nove vezes. O crédito consignado, que era uma coisa que ninguém discutia, porque era óbvio que o povo pobre precisava ter acesso a dinheiro, hoje tem disponibilidade, na mão do povo, R\$ 110 bilhões.



Eu estou dizendo tudo coisa óbvia, que era para ter sido feita há muito tempo, e que não era feita porque o óbvio é difícil de fazer. O fácil de fazer é você inventar aquilo que você sabe que não vai fazer. Então, a arte de governar é exatamente fazer as coisas simples.

Eu cheguei, no ano passado, para a ministra Dilma Rousseff e falei: Dilma, eu quero fazer um grande plano habitacional. Eu queria que você começasse ouvindo os empresários da construção civil. Chame a Abdib, chame tudo o que tem de entidade da construção civil, que eu quero fazer um grande programa habitacional. Fez a primeira reunião com os empresários, os empresários me sugeriram fazer 200 mil casas, o que era o que eles achavam que tinham condições de fazer. Eu chamei a Abdib e falei: Duzentas mil casas não é plano. Isso é coisa que já é feita há muito tempo. Eu quero fazer mais casas. Aí, fomos discutir com a Caixa Econômica Federal, vocês não imaginam a quantidade de penduricalho que tinha para financiar uma casa! Às vezes, o seguro pago pela casa era quase equivalente à prestação da casa. E o mais grave: também fazer um milhão de casas não era previsível. A Caixa não estava acostumada, ela tinha ficado atrofiada durante muito tempo. O período em que a Caixa tinha feito mais casas no Brasil foi no período do governo Figueiredo, e parece que no último ano do governo Figueiredo. Então, era preciso fazer com que o Brasil se redescobrisse.

Não sei se vocês viram o jogo Corinthians e Santos no domingo. Eu não escondo de ninguém que eu sou corinthiano. Mas o Brasil estava, naquela época, como o time do Corinthians está hoje: pesado, e ficou assustado com a leveza daquela molecada do Santos, a leveza e a irreverência, porque eram todos meninos desaforados, todos.

Pois bem, o Brasil era mais ou menos daquele jeito. O Brasil vivia assustado. Quando... Aqui, a Dilma é economista, o Serra é economista, não sei quem mais é economista, mas o Arlindo Chinaglia se lembra da quantidade de debates que a gente fazia, neste país. Eu, quando ia para um debate com



economistas, eu saía de lá arrasado, porque o país tinha acabado, tinha quebrado. Eu saía e eu falava: Meu Deus do céu, e essas pessoas querem que eu seja candidato a presidente da República! Está quebrado o país, ele faliu! Vocês não sabem o que é. Porque tem um problema sério: é o economista que está no governo e o economista da oposição. Normalmente, quando está na oposição, o economista sabe mais. “Eita” cambada de bicho esperto! É uma quantidade de números na cabeça, é uma quantidade de certezas absolutas! Aí, quando você coloca ele no governo, ele é obrigado a adotar a política do “pão-pão, queijo-queijo”, ou seja, ele tem orçamento, ele sabe quanto de dinheiro vai entrar, ele sabe que o Ministério da Cultura quer o tanto de dinheiro que quer o Ministério do Desenvolvimento, e você precisa dar dinheiro para todos os Ministérios. Ele sabe que tem uma série de empecilhos para você trabalhar a praticidade do dia-a-dia, e não a facilidade do discurso, da teoria.

E é esse momento que vive o Brasil: é o momento da praticidade. Vocês estão lembrados quando, em 2008, eu fui para a televisão no dia 22 de dezembro fazer um discurso pedindo para o povo consumir? Vocês estão lembrados? Vocês pensam que é fácil, um cara que passou 30 anos da sua vida fazendo a apologia do não consumismo, ter que ir para a televisão dizer: “Gente, compre!”? Por que eu fui dizer para as pessoas comprarem? Porque os meios de comunicação do mundo inteiro diziam que o mundo ia acabar, que o povo não estava comprando, que ia fechar fábrica, que não tinha crédito... Eu fui para a televisão dizer: Pelo amor de Deus, comprem! Comprem, de forma responsável, mas comprem.

E todo mundo que acompanha a economia neste país sabe que foram medidas como essas, de crença nas coisas aqui deste mercado, que a gente pôde estar vivendo o momento que nós estamos vivendo hoje. Um momento que, eu diria, para a cultura econômica brasileira, quase um momento mágico.

Ô Jonas, eu vou contar dois casos para você. Eu estou vendo você aqui, estou... estou... dois casos. Eu dizia para o Serra, agora há pouco... Um dia, o



Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura, entra na minha sala, em 2003, e fala o seguinte: “Ô Presidente, o senhor sabe que o senhor vai passar para a história como o presidente que fez a lei que transformou o cachorro em um animal doméstico?” Eu fiquei assustado. Cachorro é animal doméstico desde que eu me conheço por gente! Mas sabe por que cachorro não era animal doméstico? Porque tinha – eu não vou contar os nomes das pessoas – tinha um amigo, um ex-presidente, já faz algum tempo, que era criador de cachorro no Rio de Janeiro, e ele vendia cachorros. E se o cachorro fosse considerado animal doméstico, ele tinha que passar por inspeção sanitária. E ele, para evitar a inspeção sanitária, preferiu não colocar o cachorro no rol dos animais domésticos. Pode...? Alguém pode acreditar em uma história dessas? Se nós já nascemos sabendo que o cachorro é o melhor amigo do homem?

Há quanto tempo, Jonas, que a gente não conseguia importar o embrião de um boi zebu da Índia para o Brasil? Desde 1964 que a gente não conseguia a renovação sanguínea do nosso rebanho, porque a gente não conseguia trazer os embriões da Índia. O Jonas foi comigo lá, junto com outros empresários. Depois de cinco anos, finalmente, nós conseguimos, depois de ficar quase quarenta anos sem renovação sanguínea, nós conseguimos que a Índia importasse o embrião para a gente.

Tudo isso que eu estou dizendo é para mostrar para vocês que isso é o óbvio. O que não era óbvio era não acontecer isso, era o cão não ser o amigo do homem; o que não era óbvio era a gente ficar quarenta anos sem trazer o embrião; o que não era óbvio era a gente não acreditar no mercado interno brasileiro; o que não era óbvio era a gente não entender que era necessário fazer investimento em obras públicas; o que não era óbvio era a gente não ter crédito aqui dentro. Tudo isso não era óbvio, e era o que acontecia no Brasil.

Eu penso que o povo brasileiro começou a acreditar nas coisas simples, porque as coisas difíceis... Você imagine: o cidadão está deitado, e começa a fazer goteira na cama dele. Uns preferem puxar a cama, deixar a goteira de



lado; outros preferem colocar um balde em cima da cama e deixar a goteira cair dentro; e o prático vai lá e troca a telha, e nunca mais vai precisar mexer na cama. O Brasil está aprendendo a ser prático. O Brasil quer fazer as coisas simples.

E o Grupo Fiat fez muito bem de acreditar no Brasil. Eu posso dizer para vocês: se depender deste povo que está aí, destes homens e destas mulheres – que certamente são melhor formados do que a geração minha, quando comecei a trabalhar, com vinte anos de idade. É que este povo que está aqui, e milhões de outros brasileiros que estão espalhados por este país, certamente estão acreditando no Brasil como jamais uma geração de brasileiros acreditou neste país. Um dos problemas do Brasil era que nós acreditávamos em tudo, tudo era melhor do que nós. Nós mesmos nos colocávamos como se fôssemos o “patinho feio”.

Está aqui o presidente do Inmetro, e sabe o que o Inmetro significa para nós, a nível de provar a qualidade dos produtos brasileiros. Mas ele sabe também quanto ganhavam os funcionários do Inmetro quando nós entramos lá. As pessoas faziam concurso para o Inmetro apenas para pegar um passaporte para fazer concurso para trabalhar no Senado ou para trabalhar na Câmara. Porque nós fomos emprenhados pelos ouvidos de que um trabalhador público que ganha R\$ 15 mil é “marajá”, quando a iniciativa privada pega um trabalhador nosso que ganha 15 e paga 100, e ainda acha pouco. Eu tenho muitos casos de gente da Receita, de gente da Petrobras, de gente do Planejamento, que saiu do governo para ganhar dez vezes mais na iniciativa privada, por ter competência. E ficar no setor público significa “marajás”. Esses dias eu vi: “Lula dá aumento para a elite do servidor público”. Certamente, foi o aumento que eu dei para o Inmetro, certamente foi isso.

Eu estou convencido de que um país como o Brasil só vai para a frente na hora que ele tiver um Estado forte. Não o Estado gerenciador, o Estado empresário. Isso ninguém aguenta, porque os parentes todos querem



emprego. Ninguém aguenta. O que nós queremos é o Estado forte, para ser o indutor e para ser o regulador. Porque, nessa crise econômica do mundo, eu lembro que liguei para o presidente Obama e falei: Obama, era importante olhar como é que funciona o Banco do Brasil. Vocês não têm um banco, nos Estados Unidos, como o Banco do Brasil. Seria importante que vocês acompanhassem, para ver o que o Banco do Brasil representa para o Brasil. E todos nós sabemos que foram esses bancos públicos que nos ajudaram a vencer a crise.

Não vacilei e o (incompreensível). Se tivesse mais banco para vender, eu iria comprar, para transformar o Banco do Brasil no banco mais importante deste país, para financiar o crédito.

Portanto, eu quero dizer ao Grupo Fiat que vocês fizeram a aposta certa. Fizeram a aposta certa, no país certo, no momento certo, porque vocês poderiam ter se acovardado e em 2008 ter paralisado os investimentos aqui dentro. Vocês não paralisaram, continuaram fazendo investimentos.

E hoje nós estamos aqui inaugurando o nascimento desta nova criança brasileira chamada *Case [New] Holand*, uma empresa que vai produzir aquilo que a agricultura brasileira precisa para se transformar no grande berço da produção de alimentos neste país.

Só não acreditam aqueles que não querem ver. Mas quanto mais os chineses comerem, quanto mais os africanos comerem, quanto mais os indianos comerem, quanto mais o povo pobre comer, mais vocês vão vender máquinas para colher os alimentos que nós vamos produzir neste país.

Eu lembro, e o Belini se lembra, em maio do ano retrasado, de 2008, quando surgiu a crise de alimentos - vocês estão lembrados que houve uma explosão no preço do feijão, no preço da soja - imediatamente nós criamos o programa Mais Alimentos. E esse programa Mais Alimentos resolveu financiar 60 mil tratores de 78 cavalos e mais de 300 mil implementos agrícolas, para que a gente produzisse mais alimentos e pudesse garantir ao povo brasileiro



que nós não íamos ter problema com alimentos no Brasil.

Esse programa é responsável, hoje, por mais de 70% da produção dos tratores de 78 cavalos, e já vendemos 22 mil tratores neste país, para a agricultura familiar. Porque nós queremos que os nossos agricultores familiares sejam tão produtivos quanto os nossos agricultores empresariais, e para isso eles têm que ter acesso à tecnologia, e para isso o Estado tem que financiar.

E, para isso, eu quero dar os parabéns ao Grupo Fiat por mais essa credibilidade que deu ao Brasil no ano 2010.

Boa sorte e um grande abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Portal Brasil**

Centro Cultural Banco do Brasil - Brasília-DF, 03 de março de 2010

Eu estava dizendo ao companheiro Franklin que não era e não é necessário eu fazer uso da palavra aqui. Primeiro, pela extraordinária apresentação dele, pela fala do Paulo Bernardo, e seria até importante que vocês aproveitassem esse momento, se alguém quiser fazer alguma pergunta ao Franklin, ao Paulo Bernardo, aproveitar e fazer a pergunta agora, aqui, como é que a gente vai evoluir.

A única coisa que eu queria dizer para vocês, para não ler o discurso – vai para os anais do discurso, pode ser publicado diretamente no portal, pode ser dado como lido, como é no Congresso Nacional, não é Pimentel? No Congresso, as pessoas pegam uma folhinha, escrevem, entregam lá na mesa e falam, é dado como lido. No outro dia a gente liga, a Voz do Brasil está falando: “Discurso do Pimentel”, que ele nem falou. Podem publicar o discurso.

Mas apenas para dizer o seguinte: olhe, eu penso que hoje a gente marca um novo estágio na comunicação brasileira com a sociedade e com os meios de comunicação. É bem possível, Ottoni, que tenha gente que não esteja gostando do que estamos fazendo. Porque a informação é uma forma de exercício de poder. Quem tem mais informação, tem mais possibilidade de influir nas decisões de poder. E o que nós estamos fazendo, Lalo? Estou te vendo aí depois de muito tempo, não me esqueço da sua casinha lá em Piquê. O que a gente está fazendo na verdade? A gente está criando um sistema para disponibilizar para 190 milhões de brasileiros, para a América Latina – porque vai ter em espanhol. Se o rei Juan Carlos e a rainha Sofia quiserem ter acesso, vai ter em espanhol, para eles verem. Estamos disponibilizando em inglês, para que todos aqueles que queiram acompanhar as coisas do Brasil não se façam



de rogados. Ou seja, a informação não será mais novidade. Não vai ter alguém que vai descobrir um “ovo de Colombo” e dizer: “Descobrimos tal coisa do governo”, porque não terá mais descoberta. Tudo estará à disposição da opinião pública.

No fundo, no fundo, o que nós estamos [fazendo] é levando a democracia, eu diria, à sua potência máxima, a um exercício extraordinário de disponibilizar muitas coisas que antes eram tidas como segredo. “Ah, o ministro tal vai fazer tal coisa, vamos guardar...” Não tem mais segredo. Isso vai ser publicado, para que cada brasileiro... O companheiro lá de Tarauacá, no Acre, o companheiro de Teresina, no Piauí, o companheiro de Vinhedo, lá em São Paulo, o companheiro de Volta Redonda, no Rio de Janeiro, de Muzambinho, em Minas Gerais, do Crato, no Ceará, da minha Caetés, da grande Caetés, ou seja, qualquer um brasileiro e vai poder acessar e vai poder ter as informações e utilizá-las da melhor forma possível.

E o que é mais importante, ele vai poder ter acesso à informação escrita, se ele quiser. Ele vai ter acesso à informação... à imagem, se ele quiser. Ou seja, ele vai escolher o tipo de informação.

Eu não sei, Sueli [Sílvia], se a gente poderia dizer que nós estamos, na verdade, apresentando um Google nacional, brasileiro, totalmente brasileiro. Nós não queremos competir com notícias internacionais, mas eu acho que, quando a gente completar o nosso portal, eu acho que a gente estará oferecendo ao Brasil o que de mais completo um país pode oferecer ao seu povo. Ou seja, não existirá mais segredo das coisas que nós estamos fazendo. E as pessoas poderão ouvir da boca do próprio ministro, do próprio governo, as coisas boas que nós estamos fazendo. Eu acho isso extraordinário, Franklin, eu não poderia deixar de dar os parabéns à sua equipe e a todos os companheiros que trabalharam nisso, ao Paulo Bernardo e a todos vocês que vão continuar trabalhando, porque você viu que é uma criança, isso apenas nasceu, ainda falta construir muita coisa. E para construir muita coisa, nós



vamos precisar cada vez mais da contribuição e da participação de vocês. Não é um projeto e não é um portal do presidente Lula, não é um projeto e um portal deste governo, é uma coisa que nós queremos fazer do Brasil para o Brasil. É uma coisa fantástica.

Portanto, Franklin, parabéns. Eu espero, Sueli [Sílvia], que a gente consiga... Ô, Sílvia, eu espero que a gente consiga concretizar o nosso desejo, e que até o final do mandato – se hoje nós temos 30% –, que até o final do mandato a gente possa chegar a 80%, 90% e, quem sabe, se houver um esforço aqui de vocês, a gente possa chegar aos 100% ainda antes de terminar o mandato.

Mas como nós não pararemos de fazer coisa, portanto será um portal que nunca vai terminar, porque sempre teremos coisas novas para colocar no nosso portal.

Parabéns, e está de parabéns o Brasil, o governo. E a imprensa, agora, que quiser informação, é só entrar no nosso portal, que vai ter todas as informações necessárias.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de entrega da 1ª etapa do Perímetro de Irrigação do Salitre para
ocupação de lotes de produção agrícola**

Juazeiro-BA, 05 de março de 2010

Eu vou apertar o botão e vai demorar pelo menos uns dois minutos para a água começar a sair. É só para não desanimar, porque isso aqui tarda mas não falha.

Ô, gente, vocês da máquina e da câmera, pelo amor de Deus, parem de filmar a nossa cara, olhe a água lá, meu filho, que é a razão pela qual a gente veio aqui. Olha que coisa maravilhosa!

Bem, deixa funcionando direto, agora? Quem ganhou a terra já vai plantar alguma coisa lá. Já perdeu aí um mamão, já perdeu um cajá, já perdeu uma manga...

Meus queridos companheiros,

Meu caro companheiro governador Jaques Wagner, nosso companheiro governador da Bahia,

Nosso companheiro Lira, governador interino de Pernambuco,

O problema é o seguinte, aqui, ô companheiro da Codevasf: eu estou atirando no meu pé. Porque eu vou falar, liga a água, todo mundo fica “zambetando” lá para a água, e o Lulinha aqui sem ninguém notar. Não é justo. Eu vou ter que pular lá no meio da água, ficar todo encharcado e fazer o discurso de cima de uma prancha. Pode, pode desligar, pode desligar. Pode desligar, porque... Isso daqui tem que desligar pelo seguinte, olha: porque não podemos também gastar água antes da hora certa. Não é porque tem água que a gente vai gastar.

Mas eu queria cumprimentar o companheiro... o governador da Bahia, o governador de Pernambuco,



Cumprimentar os nossos companheiros ministros que estão aqui,

Não vou citar o nome, nem do Lira, nem do Wagner, porque todo mundo já sabe que eles são governadores. Também não vou citar dos deputados, porque eles já são muito conhecidos, não precisam mais de voto aqui, eu citando o nome deles.

Eu queria apenas dizer para vocês, meus queridos companheiros prefeitos de Petrolina, prefeito de Juazeiro, prefeitos aqui da região que é um momento especial este momento que nós estamos vivendo aqui em Juazeiro. É especial, porque eu venho entregar os primeiros 5.090 hectares de irrigação no projeto Salitre. Esperava que o prefeito estivesse emocionado e me agradecesse, e eis que o prefeito não estava emocionado, ele estava era com uma gana de reivindicação tão grande, que já me reivindicou o dobro do que eu gastei do governo federal para fazer esse processo. Só a coisinha que ele falou “pequena”, de fazer a entrada de Juazeiro, custou a bagatela de R\$ 90 milhões, fora os outros projetos.

Mas eu acho que é importante o prefeito reivindicar, porque eu, cada vez que venho aqui, e a ministra Dilma, como coordenadora do PAC, sabe que, cada vez que eu faço uma reunião do PAC, eu pergunto dessa ponte entre Petrolina e Juazeiro. Porque essa ponte virou para mim quase que uma questão de honra.

Agora, é importante que a gente diga que tem políticos de Juazeiro que são responsáveis pelo atraso dessa obra. Pelo menos a primeira parte da ponte de Juazeiro já era para estar pronta. Mas houve um movimento do ex-prefeito, que não permitiu que a gente concluísse essa ponte. Eu nem sei se ele estava com razão ou não, não quero nem falar mal dele. O dado concreto é que eu chego um dia para inaugurar a Universidade aqui de Juazeiro e a Universidade de Petrolina e, de repente, está parada a ponte. Por quê? Porque o prefeito fez um movimento, reuniu a comunidade, disse que não quer mais a ponte assim, que a ponte vai ser assada. Aí, teve que fazer um projeto. Ficou



não sei quantos meses parado. Aí depois fizemos um outro projeto. “Ah, não quero mais desse jeito, quero voltar do jeito anterior”. Aí não dá, não dá. Então, agora, eu espero, Prefeito, eu espero que... a obra está sendo retomada, eu já reclamei para o prefeito, porque eu não vi ninguém trabalhando lá em cima, ele disse que está trabalhando lá embaixo. Trabalhando escondido de mim, porque eu não vi ninguém. Essa obra tem que ser concluída. E eu quero te dizer, ô Prefeito, eu quero te dizer o seguinte: só tem sentido a gente terminar a obra da ponte com a conclusão dos 9 quilômetros que você quer, para desafogar Juazeiro. Porque senão você vai apenas aumentar o tamanho do picolé, apenas isso. Então, eu estou levando a sua proposta, o DNIT já tem o projeto, a Dilma já está sorrindo para você. Significa que aquele abraço que você deu nela, eu acho que pode ter alguma importância.

Então, eu quero agradecer a vocês e dizer que a obra dessa ponte... ou seja, eu espero que, agora, o povo de Juazeiro, o ex-prefeito, o atual prefeito, todos estejam de comum acordo de que essa obra possa ser concluída para que a gente possa inaugurar o mais rápido possível essa ponte.

Não, eu sou obrigado a dizer as coisas, porque, senão, eu conheço como é que é. Quando eu virar as costas e for embora, os “nego” falam: “É, ele veio aqui, falou, mas a ponte não saiu”. E essa ponte, nunca faltou dinheiro para fazer. Então, quando eu estou errado, eu sei dar a mão à palmatória. Agora, só posso dizer para vocês: se tem um filho dessa terra que não tem culpa pelo atraso dessa ponte é esse que vos fala aqui.

Bem, uma outra coisa importante, companheiros, é que ainda este mês... Geddel, preste atenção; João Santana, preste atenção, preste atenção. Dilma, seja testemunha do que eu vou dizer, seja testemunha. Porque é o seguinte: ainda neste mês de março, até o final de março, nós vamos fazer a licitação dos outros 7 mil hectares, que é a segunda parte desse projeto. Então, prestem... Dilma, você é testemunha. Agora, até o final de março. Até o final de março nós vamos entregar mais, fazer a licitação, lançar o edital da licitação de



mais 7 mil hectares. E também, estamos licitando o abastecimento de água nas 41 comunidades da região do salitre, no programa Água para Todos. Então, notícias boas.

Agora, companheiros e companheiras, vocês vejam que eu estou com um discurso razoavelmente grande, por escrito, aqui, mas eu não estava querendo ler o discurso, não. Eu estava querendo apenas dar uns números para vocês, que eu acho extremamente importante, para a gente pegar, a imprensa registrar, para que a gente não tenha a memória curta.

Eu estive em Juazeiro em 30 de outubro de 2003, visitando a 14ª Feira Nacional de Agricultura Irrigada. Na ocasião me comprometi a retornar à cidade para inaugurar a primeira etapa da obra do Perímetro de Irrigação. Isso foi em outubro de 2003. Eu retornei em Juazeiro no dia 21 de fevereiro de 2006, para visitar as futuras instalações do campus da Universidade Federal do Vale do São Francisco. É importante lembrar que essa Universidade do Vale do São Francisco foi aprovada no Congresso Nacional antes do meu governo, mas o primeiro tijolo, quem pôs aqui, foi exatamente o nosso governo, aqui, em Petrolina.

Agora, nós viemos entregar, simbolicamente, os lotes para as famílias. E é importante lembrar: 250 famílias são de pequenos agricultores que vão receber, em média, 6.6 hectares, e 66 lotes são para médios produtores. Os agricultores familiares terão tratamento diferenciado das empresas. Enquanto estas, ou seja, as empresas, receberão o terreno apenas com uns pontos de irrigação e energia, cada lote dos pequenos agricultores terá ponto de água pressurizada e poste de energia elétrica. Os pequenos agricultores também receberão assistência técnica da Codevasf e acesso à linha especial de financiamento do Banco do Nordeste para a compra do kit de irrigação, com o sistema apropriado para o cultivo que desejarem.

Roberto Smith, levanta aí para o pessoal saber quem é o “cabra” do BNB que eles vão ter que recorrer quando precisar de dinheiro. Porque é muito



fácil o Presidente vir aqui falar de dinheiro, quando eu viro as costas, vocês não sabem quem é o homem do BNB, vocês não sabem quem é o “cabra” da Codevasf e ficam procurando, e eu nem sei. Então está aqui: A Codevasf está aqui. Olha bem, olha bem, marca bem. E o Banco do Nordeste está ali, está bem? Eles têm o compromisso de cuidar com carinho de todos, mas com muito mais chamego o pessoal da agricultura familiar, porque é quem precisa mais do governo.

Isso é que nem mãe, gente. O que eu quero que eles façam é que nem mãe que gosta do filho. Uma mãe pode ter dez filhos. Agora, se ela tiver um mais frágil é o que ela vai cuidar com mais carinho, vai pegar mais no colo, vai fazer chamego. Aquele que está bem de saúde, está brincando, aquele pode se esgoelar que ela vai falar: “Fica aí no seu canto”. Mas o pobrezinho, ela tem que cuidar com carinho. É isso que eu quero que esse menino faça. Não precisam ser grandes, formados em doutores, não. Tenham um coração de mãe, que já vale a pena vocês governarem este país.

Bem, o que vocês vão plantar é o que vocês quiserem. Nós não vamos, aqui, dizer para vocês: “Você tem que plantar isso, tem que plantar isso, tem que plantar aquilo”. Não. Cada um é livre para plantar aquilo que melhor ele quiser plantar. E, certamente, como ninguém aqui é bobo, nós vamos plantar aquilo que a gente tem conhecimento e aquilo que a gente sabe que vai nos dar um melhor rendimento. Afinal de contas, vocês não vão querer perder dinheiro agora, com essa terrinha irrigada de vocês.

Bem, e aí podem plantar o que quiser. Tem muitas coisas para plantar. Tem de mamona, de manga, de coco, tem de pinhão-manso, tem de dendê, tem de fumo, tem o que você quiser. Agora, escolham e se preparem para o seguinte: escolham aquilo que vocês têm conhecimento, aquilo que vocês têm certeza que vocês dominam, e que tem mercado para os produtos que vocês vão produzir.



A primeira etapa – veja que coisa importante aqui –, a primeira etapa deverá gerar 5 mil empregos diretos, 10 mil empregos indiretos, e beneficiar 25 mil pessoas, movimentando R\$ 55 milhões por ano.

Bem, eu não vou dizer aqui do projeto todo, mas vou dar um dado importante para vocês. Você veja que eu estou passando a mão na língua para pegar o papel. Eu deveria ter um assistente só para colocar um negocinho molhado aqui, para eu fazer assim. Mas como eles acham que eu sou peão, eles acham que eu não preciso disso. Se fosse...

Bem, bem, vamos ver aqui... Ô Dilma, você presta atenção nesses números aqui, porque depois esse povo vai cobrar! Porque é o seguinte: o total do investimento previsto para todo o projeto é um custo, Dilma, de R\$ 900 milhões. É quase R\$ 1 bilhão, o investimento total nesse projeto, quando ele estiver totalmente pronto. Esse projeto, até 2002, haviam sido investidos R\$ 182 milhões, antes do meu governo; em 2003 foram investidos R\$ 22 milhões; e depois entrou no PAC, e foram investidos, agora, R\$ 251 milhões, para a gente chegar onde nós chegamos.

Vejam um dado importante, companheiros: o censo agrícola, divulgado pelo IBGE, em setembro de 2009, referente à situação brasileira em 2006, demonstra que a área irrigada já chegara a 4.450 milhões hectares, crescimento de 1 milhão de hectares em pouco tempo. Isso, irrigação privada, de empresa, não é irrigação pública não, feita pelo governo. A irrigação pública ocupava, em 2002, 275 mil hectares. Entre 2003 e 2010 foram implantados mais 95 mil hectares de áreas irrigadas, ou seja, 35% do que tinha sido feito de irrigação pública até 2002. Até o final de 2010, deve ser atingida a marca de 370 mil hectares de áreas beneficiadas pela irrigação pública.

Os investimentos diretos federais em irrigação foram – prestem atenção nos números – de R\$ 103 milhões, 243 mil, em 2003, foram, de R\$ 240 milhões, 856 mil reais, em 2004, e vai atingir R\$ 2 bilhões, 683 milhões e 782 mil reais no período entre 2003-2009. Para 2010, a previsão é de investimento



de R\$ 730 milhões, 251 mil reais.

Nós ainda vamos inaugurar a primeira etapa do salitre, do baixo salitre... como é que chama? Baixio de Irecê. São por volta de 6 ou 7 mil hectares que vamos inaugurar este ano ainda, para que a gente possa ter o feijão irrigado de melhor qualidade e mais caro para vocês, e mais barato para a mesa do consumidor brasileiro. Porque vocês são consumidores e vendedores. Vocês são vendedores quando vocês vão vender para o atacadista, e são consumidores quando vão na vendinha comprar o que comer em casa. Portanto, nós temos que equilibrar um preço bom para quem produz e um preço bom para quem compra, porque aí é a coisa boa que o Jaques Wagner falou.

Uma coisa importante que eu queria que a imprensa registrasse. O potencial para o desenvolvimento da agricultura irrigada de forma sustentável no País, ainda, companheira Dilma, é de 29,6 milhões de hectares. Todo mundo sabe que um hectare irrigado produz, em média, no Brasil, o equivalente a 3,4 hectares de agricultura tradicional, ou seja, a agricultura no sequeiro.

Em regiões como o Nordeste, não só é a única forma segura de produção como esse fator pode chegar à produção três vezes mais do que a produção tradicional. E nesta reunião do Nordeste, nós ainda temos 750 mil hectares de terra para fazer irrigação; no Sudeste, nós temos 3 milhões; no Sul, nós temos mais 3,2 milhões de hectares; no Centro-Oeste, mais 4 milhões de hectares; e na região Norte do País, 14 milhões de hectares.

Pois bem, eu não vou deixar de falar, sem falar para o povo de Juazeiro aqui do nosso querido e saudoso companheiro, que se aposentou, Dom José Rodrigues de Souza, o bispo dos excluídos aqui, na nossa região. Todo mundo sabe o sonho, o desejo que ele tinha com o projeto Salitre. Todo mundo sabe que foi Dom José Rodrigues que, entre [19]75 e [19]76, quando se aposentou, em 4 de junho, no mesmo ano, recebeu o título de cidadão baiano, da



Assembleia Legislativa. Todo mundo sabe que ele organizou praticamente 72 mil pessoas desalojadas, quando foi construída Sobradinho. E ele foi um... eu diria quase um herói na defesa desse povo que era escorraçado da sua terra por conta de água.

Esses dias, eu fiz uma reunião com o MAB e nós, viu, companheiro Valmir, é importante saber: eu assumi um compromisso [compromisso] com o MAB, porque nem tudo o que eles falam é verdade, e nem tudo o que as pessoas do governo falam é verdade. Então, eu fiz uma reunião, já conversamos com mais de 17 ministros, e eu não quero deixar o governo sem resolver todas as pendengas que nós temos com os atingidos de barragens neste país. Nós queremos resolver, porque tem muita coisa que já foi feita, mas tem muitos compromissos históricos que as empresas assumiram e que não pagaram, e que vão ter que pagar. Eu não quero deixar o governo com essa dívida nas minhas costas, eu quero pagar isso porque é uma questão de honestidade e de conquistar o direito de andar de cabeça erguida neste país.

Bem, todo mundo sabe o que o Dom José fez aqui nesta cidade. Oito pastorais: da Terra, da Criança, da Juventude, do Meio Popular, da Mulher Marginalizada, da Saúde, dos Pescadores e, ainda mais, a Pastoral Carcerária. Você veja que (incompreensível) como ele, não é? Com mais coragem, com mais compromisso, com mais vontade de trabalhar.

Também, ô Franklin, veja só. Franklin, dom José Rodrigues criou o setor diocesano de comunicação audiovisual, com uma biblioteca com 45 mil volumes, equipamento de produção de rádio e televisão, jornalismo impresso, uma locadora com dois mil títulos de vídeos para escolas e professores, além de três programas de rádio semanais. Será que eu já dei alguma entrevista na rádio dele? Acho que já, não é? Se não dei, eu estou reivindicando aqui o direito de dar uma entrevista aqui.

Bem, e ainda foi um dos criadores do projeto Cisterna Caseira, que nós estamos trabalhando muito, e eu penso que logo, logo, nós teremos resolvido



uma pequena parte do problema da água do Nordeste com as cisternas.

Bem, companheiros, terminada a minha leitura obrigatória, que era para dar os dados para vocês e impressionar a imprensa com os números que eu dei aqui... Está certo que eu falei muito rápido, vocês nem conseguiram anotar aí... Amanhã eu vou ver o jornal, para ver quem é que anotou os números que eu falei aqui.

Agora, eu queria dizer uma coisa para vocês, eu queria dizer uma coisa para vocês. Veja, não adianta, meus caros... Sabe o que vocês estão parecendo? Um pássaro preto com uma mistura de um bem-te-vi, porque são pretos e amarelos, que é o pessoal da polícia civil reivindicando que sejam contratados pelo estado. O Wagner falou um pouco sobre isso, ou seja, o concurso foi antigo e é preciso que o estado tenha condições de contratar. E certamente que como nós estamos precisando cuidar da segurança deste país, na medida em que melhore e, se Deus quiser, este ano a arrecadação pode melhorar em todo o Brasil, a gente vai poder melhorar a condição da nossa polícia em todo o território nacional.

Por mais, companheiros, por mais, eu queria me despedir de vocês dizendo o seguinte: olhem, isso aqui é apenas o começo de uma coisa que já era para ter sido inaugurada há tempos. Acontece que todos vocês sabem que hoje, no Brasil, para você fazer uma coisa, tem mais gente querendo impedir do que gente querendo ajudar. Às vezes, você quer fazer uma coisa... Eu não vou contar as barbaridades que eu vejo por este país.

Vocês já ouviram eu falar da perereca, vocês já ouviram eu falar da pedra do machado indígena, ou seja, todo dia aparece uma coisa que paralisa uma obra um ano, dois anos, três anos, e ninguém se responsabiliza pelo prejuízo dessa obra.

Eu penso que nós aprendemos muito, nós garimpamos muito, quebramos muita pedra, conseguimos quebrar muito obstáculo, mas ainda tem muito obstáculo. A contribuição que eu quero dar para quem vier depois de



mim é deixar um país mais fácil de ser governado do que aquele país que eu encontrei.

Eu não posso falar de candidatura, porque, obviamente, eu não quero me comprometer, mas o dado concreto é o seguinte, companheiro, o dado concreto é o seguinte... eu vou dar um dado para vocês: olha, uma coisa para mim sagrada, muito sagrada. Este país tinha desaprendido a fazer investimentos. Este país ficou uma geração e meia sem fazer investimentos. Quem conhece aqui de obra pública sabe que grande parte das empreiteiras brasileiras estava ganhando dinheiro no exterior porque aqui no Brasil não tinha mais grandes obras para serem contratadas. Quando eu cheguei ao governo, até o batalhão de engenharia do Exército brasileiro estava desmontado. Não tinha um caminhão, não tinha uma máquina, não tinha absolutamente nada, ou seja, nós resolvemos reconstruir este país. Hoje eu posso olhar na cara de cada prefeito deste país, não importa de que partido ele seja. Eu duvido, duvido – e podem pegar qualquer estudioso e fazer um levantamento, podem fazer até um agrupamento dos meus adversários – se em algum momento da história deste país teve tanto investimento do poder público em obra de infraestrutura como nós temos agora. Eu desafio alguém a mostrar em qual momento da história deste país que se tem investimento em saneamento básico como nós temos hoje. Porque houve um tempo em que, neste país, político não gostava de fazer saneamento básico, porque tinha que enterrar uma manilha e político gostava mesmo era de ponte, de viaduto, para colocar o nome da mãe, da avó, da bisavó. Ele não se importava com a saúde das nossas crianças.

Veja, eu digo... Ô companheira Dilma, você que vai sair do governo logo, o Geddel... Olha, é com muito orgulho, eu e o Zé Alencar somos, na história do Brasil, o presidente e o vice-presidente que não têm diploma universitário. E nós vamos passar para a história como o presidente que mais fez universidade neste país e que mais fez escolas técnicas neste país.



Mais importante ainda, mais importante ainda: a coisa que nós temos orgulho, e eu tenho certeza, Wagner e Lira, que vocês, viajando pelo mundo sentem isso, é que o nosso país nunca foi tão respeitado como ele é hoje. E respeito a gente não aprenda na universidade apenas, respeito a gente não aprende no Exército, respeito a gente aprende é dentro de casa, com o pai e com a mãe da gente, respeito a gente aprende é com os filhos da gente.

E eu dizia sempre: o maior legado que eu recebi da minha mãe foi o direito de andar de cabeça erguida. Não tem nada mais importante do que um homem, por mais pobre que ele seja, por mais humilde que ele seja, ele ter coragem de conversar com outro homem olhando nos seus olhos, sem lhe dever absolutamente nada, a não ser respeito. Porque eu gosto de respeitar para poder exigir respeito.

Então, nós estamos a oito meses, a nove meses de terminar o nosso mandato. O que contar para a história é o que a gente fez e o que a gente não fez. E, aí, nós temos consciência de que já fizemos muito, mas temos consciência de que falta outro tanto para fazer. Até porque 500 anos de desmando, 500 anos de desmando, um país que teve 300 anos de escravidão, a gente não recupera o tempo perdido com tanta facilidade. É preciso mais trabalho, mais educação, mais investimento, mais emprego, mais formação profissional para a gente poder se transformar em uma nação efetivamente respeitada.

Eu sei o que é o prazer de a gente disputar uma Olimpíada com os Estados Unidos, com o Japão e com a Espanha e a gente ganhar. Eu sei o que é a gente ganhar a Copa do Mundo, eu sei o que é a gente discutir a questão do clima em Copenhague e todos os grandes países saberem que o Brasil era o país que mais estava preparado. E isso a gente só conseguiu por causa de uma coisa: eu nunca faltei com respeito a nenhum dos meus companheiros por mais humildes que eles sejam. Porque eu construí um milhão de amigos no governo, construí um milhão de amigos, mas eu tenho certeza que o maior



patrimônio que eu quero ter quando deixar o governo é poder voltar a Juazeiro ou a Petrolina e vocês, que sempre me chamaram de companheiro, continuarem me chamando de companheiro Lula.

Nós não estamos fazendo favor, nós estamos apenas devolvendo ao povo brasileiro aquilo que ele nunca deveria ter perdido, que é o direito à cidadania, o direito a comer três vezes ao dia, o direito a morar, o direito a estudar, isso é direito elementar, isso está na Constituição. O que não é justo é uma pessoa comer cinco pãezinhos por dia, jogar dez fora, e o outro não poder comer nenhum pãozinho por dia. Então este país começou a mudar e isso incomoda muita gente. Incomoda. É só acompanhar os meios de comunicação que vocês vêem como incomoda. Se eles pudessem, eles cantavam todo dia: “Um Lulinha incomoda muita gente, uma Dilminha incomoda muito mais”. Porque, qual é a lógica? Eles agora passaram oito anos falando mal de mim, agora começam a falar: “Tudo bem que o Lula era maravilhoso, e a Dilma?”.

Olhe, meu caro, vocês sabem que um nordestino nascido em Caetés, se não morreu de fome até completar cinco anos de idade, vai ser duro na queda. E vocês sabem que a gente aprendeu a não ter medo de cara feia, de baixo nível de campanha, de ofensa e de preconceito. Isso nós já vencemos. Então, este país não é um país governado por um cara, com 190 milhões de habitantes, este país é um país de 190 milhões de caras, governado por um presidente da República.

Um abraço e até outro dia se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
celebração do Dia Internacional da Mulher: Mais Autonomia, Mais
Cidadania e Menos Violência para as Mulheres Brasileiras**

Rio de Janeiro-RJ, 08 de março de 2010

Bem, minhas queridas companheiras,
Meus queridos companheiros,

Eu estou vendo muito homem aqui, na comemoração do Dia Internacional da Mulher. O som, todo mundo percebeu que o som tem um problema sério, porque o pé direito me parece que é muito alto, mas, de qualquer forma, eu vou tentar falar aqui. Primeiro, eu queria chamar a companheira Nilcéa aqui na frente.

Eu queria, primeiro, dizer para vocês do orgulho de ter essa companheira como a ministra, porque a Secretaria tem status de Ministério, que cuida da política para as mulheres neste país. A companheira Nilcéa, ela tem demonstrado, ao longo de toda a sua gestão na Secretaria das Mulheres, um trabalho extraordinário, não determinando política a partir do próprio governo, mas captando, da criatividade das mulheres brasileiras, as propostas de políticas públicas que nós estamos implementando no nosso país.

Essa é a novidade extraordinária das conferências das mulheres, e é a segunda que nós realizamos. E eu sei, Nilcéa, eu sei que quando a gente vem em um ato como este, que junta essa multidão que está aqui, ninguém se preocupa em saber como foi difícil chegar até aqui. Ninguém se preocupa em saber quanta adversidade, quantas dificuldades, às vezes, quanto dinheiro faltou até para fazer as reuniões mais simples que a Secretaria deveria fazer.

A verdade é que nós ainda estamos longe da perfeição. E eu não acredito que a gente um dia vá conquistar tudo o que a gente sonha, porque



quanto mais a gente conquistar, mais sonhar a gente sonha e mais novas conquistas aparecerão na nossa frente. Portanto, a luta é infinita, a luta não tem fim. O que a luta tem é que ela é permeada por conquistas a cada dia, a cada ano.

Vocês não sabem – e a Nilcéa acompanhou – o orgulho, o profundo orgulho que eu tive de fazer a campanha de 2006 podendo falar da Lei Maria da Penha neste país. E a verdade é que eu não perdi voto de nenhum homem. A verdade é que eu não perdi voto de homem porque os homens de bom senso, de caráter e de responsabilidade sabem que um homem não mora com uma mulher, não casa com uma mulher para tratá-la como objeto e bater nela. Um homem casa com uma mulher para viver em harmonia com ela.

É por isso que a companheira Nilcéa tem acompanhado: todos os atos que eu faço, eu tenho valorizado a formação profissional das mulheres brasileiras. Porque uma das formas das mulheres brasileiras não terem um grau de liberdade ainda maior é, muitas vezes, a dependência que ela tem, econômica, dentro de casa. Na medida em que a mulher trabalha, aprende uma profissão, essa mulher tem independência e vai viver com um homem se ela quiser, não obrigada, a troco de um prato de comida, como habitualmente acontecia neste país.

Então, eu quero o meu reconhecimento a essa companheira, que eu não sei se já desistiu, mas, pouco tempo atrás, entrou na minha sala para dizer para mim que talvez ela quisesse ser candidata a deputada. E eu disse: companheira Nilcéa, não saia da Secretaria, que é muito mais importante ficar fazendo o que você faz do que ser candidata a deputada federal, e parece que ela aceitou o meu pedido e vai continuar na Secretaria até o final do mandato.

Obrigado, obrigado, e eu te agradeço pela organização deste ato. A segunda mulher que eu queria, aqui – pode ficar aqui, Nilcéa – duas... Veja, eu acho que eu não poderia dar uma demonstração de apreço mais forte pela luta das mulheres neste país, pela luta... pela conquista de gênero neste país



do que indicar ao meu partido, aos meus aliados, para me substituir, nada mais, nada menos do que uma mulher brasileira, uma mulher de luta, uma mulher que já provou, já provou, na luta, do que ela é capaz.

Preparem-se, porque o preconceito continua. Preparem-se, porque o preconceito contra a mulher ainda é muito forte. Certamente, uma sociedade machista como a nossa ainda não está 100% preparada para ver uma mulher disputando um cargo de prefeito, um cargo de governador, um cargo de presidente da República.

E nós temos o desafio, não apenas porque as mulheres são maioria, o desafio não é matemático, o desafio é ideológico, é político, e nós temos que dizer em alto e bom som: se uma mulher é capaz de parir um político, por que ela não é capaz de parir uma administração mais competente do que o político que ela conseguiu colocar no mundo?

Por isso, companheiros e companheiras, eu tinha um discurso por escrito, que falava da morte das mulheres em Chicago, das mortes das mulheres em Nova Iorque, falava da dona Duca aqui, do Correio, falava de uma série de coisas. E eu acho que a cada vez que a gente se reúne, a gente tem que lembrar do passado, mas a gente tem que traçar uma trajetória de conquistas para o futuro, porque as mulheres não estão precisando chorar apenas as derrotas passadas, mas comemorar as vitórias que virão daqui para frente, para as mulheres brasileiras.

Um grande abraço. Feliz Dia Internacional da Mulher. E até a vitória das mulheres, que nunca será definitiva mas, certamente, será muito importante.

Um abraço, que Deus abençoe vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura de contratos para implementação do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj)

Itaboraí-RJ, 08 de março de 2010

Estou fazendo um charme aqui para falar, não é? Depois que vocês gritaram tanto eu estou aqui. Eu estou inibido porque eu estava ouvindo a voz do locutor... Eu vou contar uma coisa para vocês: se eu fosse candidato a alguma coisa eu iria contratá-lo para me apresentar nos comícios, porque... eu vou treinar para ver se eu fico com a voz, assim, boa. Porque todos que falaram aqui, falaram rouco, e a voz do locutor é impecável, vou ver se a minha fica assim também.

Bem, de praxe eu quero começar cumprimentando o companheiro Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro,

Nosso companheiro Pezão, vice-governador,

A companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Os ministros Edison Lobão; Carlos Lupi, do Meio Ambiente; Marcio Fortes, das Cidades e Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Quero cumprimentar os deputados federais Alexandre Santos, Chico D'Angelo e Solange Almeida,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Sérgio Alberto Soares, prefeito de Itaboraí, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos que estão aqui presentes,

O nosso querido Paulo Roberto Costa, presidente em exercício da Petrobras,

Nossa companheira Maria das Graças Foster, diretora da área de gás e energia da Petrobras,

Nosso companheiro Jorge Sergio Machado, presidente da Transpetro,



Nosso companheiro Jorge Hereda, da Caixa Econômica Federal,
Elvio Lima Gaspar, diretor do BNDES,
Nosso querido Moraes, presidente da FUP,
Companheiros secretários de estado do Sérgio Cabral,
Companheiros secretários das prefeituras,
Companheiros empresários que estão convidados aqui, de muitas
empresas que trabalham no Comperj,
Companheiros trabalhadores,
Companheiros da imprensa,
Companheiras mulheres que hoje comemoram o dia especial das
mulheres,

Eu penso que já foi dito muita coisa pelas pessoas que falaram antes de mim. Mas acho que é importante dizer mais algumas coisas para que haja compreensão do que nós estamos fazendo aqui. Eu sei que tem algumas pessoas que estão perguntando “por que o Lula já visitou pela terceira vez o Comperj, se ainda a obra não está sendo construída, está na fase da terraplanagem?” A primeira coisa que tem que compreender é que eu adotei como filosofia de vida aquela de que “é o olho do dono que engorda os porcos”. Então, eu tenho que estar presente sempre, para saber se as coisas que nós decidimos estão funcionando.

E vocês sabem que, há pouco menos de um mês, se a gente não fica esperto, essa obra estaria parada, a obra da Repar, no Paraná, estaria parada, e a obra da refinaria de Pernambuco estaria parada. A Petrobras teria que ter mandado embora 27 mil trabalhadores, porque se levantou suspeita de sobrepreço em algumas obras. E foi para a comissão do Congresso, a comissão do Congresso colocou no anexo VI, depois nós conversamos com o deputado, houve um lapso de compreensão, os governadores dos estados me mandaram uma carta, a FUP me mandou uma carta, e eu vetei, porque senão



teria que ter mandado embora 27 mil trabalhadores. Bem, agora, vamos fazer toda a investigação que tivermos que fazer, mas o que a gente não pode é fazer uma investigação e ter como contrapartida 27 mil chefes de família no olho da rua, perdendo o emprego e sem salário.

A segunda coisa é que esse Complexo, aqui em Itaboraí, é mais do que um complexo. Na verdade, é a retomada das decisões governamentais de investir, outra vez, em refinaria e no pólo petroquímico neste país. O companheiro Paulo Roberto sabe, a Dilma Rousseff, como presidenta do conselho administrativo da Petrobras, sabe, o ministro Lobão, como ministro de Minas e Energia, sabe que, há cinco anos atrás, se dependesse da vontade da Petrobras, não teria nenhuma refinaria no Brasil. Porque a Petrobras entendia, naquela época, que nós já tínhamos refinaria suficiente. E nós, então, passamos a discutir não a imposição do governo, mas chamamos a direção da Petrobras para a gente discutir a necessidade de a gente fazer mais refinarias no Brasil. Tomamos, como primeira decisão, fazer a refinaria em Pernambuco. Não é porque Pernambuco é o meu estado. Não. É porque havia vários estados que queriam refinaria. O Rio de Janeiro queria mais uma refinaria, o Espírito Santo queria mais uma refinaria, o Ceará queria uma refinaria, o Rio Grande do Norte queria outra refinaria. E eu disse a todos os governadores que iria levar a refinaria quem trouxesse um parceiro para ajudar a construir a refinaria. Tinha muita gente atrás de empresas. Eu lembro que eu até jantei, uma vez, com um príncipe da Arábia Saudita que prometia construir uma refinaria no Ceará. Eu lembro que eu conversei com um empresário da Marubeni que iria também fazer investimento no Rio ou no Espírito Santo. A verdade é que ninguém colocou dinheiro.

Foi Pernambuco que, numa visita de trabalho do presidente Chávez, conseguiu a parceria para a PDVSA se associar à Petrobras. Levamos três anos para construir essa parceria, porque a Petrobras e a PDVSA são duas grandes empresas, e duas moças bonitas no mesmo baile, elas sofrem uma



concorrência natural entre elas, e nós demoramos muito para construir a engenharia do acordo que, graças a Deus, está pronto e está andando.

Agora, depois tomamos uma outra decisão. A Petrobras descobre o pré-sal e nós tínhamos que tomar uma decisão: a gente vai exportar petróleo cru ou a gente vai exportar derivado de petróleo, ou a gente vai exportar coisas com maior valor agregado? E, aí, tomamos a decisão de fazer uma refinaria no Maranhão, de 600 mil barris/dia, para exportar; outra no Ceará, de 300 mil barris/dia; e outra, uma, no Rio Grande do Norte, menor.

Então, na verdade, nós decidimos fazer essas quatro refinarias e a gente recuperar quase todas as refinarias nossas. Não sei se vocês sabem, as nossas refinarias, elas refinavam um produto não de boa qualidade, ou seja, o nosso óleo diesel era muito poluente. E a gente teve que fazer investimentos pesados. Só aqui, no Rio de Janeiro, na Reduc, foram mais de 2 bilhões de reais, de dólares; no Paraná, mais de 2 bilhões; na Replan, mais de 2 bilhões; lá em Mauá, mais de 2 bilhões, para a gente tornar as nossas refinarias modernas e para a gente respirar um ar com melhor qualidade, a partir do momento em que o carro passa a usar o nosso óleo diesel de melhor qualidade, com 50 ppm, e não com 1000, ou 1500, como era hoje.

Então, nós tomamos essa decisão. São bilhões de dólares, de investimentos. Se a gente for medir só o que a gente está fazendo, a gente vai ultrapassar os US\$ 60 bilhões em refinaria neste país.

E isso certamente que incomoda algumas pessoas. Quem é que fica incomodado? Ficam incomodados aqueles que diziam que não era preciso fazer uma refinaria no Brasil; ficam incomodados aqueles que diziam que a gente não tinha condições de construir plataformas no Brasil; ficam incomodados aqueles que diziam que a gente não poderia mais construir navios no Brasil e [que] tinham levado à falência a indústria naval brasileira, que, de 50 mil trabalhadores, estava com apenas 1800 trabalhadores. Então, essa gente realmente fica incomodada. Como é que vem esse governo, com



um metalúrgico, e que eles torceram pelo fracasso, e de repente a gente começa a fazer aquilo que eles deveriam ter feito 30 anos atrás, e o país começa a dar certo?

Aqui tem muitos empresários do setor da construção civil. Muitos deles já tinham até vendido máquinas porque neste país não se contratava mais grandes obras estruturantes. Muitos deles estavam ganhando dinheiro no exterior, porque este país já não fazia mais grandes obras. Os coitados dos estados estavam todos falidos porque criaram uma lei de responsabilidade fiscal e que o Estado viveu, durante muitos anos, apenas para pagar os seus compromissos com o FMI, e não tinha dinheiro para investimento. É só analisar: depois do governo Geisel, não houve mais investimento em infraestrutura neste país. Foram 25 anos que não se gerou emprego. Eu tinha até desaprendido a ver, nas ruas deste país, uma placa na porta de uma fábrica: “Precisa-se de soldador, de mecânico, de torneiro, de fresador, de carpinteiro...” Não tinha mais.

Bem, qual é o milagre que está acontecendo? Não tem milagre. É apenas acreditar neste país. É apenas fazer... Outro dia eu dizia, Sérgio, que o grande problema do Brasil é que as pessoas desaprenderam a fazer o óbvio, de fazer as coisas simples. Por exemplo, quando nós tomamos a decisão de criar o crédito consignado, de colocar mais dinheiro no BNDES, de fomentar o financiamento, pelo Banco do Brasil, pela Caixa Econômica, o que estava na nossa cabeça? Ora, se o Brasil é um país capitalista, de economia capitalista, é inconcebível que em um país de economia capitalista não tenha nem financiamento e nem crédito. E vejam o que aconteceu: em março de 2003, quando nós já estávamos com dois meses de mandato, o Brasil inteiro tinha 381 bilhões de crédito, o Brasil inteiro tinha 381 bilhões de crédito. Hoje, o Brasil tem 1 trilhão, 410 bilhões de crédito. E só o Banco Brasil, só o Banco do Brasil, hoje, tem tudo que o Brasil inteiro tinha em 2003.

Quando veio a crise econômica, muitos países se acovardaram. O que



nós fizemos? Dia 22 de dezembro eu tive coragem de ir para a televisão pedir para o povo consumir: “Se vocês ficarem com medo de consumir, o trabalhador não compra, a empresa não produz, o comércio não vende, aí é o caos total e geral no País”. Disse que a crise iria chegar por último neste país e que ia sair primeiro. Aliás, eu disse mais: que a crise era uma marolinha aqui.

Até hoje os Estados Unidos não resolveram o seu problema. Até hoje a Europa não resolveu o seu problema. Lá, eles perderam foi 7 milhões de trabalhadores, 7 milhões de postos de trabalho. Este ano - o pior ano da crise - nós crescemos aqui, no Brasil, criamos mais de 950 mil postos de trabalho. E este ano, só em janeiro, já criamos 181 mil novos postos de trabalho.

A indústria automobilística brasileira acaba de anunciar mais um recorde de venda de carro no Brasil. E tem gente que fica incomodada: “Está vendendo muito carro, as ruas estão lotadas”. Mas ainda não é o pobre que tem carro – e eu quero que o pobre tenha carro também. Então, que nós, prefeitos e governadores, façamos mais ruas. Nós temos que fazer metrô, nós temos que fazer trem, mas parem com essa ilusão de achar que fazendo metrô vai tirar o apetite de um pobre ter um carro. Vai... Não pense, não pense. Porque aqueles que acham que um pobre vai deixar de usar o carro são aqueles que usam o carro. O que eles querem é que o pobre deixe a rua livre para eles. Não! Nós queremos ter o direito, nem que for, nem que for para chegar no sábado, colocar o carro na porta de casa e ficar a família inteira lavando a calota do carro, passando água no carro. Mas nós não abrimos mão de ter direito.

Pois bem, então as coisas no Brasil começaram a dar certo porque a gente não inventou absolutamente nada. A gente fez apenas aquilo que era preciso fazer. Ora, quando nós começamos a discutir a questão do pré-sal... Por que vocês acham que a Petrobras achou o pré-sal, se os diretores eram os mesmos, praticamente, do outro governo? São engenheiros de 30 anos da Petrobras, são geólogos de 30 anos da Petrobras. Eu não inventei nenhum geólogo, não tem nenhum geólogo na direção da Petrobras que foi formado no



meu governo. Eles já têm 30 anos de formatura. Por que eles acharam o pré-sal? Porque nós aumentamos em cinco vezes os investimentos em pesquisa na Petrobras, e aí eles começaram a achar petróleo.

Três anos atrás, nós tivemos uma crise profunda de gás aqui no Brasil. Todo mundo lembra da briga do Evo Morales comigo, que o Evo Morales queria brigar e tinha uma turma que queria que eu brigasse com o Evo Morales... tinha uma turma que queria que eu brigasse com o Evo Morales e eu dizia: não vou brigar. Não vou brigar porque não é correto que o presidente do Brasil, que é um país grande e rico, brigue com o presidente da Bolívia, que é um país menor e mais pobre. Depois, não vou brigar porque o gás é da Bolívia, então os bolivianos são os donos do gás. Terceiro, não vou brigar porque não posso conceber na minha cabeça um metalúrgico de São Bernardo brigando com um índio boliviano, não via essa possibilidade. Ou seja, preferimos utilizar a tática de negociação, e hoje nós estamos bem na nossa relação. Mas o que é importante é que naquele tempo, na reunião, eu convoquei uma reunião do Conselho Nacional de Política Energética e eu disse o seguinte: “Eu não quero mais ficar dependente da Bolívia. Se virem, porque eu não quero ficar dependente nem da Bolívia, nem dos Estados Unidos, nem da França, de ninguém. O Brasil tem que ser autossuficiente na questão do gás”. E criamos o Plangás, criamos o Plangás. Ainda não temos tudo o que queremos, mas já temos muito, mas muito mais do que a gente tinha. Já estamos quase esnobando de não querer comprar todo o gás da Bolívia, e temos que comprar porque nós temos contrato e temos que honrar esse contrato que nós temos com a Bolívia, porque, para nós, não adianta o Brasil crescer sozinho. É preciso o Brasil crescer, a Bolívia crescer, o Paraguai crescer, o Uruguai crescer, a Argentina crescer, porque nós queremos todos crescermos juntos e não apenas um e o resto ficar pobre e miserável ali do lado. Nós queremos distribuir as oportunidades com todos os outros.

Pois bem, nós já estamos chegando lá, na área de gás. E, se Deus



quiser, vamos chegar mais. Em apenas três anos, em apenas três anos. Eu lembro, em reunião com a Petrobras, que eles diziam: “É impossível, é impossível, é impossível”. Não há a possibilidade de um ser humano ou de um país vencer se a gente não perseverar, se a gente não acreditar e se a gente não lutar.

Eu lembro que eu era candidato quando diziam, escreviam e iam para a televisão dizer: “Esse Lula está blefando falando o que não sabe, porque nós não temos condições de fazer plataforma”. Hoje, todas essas plataformas têm, pelo menos 65% a 70% de componente nacional, numa demonstração de que nós estamos gerando empregos aqui.

Pois bem, esse polo petroquímico, as prefeituras da região vão ganhar muito, porque vai gerar muitos empregos, os empregos geram poder de consumo, os empregos geram distribuição de (falha na gravação), vai ter mais escolas, vai ter mais gente capacitada, vai ter mais tratamento de água, vai ter mais coleta de esgoto e tratamento de esgoto, vai ter mais estradas. Todo mundo sabe que vai melhorar a questão ambiental, porque já foi assumido aqui o compromisso: serão 6 milhões de árvores plantadas pela Petrobras, jogar zero de lixo na Baía da Guanabara. Nós queremos provar ao mundo que os gringos, ao (falha na gravação) que aprendam com o nosso país, que aprendam conosco.

Então, companheiro Sérgio Cabral, eu ainda virei mais vezes aqui. Para a desgraça dos meus opositores e para a desgraça daqueles que acham que eu deveria ficar sentado em Brasília, recebendo eles, eu vou continuar andando por este país. Vou continuar viajando, visitando obra, discutindo, discutindo com cada ministro, discutindo com as empresas do Governo para a gente fazer mais investimento, fazer mais coisa, porque o Brasil não pode parar.

Uma coisa que eu vou dizer para vocês de coração: este país aprendeu a gostar de si próprio. Houve um tempo em que nós éramos tratados como se



fôssemos lixo, como se fôssemos vira-latas. Eu ainda vi esses dias o que é a subserviência, quando veio a Hillary Clinton aí. Ah, vocês não imaginam. Eu acompanhei a vinda dela por aí, eu vi alguns setores da imprensa dando tratamento para ela como se eles não fossem ninguém. É engraçado, é engraçado porque a imprensa queria saber: “O senhor vai tratar de tal assunto com a Hillary Clinton?”. Eu disse: não, quem vai tratar com ela é o ministro Celso Amorim. Eu vou recebê-la em uma deferência, porque o Celso Amorim pediu para eu recebê-la, mas a conversa é de ministro para ministro. Quando for o Obama, aí eu converso com ele e faço um acordo com ele. Sem nenhuma falta de respeito, apenas por uma questão de hierarquia, de tornar as coisas mais ou menos equânimes. Olha, depois falam que eu sou analfabeto, falei “equânime”. Chique.

Bem, então eu lembro que, quando eu tomei posse, um tal de Zoellick, que hoje é presidente do Banco Mundial, era um sub do sub, resolveu dar palpite sobre o Brasil. Porque era assim, qualquer pessoa se achava no direito de dar palpite sobre o Brasil. E o que é mais grave é que as autoridades brasileiras baixavam a cabeça.

Olhe, eu disse já, muitas vezes, que o maior legado que eu vou levar no caixão é o direito de andar de cabeça erguida. Eu aprendi isso não na universidade, aprendi dentro de casa com uma mãe analfabeta: “Filho, não baixe nunca a cabeça. Levante a cabeça, porque você só conhece um ser humano se você estiver olhando nos olhos dele. Ali você vai sentir se ele está falando a verdade ou se ele está mentindo”. E eu aprendi a andar de cabeça erguida. Eu não quero que ninguém baixe a cabeça para mim, mas também não vou baixar a cabeça para ninguém.

Há uma diferença... há uma diferença, viu Sérgio, entre o que o Obama disse e a realidade. O Obama disse: “Ô Lula, você é o cara!” Se o Obama conhecesse o Brasil, e eu espero que ele venha este ano ainda, ele vai perceber o seguinte: ele se equivocou. Porque eu não sou o cara, eu sou o



Presidente da República que governa um país de 190 milhões de “caras” – homens e mulheres que sabem o que querem, que gostam deste país.

Pois bem, companheiros. Nós, agora, somos o país da Copa do Mundo em 2014. Ela não veio de graça, foi muito trabalho. Nós somos o país das Olimpíadas de 2016, que não foi pouco trabalho. Se não fosse o trabalho insano do Governador do estado, do Prefeito e do governo federal, junto com o Ministro do Esporte, a gente não teria as Olimpíadas aqui. Porque nós ganhamos, nada mais, nada menos, de Chicago, de Madri e de Tóquio. Onde que a gente imaginava o Brasil vencer? Vamos ser francos. Quantas pessoas, no dia da disputa, falavam: “Coitadinho, coitadinho. O Brasil disputando com esses monstros sagrados da economia mundial”. E tinha uma diferença básica: eles queriam apenas mais uma Olimpíada, e nós queríamos a autoafirmação do nosso país, nós queríamos um reconhecimento do orgulho próprio deste país. E, aí, aqui, dentro do Brasil, alguns diziam: “Imagina, o Brasil querer fazer Olimpíada. Precisa cuidar do analfabetismo, precisa cuidar de escola”. Essas pessoas que levantam todo santo dia dizendo: “Ah, eu não vou sair porque vai chover, eu não vou sair porque vai fazer sol, eu não vou sair porque não sei das quantas”. Ou seja, aquelas pessoas que não conseguem pensar um milímetro de forma positiva.

Eu estou muito à vontade, o Sérgio, porque eu nunca ganhei nada de graça. Nada. Não me aconteceu nada na minha vida que fosse de graça. Cada vírgula que nós conquistamos é à custa de muito trabalho. O orgulho que nós conquistamos para este país foi à custa de muito trabalho. Para a gente ganhar as Olimpíadas, houve dezenas de viagens, houve dezenas de conversas, houve centenas de cartas, houve... Só em um dia, nós recebemos 32 delegados lá, 32 delegados. O Sérgio se lembra de um, que eu não vou dizer de onde é, que entrou todo arrogante na sala, já falando mal do Brasil: “Sabe, Presidente, por que o Brasil não vai ganhar? Porque o Brasil tem isso e aquilo”. O cara nem me ouviu. O cara, acho que nunca tinha ido no Brasil. Aí ele falou,



falou, falou – era um italiano. Quando ele terminou de falar, eu falei: “companheiro, deixa eu dizer uma coisa: se tem alguém que tem obrigação moral de votar no Brasil são vocês, porque no meu país tem 30 milhões de italianos e descendentes de italianos e que, portanto, vocês têm que votar. Ou seja, vai ser a oportunidade de vocês garantirem que os italianos assistam as Olimpíadas é vocês votarem no Brasil”. Mas o cara entrou na sala, nem falou bom dia, já foi dizendo que o Brasil tinha tal defeito, tal defeito, tal defeito. Era assim que eles tratavam o Brasil, era assim.

Um dia desses, Sérgio, eu viajei com um embaixador e ele me dizia: “Presidente, eu não posso contar como é que a gente era tratado no FMI, quando a gente ia fazer negociação. Eu não posso contar em um livro, porque é uma vergonha para este país, como é que o FMI tratava o Brasil”. Vocês estão lembrados, aquela tal de Ana não sei das quantas, que descia no aeroporto aqui, no Rio de Janeiro, já dizendo: “Precisa fazer isso, não pode fazer aquilo, tem que fazer isso”. Ou seja, como se nós fôssemos um bando de incompetentes. O que nós fizemos? Não queremos dever ao FMI. Agora são eles que devem US\$ 14 bilhões para nós.

Então, essa mudança só foi possível por causa de vocês. Porque um dia este povo acordou, resolveu levantar a cabeça e acreditar em si próprio, porque senão a gente não constrói uma nação. A gente não [só] constrói uma nação com orgulho, que ama a sua bandeira, que discute democraticamente os erros do seu governo, mas que está disposta a defender, com unhas e dentes, a sua soberania.

E esse Comperj, esse Comperj é o sinônimo de um pedaço da soberania que este país vai construir, porque uma indústria petroquímica não é pouca coisa no desenvolvimento de uma nação. E nós queremos deixar de ser importadores para exportar produtos de segunda, terceira, quarta, e que venha quantas gerações vier, que a gente vai acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico, para que o Brasil seja, definitivamente, livre e



soberano.

Um abraço e até a minha volta ao Comperj, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Complexo Esportivo da Rocinha, da Clínica da Família, do Centro de Tratamento da Tuberculose, do Centro de Atenção Psicossocial e da Unidade de Pronto Atendimento 24h (UPA) - Unidade Rocinha

Rio de Janeiro-RJ, 08 de março de 2010

Olha, eu vou contar uma coisa para vocês. A alegria de estarmos aqui na Rocinha, podendo provar ao Rio de Janeiro, podendo provar ao Brasil e ao mundo que a nossa vinda aqui é o retrato mais fiel de um prefeito, de um governador de estado, de um presidente da República que querem provar ao mundo que o que a Rocinha deseja, o que as chamadas favelas do Rio de Janeiro desejam é apenas serem tratadas com respeito e dignidade para que os seus filhos possam ter a mesma qualidade de vida e a mesma oportunidade que têm outras pessoas que moram no Rio de Janeiro e no Brasil.

Acabou o momento em que o governante via umas pessoas como se fossem de primeira classe, outras pessoas como se fossem de segunda e outras pessoas como se fossem de terceira classe, que as pessoas nem olhavam para a cara. É verdade que na Rocinha deve ter algum bandido, mas é verdade também que no Pavão-Pavãozinho deve ter algum bandido, mas é verdade também que no Complexo do Alemão deve ter. Mas quem é que disse que não tem bandido naqueles prédios chiques de Copacabana? Quem é que disse? Quem é que disse que não tem em outros lugares mais importantes deste país? O que é grave, o que é grave é que os perseguidos são sempre os pobres dos morros, e não os ricos. Nós, tanto o Sérgio Cabral quanto eu e quanto o prefeito e as pessoas que estão aqui, nós nos convencemos de que o que as pessoas estão precisando neste país é apenas de uma oportunidade. Leve a ela – o Estado, o governo federal, o município e o estado – leve a



educação, leve o esporte, leve a cultura, leve possibilidade de lazer, leve possibilidade de trabalho, e nós estaremos construindo homens e mulheres de bem neste país, e não bandido ou traficante.

Nós viemos aqui, companheiros e companheiras, sobretudo a imprensa brasileira – me desculpe, Sérgio Cabral, fazer uma referência especial à imprensa brasileira. A imprensa brasileira, por hábito ou por desvio, não gosta de falar de obras inauguradas. Ou seja, coisa boa não interessa, o que interessa é desgraça. O que o Sérgio disse, da inauguração do hospital, eu cheguei de manhã no aeroporto, o Sérgio tinha me telefonado... Eu telefonei para o Sérgio no sábado porque fiquei preocupado, porque me disseram que ele tinha que fazer um exame, e eu então liguei para o Sérgio para saber se ele tinha algum problema. Ele me disse que estava bem, aí disse para mim: “Lula...” – Lula, não – “presidente Lula...” – ele só me chama de Lula na intimidade – “Ô presidente Lula, eu lamento profundamente que o senhor não possa vir aqui no Rio de Janeiro inaugurar o Hospital da Mulher”. Eu falei: mas a Dilma está indo, ela é mulher, o governo federal está muito melhor representado por uma mulher inaugurando o Hospital da Mulher. Mas eu cheguei hoje aqui no aeroporto, ele estava indignado, ele estava indignado porque a matéria que saiu no jornal não era falando do hospital; era dizendo que a Dilma Rousseff tinha vindo ao Rio de Janeiro inaugurar uma obra que não tinha dinheiro do governo federal. Como se o governador não pudesse convidar a Ministra para vir aqui! Ou como se o dinheiro que está permitindo ao Sérgio construir aquele hospital, é porque o Sérgio não teve que colocar todo o dinheiro do estado aqui. Nós fizemos parceria e sobrou dinheiro para o Sérgio fazer um hospital.

Mas eu também não queria dar explicação. Eu só queria dizer que é um desvio de comportamento não aceitar as coisas boas. Quase nenhuma obra de inauguração merece matéria, quase nenhuma obra. O que merece é uma gafe, o que merece é um erro que a gente cometa ou uma coisa que não aconteceu.



De qualquer forma, eu queria dizer para vocês: eu aprendi a fazer política neste país na adversidade. Eu não aprendi a fazer política com ninguém “puxando o saco”, não. Eu aprendi na adversidade e todo mundo sabe, todo mundo sabe que eu tenho o casco duro, todo mundo sabe. E se dependesse de bordoadas eu não estaria onde estou, porque uma parte da grã-finagem deste país não aceita que um metalúrgico seja presidente da República e muito menos, e muito menos aceita que o presidente da República, metalúrgico, seja aceito mais do que eles. Aí é mortal, porque eles passaram a vida inteira dizendo que eram eles que sabiam governar, que eram eles que sabiam gerenciar, que eram eles...

E veja que engraçado, Sérgio, eu, ainda falta um ano de mandato, e já vou passar para a história do Brasil como o presidente que mais fez universidades e que mais fez escolas técnicas. Justo eu e o José Alencar, que somos também o único presidente e o único vice que não têm diploma universitário. Não é uma coisa do destino, não é uma coisa do destino? E quando eu falo assim, quando eu falo assim, eu não falo incentivando as pessoas a não terem diploma universitário, porque eu tenho inveja de não ter um diploma universitário. Eu queria ser economista, porque economista quando está na oposição é um bicho que sabe de tudo. Eu nunca vi ninguém saber tanto de número como economista. Eu queria ser, mas não pude ser. Então, eu... Já estou terminando o mandato, também não preciso mais aprender agora a ser economista.

Mas eu quero que vocês, jovens, estudem. E nós estamos fazendo mais universidades, mais escolas técnicas, dobramos [triplicamos] o orçamento da Educação de R\$ 20 bilhões para R\$ 60 bilhões, porque eu quero, eu quero que os filhos dos brasileiros tenham o que eu não tive, estudem mais, possam ter mais profissão e possam viver muito melhor.

Mas, olhe, para mim, é uma alegria extraordinária estar aqui com os patronos das coisas esportivas que vão acontecer aqui na Rocinha. O Zico, o



Zico, se tivesse me conhecido mais novo, teria aprendido a jogar um pouco mais. Mas, de qualquer forma, de qualquer forma, o que ele aprendeu deu para o “feijão com arroz”. Ou seja, deu para ele se virar. O Luiz Lima, que eu conheci ali na natação, ensinando ameninada a nadar. A companheira Adriana e a companheira Shelda, que são patronas [patronesses] do vôlei de praia. O companheiro Alexandre Ribeiro, patrono do atletismo. O companheiro Flávio Canto, patrono do jud . E a Daniela Genovesi, patrona [patronesse] do ciclismo.

Ora, eu disse para o Sérgio Cabral: a partir de agora, Sérgio, em todo bairro que eu for, no Rio de Janeiro, eu vou desafiar a molecada: Você gosta de brigar? Você gosta de esmurrar o seu parceiro? Você   encenqueiro?  . Então, seu, filho da mãe, saia da rua e entre aqui para treinar jud , boxe, qualquer coisa, para você aprender de forma sadia a competir e, quem sabe, em 2016, essameninada toda que está aqui vai estar disputando uma Olimpíada. Imagine que coisa extraordinária. Quem sabe, Zico, a molecada que você vai ver treinando aqui possa conquistar uma medalha olímpica no futebol, que o Brasil ainda não conseguiu, apesar do Zico, apesar do Sócrates, apesar do Falcão, apesar do Pel , apesar do Garrincha, apesar do Ronald o, do Ronaldinho, do Rom rio, do Bebeto, o Brasil não tem uma medalha olímpica no futebol, e ela vai conquistar [ser conquistada] com alguém da Rocinha, aqui, marcando um gol que os outros não conseguiram marcar.

É isso que me d  prazer, é saber, Sérgio... e pode ter certeza que tem gente que não está gostando do que está vendo. Esse negócio do Rio de Janeiro eleger um governador que vai gastar dinheiro do imposto com pobre “não está certo, não está certo.” Ou seja, isso não é compreendido. Se fosse compreendido, a Rocinha não era assim, estava melhor. Não teria a quantidade de favelas e pessoas morando em situa es de risco no Rio de Janeiro. S  é assim porque durante muito tempo os governantes deste estado achavam que pobre só era gente em época de elei o. Depois da elei o o



pobre não valia mais nada.

Eu sei, eu sei, Sérgio, que você trazer uma UPA da qualidade da que você trouxe aqui para a Rocinha, trazer um Centro Esportivo como este para cá, trazer, inclusive, um centro para tratar de problemas mentais, problemas com drogas, sem ser uma prisão, sem ser uma prisão, vai ser um centro humanizado de tratamento de problemas mentais, “é coisa para rico, é coisa para rico”. Trazer para os pobres, tem gente que não gosta. E eu quero te dar os parabéns, companheiro, porque o que você está fazendo aqui é dizer para esta gente: “No meu governo não tem diferença por origem social, seja pobre ou seja rico. Todos têm que ter o mesmo tratamento”. Nós queremos... Não queremos tirar um milímetro de benefício que o rico tem, mas queremos que o pobre suba um degrau da escada, dois degraus, e possa viver condignamente.

É por isso, companheiro Sérgio, que eu estou orgulhoso, orgulhoso de ver porque estou acompanhando o que você está fazendo no Rio de Janeiro. Eu estou acompanhando um prefeito que em vez de trabalhar ficava em um blog, falando mal da gente. Ficava em um blog. Nós mandamos as ambulâncias do Samu para cá, ficaram mais de um ano as ambulâncias paradas e não foram utilizadas para esse povo.

Nós não queremos mais gente assim. É preciso que a gente comece a ver as pessoas que pensam como a gente, que têm alma. Porque não basta governar com a cabeça, é preciso colocar o coração para a gente poder governar e atender à maioria do povo brasileiro.

Eu saio daqui com a certeza absoluta de que a Rocinha, se em algum momento da história do Rio de Janeiro foi motivo de vergonha, eu saio daqui com a convicção de que a Rocinha hoje é motivo de orgulho para o Governador, para o Prefeito, para o Presidente da República (falha no áudio) o povo brasileiro.

Nós ainda não fizemos tudo. Falta muito para fazer, falta muito. O problema é que os pobres foram abandonados ao longo de séculos. Então nós,



agora, estamos recuperando. Eu estava vendo aqui em cima, eu estava vendo aqui esse menino que está aqui no (incompreensível), vocês percebem que ele tem uma deficiência no lábio, ele tem uma deficiência no lábio. Eu estava aqui. A primeira coisa que eu fiz foi perguntar para o Temporão: Temporão, não tem jeito de arrumar a boca desse menino? Não é possível fazer uma plástica? É possível? “É”. Então, gente, vamos pegar e dar a esse moleque o direito de ser visto normalmente, como todos nós. Se pode ser feita uma plástica, por que a gente não faz, para cuidar desse menino?

Eu, inclusive, quero agradecer a quem trouxe esse menino aqui, porque normalmente as pessoas costumam ter vergonha e não trazer [trazem]. E é o fato de você trazer que pode permitir à gente assumir o compromisso de fazer o tratamento. Então, ao pai dele, parabéns... É o tio. Parabéns por ter trazido esse menino. E agora, Temporão, você e o secretário da Saúde vão ter que ir atrás e assumir o compromisso para tratar, porque é um tratamento que não deve ser caro. Se fosse uma pessoa rica, já estava com a boca boa. Como é pobre, não está. Então, nós poderemos cuidar disso.

No mais, no mais, eu queria, companheiro Sérgio, eu queria... eu não poderia ir embora sem dizer uma coisa: Olhe, governar o Rio de Janeiro com um companheiro como este aqui é fácil a gente governar, porque o Sérgio, depois de muitos anos, é o único governador do Rio de Janeiro que pensa carioca, que age carioca e que fala como se fosse um carioca, tendo alma de carioca. É por isso que as coisas estão funcionando, é por isso que aqui, no ano passado, ou melhor, em 2007, lá no lugar que está a UPA eu anunciei que a Dilma era a “mãe do PAC”, porque foi dada a ela a responsabilidade de organizar o PAC. E o sucesso que nós temos hoje é graças à lealdade, ao companheirismo desse companheiro, ao trabalho afinado da Dilma com o Pezão, que é um gigante. O Pezão é quieto mas, na verdade, trabalha por mim e trabalha pelo Sérgio Cabral. E mais o prefeito Eduardo Paes, que é o mais novo, tem apenas um ano de mandato, mas já está dando demonstração de



que vai mudar a cara do Rio de Janeiro para melhor. E a gente não muda a cara do Rio de Janeiro apenas deixando a Avenida Copacabana bonita, que precisa ficar bonita. É preciso deixar Ipanema bonita, Copacabana bonita, tudo bonito. Mas os bairros pobres também têm que estar bonitos e têm que atender à comunidade.

Um grande abraço, que Deus abençoe cada um de vocês. Que Deus abençoe o Sérgio, Eduardo Paes, companheira Dilma e Pezão.

E até a próxima, porque nós vamos continuar visitando o Rio de Janeiro, mesmo que alguns não gostem.

Até outro dia, gente.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da usina termelétrica Euzébio Rocha**

Cubatão-SP, 10 de março de 2010

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Márcio Zimmermann, secretário executivo do Ministério de Minas e Energia, que está aqui representando o ministro Lobão,

Meu companheiro Carlos Gabas, secretário-executivo do Ministério da Previdência Social,

Deputado federal José Mentor,

Nossa querida companheira Márcia Rosa de Mendonça Silva, prefeita de Cubatão,

Nossa querida companheira Maria Antonieta de Brito, prefeita do Guarujá,

Nossa querida companheira Milena Xisto Bargieri, prefeita de Peruíbe,

Nosso querido companheiro Tércio Augusto Garcia Júnior, prefeito de São Vicente,

Nosso querido companheiro José Mauro Dedemo Orlandini, prefeito de Bertioga,

Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora da área de Gás e Energia da Petrobras,

Nosso querido companheiro José Carlos Luz, gerente da usina termelétrica Euzébio Rocha,

E nossa companheira Elissandra Souza Nascimento e Sérgio Luiz da Silva, por meio de quem cumprimento todos os trabalhadores da Petrobras, aqui presentes.

Companheiros e companheiras,



Eu não sei se vocês estão com o calor que eu estou. Se vocês estão com o calor que eu estou, eu recomendo ao senhor que vai falar que fale pouco, porque ninguém aguenta, a não ser que a Graça queira utilizar o nosso suor para produzir um pouco de energia na termelétrica Euzébio Rocha. Eu não sei, até, se vocês beberam água, mas eu estou aqui sem aguentar o calor. Acho que a Petrobras está em uma fase de contenção, Graça, e acho que o ar que deveria estar saindo por esses buracos aí, alguém deve estar levando ele antes de entrar aqui dentro, porque... deve estar utilizando na caldeira para produzir energia, e não trouxeram o ar para cá. De qualquer forma, como a gente não vem todo dia a Cubatão e como a gente não inaugura uma termelétrica todo dia, eu penso que merece sofreremos um pouco o calor. Seria melhor se estivéssemos na beira da praia a esta hora, uma cervejinha gelada, com a ponta dos pés batendo dentro da água, mas isso não é possível. Só daqui a algum tempo.

Eu queria, companheiros e companheiras, dizer para vocês que nós estamos vivendo um momento quase de estado de graça no nosso país. Para os mais jovens que estão aqui, eu queria dizer para vocês que eu fui presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC até 1980, quando fomos cassados, em abril de [19]80, por conta de uma greve que durou 41 dias. E desde aquela época, de 1980 até 2003, o nosso querido país passou por uma crise sem precedentes. Foram mais de 20 anos em que nós estávamos subordinados à tutela do Fundo Monetário Internacional, onde o Brasil foi submetido a uma política de ajuste fiscal muito forte, e as empresas brasileiras, como a própria Petrobras, pararam de fazer investimento e nós entramos na era em que os governantes negavam o Estado e diziam que a única solução era privatizar todas as empresas brasileiras, porque assim o Brasil teria mais competência. E vários setores foram privatizados: telecomunicações, energia elétrica, setor siderúrgico. Tentaram privatizar o Banco do Brasil, tentaram mudar, até, o



nome da Petrobras, quebraram o monopólio da Petrobras. Ferrovia não foi nem privatizada. Ferrovia foi dada a determinados grupos empresariais, que não fizeram os investimentos necessários. E os trabalhadores passaram mais de 20 anos sem encontrar empregos para trabalhar. Mesmo quem tivesse profissão teria muita dificuldade de arrumar emprego neste país.

Eu lembro, Dilma, que em 1990 eu tirei dez dias de férias e fui a Angra dos Reis visitar o meu companheiro Luiz Sérgio, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, que era prefeito de Angra dos Reis. E eu lembro que o estaleiro lá no Rio de Janeiro... lá em Angra tinha 6 mil trabalhadores, e em [19]90, quando eu fui visitar, ele tinha apenas 2 mil trabalhadores. E no ano de 2000, toda a indústria naval do Rio de Janeiro tinha apenas 1.200 trabalhadores. A gente encontrava os metalúrgicos vendendo água de coco na praia. A gente encontrava os metalúrgicos, com profissão, vendendo cerveja num isopor, na praia, vendendo caipirosca na praia, porque não existia mais, em nenhuma fábrica deste país, uma placa sequer dizendo “Precisa-se de um engenheiro, de um ferramenteiro, de um torneiro, de um soldador, de um mandrilador”.

E ainda, Dilma, naquele tempo, era proibido mulher trabalhar em solda. A solda era considerada uma profissão insalubre, e o homem que trabalhava na solda se aposentava com 25 anos de serviço. Mulher não podia nem passar perto de uma máquina de solda. E hoje eu vejo Vossa Excelência receber uma placa de uma mulher que é soldadora. E aqui tem muitas soldadoras, numa demonstração de que para as mulheres não basta apenas ser a maioria numérica deste país. As mulheres querem ocupar mais espaço, as mulheres querem participar da política. As mulheres já não querem mais ser tratadas como objeto de segundo grau, não querem mais ser tratadas como objeto de cama e mesa. A mulher quer ser cidadã na sua plenitude, ela quer pensar, ela quer deliberar e ela quer executar. E eu acho que o fato de as soldadoras estarem aqui hoje, numa grande maioria, trabalhando na construção desta refinaria, é uma coisa extremamente importante.



Mas eu estava falando do desemprego. Foram mais de 20 anos em que a gente não via, em lugar nenhum deste país, uma placa precisando de alguma profissão. E a gente passou a encontrar pelo país inteiro homens e mulheres que, mesmo se formando, não conseguiam mercado de trabalho. O que é mais grave, companheira Graça, é que o País deixou de formar engenheiros, e aqueles que se formavam engenheiros iriam trabalhar no mercado financeiro, ser analistas econômicos, e não construtores de fábricas ou de prédios. Só para vocês terem ideia, em 1989 o Brasil tinha 48 mil escritórios de consultoria de Engenharia. Quando nós chegamos ao governo, só tínhamos 8 mil, e agora voltamos a ter 48 mil, porque não é possível um país ir para a frente se ele não formar milhões de engenheiros, porque a Engenharia é que dá a cara do desenvolvimento e do progresso de um país.

Quando eu disse que nós estamos vivendo um momento de ouro e um momento importante, é porque todos nós aprendemos que uma nação não é considerada nação pela quantidade de habitantes que tem o seu povo; ela não é considerada nação apenas pela quantidade de quilômetros quadrados que ela tem. Ela é considerada uma nação quando o seu povo sente orgulho das cores da sua bandeira, quando o povo se sente recompensado pela atuação dos governantes, e quando os governantes trabalham para que o povo conquiste a cidadania plena: ter o direito de estudar, de morar, de comer três vezes ao dia, de ter acesso à cultura, ao lazer, de ter liberdade plena. Aí as pessoas percebem que nós estamos construindo uma nação.

E o Brasil demorou muito, mesmo depois de conquistar a Independência, de [a] ser uma nação, porque sempre estávamos subordinados a alguém, sempre tinha alguém para dar um palpite naquilo que a gente deveria fazer. Primeiro foram os portugueses; depois dos portugueses, os ingleses; depois dos ingleses, os americanos; depois dos americanos, toda uma lógica econômica mundial, que tinha um tal de FMI que vinha aqui todo santo mês dizer o que a gente tinha que fazer, e os nossos ministros da



Economia baixando a cabeça para o Fundo Monetário Internacional. A nossa querida Petrobras não tinha mais sequer capacidade de investimento, não tinha, porque a lógica perversa era levar a Petrobras à falência para poder justificar a venda da Petrobras, alegando que a gente não era autossuficiente em petróleo.

Aliás, é importante lembrar que quando foi criada a Petrobras, em 1953... é só pegar os editoriais dos jornais da época, que diziam que o Brasil não tinha que se meter a criar a Petrobras, não tinha que se meter a procurar petróleo, que a gente deveria continuar comprando petróleo de quem a gente sempre comprou. Eu lembro que quando foram discutir as férias de 15 dias para trabalhadores neste país, sabe qual era o argumento dos deputados que representavam o setor empresarial na Constituinte de 1946, Dilma? Era de que as férias iriam levar o trabalhador ao ócio, e o trabalhador ficando 15 dias em casa, ele iria começar a beber, iria ficar violento, então era preciso não ter férias. Era esse o argumento utilizado para este país não construir a cidadania do seu povo.

Hoje nós estamos percebendo que as coisas começam a mudar. Primeiro, enquanto o mundo desenvolvido está em crise, o nosso país está crescendo. Enquanto a Europa e os Estados Unidos tiveram mais de 7 milhões [de desempregados], cada um, na crise econômica, o ano passado, que foi o pior ano deste país, no meu governo nós criamos 950 mil novos empregos de carteira profissional assinada. E só este ano, no mês de janeiro – somente no mês de janeiro, que é o mês mais difícil –, nós criamos 181 mil novos empregos com carteira profissional assinada. Eu vou repetir essas coisas porque nós estamos em um ano de campanha, e nós estamos percebendo que tem gente inaugurando até maquete, e nós queremos mostrar como é que as coisas acontecem neste país.

Eu, quando comecei a minha vida política, eu dizia que o político mentiroso, ele fala assim: “Eu mato a cobra e mostro o pau”. Ora, o fato de



você mostrar o pau não significa que você matou a cobra. Então, nós adotávamos o discurso de que um político verdadeiro, ele mata a cobra e mostra a cobra morta. Agora, como nós somos politicamente e ambientalmente corretos, nós não vamos matar cobra nenhuma. Nós vamos deixar a bichinha viver o tempo inteiro e não encher o saco dela, que ela não vai picar ninguém. Deixa ela viver no habitat dela e nós no nosso, que o mundo precisa dos dois.

Pois bem, eu, então, acho que o Brasil está vivendo esse momento. A Petrobras descobre o pré-sal. O pré-sal, até agora, pelo que nós sabemos, somente no Poço de Tupi nós já temos uma quantidade de petróleo, em reserva, igual à quantidade que a gente tinha antes, ou seja, nós tínhamos 14 bilhões de litros de reserva, nós dobramos essa com apenas Tupi, fora todo o pré-sal que ainda está para ser descoberto. Portanto, há a perspectiva de o Brasil ter descoberto uma grande jazida de petróleo, que pode colocar o Brasil entre os principais produtores de petróleo do mundo. Agora, nós não queremos, não queremos vender óleo cru, como é vendido por alguns países. Nós queremos colocar valor agregado, para que a gente possa ter mais dinheiro para resolver o problema da educação, da ciência e tecnologia e da pobreza no nosso país. Esse dinheiro do petróleo não pode ser para enriquecer algumas empresas. Esse petróleo é para dar ao povo brasileiro aquilo que o Brasil deveria ter dado há muito tempo, mas os governantes não se importaram de cuidar do povo com muito carinho.

É por isso que a companheira Dilma Rousseff e o ministro Lobão chefiaram, dentro do governo, a equipe que elaborou o novo marco regulatório do petróleo para que o Congresso Nacional vote e o Estado brasileiro possa ser dono do seu petróleo. Hoje como é que funciona? Hoje nós vendemos um bloco em alto-mar. A empresa que compra o bloco, ela paga uma parcela para o governo, e aí o petróleo que ela encontrar é dela. Agora, não. Agora não vai ser mais assim. Ela vai ter... o petróleo é nosso lá embaixo e é nosso aqui em cima. A empresa vai ter uma cota, a ser discutida por nós, do petróleo que ela



encontrar. O restante é nosso, e nós estamos criando uma empresa pequena, enxuta para administrar essa riqueza do petróleo. Já foi aprovada no Congresso a criação de um fundo, para que a gente possa utilizar esse fundo para resolver os graves problemas e a dívida educacional que nós temos com o nosso povo, os investimentos em mais tecnologia, porque este país não quer ser mais exportador só de ferro ou de soja ou de suco de laranja. Este país quer ser exportador de conhecimento, de inteligência, daí porque muito investimento na educação com o dinheiro do petróleo que nós encontramos e que está para começar a ser tirado.

Nós estamos tirando um pouquinho, mas o grosso desse petróleo vai sair lá para 2016, 2017. São mais de 500 navios e plataformas e sondas que a gente vai criar. Quem trabalha aqui sabe que a indústria naval brasileira estava quebrada, hoje a indústria naval brasileira está recuperada; que os estaleiros estavam falidos, e hoje os estaleiros estão reconstruídos e sendo feitos muitos estaleiros novos.

E quando a gente vem aqui inaugurar uma termelétrica, o que a gente está dizendo para o mundo? Pode vir fazer investimento no Brasil, que vai ter energia suficiente, que não vai ter mais apagão, como tivemos em 2001. Não vai ter, porque em 2001 o apagão foi porque a gente tinha água sobrando lá no Sul do País, mas não tinha linha de transmissão para trazer para o Sudeste. Agora nós fizemos uma interconexão de linhas por todo o Brasil: quando tiver chuva demais aqui, a gente manda para o Nordeste; quando tiver muito no Nordeste, a gente traz para cá, e nunca mais a gente vai ter apagão neste país, a não ser que caia uma torre, que caia um negócio qualquer, que aí, com as intempéries, a gente não brinca. Aí é a zanga de Deus, e com a zanga de Deus a gente abaixa a cabeça e faz as coisas certas para não errar outra vez.

E, para terminar, eu queria dizer para vocês que nós só estamos chegando no dia de hoje porque em alguns momentos nós tivemos coragem. Vocês não pensem que foi fácil a gente romper com o FMI. Hoje, graças a



Deus, nós não devemos nada ao FMI e eles nos devem US\$ 14 bilhões. Hoje... E este país tem mais US\$ 241 bilhões em reservas. É por isso que nós não sofremos muito com a crise econômica, é por isso que este ano nós vamos gerar mais de 2 milhões de empregos, é por isso que nós vamos fazer mais três refinarias, e fazia 20 anos que a Petrobras não fazia uma única refinaria neste país. E é por isso que a indústria automobilística está produzindo mais carros e vendendo mais carros, porque o povo pobre está subindo um degrauzinho da escada pouco a pouco, o povo pobre está entrando na universidade pelo ProUni, o povo pobre está entrando nas universidades que nós estamos criando: é universidade em Santos, em São Bernardo, em Santo André, em Osasco, em Guarulhos. Agora, vamos fazer em Mauá e vamos continuar fazendo, vamos continuar fazendo em várias cidades, porque não é só a de Santos. Nós temos que lembrar de Cubatão, de São Vicente, de Peruíbe.

Acontece que está uma coisa boa, agora, acontecendo no Brasil. Quando eu ando pelo País, os prefeitos já não se encontram mais comigo para pedir dinheirinho para uma coisa, não. Os prefeitos estão pedindo escolas técnicas e universidades, numa demonstração de que daqui a quatro, seis ou oito anos a gente vai ter um Brasil muito melhor.

Eu vou terminar dizendo uma coisa, companheiro Mentor, para você ver. Eu sou agradecido à Câmara dos Deputados, porque eu e o José Alencar somos os únicos presidente e vice-presidente que não têm diploma universitário. É uma coincidência. Eu não falo isso com orgulho porque eu gostaria de ter. Mas, de qualquer forma, nós já passamos para a história como o governo que mais fez universidades no Brasil e como o governo que mais fez escolas técnicas no Brasil. Em oito anos, nós fizemos uma vez e meia o que eles fizeram num século. Em oito anos! E achamos que é pouco, é pouco. A companheira Dilma que se prepare, porque é preciso fazer muito mais. Se eu fiz 214, tem que fazer 300, 400, porque nós temos uma dívida secular com a



educação brasileira.

E quando eu venho à Petrobras, venho a Cubatão ver um empreendimento como este, que pouco tempo atrás a gente não se sentia em condições de fazer... Faz três anos que nós fizemos uma reunião no meu gabinete, do Conselho Nacional de Política Energética, porque não tinha gás. O dilema era o gás. Hoje a gente ainda não tem tudo o que a gente quer, mas a gente já tem muito mais do que a gente tinha e, se Deus quiser, a gente vai caminhar para a autossuficiência, também na questão do gás, porque aí, sim, o Brasil estará definindo a questão da sua soberania.

E por último, companheiros e companheiras, eu queria tocar em um assunto que vocês estão acompanhando pela imprensa, que é a disputa comercial entre Brasil e Estados Unidos da América do Norte. Eu vejo a imprensa com manchetes “retaliação daqui, retaliação dali; O Brasil vai brigar com os Estados Unidos ou não vai brigar”, então eu vou contar para vocês o que é. Nós temos uma instituição chamada OMC, mais conhecida como Organização Mundial do Comércio, que tem por obrigação regular o comércio mundial. Quando a OMC toma decisão, a decisão vale para todos os governos e para todos os países. E há sete anos o Brasil tem brigado, na OMC, para que os Estados Unidos tirem o subsídio do algodão para os seus produtores, ou seja, os Estados Unidos estão pagando para os seus produtores produzirem algodão, e isso significa dificultar a possibilidade de os países mais pobres do mundo, que só têm o algodão como cultura, exportar o algodão para competir com o produtor americano. E nós estamos brigando. Os países prejudicados, Dilma, são, sobretudo, os países africanos, os países pequenos, que se os americanos continuam dando subsídio para os seus produtores, os pequenos produtores africanos não têm onde vender o seu algodão.

Pois bem, o Brasil ganhou. A OMC deu ganho de causa para o Brasil. Então, teoricamente, os Estados Unidos teriam que parar de dar subsídio aos produtores de algodão, mas eles não pararam. Então, a decisão da OMC, ela



permite ao Brasil criar dificuldades para determinados produtos americanos aqui no Brasil. Então, o que nós estamos fazendo não é uma política de retaliação. O que nós estamos fazendo é dizer aos Estados Unidos: não importa o tamanho de cada um de nós, não importa a riqueza de cada um de nós. Todos nós somos países soberanos e todos nós somos tratados em igualdade de condições, e nós queremos ser respeitados e queremos que a OMC seja respeitada.

E eu queria, aqui, dentro de uma termelétrica em Cubatão... Não sei se o companheiro Obama vai ouvir o que eu vou dizer, mas “Obama, os Estados Unidos são muito ricos. Os Estados Unidos podem fazer o que quiserem na economia, mas o que não é justo, companheiro, é que se os Estados Unidos tivessem, junto com o Brasil, feito o acordo na Rodada de Doha de 2008, se tivessem assinado conosco a proposta, nós não estaríamos agora brigando e o povo africano estaria vendendo o seu algodão na Europa e nos Estados Unidos”.

Então, eu queria pedir ao companheiro Obama que colocasse as suas pessoas para negociar rapidamente. O Brasil não tem nenhum interesse em nenhuma confrontação com os Estados Unidos. Mas o Brasil tem interesse que os Estados Unidos respeitem as decisões da OMC, tanto quanto o Brasil respeitará quando a OMC decidir contra nós. Ou nós obedecemos as instituições multilaterais, ou o mundo vai ficar desgovernado, o mundo vai virar, eu diria, uma bagunça, e nós não queremos que o mundo vire uma bagunça. E quem precisa que os americanos diminuam o subsídio do algodão não é o produtor brasileiro, porque nós temos competência, terra, sol, água e tecnologia para competir com americano, com chinês, com alemão, com francês. Quem não tem são os pobres dos países africanos, que ainda não receberam a tecnologia dos países ricos. Esse é um apelo, é um apelo que eu faço daqui de Cubatão aos ouvidos dos produtores de algodão do mundo inteiro: acho que está na hora de a gente dar chance para que um pequeno



produtor africano coloque o seu produto no mercado mais rico do mundo, que são os Estados Unidos e a União Europeia. E aí o comércio vai ficar mais justo, o mundo vai ficar melhor, e a gente vai ter menos guerra e muito mais paz.

Portanto, meus companheiros, é essa a retaliação que a gente está fazendo. Nós apenas estamos dizendo para os americanos: cumpram com as suas obrigações, que nós cumpriremos com as nossas.

Um abraço, boa sorte e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da 2ª Conferência Nacional de Cultura**

Teatro Nacional - Brasília-DF, 11 de março de 2010

Olha, o pessoal que estava com uma faixa, com uns cartazes, aí, “PEC 150”, se esqueceram de uma coisa: poderiam ter levantado a faixa quando a Dilma estava falando. É importante atentar para o momento de levantar a faixa. Isso também é cultura.

Bem, eu quero cumprimentar minha companheira Marisa,

Nossa querida companheira, ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff,

O ministro Juca Ferreira,

O ministro Patrus Ananias,

O nosso companheiro, ministro interino da Ciência e Tecnologia, nosso companheiro Luís Antônio Rodrigues Elias,

O nosso querido homem “olímpico”, aqui, o nosso companheiro Orlando Silva, que teve um papel extraordinário na conquista da Olimpíada em Copenhague, no ano passado,

Nosso querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Nosso companheiro Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Companheiro Paulo Vannuchi, Direitos Humanos,

Senador Augusto Botelho, que estou vendo ali sentado – vocês também deveriam mostrar a PEC para quem é deputado e senador,

Deputado Evandro Milhomen,

Companheiro Magela,

E companheiro Zezéu Ribeiro, que estou vendo aqui na minha frente,



que tem uma música de campanha horrível na Bahia: “Zezé, eu vou votar em você”. A música dele é só isso. Mas já está com cinco mandatos nas costas.

Quero cumprimentar a nossa querida Silvana Meireles, coordenadora da 2ª Conferência Nacional de Cultura,

A nossa querida companheira Anita Pires, presidente do Fórum de Dirigentes de estados [Estaduais] de Cultura,

Quero cumprimentar a nossa companheira Jandira Feghali, presidente do Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes de Cultura das regiões metropolitanas,

Meu querido Gog, representante dos membros do Conselho Nacional de Política de Cultura [Cultural],

Nossa querida Zezé Motta e Murilo Grossi, por meio de quem cumprimento todos os companheiros e todas as companheiras presentes e adjacentes aqui. Pegue o meu discurso aqui.

Eu, a esta hora da noite, a esta hora da noite, quando eu vou falar, eu fico preocupado porque a Marisa fica me controlando, e ela acha que quando eu falo demais não é prudente. Ela fica... A minha... a maior censura que eu recebo é ela controlando o meu tempo. Eu tinha um moleque que quando ele tinha sete anos de idade, eu estava em Mauá fazendo um discurso, daqueles eloquentes – sabe quando a gente é incipiente na política, muito novinho, acredita em tudo? –, e o discurso era uma verdadeira apoteose revolucionária. Eu tinha um moleque de sete anos, que subiu na escada do palanque e falou: “Ô pai, o senhor não quer parar de encher o saco?” E eu não parei, continuei falando.

Eu queria dizer para vocês o seguinte. Nós... nós, não. Eu estou muito agradecido. “Eu também te amo.” Eu estou muito agradecido pela presença... Ô Dilminha, isto aqui não é tudo conferencista, não; são delegados. Isto aqui são... Conferencista, deve ter meia dúzia aqui na frente. O resto é tudo



delegado, tudo delegado. Delegados e delegadas. Eu quero, do fundo do coração, agradecer a presença de vocês aqui. Sessenta por cento das pessoas aqui, companheiro Juca – você sabe disso –, companheira Dilma, são companheiros que vêm de cidades do interior deste país, que nunca tiveram a chance de participar de uma conferência para discutir a política cultural do País, e muito menos de estarem diante do Presidente da República e de tantos ministros.

Parece pouco, mas se a gente for olhar a quantidade de degraus que nós já subimos nessa nossa trajetória de conquista de liberdade, vocês vão perceber que nós caminhamos para caramba. E caminhamos sem preocupações de agradar a quem quer que seja, de ofender a quem quer que seja, mas de [para] construir uma relação entre o Estado e a sociedade em que a gente possa consagrar, definitivamente, a democracia no nosso país. Há muito tempo, eu dizia: democracia não é apenas o direito de a gente gritar que está com fome. Democracia é, sobretudo, o direito de comer. Democracia não é apenas a gente reclamar; é a gente ter direito às coisas.

E eu lembro que, muitas vezes, a gente joga a responsabilidade da falta de democracia apenas num governante quando, na verdade, tem uma estrutura maior do que os governantes, que emperra o exercício da democracia. O quanto que este menino, Juca de Oliveira... Juca Ferreira e o Gilberto Gil apanharam porque resolveram pegar um “tiquinho” do dinheiro da Cultura deste país e levar para o Norte, para o Nordeste e para o Centro-Oeste brasileiro. Como eles foram massacrados, porque as pessoas entendiam que todo o dinheiro da Cultura deveria ficar onde sempre esteve, que nós entendíamos que onde sempre esteve se produz muita cultura. Mas é importante que onde sempre esteve o dinheiro saiba que tem outros lugares do Brasil que produzem tanto ou mais cultura do que eles, embora não seja mostrada ao Brasil.

Eu, esses dias, estava vendo que tem um filme chamado... que



ganhou... que não ganhou o Oscar, mas que ganhou uma quantidade de dinheiro extraordinária. Foi o filme que mais bilheteria teve; custou US\$ 400 milhões para fazer, o Avatar. Quatrocentos milhões de dólares! Vocês imaginem que os artistas, nas reuniões, devem comer caviar, champanhe da melhor qualidade. O coitado do Barreto, para fazer o filme, aí, “Lula, o filho do Brasil”, teve que colocar, no começo do filme, quase pedindo desculpas: “Pelo amor de Deus, não teve empresa pública que deu dinheiro, foi essa daqui que deu...”. Porque a pressão era de tamanha ordem, que a gente tinha que ficar se explicando antes de fazer. E isso, o Brasil é assim, o Brasil é assim.

Eu lembro quanta curiosidade desperta o ministro Franklin Martins quando resolveu diminuir o gasto com publicidade nas TVs, pagando apenas a mídia técnica, ou seja, “você vai ganhar pelo que você vale e não pelo que você pensa que vale”. As pessoas não acreditam e as pessoas não acham normal.

Aliás, neste país, eles não estavam acostumados a ter um presidente da República que não precisa almoçar com eles, jantar com eles e tomar café com eles para governar este país. É por isso que esta aqui, com esta aqui nós já fizemos 67 conferências nacionais, 67 conferências nacionais, e muitas delas muito polêmicas. As pessoas estabelecem as polêmicas achando que este que vos fala tem medo de polêmica. Eu sou o resultado da polêmica. Eu só cheguei à Presidência da República porque eu sou isso.

Pois bem, mais recentemente nós fizemos a Conferência de Comunicação, e resolvemos trazer empresários, todos, televisão, rádio, telefonia, tudo que é gente da área de Comunicação, todo mundo nós convidamos. Um grupo de empresários não quis comparecer, outro grupo compareceu, e foi um debate extraordinário. As pessoas perceberam que ninguém, mesmo com pensamentos e visões diferentes, saiu arranhado porque participou da Conferência. Mas as pessoas também perceberam que não é ser radical ou xiita, ou querer que o Estado seja mais forte do que qualquer outra



coisa ou qualquer outro momento, a gente querer discutir política de Comunicação para este país, porque a revolução que a Comunicação está tendo a cada santo dia não pode continuar com uma lei que data de 1962. Tem que ser atualizada para os momentos que vivemos.

A Dilma falou de banda larga. Vocês não sabem como é difícil, companheiros e companheiras. Há seis anos, nós descobrimos que este país tinha uma empresa chamada Eletronet, que era uma empresa que tinha sido privatizada quando privatizaram o sistema elétrico brasileiro, e que aquela empresa canadense, a AES, tinha quebrado e, portanto, a Eletronet tinha que voltar para o governo. Eu achei que era fácil, era do governo, a empresa quebrou, tem fibras óticas para tudo quanto é lado, vamos fazer... levar internet para este povo, porque senão a internet vira uma coisa de bacana, e nós queríamos que o povo tivesse acesso, até para o povo também virar bacana, fazer um país onde todo mundo fosse bacana. Se o cara não pode pegar um avião e viajar, viaja na internet, viaja e vai ganhando o mundo.

Meus filhos, nós demoramos cinco anos na Justiça para ganhar o direito de ter essa empresa de volta. E quando tivemos, começaram a dizer: “Ah, porque o Estado quer se meter, porque o Estado quer mandar, porque o Estado quer estatizar”. E aí começaram a dizer, as privadas: “Nós fazemos, nós fazemos, nós fazemos”. Eu dizia para os companheiros no governo: eles podem fazer, acho que devem fazer, mas só vão fazer na hora em que eles perceberem que o Estado está preparado para fazer, e se eles não fizerem o Estado fará, porque se o Estado não estiver preparado, eles não farão. Ninguém quer levar internet banda larga para o rio Solimões, para o rio Tocantins, lá para a periferia de Osasco (incompreensível). As pessoas querem levar internet onde tem público. É como o telefone fixo, é como o Luz para Todos. É melhor fazer ligações na Avenida Copacabana, mesmo que tenha alguns “gatos”, mesmo que tenha alguns “gatos”, do que fazer lá no sertão de Pernambuco, lá nos cafundós da Bahia, lá no... na Paraíba, porque as pessoas



só pensam no lucro.

E como Deus escreve certo por linhas tortas, aconteceu uma crise internacional, que era o que faltava para que os meus opositores dissessem: “Acabou a sorte do Lula. Agora, agora, – como diria o nordestino – ele vai se ferrar, porque com essa crise não tem sorte”. E nós provamos para eles que, para lidar com a crise, nós não queríamos sorte. Nós tínhamos acumulado competência e tínhamos acumulado compromissos neste país.

Bem, então, o País está andando e vocês estão percebendo... prestem atenção, gente. Se vocês são como eu, que não gostam muito de ler notícia ruim, comecem a prestar atenção no noticiário, porque política e eleição também são cultura, sobretudo o resultado, sobretudo o resultado. Então, prestem muita atenção daqui para a frente, fiquem atentos, leiam editoriais de jornais, que a gente pensa que só o dono lê. De vez em quando é bom ler para a gente ver o comportamento de alguns falsos democratas, que dizem que são democratas, mas que agem querendo que o editorial deles fosse a única voz pensante no mundo. Se não querem acreditar em mim, peguem alguns editoriais de 1953, quando se pensou em criar a Petrobras, o que eles falavam: “Que o Brasil não precisava fazer prospecção de petróleo. Aqui não tinha petróleo. O Brasil tinha que se enxergar”. Porque o Brasil, ele foi criado com mania de pequenez. A gente esteve sempre muito subordinado, subordinado, aquela coisa de... sabe, de segunda classe?

Quando eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, uma vez nós colocamos um carpete amarelo na minha sala, está lembrada, Marisa? Um carpetão, daquele bem grosso, bem rústico. Mas o peão, quando trabalha na fábrica, que ele trabalha com o sapato, o sapato dele enche de cavaco aqui. Cavaco é uma coisa de ferro que sai das máquinas e gruda. E gruda mesmo. Aquilo sai quente, ele pisa em cima e gruda. E quando ele vai andando, se ele pisa num lugar limpo, vai ficando o rastro de óleo. Então, um dia um cara chegou na minha sala e foi tirar o sapato para entrar na minha sala. Eu falei: o



que é isso, companheiro? E aí, ele falou: “Ô Lula, é que eu vou sujar de graxa”. Eu falei: mas foi você que pagou isto aqui, meu filho. Você não é sócio do Sindicato? Entra. Aí, quem sabe, a gente troca e coloca um melhor. Porque, também, se não tiver uma rápida manutenção, a economia não gira. Pois bem...

Vocês, ao participarem das conferências municipais, das conferências estaduais. Vocês viram que eu estou ficando com o jeitinho do Antônio Nóbrega, aqui? Daqui a pouco eu começo... (incompreensível). Falta... Bem, vocês, que participaram dessas conferências, vocês, possivelmente não tenham dimensão da contribuição inestimável – gostaram do “inestimável”? Eu, quando ganhei as eleições, eu falava “menas laranja”. Agora estou falando “inestimável”. A evolução é visível! Bem, então... Possivelmente, possivelmente, vocês não tenham dimensão da contribuição que vocês estão dando ao país ao saírem das suas cidades, muitas vezes, da tranquilidade da casa de vocês, assistindo esses filmes extraordinários, desses enlatados, dessas TVs a cabo, que às vezes o mesmo filme passa 80 vezes por dia! Eu não entendo uma palavra em inglês, mas já decorei (incompreensível), já aprendi aquela tal de leitura labial, porque eu já vi... é impressionante! Lelé, tem filme que passa 90 [vezes], você já não aguenta mais, os artistas já viram íntimos da gente! Eu ligo a televisão e o cara fala: “Oi, Lula!” A Marisa já acha que são parentes dela os artistas que passam lá, porque...Então...

Quando a gente defende o fortalecimento da cultura brasileira, a gente mexe com interesses de pessoas que não estavam acostumadas a ver o posso sonhar, como disseram aqui, antes de mim. É muito difícil, gente, aguentar um povo que sonha, um povo que quer reivindicar, um povo que conhece os seus direitos, é difícil! Ah, como é bom a gente... se a gente governasse um país onde ninguém pudesse falar nada, ninguém! Mas nem bater palma e nem vaiar, era silêncio! Eu acho... pois é, tem gente que gosta que é assim, tem gente que gosta porque, veja, nós temos um meio de comunicação em que a



gente, a gente tem acesso à cultura passiva, a gente não ajuda a criar. O que nós queremos é que a sociedade ajude a criar as coisas neste país, porque será mais bonito, porque será mais rico! Eu fico imaginando, companheiras e companheiros, uma pessoa que mora em Tarauacá, no Acre. Tem alguém do Acre aqui? Tarauacá, no Acre; ou Maués, no Amazonas; ou na minha Caetés, na Grande Pernambuco. Vocês sabem, vocês sabem que Pernambuco está tão chique, que em Caruaru teve um terremotozinho! Vocês viram nos jornais. Não é mole, Pernambuco!

Então, vocês imaginem, vocês imaginem se a gente tivesse os meios de comunicação com produção local. Imaginem, imaginem se as pessoas que se apresentaram aqui pudessem se apresentar às três horas da tarde em um programa de televisão no Maranhão, no Amazonas, em Pernambuco, no Piauí, no Acre, em Rondônia, no Amapá, no Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em São Paulo, no Rio de Janeiro. Imaginem se as pessoas, em vez de ficarem vendo aqueles filmes da década de 40, estivessem assistindo a um programa feito ali na sua região, com os seus artistas, com debate local, discutindo as coisas locais, como este país seria mais rico! E aí, a televisão nacional iria chamar essas pessoas de outros estados para se apresentarem. O Pará! Meu filho, imagine se a televisão mostrasse a dança do carimbo. Imagine! As pessoas não sabem, as pessoas não sabem. Imaginem, imaginem se o frevo fosse uma coisa que o brasileiro conhecesse mais fortemente! Eu, eu... O Ceará, meu filho! Imaginem, com a quantidade de artistas cearenses contando piadas da desgraça do Presidente, como seria bom!

Bom, então, o que nós sonhamos e o que nós queremos é isso: é tentar, ao mesmo tempo em que a gente quer alargar a possibilidade de participação da sociedade numa comunicação globalizada, internacionalizada, a gente quer regionalizar para que a gente possa também despertar a cultura local, regional. Seria extraordinário isso.

Então, ô Dilma, se você veio aqui conferir se está tudo “nos conformes”,



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

eu vim aqui dizer para vocês que o importante é o principal, o resto é secundário.

Parabéns! Um grande abraço e boa Conferência.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(S211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do complexo da central de atendimento da
empresa Dedic GPTI**

Londrina-PR, 12 de março de 2010

Bem, meus amigos e amigas,
Companheiros e companheiras,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil
da Presidência da República,
Meu querido companheiro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento,
Orçamento e Gestão,
Nosso querido companheiro senador da República Osmar Dias,
Companheiros deputados federais Alex Canziani, André Vargas, Ratinho
Junior, Odílio Balbinotti e Wilson Picler,
Meu caro companheiro... Olha o nome dele: Carlos Roberto Massa,
nosso querido Ratinho. O Ratinho...
Meu caro Homero Barbosa, prefeito de Londrina, por meio de quem
cumprimento os demais prefeitos da região,
Senhor Shakhaf Wine, presidente da Portugal Telecom do Brasil,
Senhor Fábio Pereira, vice-presidente do Conselho da Dedic GPTI e do
Grupo Portugal Telecom,
Meu caro Paulo Neto Leite, presidente da Dedic GPTI e do Grupo
Portugal Telecom,
Meu caro Roberto Luiz Bachmann, superintendente da Caixa Econômica
Federal,
Meu caro João Henrique Schmidt, diretor de Políticas Regionais do
Sindicato dos Telefônicos do Paraná,
Nossa querida companheira Sirlena Fratoni Ronchi, representante dos



trabalhadores da empresa.

Ô, Sirlena, eu vou dedicar um pouco as minhas breves palavras, aqui, a você. Primeiro, porque eu acho que o Brasil precisa, sempre que possível, ouvir os bons exemplos de coisas que acontecem no nosso país.

Alguém poderia perguntar para mim: “Por que o Presidente da República sai de Brasília e vem a Londrina inaugurar um *call center*? Será que o Presidente não tem coisa mais importante para fazer lá em Brasília?” Certamente não. Porque não tem nada mais importante para um presidente da República saber e fazer do que olhar na cara de homens e mulheres deste país, moças e jovens e ver a alegria das pessoas que estão vencendo na vida. Não tem nada mais extraordinário. E a sua história, a história do seu marido, a dedicação, as tentativas, as dificuldades, os quase fracassos e a vitória são coisas que precisam ser contadas todo santo dia.

No Brasil, e acho que no mundo, nós temos uma cultura um pouco complicada porque, normalmente, alguns setores dos meios de comunicação no Brasil costumam divulgar desgraças o dia inteiro. Ora, não é que não tenha que divulgar, se elas existem, precisam ser contadas. Agora, o que eu acho, às vezes, triste é que milhões de coisas boas que acontecem não aparecem em lugar nenhum.

Esses dias, um diretor de uma grande empresa de comunicação, Ratinho, me disse o seguinte: “Inauguração de obra não é novidade, não é notícia”, da mesma forma que gerar mil empregos não é notícia. Mas se uma jovem, aqui em Londrina, tivesse cometido um delito, seria notícia nacional. Como se isso fosse uma coisa que envolvesse a maioria das pessoas.

As pessoas más são minorias. A maioria dos brasileiros e das brasileiras são homens e mulheres adultos, mulheres e homens que querem estudar, que querem trabalhar, que querem ter acesso à cultura, que querem viver



dignamente, que querem constituir e construir sua família. Mas, às vezes, às vezes a gente vê tanta coisa ruim, que dá a impressão de que é tudo ruim.

Então, eu venho aqui por isso, para mostrar o outro lado da moeda, para mostrar o lado do Brasil que funciona, o lado do Brasil que desperta, em uma multinacional como a Portugal Telecom, o prazer de fazer investimento em um país como o Brasil e em uma cidade extraordinária como Londrina.

Londrina não é uma cidade qualquer. Certamente, ela pode ter ficado empobrecida por momentos de dificuldade econômica do País – porque, afinal de contas, passamos vinte anos sem crescer –, mas Londrina é uma cidade vigorosa, é uma cidade extremamente importante. Qualquer cidadão do Planeta que passar perto de Londrina sabe que é uma cidade extraordinária. E mais: o representante da Portugal Telecom já disse que foi aqui que eles conseguiram encontrar uma mão de obra altamente qualificada e um pessoal altamente motivado.

Uma coisa, meus queridos companheiros, que as empresas multinacionais têm descoberto no Brasil – e eu já ouvi isso de dezenas de presidentes de grandes empresas multinacionais no Brasil: eles já chegaram à conclusão de que não existe lugar nenhum do mundo de um povo que tenha a versatilidade, a criatividade e a facilidade de aprender que tem o povo brasileiro. Isso é dito pelos principais executivos da indústria automobilística brasileira, em todos os estados da federação. Isso é dito por grandes empresas de alta tecnologia, de que no Brasil, em um curso com menos horas, os trabalhadores brasileiros e as trabalhadoras aprendem a executar um serviço que, muitas vezes, em outros países se demora muito.

Possivelmente, a nossa versatilidade, o nosso molejo para aprender as coisas se deve ao surgimento do povo brasileiro. Essa mistura de europeu, índio e africano é que permitiu que a gente tivesse um pouco mais de cintura do que a maioria dos outros habitantes do planeta que moram em lugares frios, seis meses por ano totalmente no escuro, sabe? Um frio desgramado, o sol



não aparece. Tem lugar que tem sol à meia noite. Não sei se vocês já foram na Europa, mas tem lugar que seis meses por ano é cinza. É como se você levantasse todo dia e tivesse pronto para chover, além do frio. Aqui no Brasil nós não temos esse problema. Por isso que a nossa cara é mais alegre, por isso que nós somos mais animados, e por isso que nós temos mais facilidade de aprender.

Então, minha querida companheira Sirlena, o teu depoimento aqui é o depoimento de que este país, o que faltou, durante muito tempo, foi oportunidade, foi compreender que não existe ninguém burro, de que não existe ninguém incompetente. O que o ser humano precisa é apenas que alguém lhe estenda a mão e diga: “Vamos subir os degraus da escada que a vida lhe oferece”.

Veja a história desse matuto aqui. Esse matuto aqui, ele, um dia, me contou uma história que a mulher dele fazia aniversário e ele foi na padaria comprar um pedaço de bolo e não tinha dinheiro para pagar. E ele foi pedir para que os caras vendessem fiado para ele pagar no dia seguinte, afinal de contas era o dia do aniversário da mulher dele. O cara não vendeu, ele foi lá, se armou, pegou o bolo e levou para dar para a mulher. Obviamente que hoje não precisamos mais fazer isso. Hoje, a Caixa Econômica dá crédito, o Banco do Brasil, para você comprar o seu pedaço de bolo. Mas eu fico, eu fico entusiasmado como é que um homem como esse consegue vencer na vida, consegue subir. E muita gente fala: “Teve sorte, teve sorte, o Ratinho teve sorte”. Na verdade, não é apenas sorte. Todos nós precisamos de sorte. É que tem gente que não fica deitado uma hora a mais, esperando ver se a sorte bate na porta da sua casa. Tem gente que fica esperando, e nunca tem sorte. E tem gente que levanta duas horas antes e sai para a rua à procura da sorte, à procura das oportunidades. É isso que faz as coisas acontecerem.

Vamos ver o meu caso, vamos ver o meu caso. Estava pensando na sociologia brasileira – os cientistas políticos aqui, os grandes estudiosos –



estava pensado nas ciências, na sociologia brasileira; um pernambucano de Caetés, sem diploma universitário, com um único diploma de torneiro mecânico, chegar à Presidência da República? Criar um partido político? Criar uma Central? Não estava escrito. Isso só aconteceu, gente, porque um dia eu tive a oportunidade de aprender uma profissão, por essa profissão eu tive a oportunidade de entrar em uma grande fábrica. Por ter entrado em uma grande fábrica eu fui convidado para ir para o sindicato. E foi no sindicato que a minha cabeça política se abriu e eu então comecei a perceber que nós precisaríamos criar instrumentos institucionais e políticos que pudessem fazer valer a vontade da maioria do povo brasileiro.

Isso me permitiu fazer com que, em apenas 20 anos, a gente criasse um partido político e chegasse à Presidência da República. Porque o Brasil já elegeu advogados, professores, fazendeiros, mas nunca tinha sido eleito alguém que conhecesse o mundo da fábrica, alguém que tivesse amassado barro na periferia deste país, alguém que tivesse acordado meia-noite com enchente batendo nas suas portas. Ou seja, o acúmulo do aprendizado que eu tive me garantiu, chegando à Presidência da República, começar a olhar para um lado que até então não era olhado. Porque essa parte da sociedade não tinha nem direito, Sirlena, de ir a Brasília fazer protesto. Quem vai fazer protesto em Brasília são as categorias organizadas, são as categorias organizadas. São policiais, são juízes, são... uma parte da elite das pessoas neste país. O povão, mesmo, não tem condições. Como é que pode, uma moça dessa sair daqui e ir para Brasília fazer um protesto? Ela vai perder três dias, quando ela voltar, está mandada embora do emprego. Ela não vai. Agora, tem um tipo de gente que vai, que vai, vive em Brasília fazendo protesto, vive em Brasília fazendo protesto. Mas a maioria do povo não vai.

Então, é para essa gente que eu resolvi dedicar parte do nosso governo. Eu sei que a gente tem que governar para todos, eu não faço discriminação com ninguém. Aliás, os empresários sabem que poucas vezes ganharam tanto



dinheiro como ganham no meu governo. As empresas multinacionais, que antes tinham medo de vir para o Brasil, sabem que hoje este país é um país mais seguro do que muitos países ricos do mundo, sabem disso. E essa conquista não é minha. Essa conquista é um pouco de cada um de vocês, embora vocês não saibam, porque vocês tiveram paciência no momento em que a gente estava construindo essa oportunidade para o nosso Brasil.

Ora, quando nós – e é importante contar para os empresários aqui – quando nós decidimos criar um programa chamado Bolsa Família... O que é o Bolsa Família? O Bolsa Família é a gente garantir às pessoas que não tem condições de comer as proteínas e as calorias diárias necessárias à sobrevivência humana o direito das pessoas comerem o mínimo possível. Nós sofremos uma verdadeira guerra de pessoas dizendo que nós estávamos dando esmola, que o Bolsa Família era um jeito de a gente fazer com que o povo brasileiro virasse vagabundo, não quisesse mais trabalhar... Vocês acompanharam isso, a quantidade de preconceito.

Quando foi um dia, eu vi na televisão uma mulher dizendo: “Antes do Bolsa Família...” “Eu tenho duas netas” – ela dizia – “Antes do Bolsa Família, eu comprava um lápis e cortava no meio, para dar metade do lápis para cada neta minha estudar. Hoje, eu posso comprar uma caixa de lápis para cada uma das minhas netas”. Eu achei: só isso, já valia a pena ter criado o Programa. Mas aí eu comecei a receber crítica: “O Bolsa Família não está sendo utilizado para comida, estão comprando lápis, estão comprando chinelo, tem gente colocando dentadura com o dinheiro do Bolsa Família”. E eu começava a pensar: quanta gente má que tem neste país! Gente que joga fora comida que daria para sustentar 50 famílias do Bolsa Família. E essas pessoas estão incomodadas que a gente pegue um pedacinho de dinheiro do orçamento e a gente transfira para as pessoas que não tiveram oportunidade. Ninguém recebe o Bolsa Família por orgulho. Vocês sabem disso. A coisa que dá orgulho para a gente é a gente receber o nosso ganha-pão do nosso trabalho.



Ninguém quer viver de favor, ninguém. Mas, enquanto a gente não conseguir consertar, nós temos que fazer.

Eu não sei se vocês aqui de Londrina têm consciência de que neste país tinha mais de 13 milhões de brasileiros que não tinham energia elétrica, que viviam à base do candeeiro. Não era um candeeiro moderno, era uma lata de refrigerante que eu não posso falar a marca aqui, com um pavio cheio de querosene, onde as crianças não conseguiam sequer enxergar a página do caderno para escrever. E nós tivemos que fazer um investimento de R\$ 14 bilhões, R\$ 14 bilhões para fazer com que a energia chegasse no mais longínquo lugar deste país. Porque nós entendíamos que uma pessoa que mora no meio do mato, criando a sua família, tem o mesmo direito de ter um bico de luz que tem o prefeito de Londrina, que tem o presidente da República, que tem o empresário mais rico deste país. Afinal de contas, nós temos que garantir às pessoas o direito à cidadania. E outro dia, também, nós vimos na televisão uma mulher dizendo: “Eu nunca tinha visto o meu filho dormindo à noite, porque não conseguia enxergá-lo”.

Quando você acende a luz, você transforma, você consegue fazer a pessoa sair do século XVIII e chegar no século XXI em um passe de magia. E só fizemos isso porque o Estado brasileiro teve a coragem de assumir o pagamento. Porque, muitas vezes, as empresas privadas não podem fazer porque é deficitário, não dá lucro, e apenas o Estado é capaz de fazer isso.

Essas coisas mudaram a cara do Brasil. É por isso que as últimas pesquisas demonstram que o Norte e o Nordeste do País, a classe D e E, a classe mais pobre, é a classe que mais consumiu nos últimos meses, porque o pobre teve acesso a shopping, a supermercado, as pessoas começaram a comer aquilo que até então era distante deles. E isso é extraordinário para a classe média, isso é extraordinário para o rico, porque quanto mais o brasileiro puder comprar, puder consumir, mais dinheiro vai circular, mais comércio vai ter, mais as empresas vão produzir, mais emprego e mais salário para todo



mundo. É isso que nós queremos.

Então, quando eu vejo vocês tão jovens, aqui, trabalhando, eu fico imaginando: outro tempo atrás nós passamos 25 anos sem a economia brasileira crescer. E muitos jovens, que a gente vê, hoje, na televisão, meninos de 25 anos ou 30 anos sendo presos, bandidos, é resultado de políticas econômicas irresponsáveis que não permitiram que este país crescesse. E enquanto os governantes que fizeram a política estão soltos, a meninada inocente, que é vítima, está presa, está condenada, porque não tiveram oportunidades. Um país que não gera emprego, um país que não investe na educação, um país que não dá oportunidade, vai esperar o que da sua juventude?

Então, o meu orgulho de vir aqui, Sirlena, é saber que vocês estão tendo a oportunidade que alguns irmãos de vocês não tiveram há 15 ou há 20 anos atrás, porque nós tivemos uma geração e meia que praticamente ficou sem poder trabalhar. E o que me dá orgulho, Ratinho, o que me dá orgulho é que, embora eu seja o Presidente da República, é o primeiro da história do Brasil que não tem diploma universitário e não faço apologia disso, não, porque eu quero que todo mundo estude, que tenha mais de um curso, até porque é isso que vai fazer este país crescer e se transformar em uma grande nação. Mas veja, por coincidência, é exatamente o único que não teve diploma universitário que passa para a história como o presidente que mais investiu em universidade neste país e mais investiu em escolas técnicas profissionais. São 14 universidades novas, são 105 extensões universitárias. Em 100 anos a elite brasileira fez 140 escolas técnicas, em oito anos nós vamos fazer mais 214 escolas técnicas. Porque eu sei o que significa uma profissão para uma menina e para um menino, eu sei o que é alguém sair de casa para procurar emprego sem profissão, e alguém sair com uma profissão. Eu sei o que significa um salário no final do mês. Mas, sobretudo, eu sei o significado da conquista de um emprego com um salário bom pelas mulheres.



Eu digo sempre: um homem, quando ele tem uma profissão, ele é mais cidadão, ele pode assumir compromisso, ele pode programar a sua vida, ele pode programar comprar a sua casa, o seu apartamento, ele pode programar quando é que vai ter filhos, ele pode programar vários passos da sua vida. Quando ele não tem profissão, ele está sempre no mundo da incerteza. Primeiro, porque sabe que sempre vai ganhar menos; segundo, porque sabe que não vai ter nunca estabilidade no emprego; terceiro, porque ele não pode programar, porque ele não sabe o dia de amanhã.

E, para uma mulher, é duplamente importante estudar. Se a mulher for esperta, como a Dilma disse que é, e como eu sei que vocês são, vocês nunca deveriam parar de estudar. Porque a mulher, além da questão do salário, além de ganhar igual ao homem... Porque, também, nós nivelamos tudo por baixo: “Ah, mulher tem que ganhar igual ao homem”. Se ela for mais competente, ela tem que ganhar mais. Se ela não for, ela vai ganhar menos. Ela tem que ganhar pela competência, por isso que tem que estudar muito.

E, além de ganhar o salário, de ter sua vida própria, Ratinho, a mulher tem uma coisa sagrada, que é a independência. Muitas mulheres no Brasil vivem com os seus maridos lhe perturbando porque ele leva a comida para dentro de casa. E uma mulher não pode viver com um homem a troco de um prato de feijão, ela tem que viver porque ela gosta dele. E ela tem que ter um emprego e um salário – se possível, melhor que o dele –, para que, quando ele falar grosso, ela falar: “Ó, aqui não. Aqui não, Lulinha, baixa a voz aí, baixa a voz!”

Esse mundo está para ser criado neste país. Vocês são testemunhas da evolução do Brasil. Vocês são testemunhas da respeitabilidade que o Brasil conquistou no mundo. Vocês são testemunhas de que, quando a gente fala que este país vai ser a quinta economia, em 2016. Vocês são muito jovens, vamos esperar. E este país vai realizar a Copa do Mundo em 2014, este país vai fazer as Olimpíadas em 2016. Olimpíada era um evento esportivo apenas



para ser feito nos países ricos. Nós fomos lá, para trazer para o Brasil, para provar que o Brasil tem competência. E, certamente, vai gerar muito emprego, vai gerar muito mais meninas e meninos profissionais competentes, bem formados. Porque o Brasil não quer ser exportador de soja, de álcool ou de cana, ou de minério de ferro, nós queremos exportar isso também, mas nós queremos é exportar inteligência, conhecimento, e isso a gente aprende na escola, isso a gente aprende estudando muito.

E, portanto, a minha gratidão e o meu reconhecimento com os companheiros que resolveram fazer esse complexo aqui, da Dedic. O meu reconhecimento porque isso aqui poderia ter sido feito no centro de Londrina, seria mais cômodo. E os parceiros que ajudaram a construir resolveram investir na periferia de Londrina. Porque essa gente que está aqui, morando na periferia, são iguais a nós, têm a mesma alma, o mesmo coração e a mesma vontade. Se a gente deixá-los sempre sendo tratados como pessoas de segunda classe, o resultado a gente sabe qual é: são os filhos na cadeia, são crianças na droga. Na hora em que a gente aponta para eles a perspectiva de uma chance, de uma oportunidade, como a que eu tive, como a que vocês estão tendo, essas pessoas renascem novamente, começam a acreditar no País, começam a acreditar na cidade, começam a acreditar no poder público, e essas pessoas começam, então, a transformar este país.

Portanto, meus companheiros da Brasil [Portugal] Telecom, meu reconhecimento pelo investimento que vocês estão fazendo neste país. E continuem a acreditar no Brasil, porque a perspectiva de você ganhar dinheiro no Brasil é muito maior do que ganhar em Portugal ou em qualquer outro país europeu. É muito maior. Vocês, vocês já sabem disso, portanto, agora, não podem jogar mais pequeno, vocês precisam, agora, trabalharem para serem grandes e cada vez maiores, porque o crescimento deste país e a nossa ambição de crescimento não tem limite.

Nós cansamos, cansamos de passar um século sendo tratados como se



fossemos país de segunda categoria. Nós éramos tratados como se fossemos alguém inferior. E nós resolvemos virar o jogo. Já não é mais o FMI que vem aqui dar palpite porque a gente deve, nós agora é que emprestamos dinheiro para eles. Eles, agora, é que devem para nós. Porque essa gente é boa de coração, mas essa gente tem orgulho. E essa gente respeita, porque quer ser respeitada. E antigamente o Brasil não se respeitava.

Por isso eu quero dizer da minha alegria, meninas e meninos da Dedic. Ver o sorriso de vocês, ver o prefeito dizer do programa Minha Casa, Minha Vida, aqui em Londrina... Se preparem, porque antes a gente fazia 200 mil casas, aprendemos a fazer um milhão e daqui para frente vai ser mais. Se preparem. Você tem construtora? Pode se preparar para construir casa pequena, casa para o povo, porque nós aprendemos a resolver os problemas deste país.

Então eu quero ser grato a cada um de vocês, porque se não fosse a compreensão de vocês, certamente tudo seria mais difícil. E eu acho, que este país não pode abdicar do século XXI se transformar no século do Brasil. O século XIX foi da Europa, o século XX foi dos Estados Unidos e o século XXI tem que ser do Brasil, da China, da Índia e dos países pobre.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à fábrica de placa-mãe e à linha de montagem de computadores da Positivo Informática

Curitiba-PR, 12 de março de 2010

Olhem, primeiro, minhas queridas e queridos trabalhadores e trabalhadoras, companheiras e companheiros, eu, eu sinceramente estou alegre, emocionado e motivado.

Eu queria, primeiro, cumprimentar os companheiros que estão aqui, o Pessuti, que está representando o Governador,

O nosso companheiro, senador Osmar Dias, que está aqui. Não sei se o nosso companheiro, o outro senador, está por aqui. Não está. Não, o Osmar eu já falei. O Flávio Arns não está aqui.

Os nossos queridos deputados,

O nosso querido prefeito,

Os nossos queridos ministros,

Os deputados federais,

Mas, sobretudo, cumprimentar dois brasileiros... na verdade, três brasileiros. Dois, o Oriovisto Guimarães, presidente do Grupo Positivo Informática; o Hélio Rotenberg, presidente da Positivo Informática e a companheira Susi Darley Ribeiro, diretora do Sindicato dos Empregados de Empresas de Processamento de Dados do Estado do Paraná.

E cumprimentar nossas queridas e queridos companheiros da Positivo.

Olhem, meu caro Oriovisto e meu caro Hélio, eu estou boquiaberto. Eu conheço muitas fábricas, já fiz assembléias em muitas fábricas, mas eu penso que é a primeira fábrica que eu visito que tem uma média de idade, eu diria, talvez, no máximo até 25 anos de idade. Bem mais jovem do que a média de



idade do time do Corinthians, bem mais jovem, bem mais jovem. Talvez... o atleta tem que ser novo e forte fisicamente. Vocês são muito jovens. E qual é o meu alento? Qual é a coisa que me deixa feliz?... e aqui eu queria... eu não vou falar, eu não vou falar, companheiro Orosivo, companheiro Hélio, das políticas do governo. Eu não vou falar porque também seria redundância ficar dizendo aqui: nós fizemos isso, fizemos isso, fizemos aquilo, sabe? O resultado está aqui.

Primeiro, dois empresários que não tinham nada a ver com produção de computadores. Um era um simples professor de Madureza e cursinho, foi professor até de outro aqui. Companheiro da Dilma na infância, na adolescência e na juventude. Companheiro de militância política. Resolveram, um belo dia, fazer computador para atender as demandas das suas escolas. É engraçado isso, não é? Porque na vida das pessoas muitas vezes as coisas acontecem sem que a gente tivesse programado acontecer. E, possivelmente, eles começaram a fazer isso no momento que já estava perto de eu ganhar as eleições para Presidente da República.

Vejam o destino. Em 2003 nós chegamos à Presidência. Nós começamos a discutir a possibilidade de facilitar que um computador pudesse chegar à casa das pessoas mais humildes deste país. E foi uma loucura, uma loucura, porque, entre a gente ter a ideia de criar um computador para todos e depois a gente ter a ideia de fazer com que a prestação desse computador coubesse no orçamento das pessoas que ganhavam menos, no Brasil. Nós levamos, Dilma, mais de um ano e meio discutindo. É inacreditável o tempo que a gente perde discutindo o óbvio. Porque só tinha um jeito de você fazer o computador chegar na mão das pessoas mais humildes: era você tornar o preço desse computador acessível às pessoas.

E, no governo, eu dizia para os companheiros da área econômica o seguinte: a parte mais pobre da população, muitas vezes, ela não tem nenhuma preocupação com o preço final do produto. A maior preocupação é



saber se a parcela mensal que a gente vai pagar cabe dentro do orçamento da gente. Basta a gente poder ter uma parcela mensal que não atrapalhe a comida da gente, que não atrapalhe as outras coisas que a gente faz, o orçamento natural de uma pessoa, a gente vai poder comprar um computador. Mas, mesmo assim, nós demoramos um ano e meio para chegar à conclusão de que era possível. E aí chamamos lojas para conversar, chamamos as Casas Bahia, chamamos o BNDES, chamamos os bancos privados e públicos. Era um inferno, sabe por que, Hélio? Porque ninguém queria financiar nada. Era um inferno, porque as pessoas não acreditavam que... “Ah, nós vamos financiar, as pessoas não pagam, vão dar o cano”. E a gente dizia: “Gente, a parte mais pobre da população não dá cano, porque a única coisa que a gente tem de valor é a honra da gente e o nome da gente. Então, a gente não costuma “dar cano”. Mas isso não era uma coisa fácil, isso era briga. E quando chegava no mundo acadêmico era mais difícil ainda.

Até que nós fizemos uma combinação, colocamos uma linha no BNDES. As Casas Bahia e outras lojas se dispuseram a vender, e nós começamos, então, a fazer o computador chegar na casa dos mais humildes. Ou seja, no fundo, no fundo... Vocês viram o Hélio dizendo, era uma empresa pequena, só tinha 500 trabalhadores, produziu, em 2004, acho que 21 mil computadores, merreca, coisinha pouca.

E aí, o que aconteceu? Eu posso dizer para vocês que embora a Positivo exista há 20 anos, ela foi criada bem antes de eu chegar no governo, foi criada pensando em ser uma fábrica auxiliar das escolas deles. Foi exatamente durante o período do nosso governo que a Positivo se transformou na maior fabricante de computador do nosso querido país. Ganhando, inclusive, de empresas multinacionais. E eu não tenho dúvida nenhuma que vai crescer muito mais. Porque o povo mais humilde tem... tem algumas paixões na vida da gente. Quando eu tinha a idade de vocês, a paixão nossa era ter um carro. Um fuscão. A minha geração sonhava com um fuscão 1600, estão



lembradas? Tinha que ter dois, fazer barulho, era... já viram a música Fuscão Preto? Todos nós queríamos ter um fuscão preto. Hoje, também, tem outros sonhos nossos. Toda moça sonha em casar com um cara bonito, trabalhador, bem de vida, sério e respeitador de família. Todo homem sonha em casar com uma mulher bonita do mesmo jeito. Todo mundo sonha ter uma casa. Mas hoje, todo mundo quer ter um computador. Aliás, o computador, Dilma, está ficando uma coisa tão perigosa, Gleice, que eu acho que as mulheres levantam de manhã, antes de falar bom dia para o marido, pegam o computador e vão limpar ele e sentar na mesa para começar a ver notícias. Alias, tem mulher que está levando o computador para a cama. Para conversar com o computador. O marido fica falando, falando e a mulher fala: “não atrapalha, eu estou aqui viajando”.

Então, o computador, ele virou hoje quase que uma necessidade. É quase como o oxigênio que a gente respira no mundo do trabalho. Uma prefeitura não funciona mais sem computador, o governo não funciona sem computador, ou seja, nada hoje funciona sem computador. E eu vi a Positivo, fui lá ver as amostras dos computadores que eles estão produzindo, são de qualidade que não tem que ter preocupação de enfrentar nenhuma empresa americana, japonesa, chinesa, alemã, norueguesa, holandesa. Porque o brasileiro, do ponto de vista da criatividade, e do ponto de vista da competência não deve nada a ninguém. E o que me deixa feliz? É saber que vocês estão aqui, muitas e muitos estão com o seu primeiro emprego. E eu queria fazer um apelo de um homem que tem cinco filhos: é que vocês, por favor, não parem de estudar.

O mundo, o mundo moderno, neste século XXI, ele vai precisar de muito mais inteligência do que o século passado, do que o outro século. Ou seja, o que vai fazer uma nação ficar rica é a capacidade educacional do seu povo, é a formação profissional do seu povo, é investimento em ciência e tecnologia. É por isso que quando nós mandamos para o Congresso Nacional a nova Lei do



Petróleo, para explorar o pré-sal que a Petrobras encontrou, nós colocamos lá que, [de] uma parte do dinheiro do pré-sal, vai ser criado um fundo para investir em educação, e ciência e tecnologia. Ou seja, nós, o Brasil precisa ser um exportador de conhecimento, de inteligência. E o nosso povo, na hora que tem oportunidade, está provado que nós somos invencíveis, eu diria quase que imbatíveis, se a gente tiver oportunidade.

E eu vejo aqui, companheiros Oriovisto e Hélio, que vocês estão em uma fábrica onde essa menina tem que ter oportunidade. Ou seja, era preciso que a gente criasse uma política de incentivo, o governo federal está disposto a participar junto com vocês, para que essas meninas e esses meninos não deixem de estudar. Porque o Brasil, você sabe que o Brasil passou muitos anos sem formar engenheiros, e os poucos engenheiros que eram formados, de 80 para cá, iam trabalhar no mercado financeiro, não iam trabalhar em engenharia. Nós chegamos a ter, em 1989, 48 consultores... 48 mil escritórios de consultoria em engenharia. Em 2002, a gente só tinha oito mil. Significa que a gente tinha parado de formar engenheiros no País. E um país nunca será grande e desenvolvido se a gente não tiver muita gente formada em engenharia.

Eu acho que vocês precisam ter isso em mente: o futuro de vocês não está apenas no fato de vocês terem esse emprego aqui. Esse emprego é o alicerce que vocês precisam para subir mais um degrau na vida, para estudarem e serem um pouco mais do que vocês são, para que vocês garantam para os filhos de vocês algo muito melhor do que aquilo que vocês receberam dos seus pais. É assim que a humanidade caminha, e é assim que a Positivo caminha, e é assim que este país caminha.

Eu queria, Hélio, dizer a você e ao Oriovisto: um abraço muito carinhoso. Vocês são vencedores. Eu fico feliz toda vez que encontro com alguém que é vencedor, alguém que acreditou. Porque este país teve um tempo que tinha reserva de mercado na área da informática, só tinha uma empresa que cuidava



disso, e essa empresa não cuidou, porque, como não tinha competitividade, ela não cuidou. Precisou entrar dois baixinhos dispostos a fazer acontecer e, hoje, o Brasil pode se transformar no terceiro maior produtor de computador. E estejam preparados, porque a banda larga vai sair, ela vai sair. Nós... ou as empresas privadas fazem parceria com o governo e a gente faz o que tem que fazer, ou o governo estará preparado para fazer, se as empresas não quiserem fazer. Mas nós vamos levar banda larga onde for necessário levar, porque nós achamos que todos os brasileiros têm que ter igualdade de oportunidade.

Um grande abraço aos diretores e aos trabalhadores da Positivo. Que Deus abençoe todos vocês.

Agora, quero dizer que vocês fizeram a primeira greve que eu não gostei, hoje. Porque eu, eu vim aqui, sabem qual era o trato de eu vir aqui? Eu queria ver a linha de produção funcionando, porque eu queria ver como é que faz o primeiro computador, como é que entra a primeira peça e quando é que o “bichinho” sai pronto. Qual não foi a minha surpresa que eu entrei ali e estava todo mundo parado, não produziram o computador que eu queria ver.

Mas, de qualquer forma, eu volto outra vez, é uma razão para eu voltar outra vez e ver vocês produzirem o computador. Um abraço, que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de conclusão da primeira etapa das obras de ampliação e modernização da Refinaria Getúlio Vargas (Repar) e inauguração da Unidade de Propeno

Araucária-PR, 12 de março de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Paraná,

Meus queridos companheiros e companheiras da Petrobras,

Meu caro companheiro Roberto Requião, governador do estado do Paraná,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu caro companheiro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão,

Meu caro companheiro Orlando Pessuti, vice-governador do estado do Paraná,

Meu caro companheiro Márcio Zimmermann, secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia,

Meus caros companheiros senadores Flávio Arns e Osmar Dias,

Meus caros companheiros deputados federais André Zacharow, André Vargas, Angelo Vanhoni, Dr. Rosinha, Marcelo Almeida, Rodrigo Rocha Loures, Takayama e Wilson Picler,

Meu caro Albanor José Ferreira, prefeito de Araucária, em nome de quem cumprimento todos os prefeitos da região, aqui presentes,

Meu caro Rui Sérgio Alves de Souza, presidente da Câmara Municipal de Araucária,

Meu caro companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Demais companheiros diretores da Petrobras, aqui presentes,



Meu caro Jorge Samek, presidente da Itaipu Binacional,

Meu caro Rodrigo Loures, presidente da Federação das Indústrias do Paraná,

Meu caro companheiro Roney Anderson Barbosa, representante dos trabalhadores da Repar,

Meu caro companheiro Silvanei Bernardes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Petroleiros do Paraná e Santa Catarina [Sindicato dos Petroleiros do Paraná e Santa Catarina],

Meus companheiros e minhas companheiras,

Meu caro companheiro Domingos Oliveira Davide, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção de Estradas e Pavimentação,

Meu caro Antonio Lemos do Prado, presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Montagem Industrial,

Meus companheiros,

Minhas companheiras,

Companheiros da imprensa,

A nominata está, realmente, muito grande. Mas, eu tenho um discurso refinado... Estou olhando na cara de vocês e estou percebendo que alguns, como eu, já estão com fome e que é importante falar pouco, porém, falar o necessário aqui para os nossos companheiros.

Olha, eu queria, primeiro, dizer para vocês que eu estava no ônibus, e um companheiro da Petrobras, designado pela direção da Petrobras, com uma placa aqui “Brigadista” – deve ser um chefe aí – estava fazendo uma exposição para a gente do significado do investimento, o que representa cada coisa que está acontecendo aqui, e me dizia da entrevista coletiva que ele foi dar para a imprensa ontem e a preocupação de alguns companheiros da imprensa em saber o que o Presidente vinha fazer aqui, inaugurar uma pequena planta de propileno [propeno], porque isso aqui só vai ficar pronto totalmente em 2012.



E, de vez em quando, acontece essa pergunta. Eu até fiz uma brincadeira esses dias, que foi uma brincadeira que aconteceu um fato que eu não sabia. Eu disse que nesta época do ano tem gente inaugurando até maquete. Mas eu não sabia que o governador de São Paulo tinha ido inaugurar uma maquete, e ficou como se eu soubesse; eu não sabia. Eu falei porque isso faz parte da cultura política do País. Eu conto sempre, eu conto sempre que quando eu morava num bairro muito pobre, em São Paulo, daqueles que não tinha asfalto, não tinha meio-fio, não tinha guia, não tinha sarjeta, eu lembro que na época da eleição passavam uns caminhões distribuindo poste e aquela sarjeta, na rua. Aí, passavam as eleições, o caminho ia lá e recolhia tudo e levava embora. Era assim.

Agora, ao mesmo tempo, eu acho que é importante vocês saberem por que um presidente da República precisa viajar o Brasil e visitar as obras. Porque a gente aprende dentro de casa que quem engorda o porco são os olhos do dono. Se o Presidente da República, se um governador de estado, se o prefeito de uma cidade não colocam o pé na rua para visitar as coisas que estão acontecendo no Brasil, muitas vezes, quando eles pensam que aconteceu, não aconteceu.

E esta obra é muito importante para o Brasil, porque, primeiro, pela quantidade de empregos que esta obra está gerando agora – aproximadamente 15 mil empregos –, e pelo que vai gerar lá para o mês de junho, que pode chegar a 25 mil empregos. E eu estou aqui com muito orgulho, porque não faz muito tempo, pouco tempo atrás, eu recebo a notícia de que a Petrobras iria ter que mandar embora 27 mil trabalhadores, dos quais 11 mil que trabalhavam aqui, porque o Tribunal de Contas tinha mandado para o Congresso Nacional, para a Comissão de Orçamento, um aviso de que tinha suspeita de irregularidade na obra e que, portanto, essa obra tinha que ser suspensa. Essa, o Comperj, no Rio de Janeiro, a refinaria Abreu e Lima, lá em Pernambuco e, ao todo, iriam ser mandados embora 27 mil trabalhadores.



Eu pensei, primeiro, que eu tinha certeza que eu tinha a solidariedade dos companheiros governadores de estado, que não iam permitir que 27 mil trabalhadores fossem mandados embora. Depois, conversei com os deputados da Comissão de Orçamento, e também tinha certeza que ia ter a compreensão deles de que a gente não poderia mandar embora 27 mil trabalhadores. Se tem que fazer investigação, que faça, se tem que apurar, que apure, mas não vamos fazer com que um trabalhador, um brasileiro, que está levando pão para sua casa, fique desempregado porque alguém suspeita que alguma coisa está acontecendo. E fui convencido a vetar, no Orçamento da União, a parte que acusava a Petrobras.

Agora, veja que engraçado, Flávio Arns, você que estava no Senado, e Osmar Dias, que estava no Senado. Isso, na verdade, era para ter sido aprovado. Não foi aprovado por um descuido. Primeiro, porque um senador esqueceu de ir votar. Eu estava na região dele e lembrei que ele tinha que votar e ele foi. E o outro companheiro que ia votar, ele assinou lá, ou deu comparecimento e foi jantar e, na hora da janta, é que colocaram em votação, ou seja, não tem, não tem... Um presidente da República não pode se submeter a esse tipo de coisa se o resultado final é prejudicar alguém que não tem nada a ver com isso.

E, hoje, quando eu desci do ônibus aqui, que vi o olhar - me desculpem - dessa peãozada, como eu gosto de tratar, eu sinto orgulho, porque não tem nada, não tem nada mais sagrado na vida de um homem ou de uma mulher, [do que] ganhar, com o suor do seu sangue, o pão de cada dia da sua família.

E é isso, é isso que muita gente não quer compreender no País. É isso que muita gente, às vezes, eu tenho a impressão que torce para que as coisas não deem certo. Tem gente que até hoje ainda não está convencida de que eu deveria ser presidente da República. Tem gente que olha e fala: “Por quê? Por que esse pobre metalúrgico? Por que esse torneiro mecânico ser o Presidente? Por que a crise não arreventou o Brasil? Por que é que foi ele que foi ganhar



as Olimpíadas para o Brasil? Por que é que foi ele que mandou o FMI embora?” Tem muita gente que até hoje não se “tocou” que este país mudou, e ele mudou não apenas do ponto de vista econômico, do ponto de vista das oportunidades para a sociedade. Ele mudou, meus companheiros, porque nós aprendemos a gostar de nós. Ele mudou porque nós não queremos ser tratados como cidadãos de segunda categoria. Nós não queremos mais aquele tempo em que uma senhora ou um senhor do FMI descia no Galeão, no Rio de Janeiro, ou em Cumbica, lá em São Paulo, dizendo o que a gente tinha que fazer na nossa economia. Ele mudou porque mais gente pobre está indo para a universidade. Ele mudou porque tem mais formação profissional. Ele mudou porque, enquanto na Europa, no ano passado, se perdeu 7 milhões de postos de trabalho, enquanto nos Estados Unidos se perdeu 7 milhões de postos de trabalho, nós, no ano passado, no ano maior da crise, geramos 950 mil novos postos de trabalho neste país. E este ano, em janeiro, já geramos 181 mil novos empregos com carteira assinada.

No auge da crise, quando alguns faziam manchete dizendo que o mundo ia acabar, que o trabalhador não queria comprar, eu tive a coragem de ir para a televisão, no dia 22 de dezembro, fazer um pronunciamento, fazendo uma convocatória para o povo brasileiro consumir. E dizia, em alto e bom som: se você, trabalhador, não quer fazer dívida porque está com medo de perder o emprego, se você não comprar, você vai perder o emprego, porque a loja não vai comprar, não vai vender, a empresa não vai produzir, e aí é que a coisa vai ficar feia. Graças a Deus, foi exatamente o mercado interno brasileiro, a coragem do povo brasileiro que fez com que o Brasil fosse o país que menos sofresse a crise e que saiu primeiro dela.

Ontem saiu o resultado do PIB de 2009. Eu vi a cara de algumas pessoas, na televisão, falando do PIB. Alguns tinham até a ponta de um sorriso: “Finalmente, finalmente, nós pegamos o Lula, porque o PIB dele não cresceu.” Hoje, hoje fazem comparação até com o marechal Deodoro da



Fonseca.

E eu queria dizer uma coisa para vocês. Eu não sei como é que vocês passaram o ano passado, mas se tem um país em que o povo brasileiro não vivenciou a crise, foi este aqui, porque o consumo por família cresceu 4,1%. Significa que as mulheres e os homens deste país continuaram comprando aquilo que tinham que comprar. O que aconteceu no Brasil, e nós sabemos que aconteceu de forma brusca e de [por] medo, foi que alguns setores empresariais ficaram com muito medo e deram um “cavalo de pau” nos seus investimentos. A indústria automobilística, por exemplo, deve ter recebido orientação da matriz, e como na Alemanha e nos Estados Unidos a coisa estava muito feia, eles resolveram colocar o pé no breque a todo vapor. Ela representa 24% do produto industrial brasileiro e, por isso, nós tivemos uma queda muito brusca entre outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro.

Todo mundo se lembra quando o crédito desapareceu neste país. Nem um empresário que fosse cliente há 30 anos de um banco conseguia ter empréstimo no banco. Foi exatamente o governo que resolveu tomar a decisão de fazer o Banco do Brasil comprar mais bancos, para que ele pudesse ter mais crédito para a gente poder reativar a economia brasileira.

Eu vou contar um exemplo para vocês: o Banco Votorantim tinha uma carteira de carros usados de R\$ 90 bilhões. Esse Banco tinha parado de financiar carros. E todo mundo sabe que se não financia o carro velho, não tem carro novo. Tem gente que pode comprar três carros novos, mas a maioria do povo tem que vender o seu sapatinho velho para comprar o sapatinho novo. Pois bem, o que nós fizemos? Compramos 50% do Banco Votorantim para que a gente pudesse continuar financiando carros usados, e reativar a indústria automobilística brasileira.

O que aconteceu de lá para cá? Desde março, a indústria automobilística brasileira vem batendo recorde atrás de recordes. Desde março, a construção civil brasileira vem crescendo a todo vapor, e nunca, e há



muito tempo, a gente não tinha a quantidade de investimentos que a gente tem na construção civil, em todas as áreas: grandes, pequenas e médias, grandes pequenas e médias. E investimentos que vão desde o Minha Casa, Minha Vida a saneamento básico, a hidrelétricas, a ferrovias e a grandes rodovias neste país. Então, eu estou dizendo isso porque um investimento como este é uma garantia extraordinária de geração de empregos para uma parte dos trabalhadores, pelo menos até 2012.

Se dependesse só da Petrobras... a Petrobras é uma empresa, ela tem muita gente especialista lá, que faz cálculos, que faz estudo de viabilidade econômica. A Petrobras não tinha tanto interesse em fazer novas refinarias. Por que ela está gastando, então, 5 bilhões, e uma parte desse dinheiro é para melhorar a qualidade da gasolina e a qualidade do óleo diesel? É porque a gente não tem noção do ar que a gente respira. O ar que a gente respira tem muito teor de enxofre. E se a Petrobras quiser vender gasolina ou óleo diesel lá fora, ela tem que diminuir a quantidade de enxofre por partícula. Hoje, quanto que é o óleo diesel? Duas mil partículas por milhão? Nós precisamos reduzir para cinquenta. E a gasolina, que são 500, nós precisamos reduzir para cinquenta. O óleo diesel é mil, hoje. Isso é coisa que nós respiramos e, portanto, nós queremos melhorar a qualidade, para que melhore a vida do povo brasileiro e para que a gente possa vender a nossa gasolina e o nosso óleo diesel também para outros países, que precisam e exigem uma qualidade melhor do que a nossa.

Mas, mais importante ainda é que, além desses investimentos, se a gente imaginar investimentos como este na Reduc do Rio de Janeiro; em São José dos Campos; na Replan, em São Paulo; no Rio Grande do Sul, na verdade, devem ser uns US\$ 12 bilhões ou mais que a Petrobras está fazendo investimento. Além das refinarias novas, uma de 600 mil barris/dia, outra de 300 mil barris/dia, e a de 200 mil barris/dia, lá em Pernambuco, mais uma pequena no estado do Rio Grande do Norte.



E a Petrobras está fazendo essas refinarias porque este país resolveu se transformar numa grande economia. Este país não quer ser mais visto ou tratado como se fosse uma coisinha insignificante, em que tudo dos outros é melhor do que o que a gente faz.

Eu aprendi quando era dirigente sindical: ninguém respeita quem não se respeita. A condição básica para você se respeitar para você ser respeitado pelos outros, é você se respeitar. Se você é uma pessoa banal, se você não respeita as pessoas, se você não se respeita, se você tem uma vida conturbada, ninguém vai te respeitar.

Quando eu fui eleito diretor do Sindicato a primeira vez – era delegado de fábrica, dona Dilma –, eu achei que pelo fato de eu pegar a carteirinha do Sindicato, eu podia tudo. A primeira confusão que eu tentei armar, peguei três dias de suspensão, e aí eu aprendi uma coisa: os trabalhadores não me elegeram para ser um bagunceiro. Os trabalhadores me elegeram para eu ser o representante deles e, portanto, eu tinha que estar mais qualificado do que eles, para poder representá-los.

E é isso o que o Brasil aprendeu. O Brasil aprendeu a se respeitar. Hoje o Brasil é um dos países mais respeitados no mundo, e é respeitado pelo comportamento de cada um de vocês. Não é respeitado apenas pelo comportamento do Presidente da República. É respeitado pela grandeza de uma Petrobras que, a cada dia que passa, vira uma empresa mais valorizada e de maior importância internacional, é valorizada por outras empresas brasileiras, é valorizada pela política externa brasileira. Antigamente a gente ficava subordinado apenas à União Europeia e aos Estados Unidos. Hoje nós temos relação com todo o mundo porque diversificamos a nossa relação. O José Sergio Gabrielli sabe o quanto eu cobro dele: José Sergio, a Petrobras tem que ir para a África, a Petrobras tem que ir não sei para onde. Por quê? Porque ela precisa disputar com as maiores. Uma empresa que detém a tecnologia que a Petrobras detém não pode se sentir menor do que nenhuma



empresa do mundo. Ela está qualificada para disputar qualquer espaço com outras empresas.

Então, este momento, este momento é um momento gratificante para um presidente da República, e sobretudo para um brasileiro, e sobretudo para alguém que veio do mundo do trabalho para dirigir este país. Eu sei a importância do que esta cidade [refinaria] representa para a sua cidade, prefeito. Se são verdade os números, que 80% do pessoal é do Paraná, e desses, 80% são da cidade... eu não sei como é que está a demanda por casas aqui na cidade, não sei como é que está a demanda por pão, por estacionamento, não sei como é que está o supermercado. Eu, olhando na cara das pessoas, eu posso dizer: acho que nunca houve um momento como este em Araucária, nunca houve um momento como este.

Então, companheiro José Sergio Gabrielli, você que é o meu presidente da Petrobras, companheiro de mais de 30 anos de amizade, companheiro que quando eu indiquei para tesoureiro da Petrobras, diziam para mim: “Você é louco, você é louco, você vai indicar esse baiano para a Tesouraria? Ele não entende nada.” Diziam assim: “O mercado não vai gostar.” É verdade, “o mercado não vai gostar.” Eu nem sabia quem era o mercado! Eu imaginava: o que o mercadinho lá da minha vila tem a ver com o José Sergio Gabrielli? Aí, eu indiquei o José Sergio Gabrielli. Um ano depois, ele foi eleito o melhor diretor financeiro de todas as empresas de petróleo do mundo. Aí eu fui indicá-lo presidente. Outra vez: “O mercado não vai gostar, o mercado não vai gostar”. Não só não gostou [gostou], que a Petrobras hoje vale mais, umas dez vezes, do que ela valia quando nós chegamos ao governo. Homens como este, com quem a gente tem afinidade ideológica, com quem a gente pode discutir e dizer: Olha, companheiro, você não pode pensar apenas nos interesses da Petrobras. Você tem que pensar no País. A Petrobras pode deixar de ganhar 10 milhões, mas o Brasil pode ganhar 100. Foi assim que a indústria naval... Aqui, meu caro Requião, eram 100% das plataformas encomendadas em



Cingapura, na Coréia, na Noruega e não sei mais diabo onde. Eram 100% dos navios, cada uma sonda daquela custa quase US\$ 2 bilhões. Nós começamos uma briga em 2002 – eu não era presidente ainda – para provar que a engenharia brasileira tinha competência de fazer as plataformas aqui.

Hoje, nós recuperamos a indústria naval brasileira, ela já tem por volta de 50 mil trabalhadores; já não tem mais estaleiro apenas no Rio de Janeiro, tem estaleiro em Pernambuco, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, vai ter na Bahia, vai ter no Ceará, vai ter no Paraná. Por quê? Porque são 500 navios que nós precisamos contratar, entre navios grandes, navios médios e navios pequenos; porque são muitas sondas e muitas plataformas. Ainda não se encontrou mergulhador para ir buscar o petróleo a 7 mil metros de profundidade, vai ter que ser sonda mesmo.

Vocês aqui... eu estou vendo uma japonesinha aqui... Se a Petrobras começar a cavar buraco muito fundo, vai trazer um japonêsinho na ponta da broca, qualquer dia desses. Então, é bom parar nos 7 mil metros, nos 7, 8 mil metros.

Então, vejam: nós agora temos uma coisa importante, chamada pré-sal. É muito petróleo que nós achamos a uma profundidade muito, muito, mas muito... 7 mil metros de profundidade. Imaginem, 2 mil metros de água, depois 3 mil metros de rocha, depois 2 mil metros de sal. Imaginem onde se vai buscar esse petróleo. Petróleo de qualidade, é um petróleo fino, 32API, até agora, o que nós encontramos, não é isso? 32API é petróleo de qualidade. Falta um pouquinho para ser gasolina já refinada ou óleo diesel.

Nós não queremos fazer desse [utilizar esse] petróleo apenas para exportar para os países consumidores, nós queremos utilizar uma parte desse petróleo para cuidar do povo brasileiro, para cuidar. A palavra correta é cuidar, e pagar a dívida que a gente tem, primeiro, com a educação deste país. Nós precisamos investir uma parte desses recursos para cuidar da educação deste país. Uma parte desse recurso para cuidar do investimento em ciência e



tecnologia, porque daqui para frente a gente não vai ser apenas exportador de *commodities*, de soja, de suco de laranja ou de açúcar, ou de etanol, ou de minério de ferro. Não. Nós queremos exportar tudo isso, mas nós queremos exportar é inteligência, é conhecimento, porque é isso que coloca valor agregado e dá estabilidade e respeitabilidade a um país.

Com uma outra parte desse dinheiro a gente quer cuidar da questão ambiental. Hoje, a questão ambiental é cada vez mais importante. O homem está se dando conta de que ou ele cuida da terra, ou a terra vai cuidar dele. Nós vimos o que aconteceu no Haiti, nós vimos o que aconteceu no Chile. Nós estamos vendo lugares em que não tinha... que não enchiam de água nunca, enchendo d'água; lugares em que não tinha seca nunca, tendo seca. Então, nós precisamos perceber que alguma coisa de errado já foi feita e que nós, então, precisamos consertar.

E uma outra parte desse dinheiro é para cuidar da questão, também, de investimento em cultura. Um país não fará a revolução social que precisa se não tiver investimento em cultura. Nós “quer comer”, é verdade. Nós “quer até mamar deitado”, é verdade. Mas a gente também quer cultura. A gente quer ter acesso à arte, a gente quer ter acesso a cinema, a teatro, ou seja, nós queremos poder participar da vida deste país. É por isso que esse investimento é importante.

Agora, Prefeito, um comunicado e um aviso: muito cuidado, muito cuidado, porque se não houver uma boa política, se não tiver um bom projeto e um plano diretor para uma cidade como esta, o que é um benefício vira uma desgraça, porque o resultado disso é que se não cuidar do planejamento, daqui a pouco nasce uma favela, duas favelas, três favelas, e quando terminar o investimento, o estado tem um problema social muito sério para resolver. Então, é importante combinar, neste momento, os programas habitacionais... Eu acho, companheira Dilma, que é importante – nós estamos finalizando o programa Minha Casa, Minha Vida para o segundo PAC – é importante que a



gente leve em conta situações anômalas como esta, de cidades que estão tendo um grande pico de desenvolvimento. Porque, eu sou de São Bernardo do Campo, viu, Dilma? Eu sou de São Bernardo do Campo, e eu sou de uma era em que a indústria automobilística tinha quarenta... só a Volkswagen tinha 44 mil trabalhadores. Quando veio a crise em [19]80, que ela teve que mandar embora, no lugar onde a gente vivia uma vida muito boa, ficou muita gente empobrecida e as favelas cresceram. E nós não temos o direito de permitir que esse ciclo da perversidade, de governantes que não governavam, de governantes que não cuidavam, e permitiram que este país se transformasse em uma grande favela. É só olhar a periferia das grandes cidades.

Nós agora temos, Prefeito, que trabalhar com mais responsabilidade. E eu não estou jogando a culpa em cima de um prefeito, em cima de um governador. É responsabilidade do prefeito, do governador e do presidente da República não permitir que neste país surjam mais favelas, pessoas morando de forma inadequada na beira de córregos, na beira de encostas, que quando dá uma chuva nós sabemos o prejuízo que dá.

É isso que um investimento desses tem que garantir: garantir a sobrevivência humana, mas garantir que as pessoas, ao ter um trabalho, tenham casa e tenham condição de vida digna. E é isso que nós queremos fazer com os investimentos da Petrobras.

No mais, Gabrielli, eu só poderia te dar os parabéns pela coragem de fazer o investimento. É importante lembrar que, no auge da crise, no ano passado, muita gente que já tinha contratado até investimento no BNDES, parou de investir. E a Petrobras não parou de investir um centavo. Eu mesmo fui à China com o companheiro José Sergio Gabrielli pedir aos chineses que nós queríamos US\$ 10 bilhões emprestados, e os companheiros chineses nos emprestaram US\$ 10 bilhões, para a gente não parar as nossas obras. Agora, também nem precisamos mais, porque agora o BNDES também tem dinheiro



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

para emprestar. Agora, quem quiser fazer investimento, por favor, não reclame. Vá ao BNDES, que a gente quer garantir os investimentos neste país.

Um abraço, boa sorte e parabéns ao povo do Paraná. Parabéns aos trabalhadores da Repar.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com o Presidente do Estado de Israel, Shimon Peres, na Residência Presidencial de Israel

Jerusalém-Israel, 15 de março de 2010

Querido amigo presidente de Israel, Shimon Peres,

É uma grata e dupla alegria chegar a Israel e ser recebido por Vossa Excelência, que há muito tempo eu aprendi a admirar.

Eu lembro que em 1993 o senhor me recebeu aqui em Israel. Lembro que em 2003 tivemos um encontro em Davos. A primeira pessoa que me recebeu em Davos, numa casa perto de onde pousou o helicóptero, era nada mais, nada menos que o cidadão do mundo Shimon Peres.

Depois nos encontramos outra vez em Londres, depois no Brasil, e agora, finalmente, nos encontramos em Israel. E agora, eu, como presidente da República do meu país.

A satisfação é dupla porque venho para falar de paz, mas venho também para fortalecer a relação entre o Estado de Israel e o Estado brasileiro.

Nós ainda não utilizamos 20% do potencial que existe entre os dois países para fazer crescer a nossa amizade, as nossas economias e o bem-estar social dos nossos povos.

Mas, certamente, Presidente, também falaremos de paz, porque a história do meu país é uma história de paz. Eu não acredito que exista no planeta Terra um outro povo que ame e que exerça tanto a paz como o Brasil. Talvez esteja na nossa formação, na nossa raça, no nosso jeito de ser. Mas a verdade é que a paz, para nós tem um preço, eu diria, incomensurável.

O Brasil está tendo, neste momento, um momento quase mágico na recuperação da autoestima do seu povo, na melhoria da qualidade de vida do nosso povo e na inserção do Brasil neste mundo globalizado.



Quando falamos de paz, sabemos de tanta gente com experiência em negociações, e possivelmente ninguém mais do que Vossa Excelência, nesses últimos anos e nessas últimas décadas, brigou, trabalhou e se empenhou para realizar a paz no Oriente Médio. Se fosse uma tarefa fácil, já teríamos conquistado. Por ser uma tarefa difícil, é importante que se ouça mais gente, que se envolva mais gente e que se converse um pouco mais.

Eu acho que a arte da política é a arte de vencer as coisas que parecem impossíveis. A política é a única ciência que não tem limite, porque quando as coisas parecem impossíveis de acontecer, elas acontecem. E eu, como o senhor, acredito que todo ser humano, que todo governante tem que fazer um esforço, dar a sua contribuição para que a gente possa realizar a paz no mundo.

Eu acho que não existe, Presidente, uma única palavra e um único motivo que justifique a guerra. Mas existem milhões de palavras e milhões de gestos que justificam a paz. E acho que nós precisamos buscá-la. Buscá-la a cada dia, a cada hora, a cada minuto, a cada segundo. A cada vez que respiramos o ar, nós temos que buscar a paz. Só assim nós iremos conseguí-la.

E eu tenho certeza de que, por todo o esforço que o senhor fez como cidadão de Israel, como cidadão do mundo, mas também como presidente, tudo o que o senhor fez pela paz, eu espero que seja concretizado no seu mandato como presidente de Israel.

Esteja certo de que se outros presidentes do meu país não vieram aqui nesses últimos 140 anos, eles perderam a oportunidade de conhecer um país bonito, de conhecer um povo trabalhador, de conhecer uma parte da história da Humanidade. Portanto, eu acho que eles perderam em não ter vindo a Israel, e eu acho que nós estamos começando uma nova fase entre Brasil e Israel.

Muito obrigado pelo carinho.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(S211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
jantar oferecido pelo presidente de Israel, Shimon Peres**

Jerusalém - Israel, 15 de março de 2010

Meu querido amigo Shimon Peres, presidente do Estado de Israel,

Minha querida companheira Marisa,

Senhor Silvan Shalom, vice-primeiro-ministro de Israel,

Meu querido companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento os demais ministros brasileiros presentes,

Senhora Ruhama Avraham Balila, vice-presidente do Knessett, e demais autoridades de Israel,

Senhores embaixadores,

Embaixatrizes,

Companheiros empresários brasileiros aqui presentes,

Meu particular amigo, governador da Bahia, Jaques Wagner. Jamais imaginei que dele um dia ser governador do estado da Bahia, nascendo no Rio de Janeiro.

Meus amigos,

Quero cumprimentar os companheiros da comunidade judaica brasileira,

Meu caro Presidente,

É uma extraordinária alegria ser o primeiro Presidente brasileiro a visitar Israel. Nossos países estão construindo uma relação que tem raízes profundas e a promessa de um futuro de paz e prosperidade.

A viagem do presidente Shimon Peres a meu país, em novembro passado, foi a primeira de um mandatário israelense em muitas décadas. Mais do que um gesto pioneiro, sua visita foi a reiteração de uma antiga amizade,



forjada em compromissos inabaláveis. A democracia que amplia a cidadania e o desenvolvimento econômico e social que faz prosperar a paz.

Meu caro Presidente,

É uma honra ser homenageado por um líder cuja trajetória pessoal se confunde com a própria história de Israel. Sua coragem pessoal e empenho intransigente em favor dos direitos humanos e da justiça social inspiraram gerações passadas. E alentam nossa esperança num futuro de harmonia e prosperidade para Israel e seus vizinhos.

O Prêmio Nobel com que Vossa Excelência foi agraciado consagrou a biografia de um homem que lutou, com determinação e convicção, pelos melhores ideais. Nunca duvidou que só há liberdade quando existe justiça. Nunca hesitou em buscar o entendimento, mesmo diante da incompreensão e da intolerância.

Meu Amigo,

Da tribuna do Parlamento brasileiro, Vossa Excelência fez um apelo aos líderes da Palestina e da Síria. Defendeu o entendimento entre os povos do Oriente Médio, que, por muito tempo, conviveram em paz.

Vossa Excelência, melhor do que ninguém, conhece o preço que muitos pagaram na busca da paz. O sacrifício de Izhak Rabin – que conheci aqui em Israel em 1993 – nos inspira. Não devemos ter medo da paz.

Faço minhas as palavras do Presidente Peres. Não haverá reconciliação verdadeira enquanto houver vencedores e vencidos.

“Se não pararmos em algum lugar, se não aceitarmos um compromisso insatisfatório para os dois lados, se não aprendermos a coexistir em alegria e conter nosso senso abrasado de justiça – se não aprendermos a fazer isso, estaremos condenados”. Amos Oz.

Defendemos um Estado Palestino independente, que seja soberano, coeso e economicamente viável. Só assim poderá conviver em paz e segurança com Israel. Temos urgência em ver israelenses e palestinos vivendo



em harmonia. Recusamos o mito de que estão fadados ao conflito, de que seus filhos estão condenados para sempre à irracionalidade da guerra.

O Brasil e a comunidade internacional não podem se conformar em viver sob a ameaça constante da instabilidade em região tão importante para o mundo.

Meu caro amigo presidente Peres,

É com essa convicção que estou retornando ao Oriente Médio. Esta é a mensagem de paz, esperança e amizade que trago ao povo de Israel e que levarei amanhã ao povo palestino.

É com a certeza de que a paz se edifica com nossa disposição permanente ao diálogo que convido todos a erguerem um brinde à saúde do presidente Shimon Peres e à inabalável fraternidade entre os povos de Israel e do Brasil.

Shalom!

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante Seminário Empresarial “Brasil-Israel: Livre Comércio e Oportunidades de Negócios”

Jerusalém-Israel, 15 de março de 2009

Meu caro amigo presidente do Estado de Israel, Shimon Peres,
Senhor Fouad Bem-Eliezer, ministro do Comércio e Indústria de Israel,
por meio de quem cumprimento os demais representantes do governo de Israel,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,
Ministro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,
Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria-Geral [de Comunicação Social] da Presidência da República,

Meu companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia, que me acompanha nesta viagem,

Meu caro Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo,

Senhoras e senhores empresários de Israel e empresários do Brasil,
Amigos e amigas,

Primeiro, quero saudar a organização deste importante evento, reunindo destacados empresários israelenses e brasileiros. Nosso diálogo é indispensável se quisermos unir forças e talentos na corrida da globalização.

Minha primeira visita a Israel como presidente ocorre em um momento especialmente auspicioso. Estamos colhendo os resultados do amplo potencial das relações comerciais e de investimentos entre Israel e Brasil.



Nosso intercâmbio foi de quase US\$ 1 bilhão em 2009. É um comércio diversificado, com todas as condições de expandir-se de forma equilibrada e sustentável.

Nossas cadeias produtivas apresentam alto grau de complementaridade, abrindo espaço para ampliar parcerias em setores importantes. Só precisamos aproveitar as sinergias, especialmente de nossas pequenas e médias empresas.

Não faltam exemplos de sucesso. A Elbit System fornece sistemas eletrônicos para a Embraer equipar os aviões Super-Tucanos. É modelo do que podemos realizar, se quisermos liderar a revolução tecnológica do século XXI.

Com apenas 7 milhões de habitantes, Israel tem 4 mil empresas de tecnologia e o maior índice *per capita* do mundo de engenheiros. É o sócio ideal para desenvolver parcerias em tecnologias de ponta como semicondutores, telecomunicações, nanotecnologia e fármacos.

Vejo, portanto, com grande otimismo o lançamento, pelo governo de Israel, do Programa Shavit. Ele replicará no Brasil o modelo de planejamento e espírito empreendedor que cria celeiros de inovação e atrai investimentos em larga escala para Israel.

O setor privado brasileiro também vem ganhando espaço em Israel. Marcas brasileiras como H. Stern alcançam grande sucesso há vários anos em Israel.

Amigas e amigos empresários,

A crise internacional quebrou muitos paradigmas e rompeu certezas, mas não afetou nossa confiança. Continuamos a investir na força de nossas economias e na ampliação de nossas trocas.

No Brasil, apostamos no mercado interno e orientamos o sistema bancário – que está entre os mais sólidos do mundo – a ter iniciativas capazes de compensar as fortes restrições de crédito internacional. Por isso, o Brasil foi das últimas economias a desacelerar e das primeiras a recuperar-se.



O Brasil, certamente, crescerá mais de 5% em 2010, graças a um programa econômico que associa o crescimento, inclusão social, estabilidade macroeconômica e redução da vulnerabilidade externa. Tudo isso com o fortalecimento da democracia.

Temos um parque produtivo que avança graças à diminuição da pobreza e à distribuição de renda. Com o aumento do poder de compra da população, garantimos a expansão sustentável do mercado interno. Neste ano, vamos criar mais de 2 milhões de empregos. Certamente, o maior número de nossa história.

Chegou, portanto, o momento de voltar a investir. As oportunidades são muitas: as obras do Plano de Aceleração do Crescimento, os preparativos para a Copa do Mundo de Futebol de 2014, as Olimpíadas de 2016, o trem de alta velocidade entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas e, sobretudo, a exploração do petróleo na camada pré-sal.

Para que os agentes privados voltem a recuperar a confiança no mercado é preciso regras claras, estabilidade e a certeza de que não vivemos num mundo onde os mais fortes podem tudo. No Brasil, encontrarão tudo isso. O Estado brasileiro não abdicou de suas funções de regulação e não abandona os pequenos e médios empresários.

Com o lançamento nas próximas semanas do PAC, ou seja, do Programa de Aceleração do Crescimento nº 2, está garantida a continuidade dos investimentos e a criação de renda e de empregos.

Sei que o empresariado israelense compartilha desse entusiasmo. Prova disso foi o anúncio, durante a visita do presidente Shimon Peres ao Brasil, em novembro último, de novos investimentos israelenses no Brasil, da ordem de US\$ 1 bilhão.

Outro sinal favorável foi o lançamento da rota aérea São Paulo-Tel Aviv, com três voos semanais e ocupação, já, acima de 80%.



A reabertura do Consulado-Geral de Israel, em São Paulo, é mais uma indicação de que Israel quer explorar as potencialidades da parceria com o Brasil.

Senhor Presidente,

Sabemos da importância de uma matriz diversificada para garantir o crescimento sustentado. Nossos países não dependem de nenhum mercado ou produto de exportação, o que nos protege contra o impacto maior da retração econômica global.

Nosso Acordo de Livre Comércio – disse o Paulo Skaf muito bem – devemos aqui agradecer ao trabalho, tanto do ministro Miguel Jorge, quanto do Ministério das Relações Exteriores, com o apoio dos empresários brasileiros, porque Israel é o primeiro país, não das Américas, a fazer um acordo com o Mercosul. E eu espero que isso seja motivo para que outros países façam acordo com o Mercosul.

Estou certo de que a delegação empresarial que acompanhou o presidente Peres ao Brasil no ano passado deixou o Brasil com a convicção de que as possibilidades de negócio são muito amplas. Queremos fazer avançar novos projetos conjuntos que gerem crescimento e bem-estar para as nossas sociedades.

Senhor Presidente,

Sonho com o dia em que o Oriente Médio estará em paz. Poderá então realizar o extraordinário potencial de prosperidade de povos que são o berço da nossa civilização e que tanto contribuíram para a construção do Brasil.

Os senhores empresários são a ponta de lança desse sonho, ajudando a provar que o bem-estar e a esperança só são duradouros quando todos participam e ganham.

Meus amigos, minhas amigas, meu caro presidente Shimon Peres, empresários brasileiros aqui presentes, empresários de Israel,



Eu vou burlar o meu próprio protocolo aqui e vou dizer meia dúzia de palavras que não estão escritas no meu documento.

Primeiro, contar ao presidente Shimon Peres que eu acho que o vírus da paz está comigo, acho que quando eu ainda estava no útero da minha mãe, porque eu não me lembro, na vida, o dia em que eu briguei com alguém. Eu já fiz muita disputa política, pertenço a um partido muito complicado, temos divergências políticas de causar inveja a qualquer pessoa no mundo. Mas eu penso que isso me permitiu acreditar que, se através do diálogo nós não conseguimos fazer a coisa, muito mais difícil será fazê-la através de outras formas.

No dia 10 de dezembro de 2003 eu já estava eleito – de 2002 – eu já estava eleito presidente da República, e fui convidado pelo presidente Bush para ir aos Estados Unidos. Quando eu cheguei aos Estados Unidos, o Bush estava envolvido com a guerra ao Iraque. A guerra não tinha começado ainda, mas ele estava obsessivo e falava tanto naquela guerra, que a impressão que me dava é que já estava em guerra. E, depois de quase 40 minutos em que o presidente Bush me convencia da necessidade de combater o terrorismo, atacando o Iraque, eu disse ao presidente Bush: Presidente Bush, o Iraque não é um problema do Brasil. Eu tenho uma outra guerra para fazer no meu país, que é combater a miséria e a fome de 50 milhões de brasileiros que vivem [abaixo] da linha da pobreza.

E eu pensei que a partir dessa declaração eu ia ter animosidade na minha relação com o presidente Bush, porque para um presidente latino-americano exercer o mandato sem falar mal dos Estados Unidos é quase impossível. Como eu, a vida inteira, fui sindicalista e, portanto, um homem de um partido de esquerda, eu imaginava que eu ia brigar muito com os Estados Unidos. Eis que o presidente Bush terminou o mandato e eu vou terminar o meu mandato sem que tenhamos feito nenhuma briga ou nenhuma divergência



entre o Brasil e os Estados Unidos. E quando a tivemos, resolvemos por telefone.

Eu estou contando isso aos empresários israelenses para dizer que quando se governa um país do tamanho do Brasil, com a quantidade de problemas que tem o Brasil e com a quantidade de necessidades de coisas novas que tem o Brasil, eu pus na cabeça que eu não teria tempo de ficar discutindo aquilo que era secundário, aquilo que não era prioritário. Eu não tinha tempo de ficar falando mal de ninguém, eu não tinha tempo de ficar criticando a minha oposição, eu não tinha tempo de ficar brigando com outros países, porque em um mandato de quatro anos eu tinha que dedicar cada minuto e cada hora, para tentar resolver os problemas crônicos que nós tínhamos no Brasil.

Hoje... E não faltaram motivos, Presidente, não faltaram motivos, quando nós contribuímos politicamente para a eleição do companheiro Evo Morales, na Bolívia. Eis que o primeiro discurso do Evo Morales foi tomar a Petrobras, que estava... E como nós entendíamos que o gás era um direito da Bolívia, era um patrimônio do povo boliviano, nós entendíamos que era normal que o gás fosse da Bolívia. E fizemos acordo com a Bolívia e cedemos naquilo que entendíamos que tínhamos que ceder para o povo boliviano se sentir dono do seu gás. No Brasil havia gente que queria que o Brasil fosse duro com a Bolívia, havia gente que queria que o Brasil falasse grosso com a Bolívia. E, possivelmente, por causa da minha origem, eu não conseguia perceber como é que um metalúrgico de São Paulo iria brigar com um índio boliviano. Não, não, não tinha! Seria uma briga que não ficaria bem. Dialogamos e hoje nós estamos em uma relação excepcional. E o índio está provando que é capaz de governar a Bolívia, fazendo o bem para a maioria do seu povo.

Eu sempre comparei a vitória do Evo Morales, na Bolívia, com o Mandela, na África. Sempre comparei. Um dia, os negros descobriram que eram maioria e começaram a votar no negro. Os índios descobriram que eram



maioria e começaram a votar no índio. É a coisa mais normal, que alguns querem ver como anormalidade! A anormalidade era um presidente louro, de olhos azuis, que quase nem falava espanhol, governando a Bolívia, essa era a anormalidade. Mas um índio era normal.

Depois, Presidente, foi eleito um bispo da Igreja Católica no Paraguai. Foi eleito um bispo e, também, houve tensões com o Brasil. Nós tivemos toda a paciência, toda a capacidade de diálogo possível para construirmos uma relação pacífica entre nós. Hoje, hoje, nós estamos em uma relação extraordinária. Fizemos isso porque a nós, brasileiros, não interessa sermos grandes e ricos, se estivermos cercados de países menores, com pessoas muito pobres. Não há nenhum interesse! E não é sensato, do ponto de vista da geopolítica, você estar cercado de gente mais pobre do que você, por todos os lados. O ideal é que todos cresçam juntos.

Eu estou dizendo isso para poder dizer a vocês uma coisa. Certamente, alguns empresários de Israel já conhecem o Brasil, tanto ou mais do que eu. Aqui tem velhos empresários brasileiros – velhos não, experientes empresários brasileiros – como a família Pfeifer, tão conhecida aqui em Israel, como o Ivo Rosset, o Ivoncy lochpe, que está aqui, ou seja, muita gente importante no meu país, que possivelmente chegou ao Brasil com uma mão atrás e outra na frente, chegou para sobreviver. E com a capacidade de discernimento, a capacidade de criação, a capacidade de investimento construíram patrimônios muito importantes no nosso país e ajudaram o Brasil a ser o que o Brasil é hoje.

O Brasil mudou de patamar, Presidente. O Brasil, hoje, não é, não quer ser, e não vai ser mais aquele país sempre tratado como se fosse um país de segunda categoria, um país que não se respeitava, um país sempre dependente de alguma coisa de fora, subjugado a uma dívida externa quase impagável, um país que muitas vezes era humilhado. E, de repente, esse país levantou a cabeça.



Eu fiz muitas provocações aos empresários brasileiros, desafiando os empresários brasileiros a não terem medo de virarem empresários multinacionais, de fazerem as suas empresas crescerem não apenas dentro do Brasil, mas em outros países, em outros continentes. E acho que em abril, Paulo Skaf, eu vou ter a primeira reunião com os empresários brasileiros multinacionais, lá em São Paulo. Não sei se você vai estar na Fiesp ainda, em abril, mas vai ser lá que nós vamos fazer a primeira reunião dos grandes empresários multinacionais.

Da mesma forma que nós levamos um tempo para convencer os empresários brasileiros de que a economia brasileira era segura e sustentável. E isso ficou mais provado aos empresários brasileiros quando veio a crise econômica internacional, em que o crédito desapareceu no mundo e no Brasil, graças a um sistema de bancos públicos, a gente conseguiu fazer a economia brasileira sofrer menos do que a economia dos países ricos. E eu dizia a presidentes importantes do mundo inteiro como é que funcionava o sistema financeiro brasileiro, que era muito mais sólido do que o sistema financeiro europeu e muito mais sólido do que o sistema financeiro americano, porque tinha mais controle do Banco Central. E, também, porque nós acreditamos numa coisa chamada mercado interno brasileiro. É exatamente com o potencial desse mercado interno que eu convido os empresários de Israel a voltarem a viajar pelo Brasil, a procurarem oportunidades no Brasil, porque do ponto de vista das políticas públicas, o governo brasileiro aprendeu a fazer investimentos.

Todos vocês estão acompanhando o nosso Programa de Aceleração do Crescimento, estão acompanhando a quantidade de empregos e de ofertas de serviços que estamos fazendo. E agora, no final deste mês, eu estarei apresentando o Programa de Aceleração do Crescimento nº 2, que é para que a gente assuma compromissos com o País, até os próximos quatro ou cinco anos, lembrando que nós vamos ter as Olimpíadas, lembrando que nós vamos



ter a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016. Portanto, o que não falta, na verdade, é oportunidades de investimentos e de negócios a serem feitos no Brasil.

Por isso, eu queria agradecer aos empresários brasileiros que vieram aqui. Mas, sobretudo, queria agradecer aos empresários de Israel que estão participando deste evento. E quando forem ao Brasil, não parem apenas em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Nós temos... está aqui o Governador da Bahia a quem, a quem... Eu faço questão de que vocês conheçam o território nacional. É verdade que é um pouco grande, são 8,5 milhões de quilômetros quadrados, mas também são 8,5 milhões de oportunidades que vocês vão encontrar, oportunidades diversas nos mais diferentes setores da nossa economia, sobretudo no âmbito da engenharia, sobretudo no âmbito da engenharia, que eu acho extremamente importante Israel apostar, verificar, constatar e, quem sabe, começar a fazer grandes investimentos nessa área. Porque, não sei se vocês sabem que, no Brasil, houve um tempo em que nós paramos de formar engenheiros porque não tinha investimento na economia, a indústria não crescia, as obras públicas não cresciam... Os poucos engenheiros que as universidades formavam no Brasil iam trabalhar de analistas financeiros, iam trabalhar na área econômica dos bancos. Somente agora é que nós voltamos a fazer fortes investimentos em engenharia. Quando eu vejo aqui que Israel, um país de apenas 7 milhões de habitantes, é o país que forma mais engenheiros no mundo, eu sou obrigado a fazer um desafio às empresas de engenharia de Israel: aproveitem as oportunidades, porque no Brasil elas são muitas.

Um abraço e boa sorte para todos vocês.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
sessão plenária especial do Parlamento israelense (Knesset)**

Jerusalém-Israel, 15 de março de 2010

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,
E cumprimentando o Celso, eu cumprimento todos os ministros que me
acompanham,

Governador Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,
Empresários brasileiros que fazem parte da comunidade judaica que
vieram a esta viagem,

Representantes da comunidade judaica brasileira, presentes aqui no
Parlamento,

Senhores e senhoras parlamentares,

Senhores embaixadores,

Meus amigos e minhas amigas,

É uma grande honra ser o primeiro chefe de Estado brasileiro que visita
oficialmente Israel e ter o privilégio de dirigir-me à sua Casa do Povo.

Volto a este país, que visitei em 1993, na condição de presidente do
meu partido, o Partido dos Trabalhadores. Daquela visita levei uma
inesquecível recordação.

Falo agora como presidente da República Federativa do Brasil, mas
também na condição de ex-parlamentar que nos anos 80 participou, em nosso
Congresso, da refundação constitucional de meu país, depois de vinte anos de
ditadura.

Falo na condição de dirigente de um país que acompanhou o
nascimento de Israel. Como esquecer que a sessão da Assembleia Geral das



Nações Unidas que aprovou a criação do Estado, em 1948, foi presidida por um brasileiro, Osvaldo Aranha.

Falo, finalmente, na condição de um amigo de Israel. Venho de um país que recebeu dezenas de milhares de imigrantes judeus, perseguidos em suas terras de origem pela intolerância étnica, cultural e religiosa. Muitos deles puderam chegar ao Brasil graças a dois funcionários humanistas que honram a diplomacia brasileira: dona Aracy, do Consulado de Hamburgo, e o embaixador Souza Dantas, de nossa legação em Paris.

A contribuição que esses imigrantes e seus descendentes deram e continuam dando ao Brasil é extraordinária. Ela está em nossa literatura, com Clarice Lispector e Moacir Scliar; em nossas artes visuais, com Lasar Segall e Carlos Scliar; em nosso cinema, com Leon Hirszman. Ela é ainda mais visível no mundo da ciência e da cultura, na atividade empresarial e na atividade política.

Senhoras e senhores parlamentares,

Uma visita como esta serve para aprofundar relações bilaterais. Relações que têm experimentado um avanço considerável nestes últimos anos e que, espero, possam ganhar mais intensidade a partir de agora.

Penso nos números de nosso comércio exterior, em extraordinário progresso. Se bem que Israel e Brasil poderiam ter uma balança comercial infinitamente maior, na hora em que os dois países começarem a utilizar todo o seu potencial. Penso em nossa cooperação cultural, científica e tecnológica. Penso, finalmente no acordo Mercosul-Israel, o primeiro estabelecido com um país fora da América Latina, a despeito das resistências que alguns ofereceram.

Mas esta é, igualmente, a oportunidade de debater questões mais gerais e profundas. Queremos discuti-las respeitosamente, mas com franqueza. Com aquela franqueza que deve marcar o relacionamento entre amigos.



A política externa de meu país tem uma vocação universalista. Está comprometida com valores. Respeitamos a autodeterminação dos povos. Defendemos os Direitos Humanos. Queremos um mundo mais justo econômica, social e politicamente. Buscamos incessantemente a paz e, por essa razão, propugnamos a solução negociada dos conflitos.

O Oriente Médio vive, há décadas, dolorosos enfrentamentos que têm custado milhares de vítimas. Por detrás das terríveis estatísticas de mortos, feridos e banidos estão dramas humanos, diante dos quais ninguém pode ficar insensível.

Para resolver situações dilacerantes é necessário construir alternativas racionais e duradouras de paz. Mas não é suficiente pôr apenas a cabeça a funcionar. É preciso, igualmente, que o coração esteja presente. É fundamental um sentimento de compaixão para superar antagonismos que aparecem como insuperáveis.

Em minha trajetória pessoal – como sindicalista e dirigente político – vivi situações de alta conflitividade. Não fugi aos conflitos, mas busquei resolvê-los pelo diálogo, ainda quando ele parecia exercício ingênuo, tarefa impossível. Na oposição, busquei o diálogo. Cheguei à Presidência pelo diálogo, governei dialogando. Apostei na democracia, mesmo quando ela aparecia como um horizonte inatingível. Com esses sentimentos, temos reiterado as posições históricas de nossa diplomacia.

Defendemos a existência de um Estado de Israel, soberano, seguro e pacífico. Ele deverá conviver com um Estado Palestino, igualmente soberano, pacífico, seguro e viável, sobretudo pelo traçado de seu território.

Com esses propósitos, chegamos à reunião de Annapolis, lamentando que o movimento que aí se iniciou tenha ficado pelo caminho. Não podemos continuar desperdiçando esforços multilaterais, sobretudo quando apresentam um extraordinário potencial.

Naquela ocasião, reiteramos nossa posição sobre a coexistência



necessária de um Estado Palestino com um Estado de Israel, e expressamos nosso repúdio ao terrorismo, praticado sob qualquer pretexto e por quem quer que fosse.

Essa postura se faz mais necessária agora, quando assistimos a uma paralisação das negociações e iniciativas unilaterais que as dificultam, como o anúncio da construção de residências em Jerusalém às vésperas do reinício de uma rodada de negociações.

O impasse agrava a deterioração das condições de vida nos territórios palestinos ocupados, mas também alimenta fundamentalismos de todos os lados e coloca no horizonte conflitos mais sangrentos ainda.

Temos urgência de ver israelenses e palestinos vivendo em harmonia. A estabilidade dessa região atenuará o sofrimento daqueles que perderam seus entes queridos em décadas de enfrentamento. Com alguns deles – familiares de vítimas dos dois lados – devo encontrar-me para escutar seus sentimentos e suas aspirações.

Mas essa estabilidade desejada será, sobretudo, a garantia de que um conflito regional não se espalhará pelo resto do Planeta, ameaçando a paz mundial. O que está em jogo aqui, portanto, não é somente o futuro da paz nesta região, mas a estabilidade de todo o mundo.

Venho de um continente que possui grandes riquezas naturais, mas também marcado por desigualdades regionais e sociais. A consciência dessa situação inaceitável fez com que muitos governos latino-americanos iniciassem, nos últimos anos, um exitoso processo de mudança econômica e social que tem fortalecido a democracia política e a paz.

Temos orgulho de proclamar que a América Latina e o Caribe é uma zona livre de armas de destruição massiva. Em meu país há uma proibição constitucional de produção e utilização de armamento nuclear. Gostaríamos que o exemplo de nosso continente pudesse ser seguido em outras partes do mundo.



No Brasil, compreendemos que não será possível sermos uma nação próspera e justa se estivermos cercados, em nosso entorno, de pobreza e de desigualdades que aumentem ressentimentos.

Senhoras e senhores parlamentares,

Em meu país, dez milhões de árabes e de seus descendentes convivem de forma harmoniosa com milhares de judeus.

Gostaríamos que essa situação fosse como uma metáfora na busca de um entendimento profundo e duradouro nesta região do mundo, distante geograficamente de nós, mas próxima de nossos corações e nossas mentes.

Árabes e judeus são povos magníficos, com esplêndidas tradições culturais. Povos que construíram suas identidades no curso de uma história, muitas vezes cheia de sofrimento. Desse sofrimento, de que é testemunho o Museu do Holocausto, que visitei em 1993, e o Yadvaskem, que visitarei amanhã. Desse sofrimento que evoquei recentemente na mais antiga Sinagoga da América Latina, no Recife, quando lá me recolhi para evocar e condenar a barbárie da Segunda Guerra Mundial, que marcou toda a Humanidade e o povo judaico em particular.

Nunca mais! Nunca mais, temos que repetir sempre! Mas para que esse chamamento não seja um grito desesperado e inútil, é necessário que enfrentemos os impasses que se perpetuam nesta região com coragem e determinação, mas também com desprendimento.

Nos grandes gestos, de homens e mulheres, sempre estão presentes grandes sacrifícios e grandes concessões. Eles exigem renovação de intenções, alargamento de ambições e ampliação de interlocutores.

Pensemos nas palavras de Albert Einstein, quando nos disse: “Não se pode fazer a mesma coisa, dia após dia, e esperar resultados diferentes”. O Brasil quer, modestamente, ajudar a obter esses “resultados diferentes”. Foi o que fizemos em nosso continente, junto com outros países amigos da América



Latina e do Caribe, ao participar de esforços coletivos para solucionar conflitos e debelar ameaças à paz.

A única recompensa que esperamos ter aqui é a felicidade de israelenses e de palestinos.

O impasse que vive o Oriente Médio mostra as enormes dificuldades que enfrenta hoje a governança global, em particular as Nações Unidas.

Em 1948, como lembrei, o surgimento do Estado de Israel teve o patrocínio das Nações Unidas. Não será o caso de que as Nações Unidas, renovadas e com maior legitimidade, assumam agora um papel mais ativo na busca da paz?

Amigas e amigos,

Ao dirigir-me aos parlamentares israelenses sei que não estou falando apenas à mais alta instituição do Estado de Israel. Sei que, por vosso intermédio, falo a mães e pais, esposas e filhos dos que partiram em meio a conflitos que poderiam ter sido evitados.

É chegada a hora de abrir um círculo virtuoso de negociações nesta região do mundo, superando desconfianças e desentendimentos, em nome de valores mais elevados. A história recompensará os que seguirem este caminho.

Concluo, uma vez mais mencionando esta figura luminar do século XX, Albert Einstein, quando proclamou: “A paz não pode ser mantida pela força. Somente pode ser alcançada pelo entendimento”.

Shalom e muito obrigado.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de encerramento do encontro empresarial Brasil-Palestina**

Belém-Palestina, 16 de março de 2010

Eu pensei que meu nome era tão fácil de falar. Percebi que não é.
Eu quero cumprimentar o primeiro-ministro da Autoridade Nacional Palestina,
Salam Fayaad,

Quero cumprimentar o ministro da Economia Nacional Palestina, Assim
Abu Libere, e em nome dele cumprimento todas as autoridades palestinas aqui
presentes,

Quero cumprimentar o ministro Celso Amorim, ministro das Relações
Exteriores do Brasil,

O ministro Miguel Jorge, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio,

Quero cumprimentar o ministro Franklin Martins que está aqui,

O governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,

A nossa embaixadora Ligia Maria Scherer, representante do Brasil junto
à Autoridade Nacional Palestina, por meio de quem saúdo os demais membros
da comitiva brasileira,

Quero cumprimentar o senhor Mohammad Massroji, presidente da
Federação Palestina de empresários, em nome de quem saúdo os empresários
palestinos.

E quero cumprimentar o senhor Salim Taufic, presidente da Câmara de
Comércio Árabe-Brasileira, por meio de quem cumprimento os empresários
brasileiros que estão aqui presentes.

Meus amigos, minhas amigas,



Há sempre uma primeira vez. Acho que esse encontro do governo brasileiro com autoridades palestinas, com a presença de empresários palestinos e ainda com a presença de poucos empresários brasileiros é apenas uma demonstração de que toda grande caminhada começa com o primeiro passo. E nós estamos dando esse primeiro passo, o estabelecimento de uma política do Estado brasileiro como Estado palestino, para que a gente possa estabelecer uma política comercial mais sólida, mais forte e mais desenvolvida. Por isso eu quero cumprimentar todos os líderes empresariais palestinos e brasileiros que compareceram a esta mesa redonda.

Este evento simboliza nosso compromisso em juntar forças para contribuir na construção de um Estado Palestino viável e próspero. Sabemos qual é o primeiro desafio nessa caminhada: vencer o bloqueio que vem sofrendo o povo palestino. Um muro de separação cobra um alto preço em termos de sofrimento humano e prejuízo material, sobretudo, na Faixa de Gaza. Divide famílias, afasta amigos, desarticula a produção e, conseqüentemente, assusta o investimento. O Brasil está comprometido com a luta pelo fim desse embargo e do conflito que está na sua origem. Mas as graves deficiências que a economia palestina padece não desaparecerão automaticamente, apenas [com] o retorno à paz. A derrubada do muro será apenas o primeiro passo para reverter anos de asfixia, de desinvestimento e destruição.

Na conferência de Paris, em 2007, o Brasil deu sua contribuição para obras emergenciais nas áreas de saúde, educação e infraestrutura. Com a doação do Fundo Ibas, estamos construindo um centro poliesportivo em Ramalá. Outras contribuições foram destinadas à reconstrução de Gaza, na Conferência de (incompreensível), em 2009. Mas queremos fazer mais. Queremos colaborar com o plano de governo do primeiro-ministro Fayaad, para modernizar a infraestrutura e reduzir a dependência da ajuda internacional. São medidas que ajudarão a construir as bases de um Estado Palestino forte e



eficiente.

Os números impressionam. Serão 201 projetos prioritários envolvendo investimentos da ordem de US\$ 5,5 bilhões que, certamente, gerarão empregos e renda para o povo palestino. Muitas vezes, achamos que US\$ 5 bilhões significam muito dinheiro. Imaginem o que se gasta no mundo hoje para cuidar da defesa dos países. Significa algumas dezenas de vezes o dinheiro que nós temos que utilizar para recuperar o Haiti, para criar o Estado Palestino e, quem sabe, ajudar outros países pobres a terem a sua participação no desenvolvimento global.

Alguns projetos são absolutamente urgentes e inadiáveis. Por exemplo, concluir o hospital da Universidade Nacional de An-Najah. É o que anseia uma população que ainda sofre as dolorosas consequências dos violentos ataques contra Gaza no ano passado. A digitalização das instituições judiciárias e a construção de um campo de treinamento das forças de segurança nacional tampouco podem esperar. No entanto, apenas parte dos recursos necessários está garantido.

É por isso que o Brasil vai sediar em São Paulo, em julho próximo, a Conferência Econômica da Diáspora Palestina. Esse evento será copatrocinado pelo Brasil, Espanha e Autoridade Nacional Palestina. Participarão empresários locais, representantes da diáspora palestina e árabe, da América Latina e da Península Ibérica. Quero registrar, ainda, um agradecimento especial à Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, parceira do governo brasileiro na organização desse importante evento.

Senhores empresários,

As necessidades de investimento na Palestina são na mesma escala dos desafios de reconstruir o País. Estamos prontos a apoiar as iniciativas do Plano Fayaad para identificar produtos com potencial exportador. Estamos criando um amplo arco de solidariedade para captar investimentos e identificar uma vocação econômica palestina. Nos setores prioritários, que vão desde



infraestrutura e agroindústria até a tecnologia da informação, empresas brasileiras com grande experiência no ramo estão motivadas para participar.

A asfixia imposta à Cisjordânia e à Gaza impede que a Palestina se beneficie dos fluxos de comércio internacional. Falta financiamento, insumos e acesso à tecnologia. Por isso, não basta abrir mercados para setores de reconhecida competitividade, como são os de pedras trabalhadas e azeite de oliva. O nosso desafio está em atrair para a Palestina, tecnologia e capitais brasileiros que ampliem a escala e a capacidade técnica do setor exportador. A conclusão de um acordo de associação entre o Mercosul e a Palestina em muito contribuiria para tornar o mercado sul-americano em uma nova fronteira para os produtos palestinos.

Senhoras e senhores,

Temos motivos para otimismo nessa empreitada. Em anos recentes, a economia palestina tem crescido de forma robusta preservando os níveis de emprego e renda. Apesar da destruição e dos bloqueios, a Palestina reage, assim como o seu combativo povo que não se deixa abater. Esse espírito de superação é uma inspiração para todo o mundo. Sei que será também para os empresários aqui presentes.

Meus companheiros e companheiras, sobretudo o meu companheiro Miguel Jorge, ministro da Indústria e Comércio, companheiros brasileiros e empresários que estão aqui: eu sei que a tarefa de reconstruir um país não é uma tarefa fácil. E menos fácil, ainda, é a opção de fazer investimentos sem que você tenha as garantias necessárias para, aqui, colocar uma empresa ou fazer investimentos. Mas eu quero lembrar a vocês que a garantia principal que o governo brasileiro pode oferecer para vocês é a mesma certeza que eu tenho de que não está longe o dia em que será assinado o acordo “Israel e o Estado Palestino”.

Eu penso que hoje, salvo na cabeça de poucas pessoas, há compreensão dentro e fora de Israel, dentro e fora da Palestina, de que é



preciso, urgentemente, construir os dois Estados para que os dois povos possam viver livremente. E, certamente, que Israel será um grande parceiro comercial do Estado Palestino, e que o Estado Palestino será um grande parceiro comercial do Estado de Israel.

Eu lembro que não é possível a gente ficar em uma década feliz porque caiu o muro de Berlim e na outra década ficar triste porque está se erguendo um muro dividindo o Estado de Israel e o Estado Palestino. Ou se está construindo um muro entre os pobres do México e os Estados Unidos da América do Norte. E eu penso que a ausência de discussões políticas com mais profundidade nesses temas tem levado a que as coisas demorem mais para acontecer. E eu acho que nós temos urgência em resolver alguns problemas que nós enfrentamos.

E eu queria dizer aos empresários palestinos e aos empresários brasileiros uma coisa que eu falo com muito orgulho: em 2003, dia 25 de janeiro, eu vinha de Davos e disse ao companheiro Celso Amorim que era preciso que nós trabalhássemos fortemente para mudar a geografia comercial e, ao mesmo tempo, para que o Brasil tivesse uma inserção política de acordo com o tamanho da economia do Brasil, de acordo com a história do Brasil e de acordo com o tamanho do nosso território.

Isso parecia impossível, porque o Brasil sempre foi um país em que, ao longo de séculos, as nossas autoridades gostavam de ser submissas às chamadas “economias ricas”. A palavra correta é submissa. É de não lutar pela sua soberania, de não respeitar a si próprio e não fazer valer aquilo que eram as coisas do Brasil. E nós sabíamos que o único jeito de fortalecer o Brasil e trabalhar para mudar a geografia econômica do mundo era a gente acreditar, primeiro, em nós mesmos. E começamos a construir uma economia sólida. E começamos a construir novos parceiros. O Brasil era um país que vivia de costas para a América do Sul, e nós fortalecemos a nossa relação com a América do Sul e com a América Latina; nós fortalecemos, e muito, a nossa



relação com os países africanos; nós fortalecemos, e muito, a nossa relação com alguns países asiáticos, que até então, era pequena e nós fortalecemos, muito, a nossa relação no Oriente Médio e, sobretudo, no mundo árabe, onde é a primeira vez... Porque algumas coisas são inexplicáveis. Eu, quando cheguei ao Líbano, descobri que a última autoridade a ter ido ao Líbano foi o imperador D. Pedro II, em 1846, se não me falha a memória. Chego a Israel, descubro... e certamente, aqui na Palestina a mesma coisa: chego e descubro que a última autoridade a vir aqui também foi D. Pedro, em “mil, oitocentos e setenta e algumas coisas”.

Ora, se os homens de negócios não viajam, se os chefes de Estado não viajam, se os ministros de Finanças e de Desenvolvimento não viajam, o que vai acontecer na economia de cada país? Nesse mundo globalizado, a gente não pode mais ficar esperando que o comprador ou o vendedor passe na nossa porta. Nós temos que ir atrás deles. E temos que disputar cada milímetro, porque aquele discurso de livre comércio, cantado em verso e prosa, que foi feito até uns dez anos atrás, não é tão verdadeiro. O livre comércio, ele era muito defendido quando os países ricos queriam vender os seus produtos aos países pobres. Mas quando vamos à OMC fazer negociação comercial como tentamos fazer na Rodada de Doha, nós percebermos que quem defendia o comércio livre defendia apenas para vender e não para comprar.

Vários produtos brasileiros e, sobretudo, o etanol brasileiro, são taxados nos Estados Unidos. Nós quase não podemos vender o nosso etanol, que é uma das possibilidades de renovação da matriz energética do mundo. Agora, recentemente, ganhamos, na OMC, depois de sete anos de briga, para que os Estados Unidos tirem os subsídios do algodão deles. Não é que prejudica o produtor de algodão do Brasil. O Brasil é competitivo. O Brasil tem tecnologia. O Brasil pode disputar com os Estados Unidos e com a União Europeia em qualquer comércio. Mas quem é prejudicado com os subsídios dos países ricos? São os países pobres, sobretudo os países africanos, alguns que vivem



apenas por conta da produção de algodão. E quando nós ganhamos na OMC, achando que os Estados Unidos iriam dar o exemplo de cumprimento, de obediência às decisões de uma instituição multilateral, qual não é nossa surpresa, que os Estados Unidos não acataram a decisão da OMC, impondo ao Brasil a necessidade de fazer alguma retaliação a produtos americanos. E eu não sei se o meu ministro do Comércio Exterior percebeu, alguns setores, alguns jornais fizeram crítica a nós, ou seja, nós éramos os errados, porque estávamos nos defendendo e porque estamos defendendo os produtos circularem no mundo sem barreiras, sem subsídios, sem o protecionismo dos países ricos.

Pois bem, outras coisas vão acontecer, mas o dado concreto é que o Brasil tinha uma balança comercial de quase 28% com os Estados Unidos, tinha uma balança comercial de quase 30% com a União Europeia. No meu mandato, nós crescemos, em média, 20% ao ano, tanto com a União Europeia quanto com os Estados Unidos. Mas, no global, hoje, os Estados Unidos pesam na balança comercial brasileira apenas 13% e, a Europa, 13%.

O que aconteceu de fato? É que nós não estamos mais dependentes apenas de uma economia, nós diversificamos a nossa relação comercial. E hoje o maior parceiro individual é a China e, por continente, não é mais a Europa, é a América Latina que é o maior parceiro comercial nosso. É por isso que, quando veio a crise econômica, o Brasil sentiu menos – apesar de ter sentido –, sentiu menos a queda das exportações.

Eu estou dizendo isso para que vocês saibam que, oito anos atrás, eu desafiava os empresários brasileiros de que era preciso que eles tivessem coragem de virar empresas multinacionais. E disse isso... Eu lembro de um discurso meu em Angola, dizendo que os empresários brasileiros precisariam virar multinacionais, meu caro Ivo Rosset, e um jornal importante no Brasil disse: “Lula faz crítica a empresários”, quando na verdade eu estava incentivando os nossos empresários. E veja que coisa extraordinária: no



próximo mês, eu vou fazer a primeira reunião no Brasil com empresários multinacionais brasileiros.

Então, eu quero dizer aos empresários palestinos que nós estamos apenas começando uma jornada. Além dos problemas internos que o povo palestino tem que resolver, além do acordo para criação do Estado Palestino... Porque, hoje, também, já há um consenso de que a coexistência dos dois Estados é condição *sine qua non* para que a gente conquiste a paz nessa região. Bem, falta-se descobrir por que não aconteceu até agora. Porque, quando a gente conversa com as autoridades de Israel, está tudo andando bem, quando a gente conversa com as autoridades palestinas, está tudo andando bem. Mas alguma coisa está acontecendo que não está bem. Alguma coisa está acontecendo que não está bem. E eu acho que nós precisamos procurar, de todas as maneiras possíveis, ajudar a procurar novos interlocutores, a conversar com todos os envolvidos, para ver se a gente consegue, quem sabe neste ano que está tão no começo ainda, chegar... eram dois anos, que vencem este ano, que se propunha [para] a criação do Estado Palestino, fazer o acordo, e o Estado de Israel. Quem sabe a gente possa chegar lá.

Eu confesso a vocês que... Em [19]93, eu estive aqui. Eu fui... Na época, conversei com Shimon Peres, depois encontramos com o nosso companheiro Arafat em Tunes. Chegamos até a conversar com a comissão de negociação aqui, conversei com o presidente Rabin, e eu voltei para o Brasil convencido de que o acordo ia acontecer. Voltei convencido. Nunca tive tanta certeza de que ia acontecer. Depois, mataram o Rabin, a coisa ficou mais difícil.

Mas eu tenho sentido que tem havido evoluções, tem havido evoluções. É só a gente imaginar o que era dez anos atrás e o que é agora, ou seja, falta tão pouco. Então, é preciso que todos nós façamos um esforço incomensurável para que a gente possa concluir. E quero dizer ao primeiro-ministro palestino que o Brasil sempre esteve interessado, mas nunca esteve tão interessado



como está agora em ajudar a encontrar uma solução. Porque, antigamente, também, o Brasil não tinha muito fórum para discutir. A gente estava limitado a discutir nos fóruns da ONU, embaixador com embaixador, não é isso, Celso? Mas agora, não. Agora o Brasil participa do G-20, do G-90, do G-70, do G-20 Comercial, do G-14, do G-13, do G-8, do G-5, do G-4, ou seja, nós agora temos uma gama extraordinária de fóruns, onde estão presentes quase todos os países que têm muito a ver com a solução do conflito. E nós estamos dispostos a, junto com esses atores, conversar toda oportunidade para que a gente consiga tirar todas as pedras que ainda estão atrapalhando a concretização.

Eu imagino estar vivo e poder vir para essa região, descer no aeroporto dentro do território palestino, ou se descer... Mas enquanto ele não estiver pronto, descer no aeroporto de Tel Aviv e poder transitar livremente, vendo palestinos e judeus conversando na rua, festejando na rua, trabalhando juntos, vivendo juntos. É isso que o mundo precisa para que a gente possa ter um século XXI melhor do que o século XX foi para a humanidade.

Um grande abraço e boa sorte a todos vocês.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após
cerimônia de plantio de árvore no Bosque de Jerusalém**

Jerusalém-Israel, 16 de março de 2010

A quantidade de mangueiras que vocês têm (incompreensível) para irrigar, por gotejamento, as plantas... E eu penso que para nós, que temos um país onde, só de selva, nós temos 360 milhões de hectares, se é verdade que Israel tem 27 milhões de hectares, ou seja, só a Amazônia tem algumas (incompreensível) do Estado de Israel. E que nós não precisamos chegar à escassez (incompreensível). Por isso, no Brasil, nós assumimos o compromisso na Conferência do Clima, em Copenhague, de que até 2020 nós vamos diminuir o desmatamento na Amazônia em 80%, o que é um feito muito arrojado e é um compromisso do meu país.

(interrupção no áudio)

...fico feliz porque daqui a seis anos, sete anos, (falha na gravação) anos, quando um filho meu vier aqui, ou um neto, ele vai poder se autointitular dono de uma oliveira (falha na gravação) uma azeitona, levá-las e comer. Portanto, tenho certeza que não morrerão de fome.

Um abraço.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após visita
ao Museu do Holocausto (Yad Vashem)**

Jerusalém-Israel, 16 de março de 2010

Eu acredito que a visita ao Museu do Holocausto deveria ser quase uma coisa obrigatória para todos aqueles seres humanos que queiram dirigir uma nação. Visitar o Museu do Holocausto é a gente levar daqui a certeza do que pode acontecer quando a irracionalidade toma conta do ser humano.

Eu penso que a visita ao Museu do Holocausto é quase a necessidade de a gente ter uma autoafirmação de que todos nós, que lutamos por democracia, que lutamos por direitos humanos, não podemos, em hipótese alguma, permitir que se repita algo como o Holocausto. A Humanidade não pode, e deve todo dia repetir, quantas vezes forem necessárias: “nunca mais, nunca mais, nunca mais”.

(S211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Rua Brasil**

Ramalá-Cisjordânia, 17 de março de 2010

Quero cumprimentar a nossa querida prefeita Janet Michael,
Quero cumprimentar a minha esposa,
Cumprimentar o governador Jaques Wagner, da Bahia,
O ministro Celso Amorim,
O ministro Franklin Martins,
Cumprimentar o povo palestino,

Bem, primeiro, dizer para vocês da alegria de estar visitando este país e esta cidade.

Sou o fundador de um partido político que, desde o seu nascimento, tem tido uma política de solidariedade muito grande ao povo palestino. Vivo em um país onde dez milhões de árabes e descendentes vivem e ajudam a construir a minha nação, e o que é mais importante, vivemos em harmonia entre a comunidade árabe e a comunidade judaica.

Não foram poucas as vezes em que participamos de atos de solidariedade à luta do povo palestino. Tive a oportunidade de estar com o presidente Arafat por três vezes.

E hoje é com profundo orgulho que participo de um ato que vai dar o nome de uma rua na frente do mausoléu do presidente Arafat, o nome do Brasil a uma rua. Eu penso que este gesto, Prefeita, sinaliza o carinho que o povo palestino tem pelo povo brasileiro.

E quero lhe dizer que primeiro vem a rua, depois pode vir um brasileiro, depois pode vir um investimento do Brasil e, depois, esta rua pode significar um ponto de encontro entre o povo palestino e o povo brasileiro.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

O Brasil sempre defendeu a paz no Oriente Médio, mas nunca esteve tão empenhado como está agora em construir essa paz. Nós sabemos que o toque final do acordo de paz estará na mão das autoridades palestinas e das autoridades israelenses, mas o Brasil fará tudo o que estiver ao seu alcance para que a gente possa apressar e consolidar esse acordo de paz.

Quero, portanto, terminar as minhas palavras dizendo à Prefeita que Marisa e eu, em nome do povo brasileiro, nos sentimos profundamente emocionados e agradecidos pela homenagem ao Brasil.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante
cerimônia em comemoração ao Dia Nacional da Imigração Judaica**

Rio de Janeiro-RJ, 18 de março de 2010

“Ao excelentíssimo senhor vice-presidente da República, José Alencar Gomes da Silva, o reconhecimento da comunidade judaica do Brasil pela promulgação da Lei nº 12.124, que criou o Dia da Imigração Judaica”. Muito Obrigado.

Excelentíssimo senhor Ruy Schneider, ilustre presidente do Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro,

Excelentíssimo senhor Cláudio Lottenberg, meu estimado amigo, presidente da Confederação Israelita do Brasil,

Excelentíssima senhora Léa Lozinsky, presidente da Federação Israelita do Rio de Janeiro, em nome de quem saúdo todos os dirigentes e integrantes da Federação,

Excelentíssimo senhor Carlos Minc, ministro de Estado do Meio Ambiente,

Excelentíssimo senhor senador Marcelo Crivella, representante do Rio no Senado Federal. Aliás, grande representante do Rio e grande senador da República.

Excelentíssimo senhor deputado federal Marcelo Itagiba e ilustres membros de sua família aqui presentes,

Excelentíssimo senhor deputado federal Miro Teixeira, que eu, quando o encontro, sempre me lembro de que ele é o meu mais ilustre vizinho do Rio de Janeiro. Moramos no mesmo prédio, e isso é bom para mim.

Excelência reverendíssima, padre Jesus Hortal, magnífico reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,



Excelentíssimas autoridades. Há aqui deputados federais vários, além do Miro, o Cunha Bueno e outros que não estou me lembrando aqui, no momento, mas quero cumprimentar a todos, deputados federais, deputados estaduais aqui presentes, vereadores, demais autoridades, representantes dos Poderes, não só do Executivo, como do Legislativo, como do Judiciário.

Senhoras e senhores,

Eu, hoje, pude compreender um pouco melhor por que razão os judeus são tão respeitados, aqui e alhures. Ouvindo a dissertação aqui trazida por vários oradores, todos trouxeram ensinamentos e informações valiosas para quem tem aprendido a admirar e a respeitar cada dia mais esse grande povo.

Eu tenho dito às vezes para minha mulher, para os meus filhos e até para os meus netos... Porque nós temos netos de trinta anos, temos netos de vinte anos, temos netos de dez anos também; e temos a bisneta também, uma bisneta, a Maria. Então... mas a Maria ainda não pode, porque ela está com um mês, mas os outros todos já ouvem de mim: prestem atenção, vocês vão se deparar com muita coisa na vida, mas há, naturalmente, aquela certeza de que nós todos somos de um país de raça miscigenada. Nós temos uma característica própria, nesse sentido. O Brasil não tem discriminação racial e abomina a discriminação racial. E os judeus também abominam. E nós sabemos o que foi, o que aconteceu na Segunda Guerra Mundial.

Agora, esta semana, presidente Lula depositou uma corbelha de flores no mausoléu de homenagem ao holocausto, de recordação do holocausto. Pois bem. Ele, à noite, me ligou – lá era meia-noite e vinte, aqui eram sete e vinte; mas lá era meia-noite e vinte –, ele me ligou para me contar do contentamento que ele sentiu quando foi recebido em Israel. A lhaneza com que foi recebido, a forma cavalheiresca e também de estima ao nosso país. Ele ficou muito satisfeito. Tanto que ele me ligou, de certa forma, emocionado como foi recebido em Israel. Aquilo, como se fosse uma recomendação de que vamos



também, no Brasil, procurar fazer alguma coisa que possa representar uma recíproca desse tratamento que o Brasil mereceu aqui em Israel. Isso é muito importante.

Eu, quando sancionei esta Lei que está sendo comemorada hoje, porque é o Dia do Imigrante Israelita, esta Lei, foi um privilégio para mim sancioná-la. Eu ouvi aqui, humildemente, os agradecimentos pela sanção. Mas a verdade é que eu não sou presidente da República, eu sou vice-presidente. E, coincidentemente, caiu para mim, pelo fato de estar na Presidência naquele dia, a sanção desta Lei. E o fiz com muita honra para mim. E quero dizer aqui, de público, aqui no Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro, quero dizer que, para mim, foi um privilégio e uma coincidência muito feliz, de ter podido registrar o meu nome, na presidência interina, sancionando esta Lei, que é de autoria do nosso querido amigo e ilustre deputado, representante do Rio de Janeiro na Câmara Federal, deputado Marcelo Itagiba.

Então, é muito bom que eu tivesse vindo aqui hoje. E quero agradecer muito a homenagem que vocês me prestam. Quero dizer para vocês que, a cada dia que passa, eu sou o maior admirador de vocês. Vocês têm realizado um trabalho... E hoje as informações foram amplas, desde quando o Brasil foi descoberto. Provavelmente, vocês tenham ajudado naquele episódio da linha das Tordesilhas e tenham ajudado a ampliar o território brasileiro. Eu não tenho dúvida. Porque foi citado aqui alguns nomes de judeus: Silveira, Oliveira... Mas não disseram Silva, Silva também pode ser judeu. E eu sou Silva. Pode ser.

Mas, de qualquer forma, a cada dia que passa, repito, eu sou mais amigo de vocês. E podem estar certos: nunca tive uma decepção com nenhum judeu. Sou homem de negócios, durante mais de meio século, porque me estabeleci prematuramente, aos dezoito anos. Mas já era bom negociante. Porque... conto para vocês: quando saí de casa, aos quatorze anos de idade, fui trabalhar na cidade. E o meu patrão disse que ia me pagar trezentos cruzeiros. Eu fiquei encantado, porque, naquele tempo, ainda que já houvesse



o cruzeiro – porque o cruzeiro foi criado em [19]42, Estado Novo, tempo do Getúlio Vargas. E isso foi em [19]46; [19]45, [19]46 –, trezentos mil réis, ainda se falava. Vou lhe pagar trezentos mil réis. E já eram trezentos cruzeiros. Porque a moeda era o Real, só que o plural não era “reais”, era “réis”. E pode ser. Qualquer dicionário bom registra que plural de Real pode ser “réis”. E naquele tempo era “réis”. E a moeda, era um mil réis, passou a ser um cruzeiro. Então, naquele tempo, em 1942, foram cortados três zeros da moeda.

Pois bem, mas eu vou ganhar 300 mil réis. Mas não sabia onde ia ficar, mas imaginei, muito tolo, imaginei que o meu patrão fosse me levar para morar em sua casa. Eu era um menino, de 14 anos. Então, mas em um determinado momento, ele me perguntou: “Você tem pessoas da sua família aqui?”. Eu não tinha, não tenho. “E onde é que você vai morar?” Falei: “Não sei”. Então, ele disse assim: “Você vai morar no Hotel da Estação”. Era um hotel que ficava relativamente próximo do estabelecimento, e ficava em frente à estação da estrada de ferro. “Lá tem uma senhora, que é a proprietária, dona Maria”, o sobrenome era Cantamissa, dona Maria Cantamissa, ela me parece que era de origem italiana. E eu, então, fui para lá: “Quero falar com a dona Maria Cantamissa”. Minha fortuna estava numa malinha de madeira muito rota, ali havia três mudas de roupa, era tudo o que eu tinha, meu sapato era furado. Naquele tempo se punha muita meia-sola em sapato.

Então eu fui: “Dona Maria, eu vou trabalhar na empresa Souza e Irmão, aqui na Praça João Pinheiro, meu nome é José Alencar Gomes da Silva. E o senhor Geraldo Magela de Souza, que é um dos donos, me indicou o nome da senhora para que eu viesse aqui, porque ele gostaria que eu morasse aqui no hotel da senhora”. Ela olhou para mim – nós estávamos de pé, assim, em frente à estação da estrada de ferro –, falou assim: “Mas, meu filho, você quer morar no meu hotel?” Eu: “Dona Maria...”. “Quanto você vai ganhar?” Eu falei grosso: “Trezentos mil réis”. Ela disse assim: “Ah, meu filho, você não tem como morar no meu hotel. Primeiro, porque eu não gosto de mensalista, eu



trabalho com viajantes, que pagam em diárias. Eu só tenho um mensalista, mas isso é uma honra para mim, porque ele é o contador do Banco Mineiro da Produção”. A conversa dela era essa. “Ele paga 420 por mês. Quanto você vai ganhar?” Eu falei grosso: “Trezentos mil réis”. E ela: “Você não pode morar aqui”. E nós na janela, a estação da estrada de ferro em frente, do outro lado da rua. Então, eu disse assim: “Dona Maria, e café da manhã, almoço e jantar, por quanto a senhora pode me fazer?” Ela foi matriarca e disse assim: “E aonde você vai morar?” Eu tinha pensando, quando fiz a pergunta, em uma contra loja, da loja onde eu ia trabalhar, onde se guardava capas de quadro, papel, aquelas coisas, caixote vazio. Eu arranjo uma cama ali, o senhor Geraldo me deixa dormir ali, é perto, eu venho aqui, faço as refeições e volto. Eu pensei nisso, mas não falei com ela... E ela perguntou: “E onde você vai morar?” Eu mostrei a estação da estrada de ferro, plataforma, tinha uns bancos: “Eu posso dormir em uns daqueles bancos. A senhora me deixa guardar a minha malinha aqui. Eu vou usar o banheiro...” Lá era banheiro era coletivo, não tinha... não era apartamento, com banheiro em cada quarto, era um banheiro no fundo do corredor, tinha vários quartos. “Eu venho, me utilizo do banheiro, mudo a minha roupa, deixo ela aqui” Ela pegou a minha mão – eu era um menino de 14 anos – e entrou pelo corredor do hotel. Lá na frente fazia um ângulo assim, de 90 graus, e tinha um canto onde não havia porta de quarto, aí em um espaço de uns 2 metros de cada lado. Então, ela disse assim: “Eu tenho um catre velho aí, eu mando armá-lo aqui para você. Você concorda em morar aqui?” Catre é cama não é? Então, eu falei assim: “Concordo, mas nesse caso quanto à senhora vai me cobrar?” Ela já sabia, porque eu já tinha dito que eu ia ganhar 300 cruzeiros. Então ela pensou um pouco, falou assim: “280”. Eu falei assim: “Dona Maria, dona Maria, mas a senhora pode me fazer um preço melhor, afinal de contas eu vou morar no corredor”. Então ela riu muito, e falou assim: “250”. Eu falei assim: “200”. Ela disse assim: “Olha, o



melhor preço que eu posso fazer é 220.” Falei assim: “Está bem, com roupa lavada, com roupa lavada”.

Pois bem, assim combinamos e eu viabilizei o meu orçamento aos 14 anos de idade. Se eu pedisse ao papai, que me complementasse – eu sou o 11º filho de uma família de 15 – se eu tivesse pedido ao papai que complementasse para mim, porque eu ia ganhar 300, mas o hotel cobrava 420, o papai iria me ajudar, com sacrifício, porque ele era pobre, mas ele teria um grande prazer de me ajudar. Mas eu tive o grande prazer de nunca deixar de mandar a cada mês um presentezinho para a minha mãe, ainda que fosse uma caixinha de três sabonetes. Todo mês eu mandava para ela um presente, porque aquilo era uma forma que eu tinha de dar à mamãe a alegria de saber que eu estava ganhando bem, que eu estava com a vida organizada. E me orgulhava de morar naquele corredor. Minha malinha ficava debaixo da cama, tinha uma chavinha, com um barbante eu amarrava, assim, no cinto, botava no “bolsosinho”, e andava com aquela chavinha. Eu ia tomar banho, minha mãe recomendou: “Compra um tamanco, porque esses banheiros de hotéis são muito sujos”. Então, eu ia de tamanco e tomava banho em cima de um tamanco, no chuveiro. Então, minha vida começou assim.

Então, quando eu venho ao Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro e recebo uma homenagem de vocês, me fez... Eu, quando estava sentado, ouvindo vocês, me fez lembrar, obviamente, desse tempo. E eu me atrevi a contar para vocês aqui, tomando o tempo precioso de vocês, mas fiz isso com prazer, porque eu me sinto um de vocês, com muita honra para mim, porque vejo que vocês têm sido brasileiros desde os primeiros momentos, desde quando aqui chegou Pedro Álvares Cabral. E vocês devem fazer uma pesquisa porque, muito provavelmente, vocês tenham tido participação nas entradas para levar as fronteiras do Brasil ao sopé dos Andes, ampliando, passando muito além das Tordesilhas.



Isso é muito bom para que todos nós saibamos, para que todos os brasileiros passem a ver vocês como verdadeiros irmãos e como gente que respeita ao próximo e sabe se conduzir e se valorizar e que também é um exemplo para todos nós. Isso é muito bom, essa unidade que vocês construíram na comunidade judaica no Brasil, essa unidade – no Brasil e no mundo inteiro –, essa unidade deveria ser motivo também de observação de todos nós, para que tenhamos, ou para que tivéssemos essa unidade, no mínimo, em cada família brasileira. Então, é um exemplo maravilhoso que vocês trazem à vida de cada um de nós.

Muito obrigado pela forma com que vocês me receberam, pela homenagem que me conferiram aqui, agora. Fico muito agradecido. E quero dizer para vocês: meu gabinete em Brasília é uma extensão dessas nobres causas que vocês defendem. Tudo aquilo que eu puder fazer, eu estarei cumprindo com o meu dever perante um povo que tem participado da vida brasileira desde os primeiros momentos. E participado com liderança, porque o judeu é um líder nato. O judeu é um líder nato. Todo judeu é empreendedor e negocia melhor do que eu negocie no hotel, lá, com a dona Maria.

Então, muito obrigado a vocês e que Deus os ajude.

(\$22A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do encontro empresarial Brasil-Jordânia

Amã-Jordânia, 18 de março de 2010

Meu caro amigo Samir Rifai, primeiro-ministro da Jordânia,

Meu caro amigo Imad Fakhoury, ministro do Desenvolvimento do Setor Público e de Megaprojetos da Jordânia,

Senhor (incompreensível) Bassem, ministro do Planejamento e Cooperação Internacional, na pessoa de quem saúdo os demais ministros e autoridades da Jordânia,

Meu caro companheiro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil,

Meu caro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Senhores embaixadores,

Senhor (incompreensível), presidente do Conselho de Investimento da Jordânia,

Senhor Salim Schahin, presidente da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira,

Senhoras e senhores empresários,

Amigos e amigas brasileiros e jordanianos,

Empresários iraquianos,

Ser o primeiro presidente do Brasil a visitar a Jordânia é, para mim, uma honra extraordinária. Venho a Amã selar a parceria que lançamos quando o rei Abdullah II fez sua viagem pioneira ao Brasil, em 2008.

Essa é uma aliança entre dois povos. Responde aos anseios de uma comunidade de mais de dez milhões de imigrantes árabes e seus descendentes. Fizeram do Brasil uma segunda pátria, deixando sua marca em



nossas artes, negócios, cultura, política, medicina e culinária.

Estreitar os laços com os países árabes tem sido uma prioridade de meu governo. Nossas trocas saltaram de US\$ 8 bilhões, em 2004, para mais de US\$ 20 bilhões em 2008, um aumento de 150% em quatro anos.

Queremos que a Jordânia seja um aliado privilegiado do Brasil nessa estratégia. O seminário que estamos encerrando oferece oportunidade excepcional para os líderes do mundo empresarial de nossos países.

Senhoras e senhores empresários,

Nossa parceria se assenta em números sólidos. Desde o início de meu governo, nosso comércio multiplicou-se por dez, chegando, em 2008, a quase US\$ 300 milhões. As projeções de crescimento para nossas economias nos próximos anos são muito animadoras. Sou, portanto, otimista de que nossas trocas continuarão se expandindo de forma acelerada. Mais intercâmbio e mais investimentos, eis nossa resposta à crise internacional e à ameaça do protecionismo.

Por isso, é fundamental avançarmos na negociação de um acordo de livre comércio entre o Mercosul e a Jordânia. Consolidando espaços econômicos integrados, estaremos somando forças para reverter a desaceleração global.

Essa será uma prioridade do Brasil à frente da Presidência *Pro Tempore* do Mercosul, no segundo semestre de 2010. Com flexibilidade e espírito pragmático, podemos ampliar o acesso a mercados de bens e serviços, respeitando as sensibilidades de lado a lado.

Não teremos êxito nessa empreitada sem o engajamento do setor privado. Saúdo, portanto, a vinda a Amã de missão empresarial da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, em novembro passado, para explorar novas estratégias e multiplicar negócios.

Os governos estão fazendo sua parte ao lançar as bases para iniciativas inovadoras de cooperação em setores de grande potencial. Podemos replicar



aqui a revolução que a Embrapa, a nossa empresa de pesquisa agropecuária, promoveu na agricultura do semiárido brasileiro. Nosso foco é a inovação tecnológica, que promove ganhos de produtividade e de rentabilidade.

A modernização da agricultura brasileira tem muito a ver com outra revolução que a Jordânia quer liderar no Oriente Médio – a das energias renováveis. A diversificação de sua matriz abre oportunidades para compartilharmos a experiência do Brasil com os biocombustíveis. Podemos ajudar a Jordânia a encontrar soluções tecnológicas limpas e sustentáveis, ao mesmo tempo em que o país reduz a dependência da importação de combustíveis fósseis.

Empresas brasileiras, como a Embraer e a Sadia, já descobriram o potencial deste mercado. Estou certo de que outros investimentos virão, atraídos por sua localização geográfica privilegiada. Por isso, vemos com otimismo o engajamento da Jordânia no projeto de construção de canais ligando o Mar Vermelho e o Mar Mediterrâneo ao Mar Morto. Será passo decisivo para a integração do Oriente Médio, distribuindo água, comércio e prosperidade.

Na América do Sul, também estamos empenhados em construir um espaço econômico integrado capaz de multiplicar as potencialidades de uma região rica em recursos e diversidade.

É com essa confiança que estamos organizando a Conferência Econômica da Diáspora Palestina, em São Paulo, em julho do próximo ano. Queremos atrair investimentos para reconstruir a Palestina, o que beneficiará toda a economia regional.

Senhoras e senhores,

Por isso, termino aqui minha viagem ao Oriente Médio. A Jordânia é um sócio indispensável na busca da paz. Todos os olhos se voltam para Amã em busca de palavras de autoridade e moderação. A corajosa liderança do rei Abdullah na busca do diálogo nos inspira a acreditar no entendimento entre



nações.

Por isso, queremos uma América do Sul cada vez mais próxima dos Países Árabes. Nas Cúpulas América do Sul-Países Árabes, de 2005 e 2009, aproximamos duas regiões que precisam se conhecer melhor. De forma pioneira, estamos unindo nossas vozes na defesa de uma nova ordem internacional, mais democrática e equilibrada.

Queremos a Jordânia como interlocutor privilegiado nesse diálogo. Somos continentes separados pela história e pela geografia, mas unidos na determinação de moldar um destino comum. Essa visão motiva o Brasil a sediar o 3º Fórum Mundial da Aliança das Civilizações, em maio deste ano, no Rio de Janeiro. A contribuição da Jordânia nesse fórum é indispensável.

São essas as perspectivas e as esperanças que nos unem. É, portanto, com grande otimismo e confiança que desejo a todos vocês bons negócios.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu realmente preciso da paciência da delegação brasileira, que já quer retornar ao Brasil, e da paciência dos empresários jordanianos para mais um minutinho de conversa com vocês. Queria pedir ao intérprete, ao Sérgio Ferreira, que tivesse paciência. Prometo-lhe dar um suco de laranja no avião, para recuperar a sua voz.

Esta visita minha à Jordânia já faz parte de um comportamento do Brasil desde que assumi a Presidência da República, em janeiro de 2003. Eu me convenci de que era possível mudar a geografia comercial do mundo, construir novos atores para o comércio mundial, se a gente deixasse de fazer a mesma coisa que habitualmente fazíamos.

E tomei como decisão diversificar as relações comerciais com o Brasil e com o mundo. Eu queria lembrar que em 2004 eu fui a Dubai. Em Dubai fizemos uma pequena feira, e gastamos US\$ 500 mil para realizar uma feira. Qual não foi minha surpresa que alguns fizeram críticas pelo fato de eu ter gasto US\$ 500 mil em uma feira e nunca tiveram a curiosidade de perguntar



quanto nós tínhamos vendido naquela feira.

O dado concreto e objetivo é que os mesmos que criticaram a minha ida ao Mundo Árabe – e eu visitei... antes da Jordânia eu visitei, praticamente, nove países –, criticaram quando eu fui para a África. Diziam: “O que o Presidente do Brasil está fazendo na África? O Presidente do Brasil deveria estar nos Estados Unidos, deveria estar na Europa”. Porque era assim que nós estávamos habituados a fazer. Não éramos nós que tomávamos as decisões daquilo que nós queríamos fazer. Nós ficávamos subordinados à chamada matriz do desenvolvimento econômico, e que era quem conduzia os nossos interesses. Nós sequer olhávamos para a América do Sul com o olhar de um país que tem mais tecnologia, mais economia, mais indústria e que, portanto, poderia ter uma ascensão na relação comercial. O Brasil estava de costas para a América do Sul, mesmo tendo fronteira com quase todos os países, menos com o Equador e com o Chile. Nós tomamos a decisão de priorizar a nossa relação com o Mercosul.

O que aconteceu de lá para cá? Os empresários brasileiros devem ser testemunhas disso. Até aquela ocasião, o Brasil tinha uma balança comercial que mais ou menos se equiparava em 30% com a União Europeia e 28%, mais ou menos, com os Estados Unidos. Nesses anos todos, embora tenha crescido, em média, 20% ao ano a nossa balança comercial com a Europa e com os Estados Unidos, a verdade é que hoje, na balança global, os Estados Unidos e a Europa representam, cada um, no máximo 13% ou 14%. Ou seja, quando veio a crise econômica, nós não estávamos dependentes das duas economias que mais sofreram o baque da crise econômica, que foram os Estados Unidos e que foi a União Europeia, que até agora não se encontraram e que até agora não sabem quando vão resolver os seus problemas.

E essa diversificação feita pelo Brasil fez com que nós fizéssemos muitas viagens. Só para a [na] África, eu já visitei mais de 20 países, e cada viagem é um grupo de empresários: às vezes eram 20, às vezes eram 30, às



vezes eram 40. Porque nós estávamos habituados a viajar para Paris. Para Paris eu lotaria um avião, se quisesse. Para Nova Iorque, então, eu lotaria três aviões, se quisesse. Embora os nossos empresários soubessem que as nossas dificuldades de colocar determinados produtos brasileiros nesses países ricos é muito difícil.

E eu dizia sempre: o Brasil deveria agir como se fosse um mascate, aquele vendedor de rua que nós, carinhosamente, chamávamos de “turco” na década de 50, no Brasil. O Salim deveria ser tratado como “turco” naquele tempo, o Salim deveria ser tratado. Aqui tem muita gente com cara de turco. Você coloca um monte de peças de pano embaixo do braço e sai de casa em casa, batendo palmas e vendendo. Ninguém vai vender... um mascate não vai à Avenida Paulista, ele não vai ao Morumbi, ele não vai às ruas dos ricos. Ele vai à periferia, onde o pobre pode comprar para pagar em suaves 12 prestações, 24 prestações ou mais.

Eu achava que o Brasil tinha que ser assim. Que a gente, embora mantivesse a nossa relação de amizade com os países ricos, que nós deveríamos abrir novos espaços. E cá estamos nós na Jordânia, um país importante, muito importante, e que é a primeira vez que um presidente da República do Brasil vem aqui. Dom Pedro também não veio aqui. Dom Pedro parou em Israel ou no Líbano com o nosso imperador, isso em 1847 e 1876.

Ora, cá estamos nós, ainda poucos empresários brasileiros, 50 empresários brasileiros, alguns grandes empresários brasileiros. Mas antes era difícil até fazer um ministro viajar para um país que não fosse os tradicionais.

E aqui nós descobrimos oportunidades extraordinárias. O Brasil tem tecnologia, o Brasil tem empresas, o Brasil tem financiamento e o Brasil tem experiência em fazer quantos canais a Jordânia quiser fazer. O Brasil tem experiência, tecnologia, tem energia renovável. O Brasil tem experiência de recuperação das ferrovias brasileiras e o Brasil tem experiência de como fazer uma economia crescer, distribuindo renda para as camadas mais pobres da



população.

O sucesso da economia brasileira, meu caro Primeiro-Ministro, se deve a dois fatores fundamentais. Primeiro, crédito e financiamento. Nós éramos uma economia capitalista sem capital. Não tínhamos financiamento e não tínhamos crédito, e tínhamos uma faixa muito pequena de consumidores. Quando nós tomamos a decisão... E eu vou dar um dado aqui. Em março de 2003, quando assumi a Presidência do meu Brasil... do meu país, em janeiro, todo o crédito disponibilizado no Brasil, todo o crédito era de R\$ 380 bilhões. Hoje o nosso crédito já é de R\$ 1 trilhão e 410 bilhões. Aliás, hoje, somente um banco público chamado Banco do Brasil tem todo o crédito disponibilizado que o Brasil tinha em 2003.

Mas o que fez o nosso país crescer foi a distribuição de renda, foi elevar 30 milhões de brasileiros para a classe média, tirando-os das classes D e E, foi aumentar a renda das pessoas mais baixas [das classes mais baixas], que permitiu que elas tivessem poder de consumo.

É extraordinário quando a gente analisa as pesquisas hoje e vê que na parte mais pobre do Brasil as pessoas estão consumindo mais alimentos e material de limpeza do que a parte rica do Sul do País. Isso porque as pessoas tiveram contato com o dinheiro, com a renda, e as pessoas, então, começaram a comprar aquilo que é essencial para a sua sobrevivência.

O que nós fizemos para o Brasil vale para qualquer país do mundo. E o mais importante é o que eu disse ao Primeiro-Ministro: não basta esta visita de cortesia que estamos fazendo aqui. É preciso que, a partir desta nossa visita, que mais empresários brasileiros venham para a Jordânia, que a Jordânia vá ao Brasil para descobrir as oportunidades, para descobrir possibilidades de parcerias, para descobrir possibilidades de *joint ventures* com empresas brasileiras, para investimentos aqui e investimentos lá.

Neste mundo globalizado, onde todo mundo disputa com todo mundo, não sobreviverá aquele que ficar sentado, esperando a oportunidade passar.



Nós temos que procurar as oportunidades.

E o Brasil é um país que oferece oportunidades, porque é a maior economia de um continente de praticamente 330 milhões de habitantes, de um PIB excepcional, e é um país que tem um poder de consumo muito importante. Mas, sobretudo porque é um país que tem uma base tecnológica. E a Jordânia é um país crucial aqui nesta região do mundo, um país de paz e um país que está procurando, cada vez mais, crescer e se desenvolver.

Então eu penso que nós, governantes, estamos fazendo parte da nossa parte. Agora, é preciso que o ímpeto de investidores que vocês têm, de descobridores que vocês têm, de negociadores que vocês têm faça o resto. Da parte do governo, o que nós poderemos é induzi-los, é fomentá-los e dizer para vocês: juntos, a Jordânia e o Brasil, nós temos que procurar os créditos necessários para que esses investimentos possam se concretizar.

E nós, acreditemos ou não, essa crise econômica foi, para nós, a mesma coisa que foi a queda do Muro de Berlim, ou seja, a queda do Muro de Berlim obrigou todo mundo a repensar a política. A crise econômica obrigou a gente a repensar e não ficar na mesmice em que a gente estava durante muito tempo, onde o FMI sabia tudo quando a crise era nos países pobres, mas não soube nada quando a crise foi nos países ricos; onde alguns bancos, todo santo dia, davam palpite sobre os países emergentes, e estavam quebrando e não sabiam da sua própria quebradeira.

E essa crise fez uma coisa maior: ela voltou a valorizar o papel do Estado. Não o Estado gerenciador ou o Estado estatista, o Estado empresarial, mas o Estado indutor e o Estado fiscalizador, porque se o Estado estivesse cumprindo a sua função, o *Lehman Brothers* não teria chegado à situação de falência a que chegou, os bancos americanos não teriam vendido ilusões como venderam durante muito tempo, sem produzir um único emprego e sem produzir um único produto. Se tivesse fiscalização, como tem no Brasil, certamente não teria acontecido.



Então, vamos aproveitar esse momento de tensão econômica que o mundo ainda vive e vamos fazer algo novo. Vamos aproximar Jordânia e Brasil, vamos descobrir o que cada um de nós pode oferecer para o outro, o que poderemos construir juntos para que a gente consiga criar um mundo mais solidário, mais fraterno e um mundo onde as pessoas possam viver com dignidade.

Eu quero dizer para vocês, meus amigos, que no Brasil nós vamos ter eleições no dia 3 de outubro deste ano. O meu mandato termina no dia 31 de dezembro, à meia-noite, mas posso assegurar para vocês: tem duas [três] coisas que nós fizemos e de que nós não iremos abrir mão. Primeiro, a manutenção da estabilidade econômica; segundo, o controle inflacionário; e terceiro, os investimentos públicos, porque sem eles é muito difícil qualquer país do mundo resolver o problema de infraestrutura. E nós temos consciência de que a estabilidade econômica, o controle da inflação, a política de investimento público e a distribuição de renda para as pessoas mais pobres são as quatro condições sem as quais nenhum país dará certo; são as quatro condições fundamentais para que os países emergentes continuem crescendo, gerando empregos e distribuindo renda.

Essa lição nós aprendemos no Brasil, e gostaria de convidar os jordanianos a participarem dessa experiência exitosa. Certamente vocês têm muito a aprender conosco e nós temos muito a aprender com vocês, e só vamos poder conhecer as nossas virtudes e os nossos defeitos se mais encontros como este forem feitos ao longo dos próximos anos.

Boa sorte, bons negócios e que Deus abençoe a todos.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido ao rei da Suécia, Carl Gustaf

Palácio Itamaraty, 24 de março de 2010

Suas majestades rei Carl Gustaf e rainha Sílvia, da Suécia,
Minha companheira Marisa Letícia Lula da Silva,
Deputado Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,
Senhor Göran Hägglund, ministro da Saúde da Suécia, em nome de quem cumprimento a delegação sueca,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, em nome de quem cumprimento os ministros brasileiros,

Senhores e senhoras da imprensa,
Deputados,
Senadores,
Empresários,
Amigos e amigas,

Dar as boas-vindas ao rei Carlos XVI Gustavo e à rainha Silvia, da Suécia, é sempre uma especial alegria. O carinho que os brasileiros sentem pela Suécia leva o nome deste casal de amigos do Brasil.

Admiramos a dedicação da rainha Silvia ao trabalho em prol das crianças e adolescentes de nosso país. Somos reconhecidos pelo engajamento do rei Carlos XVI Gustavo em defesa do meio ambiente. Da proteção de nosso patrimônio natural dependerá a saúde do país que esses jovens herdarão.

Sempre apreciei o compromisso do povo sueco com a solidariedade comunitária e a igualdade de oportunidades. Lutei, desde o meu tempo de militância sindical, com essa mesma convicção. É possível construir uma sociedade com dignidade e cidadania para todos.



Majestades,

Esses mesmos valores sustentam a parceria entre nossos países. As empresas suecas instaladas no Brasil são conhecidas por aliar avanço tecnológico com forte compromisso social. São essas as qualidades dessa grande cidade industrial sueca que se implantou em São Paulo: mais de 200 empresas gerando mais de 50 mil postos de trabalho.

Os números não param por aí. Entre 2003 e 2008, o comércio bilateral passou de US\$ 900 milhões a US\$ 2,3 bilhões. Os US\$ 400 milhões que a Suécia aplicou no Brasil em 2009 representam oito vezes o valor de 2008. No momento em que a crise internacional fez secar investimentos e crédito de forma dramática, respondemos redobrando a aposta na nossa parceria.

Estou convencido de que estão dadas as condições para multiplicar esses avanços e identificar novos horizontes de cooperação. É esse o sentido do Conselho de Negócios Brasil-Suécia que estamos criando. Com projetos conjuntos em inovação tecnológica e capacitação de mão de obra, vamos aumentar a competitividade de nossas empresas e abrir novos mercados.

O Brasil está fazendo sua parte. A reação robusta de sua economia à instabilidade financeira global sinaliza condições excepcionais para atrair uma nova leva de investimentos produtivos.

Estamos lançando, ainda este mês, um plano ambicioso de ampliação da infraestrutura do país. São projetos que ajudarão o Brasil a preparar-se para sediar os dois maiores eventos do calendário esportivo internacional: a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro. Desde o trem-bala até projetos de saneamento, são obras que vão revitalizar nossas grandes cidades e tornar mais eficientes nossos corredores de exportação.

Majestades,

Na Conferência de Copenhague, em dezembro passado, ficou claro que a comunidade internacional está longe de um consenso para responder ao desafio da mudança do clima. Estou convencido de que Suécia e Brasil têm um



papel decisivo a desempenhar na COP-16 no México, ainda este ano.

Com iniciativas inovadoras em energia renovável, limpa e eficiente, estamos apontando a direção a seguir. Assim como no Brasil, a Suécia está adotando medidas concretas para reduzir de forma drástica e sustentável sua dependência dos combustíveis fósseis.

Não temos tempo a perder. Nosso acordo sobre cooperação em bioenergia abre caminho para ações de grande impacto. Contamos com a Suécia como nosso maior aliado para liberalizar o mercado de etanol na União Europeia e ajudar a criar renda e oportunidades para países na África, América Latina e Caribe.

Ano após ano, a produção de alimentos no Brasil vem crescendo. Ao mesmo tempo, em 2009, registramos o menor desmatamento em 20 anos. Graças a um ambicioso compromisso de redução de emissões, deixaremos de despejar na atmosfera, até 2020, mais de 1 bilhão de toneladas de CO². Isso representa quase a totalidade dos compromissos de todos os países desenvolvidos juntos.

Senhoras e senhores,

Com Celso Furtado e Gunnar Myrdal aprendemos que o subdesenvolvimento não é uma fatalidade. O mundo que queremos só será possível pela defesa intransigente da democracia e do multilateralismo, do diálogo sobre a força, do desarmamento e da não proliferação, da preservação do meio ambiente, e do respeito aos direitos humanos. Sei que a Suécia é um aliado incondicional dessa empreitada.

Com a certeza de que esta visita irá fortalecer os vínculos que nos unem, convido todos os presentes a erguerem um brinde à saúde e felicidade do Rei e da Rainha, à prosperidade de nossos povos e à amizade sincera entre Suécia e Brasil.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
Salão dos Territórios Rurais - Territórios da Cidadania em Foco**

**Centro de Convenções Ulysses Guimarães - Brasília-DF, 24 de março de
2010**

Bem, meus companheiros e minhas companheiras,
Companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário –
parabéns pela exposição feita aqui,
Companheiro José Pimentel, ministro da Previdência Social,
Companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e
Combate à Fome,
Companheiro Carlos Minc, ministro do Meio Ambiente,
Companheiro Alexandre Padilha, ministro da Secretaria de Relações
Institucionais,
Companheiro Edson Santos, da Secretaria de Políticas de Promoção de
Igualdade Racial,
Companheiros parlamentares,
Deputados federais,
Secretários de estados,
Prefeitos aqui presentes, e prefeitas,
Governador Eduardo Campos, de Pernambuco,
Companheiro José Maranhão, da Paraíba,
Companheiro Marcelo Déda, de Sergipe,
Companheiro Carlos Henrique Gaguim, de Tocantins,
Companheiros dirigentes sindicais aqui presentes,
Companheiros dos Territórios da Cidadania,
Meus amigos e minhas amigas,



Não vou falar de números aqui porque o companheiro Guilherme já falou muito de números. Eu queria apenas dizer para vocês que em 2007, quando o companheiro Guilherme apresentou a proposta do Territórios da Cidadania, eu disse, para quem quisesse ouvir, que esses meninos conseguiram produzir o mais perfeito programa de governo que eu já tinha visto.

Eu passei – eu tenho 64 anos, vou completar oito [anos] na Presidência, portanto, cheguei com 56 [anos] –, eu passei pelo menos 30 anos da minha vida fazendo pauta de reivindicação. Trinta anos da minha vida fazendo tudo o que é pauta de reivindicação que vocês possam imaginar. E quando me foi apresentado o Territórios da Cidadania eu vi, não apenas o ponto de vista conceitual, mas o ponto de vista da filosofia de integração da sociedade nas decisões das coisas que a própria sociedade precisa. Eu via a possibilidade de nós termos, dentro de pouco tempo, uma geração de brasileiros que tinha aprendido a construir, a partir da necessidade da sua sobrevivência e da sua comunidade, um outro jeito de fazer política no nosso país.

Prestem atenção numa coisa importante: foram 37 bilhões colocados à disposição de vocês em 2008... 2009. Se não houvesse o Territórios da Cidadania e se não houvesse a integração para acabar com a dispersão das políticas setoriais, feitas às vezes sem que ninguém soubesse, a gente não teria tido a capacidade de utilizar o potencial de recursos que nós utilizamos. Porque como tem muitos ministros cuidando de coisas, as mais diferentes possíveis, muitas vezes as coisas não aparecem, não ganham o caráter de política pública, não ganham o caráter da presença do Estado. E quando a gente conseguiu, através do Territórios da Cidadania, unificar 22 Ministérios, com dezenas e dezenas de ações de políticas públicas, a gente vai percebendo que aquilo que era um quebra-cabeça, que a gente não via o corpo, não via o rosto, a gente percebe que o quebra-cabeça ganha visibilidade, e a gente percebe que um corpo está sendo construído neste país.

Há pouco mais de 15 dias ou mais ou menos 30 dias, eu pedi para o



Guilherme me fazer uma exposição sobre o Territórios da Cidadania, porque como é um programa muito grande, muito ousado, e tudo o que é muito grande e muito ousado, a gente fica com medo que as coisas não estejam andando corretamente. E nós sabemos que apesar da quantidade de virtudes que nós temos, nós ainda temos muita coisa para fazer para que o Territórios possa atingir a plenitude dos seus objetivos.

E naquela reunião, nós descobríamos que o CAUC era um empecilho. O CAUC, se uma prefeitura deve para a Previdência hoje, ela não pode fazer nenhum convênio com o governo, mas amanhã ela pode estar em dia e ela pode fazer. Mas depois de amanhã ela pode não fazer mais. Então, fica uma estupidez burocrática. Obviamente que é uma garantia para a União de que também você não tenha uma quantidade enorme de prefeituras que não cumprem com os seus compromissos... Porque no Brasil, habitualmente, as pessoas muitas vezes não cumprem com o seu compromisso: uns porque não podem, outros porque estão em dificuldade, e outros porque querem ser malandros e não querem cumprir.

Mas nós, nós resolvemos apostar na ideia de que todo mundo é honesto até prova em contrário. Nós não queremos apostar que todo mundo é desonesto até prova em contrário. Todo mundo é honesto. É, na verdade, um voto de confiança que a gente está dando, para que a gente possa fazer fluir o dinheiro que está disponibilizado, e o que nós queremos é o resultado concreto e objetivo.

Bem, isso colocado, companheiros e companheiras, eu queria dizer para vocês que nós estamos vivendo um ano que vai começar a ficar delicado. Do ponto de vista político, é extraordinário, porque nós estamos consolidando a democracia no Brasil. Do ponto de vista administrativo, nós precisamos ficar muito atentos, porque é um ano que vai ter muitos embates. E nós não temos o direito de permitir que qualquer coisa venha atrapalhar os programas sociais que nós estamos fazendo e, sobretudo, a implantação definitiva do Territórios



da Cidadania. Porque tem gente no Brasil que fica incomodado. Vocês estão percebendo que tem gente que fica incomodado quando as coisas começam a dar certo. Na visão de algumas pessoas, o correto era que o país tivesse uma desgraça. Na visão de alguns, o correto era que no Brasil estivesse dando tudo errado para eles poderem dizer: “Está vendo, nós falamos. O menino não é letrado, o menino não tinha... não tinha... nós falamos, o menino nasceu para ser torneiro mecânico. A partir daí já é abuso.” E o que nós estamos provando é que mais do que uma política pública, nós estamos preparando milhões de pessoas neste país que podem assumir a administração de muitas coisas importantes neste país que, até então, eram de poucos.

O que vocês estão provando é uma coisa que nós dizíamos, também, no começo. Quando a gente terminar o mandato, a gente quer saber, sim, a quantidade de obras. A gente quer saber, sim, a quantidade de dinheiro aplicado. A gente quer saber o resultado. Mas, sobretudo, a gente quer saber se houve mudança na relação entre Estado e sociedade, entre governo e sociedade.

E é por isso que nós já fizemos, companheiros governadores, mais de 67 conferências nacionais, onde a sociedade vai aos poucos difundindo e fazendo com que as suas decisões se transformem nas políticas públicas colocadas em prática pelo governo.

Vocês viram que, recentemente, houve a Conferência de Direitos Humanos, que criou uma confusão. E nós sabemos que os temas polêmicos serão polêmicos a vida inteira. Nós sabemos que, recentemente, houve a Conferência, por exemplo, de Comunicação, em que os grandes grupos empresariais de Comunicação não quiseram participar, achando que iam ser admoestados pelos grupos menores quando, na verdade, o que nós vimos foi uma lição de democracia das pessoas que participam da discussão de Comunicação neste país. A última que nós fizemos agora, mais recentemente, foi a de Cultura, em que dezenas e dezenas e dezenas e centenas e milhares



de pessoas elaboraram, em todo o território nacional, uma definição de política cultural para o país. E incomoda muita gente, eu sei que incomoda, mas a mim não importa que eles fiquem incomodados, porque eu ficaria incomodado se o contrário acontecesse.

Quando a gente desfaz, desfaz o cordão umbilical, de que todo o dinheiro da Cultura tinha que ir apenas para uma região do país ou para um determinado setor do mapa brasileiro... Tentar, sem menosprezar esse setor que é muito importante, mas dar chance para que a cultura de Sergipe possa aparecer na televisão, a de Roraima, a do Acre, a de Manaus, a do Pará. O povo brasileiro precisa conhecer a diversidade cultural deste país, o que acontece em cada região, o que o povo de cada região é capaz de fazer neste país.

Então, eu penso que essas coisas vão crescendo e vão incomodando alguns. Eu, às vezes, me levanto de manhã e fico vendo algumas manchetes, eu fico triste, porque eu acabei de inaugurar, no dia anterior, duas mil casas, e não sai uma nota no pé do jornal; caiu um barraco, é primeira página, dizendo que caiu uma casa. Há uma predileção pela desgraça.

Agora, uma coisa que eu achei fantástica. Governadores, prestem atenção. Eu vi aqui na amostragem umas pessoas fazendo reunião, teve muitas salas de reunião aqui, que o Guilherme preparou. Qual é a grande novidade que nós estamos vendo? É que antes, até eu participava de reuniões como aquela que eu vi ali, apenas para criticar as coisas que não aconteciam. Hoje nós ainda nos reunimos para criticar as coisas que não acontecem, mas nos reunimos muito mais para discutir as coisas que nós queremos fazer acontecer, as coisas que nós queremos fazer com que aconteçam neste país.

Essa, essa é a novidade que alguns não querem enxergar. É triste quando a pessoa tem dois olhos bons e não quer enxergar, quando a pessoa tem o direito de escrever as coisas certas e escreve as coisas erradas. É triste, é melancólico para um país democrático como o nosso, para um governo



republicano como o nosso. Olhem a história deste país e vejam se alguns governos foram republicanos como o nosso governo. Eu digo sempre: eu desafio um prefeito, um governador do PFL, do PSDB, de qualquer partido político, que tenha sido destrutado pelo governo federal porque não pertenciam ao nosso governo. Vocês que são do Território da Cidadania sabem que, para nós, não importa a que partido pertença o prefeito. Nós partimos do pressuposto de que respeitamos o resultado eleitoral da participação popular nas eleições passadas. E a ele é dado o mesmo direito que é dado aos meus companheiros que trinta anos atrás me ajudaram a fundar um partido. Não tem discriminação para nenhum companheiro. E isso, certamente incomoda, isso incomoda.

E eu vou ficando triste porque eu fico imaginando daqui a trinta anos, quando alguém quiser fazer uma pesquisa sobre a história do Brasil e sobre o governo Lula e tiver que fazer se ficar lendo determinados tablóides. Ou seja, esse estudante vai estudar uma grande mentira neste país. Quando, na verdade, ele poderia estar estudando a verdade do que aconteceu neste país. E as coisas são assim, quando o cidadão quer ser de má-fé, não tem jeito.

Uma vez eu estava em Ibiúna. Eu, Eduardo... não sei se aqui alguém participou do congresso de Ibiúna em [19]68. Mas eu lembro que... não precisa ter mais medo de dizer que participou, não. Mas, depois de muito tempo, eu conheci o velho que era dono daquele terreno e comecei a ir lá. Fui várias vezes lá naquele terreno. Aí, um belo dia eu parei na padaria – naquela padaria que o pessoal do congresso parou para comprar muito pãozinho de uma vez, que gerou a desconfiança -... aí eu parei na padaria, Marisa ficou no carro e eu fui comprar um pão. Cheguei lá pedi um pão e perguntei: Quanto que é? O cidadão do caixa falou assim para mim: “Nossa, você parece o Lula. A voz do Lula”. E um cidadão que estava atrás de mim falou: “Mas não é o Lula, porque eu conheço o Lula. O Lula é mais alto, é mais moreno”. E eu, ali, na frente de um cara querendo me conhecer, e um cidadão desaforado atrás dizendo: “Não



é o Lula”. Eu fui obrigado a pegar minha identidade e mostrar para o companheiro: Companheiro, eu sou o Lula. Ele falou: “É, mas não parece”. É assim que determinados setores da imprensa se comportam para fazer a cobertura. É assim. Eles sabem o que está acontecendo no país. Se não quisessem saber pelos seus olhos, saberiam pelas pesquisas de opinião pública. Ainda assim, não querem saber.

E nós vamos trabalhando, porque a única coisa de [para] vencer isso é trabalhar. Nós não temos tempo para parar para resmungar. Uma coisa que eu acho legal é que os outros que vieram antes de mim pensavam que sabiam de tudo. Eu tenho consciência de que eu não sei de nada. Então, eu tenho que provar, todo santo dia, a cada minuto, que eu tenho competência de [para] fazer essas coisas.

E um programa como este é irreversível, é irreversível. Eu tenho consciência de que nós vamos ter continuidade, tenho consciência. No dia 29, agora, nós vamos lançar o segundo PAC. E por que é que nós vamos lançar o segundo PAC? Apenas por uma questão de responsabilidade. É que eu não posso permitir que quem vier depois de mim perca um ano fazendo o Programa. Porque pede um ano fazendo o Programa. Então, quando essa pessoa chegar, essa pessoa vai ter um programa pronto. Eu, eu não posso dizer, eu não posso dizer quem vai ser. Eu não posso dizer quem vai ser, eu não posso dizer quem vai ser porque, porque... vamos aguardar. Agora, eu não posso dizer, apesar de na minha cabeça eu ter consciência do que vai acontecer neste país, este ano. Tenho consciência disso.

Agora, nós... o governo não pode parar. Eu quero separar as eleições da atuação do governo. Eu quero fazer questão porque os ministros têm tarefas a cumprir, e se todo mundo resolver abandonar o barco, a gente termina o ano sem cumprir os compromissos que nós assumimos. Então, o compromisso sagrado nosso é não parar de governar este país, por conta das eleições.

Vai sair uma série de ministros, vai sair... Vai subir uma série de gente.



Todo mundo sabe que eu não vou trocar muita gente. Eu vou utilizar os secretários-executivos que, no fundo, no fundo são os que vêm tocando os Ministérios até agora. Salvo algumas exceções, é que eu posso fazer troca. Salvo algumas exceções, é que eu posso fazer mudança. Mas todo mundo... não vai ter, não vai ter nervosismo desta vez. Não terá nervosismo porque nós temos consciência do que nós queremos até o final do mandato.

A segunda coisa, companheiros, é que nós não podemos brincar com a economia. Aqui, os governadores sabem e vocês sabem, nós não temos o direito de brincar com a economia. Nós não vamos brincar com a estabilidade econômica, ela tem que ser mantida; a questão fiscal tem que ser cuidada com seriedade, com muita seriedade; e a inflação tem que ser controlada porque se ela voltar, ela vai exatamente em cima do pobre. Ela não vai em cima do rico. O rico tem conta bancária no exterior, o rico tem depósito em dólar, o rico tem conta remunerada. A inflação, para ele, nunca será a mesma inflação da pessoa que vai comprar o feijão no supermercado todos os dias. Então, nós vamos controlar a inflação.

E vamos fazer mais política social, mais política... Nós apenas começamos a fazer política social. O que foi interessante nessa crise econômica, e esse é um marco extraordinário para todo mundo... Eu estou vendo o professor Inacy aqui, e [ele] pode provar... eu estou vendo uma coisa extraordinária. O que nós provamos, com essa crise, é [que] o que salvou a crise neste país não foram as grandes empresas, não foram. Não foi a Petrobras, não foi a Vale do Rio Doce, não foi a Volkswagen, não foi a Ford. O que salvou a economia deste país foi o povo pobre ter acesso à renda neste país, foi o aumento de salário mínimo, foram programas como o Bolsa Família, que ativou... foram programas como o Mais Alimentos, foram programas como o financiamento de tratores, foram programas como o financiamento de alimentos, o PAA. Essas coisas, no fundo, no fundo é que terminam determinando o crescimento de um país, porque na hora em que você dá um



milhão para um só, ele vai depositar esse um milhão no banco e ele só vai ganhar juros. Mas se você pega um milhão e divide por cem, cada um vai ter dez, portanto, cada um vai entrar no supermercado, cada um vai comprar o que comer, o que vestir, e a economia cresce. Foi isso o que aconteceu neste país, e é por isso que nós estamos hoje muito à vontade aqui.

Bem, eu queria terminar dizendo ao companheiro Guilherme que eu acho, Guilherme, que é preciso a gente ficar, é preciso a gente ficar muito atento porque logo, logo nós vamos ter que colocar... Não tem nenhum sentido não ter uma Farmácia Popular em cada município do Territórios da Cidadania. A Farmácia Popular, ela pode ser de dois tipos: uma ser a nossa farmácia, e a outra, ser a farmácia da própria cidade. Basta ter um computadorzinho, ter uma maquininha, e colocar lá a quantidade de remédios, os principais remédios para a população – [remédio para] asma, para crianças; remédio para pressão alta, e outros remédios que são principais para o ser humano. A pessoa, a farmácia pode fazer um convênio com o Ministério da Saúde, e qualquer um vai lá e compra, e o governo federal paga 90%. Por exemplo, o remédio de pressão, que custa [R\$] 37, um cidadão vai lá e compra, e ele paga apenas [R\$] 3,70. O restante é o governo federal que paga. Se na cidade de vocês não tiver Farmácia Popular, procurem o prefeito, reúnam o farmacêutico da cidade, e eles podem colocar um balcão escrito lá “Aqui tem Farmácia Popular”, e vocês podem comprar.

A questão do dentista. O Guilherme sabe que é uma preocupação minha. Uma vez eu fiquei meio nervoso com o Guilherme porque eu fui para a Europa e levei uma fotografia extraordinária do programa Mais Alimentos; e lá no programa Mais Alimentos tinha lá, numa plantação, um homem e uma mulher. O homem era um companheiro daqueles que a gente chama de cidadão de cor, negrão, com um sorriso deste tamanho, mas sem um dente na boca. E eu falei: Ô Guilherme, não poderia ter mandado, através do Brasil Sorridente, colocar dentes nesse companheiro? Bem... ele mandou fazer.



Agora já recebi a fotografia do companheiro dando risada, com uma boa prótese. Vocês vejam como eu melhorei. Antigamente eu falava “uma boa dentadura”. Agora é “uma boa prótese”. É que...

Então, agora nós vamos, viu, Guilherme... Logo, logo nós vamos ter 160 ambulâncias, cada ambulância com um ambulatório odontológico, e a preferência será para as cidades do Territórios da Cidadania, para... Porque eu aprendi, também, que não basta ficar o consultório no centro da cidade, porque ele atende as pessoas que estão em volta da cidade. Mas as pessoas que moram a 15 quilômetros, a 20 quilômetros, que não têm ônibus, nunca vão vir ao dentista. Então, é importante que tenha essas ambulâncias que possam percorrer o território nacional, as cidades mais pobres, levando dentista onde as pessoas precisam de dentista. Lá, a ambulância vai parar, vai tirar molde da boca dele, vai fazer uma prótese de qualidade, de qualidade. Não vai ser daquelas que eram feitas antigamente no Nordeste, não. Pegava uma boca deste tamanho e colocava uma prótese deste tamanho; o cidadão falava, ela ficava caindo, subindo, descendo, às vezes caía da boca dele; ou, às vezes, colocava tão grande que não cabia na boca. O cidadão ficava... Nós, agora... Isso tudo já está programado, já está encomendado e logo, logo essas coisas vão começar a acontecer no nosso país.

Portanto, companheiros, eu agora vou deixar vocês porque eu sei que a Contag está com uma pauta de reivindicação para me entregar, eu tenho que receber a pauta de reivindicação da Contag. Mas, olhem, é importante o seguinte. O companheiro Pimentel vai deixar a Previdência... E uma coisa marcante, que ninguém fala. Quando eu entrei no governo, a grande briga nossa era a fila do INSS. Faz quanto tempo que vocês não ouvem falar mais de fila no INSS? Quanto tempo? Hoje uma mulher grávida recebe o auxílio-natalidade dela... o auxílio-maternidade com 15 dias. Um aposentado se aposenta com meia hora. ele não tem que apresentar documento nenhum. Ele recebe uma carta dizendo que ele tem direito, e ele vai lá receber. Estamos



cadastrando, estamos cadastrando quase 5 milhões de pequenos proprietários, até quatro módulos, para que essas pessoas também, quando completarem 65 anos, se aposentem sem ter que prestar contas de documento. Nós é que temos que prestar [apresentar] o documento para essas pessoas.

E para deixar a Paraíba, aqui... pega aquele bonezinho da Paraíba, aí, que eles querem que eu ponha... Pega lá, Patrus. Querem que eu coloque na cabeça o boné, deixa eu colocar. Isto aqui é o boné, é o boné da rede colegial... dos coordenadores do Territórios da Cidadania.

Eu vou terminar contando uma história de boné para vocês. Em 2003, eu recebi os Sem-Terra lá no Palácio do Planalto, e aí eu coloquei o chapéu dos Sem-Terra na cabeça. Foi um escândalo, um escândalo. Primeira página dos jornais: "Lula bota o chapéu dos Sem-Terra na cabeça". Bem, a partir daquele instante, a partir daquele instante o que é que eu fiz? A partir daquele instante eu passei a colocar qualquer chapéu na cabeça. Nunca mais colocaram eu com um chapeuzinho na cabeça, Marcelo. Porque essa coisa é o seguinte: eles vêm para cima. Se você se acovarda, eles ganharam. E nós não temos por que temer. Se tem uma coisa que nós não temos é vergonha do que nós fazemos neste país. Nós temos que ter orgulho do que estamos fazendo neste país.

Eu digo sempre o seguinte: nós todos vamos ser medidos pelo que nós fizemos. A gente não precisa ficar prestando contas todos os dias. Quando terminar o mandato, a gente vai ter um balanço do que foi feito neste país. Eu acho que a gente pode fazer muito mais no próximo período, porque nós aprendemos. Vocês sabem que não é fácil fazer as coisas. Vocês sabem que é difícil fazer, mas nós aprendemos.

Então eu quero, Guilherme, dar os parabéns a esta segunda mostra do Territórios da Cidadania. Dizer aos companheiros coordenadores, membros, participantes, delegados e delegadas, prefeitos e prefeitas, secretários e secretárias, dizer o seguinte: Olha, eu peço a Deus que vocês consigam fazer exatamente o que está estabelecido no Territórios da Cidadania, porque é a



maior revolução de participação e construção social na vida de uma cidade, de um estado e de um país. E tenham certeza de que para isso dar certo... não daria certo apenas com governador e com prefeito, mas também não daria certo apenas com nós, com o governo federal ou com a sociedade. Isso, para dar certo, tem que ter uma combinação: prefeito, governador, governo federal e vocês, enchendo o vazio que nós deixamos neste país.

Um abraço. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de premiação da 3ª edição do prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e lançamento da 4ª edição do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos do Milênio

Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 24 de março de 2010

Bem, primeiro, companheiros e companheiras, eu queria dizer para vocês da alegria de estar participando desta terceira edição do Prêmio, porque um dia eu fui a Porto Alegre, e em Porto Alegre o companheiro Olívio Dutra disse que eu tinha que visitar uma fábrica de um companheiro chamado Israel Tevah. O seu filho Daniel está aqui. É bom se levantar para todo mundo ver que você está aqui. Eu voltei de lá com a sensação de que era possível fazer algo mais para o nosso país. O que é que eu vi lá em Porto Alegre? Um empresário que tinha uma fábrica, se não me falha a memória, de roupa masculina, e que uma vez por ano ele dedicava a produção dessa fábrica para fazer doações. Os trabalhadores dedicavam as suas horas de trabalho, ele dedicava a matéria-prima e as máquinas, e se escolhia quem era que ia receber essa produção do dia. Às vezes era produção de roupa para creche, para hospital.

Eu voltei para cá com a sensação de que se eu conseguisse convencer a Volkswagen a dar um dia da produção dela para a sociedade, as empresas automobilísticas, e aí, refrigerante, guaraná, Coca-Cola e tantos outros aí, Pepsi Cola, sei lá, cada frigorífico dar um dia da produção de carne para o povo pobre comer... Eu fiquei sonhando com essa ilusão e eu acho que nós ainda vamos conseguir. Não é fácil a gente convencer todas as pessoas a serem solidárias, mas o exemplo que eu vi nessa fábrica, de um senhor que [com quem] eu não tinha nenhuma relação e que me convidou para ir à sua fábrica



ver esse trabalho, me deixou convencido de que nós precisaríamos criar alguma coisa para que nós pudéssemos atingir as Metas do Milênio.

Eu, pelo que conheço do mundo, as Metas do Milênio vão ser difíceis de serem atingidas em muitos países. Porque quando um país rico como os Estados Unidos perde na Organização do Comércio, para o Brasil, o subsídio para os produtores de algodão dos Estados Unidos e, em vez de ele aceitar a derrota que a Organização Mundial do Comércio impôs a ele, ele resolve, então, não cumprir a decisão, obrigando o Brasil a tomar decisões de retaliar em outros produtos, não é porque o Brasil brigou com os Estados Unidos porque a gente queria competir com o algodão brasileiro. Nós temos tecnologia para disputar com eles algodão e outros produtos agrícolas. O que nós queríamos, na verdade, era ajudar os países africanos. Alguns produzem, por ano, 400 toneladas de algodão, é o único produto de exportação, e eles precisam que os países ricos não deem subsídio para os seus produtores, para que o mundo rico possa comprar o produto desses produtores mais pobres.

Bem, então, tem muitos países que ficaram empobrecidos. Nós não conseguimos fazer o acordo da Rodada de Doha, na OMC, e não conseguimos fazer porque, depois de tudo pronto, teve uma divergência entre Estados Unidos e China, ou melhor, Estados Unidos e Índia, por conta das eleições que iriam acontecer naquele ano nos dois países. Os Estados Unidos, em novembro ou outubro, e a China... e a Índia, em março do ano seguinte. A gente parou, e até hoje a gente não conseguiu retomar a Rodada de Doha.

Então, na medida em que os países ricos passaram a vida inteira falando em livre comércio, em mercado livre, e muita gente acreditou, fez disso uma doutrina para tentar diminuir o papel do Estado aqui e em outros países, privatizaram tudo em nome do milagre que o mercado iria fazer, o que aconteceu, de fato, na economia mundial? O livre mercado era muito importante, Marcelo Déda, quando só eles poderiam vender para nós. Mas quando nós queremos mandar a nossa farinha de mandioca para lá – de



macaxeira ou de aipim, para alguns – ou nós queremos mandar os nossos aviões... porque tem muita gente que pensa que o Brasil é apenas produtor de suco de laranja, de minério de ferro e de soja. Eles não sabem que nós somos um baita produtor de avião, nós temos... agora temos a primeira fábrica de *chip* no Brasil, lá em Porto Alegre. Eles não sabem que este país é rico em matéria-prima, mas é um país que tem uma estrutura produtiva moderna, ainda não competitiva em igualdade de condições com algumas nações ricas tecnologicamente, mas o Brasil está andando a passos largos.

E o que nós queríamos era que o livre comércio permitisse a possibilidade de os países mais pobres terem acesso ao mercado dos países mais ricos. Não conseguimos. Não conseguimos porque um não quer abrir mão da agricultura... Eu lembro da quantidade de brigas que eu tive com o presidente Chirac, que não queria abrir mão do subsídio à agricultura dos produtores franceses; os americanos não queriam abrir mão dos produtores e do subsídio ao milho, aos produtores de outros produtos; e assim cada um tenta defender os seus interesses falando, para fora, em livre comércio, mas não exercendo a política de livre comércio quando se trata de dar a mesma oportunidade. Alguns países ricos, habilmente, eles dão alimento para os países pobres, não porque eles querem ajudar os países pobres, é porque os alimentos que eles dão são produzidos pelos seus produtores subsidiados. Assim, eles mantêm a produção, doando um produto que poderia ser comprado dos países... que os países ricos poderiam... pobres poderiam produzir.

Então, o mundo vai chegar a 2015, nós não vamos conseguir atingir as Metas do Milênio assinadas por todos os presidentes que foram às Nações Unidas. Essa é uma coisa triste. Eu acho que nós, no Brasil, vamos superar, e muito, até 2015, todas as Metas do Milênio estabelecidas pelas Nações Unidas por algumas razões, por algumas razões. O Brasil vive, eu diria, um momento quase mágico na relação entre sociedade e Estado, Estado e sociedade,



porque as pessoas começaram a acreditar que alguma coisa nova está acontecendo no país. E essa coisa nova que está acontecendo no país é apenas o fato de que o Estado brasileiro e o governo brasileiro passaram a acreditar que a sociedade tem um papel extraordinário para cumprir. A gente poderia pegar o Banco do Brasil como exemplo, a gente poderia pegar a Caixa Econômica Federal como exemplo, a gente poderia pegar o BNDES como exemplo, a gente poderia pegar várias instituições públicas de peso que algum tempo atrás agiam como se não tivessem absolutamente nenhum compromisso além daquilo que estava estabelecido na normatização da sua existência. Não tinha uma relação de acreditar no Brasil, de facilitar as coisas, de permitir que as coisas fluíssem com facilidade.

Hoje, se a gente for ver a política que tem no Banco do Brasil – DRS [Desenvolvimento Regional Sustentável] no Banco do Brasil –, se a gente for ver a política de inclusão bancária da Caixa Econômica Federal, se a gente for ver o BNDES... O BNDES, eu lembro que uma vez eu fiz uma pergunta ao BNDES. Eu perguntei para o presidente do BNDES, uma vez, muito tempo atrás: escuta aqui, entre eu dar entrada num projeto no BNDES e vocês conseguirem me liberar o dinheiro, em média, quantos dias demora? “Duzentos e setenta e cinco dias, em média”. Ora, se eram 275 dias, em média, significa que tinha projeto que demorava 350 e projeto que demorava 150 [dias].

Hoje diminuiu muito isso e eu penso que vai diminuir mais se as pessoas tiverem vontade de emprestar, porque houve um tempo em que emprestar não era nenhum negócio para a Caixa Econômica Federal, nenhum negócio para o Banco do Brasil, nenhum negócio para o BNDES. Havia um processo de desconfiança. Era preciso sentar em cima do dinheiro. Também porque esses bancos viviam sendo acusados o tempo inteiro. O Banco do Brasil esteve para ser privatizado quantas vezes, porque era um banco deficitário? A Caixa Econômica teve problemas sérios de sobrevivência, e o BNDES, quando emprestava muito, era R\$ 38 bilhões quando, no ano passado, emprestou R\$



139 bilhões. A gente, a gente não via, a gente não via, por exemplo... O BNDES só emprestava dinheiro para quem não precisava de dinheiro. Tinha que ser megaempresário e precisava ter tanta garantia, que se eu tivesse todas as garantias, eu não precisava de dinheiro. Pense, pense, Marcelo Déda, numa exigência de garantia! As pessoas desconfiavam que todo mundo era um pouco bandido, antes de acreditar que todo mundo era honesto.

Pois bem, essa política mudou. Eu tive o prazer de ir ao BNDES, lá naquela sede suntuosa do BNDES, lá no Rio de Janeiro, ver os catadores de papel assinarem um contrato de R\$ 200 milhões para financiar cooperativa de catadores de papel. “Catador de papel” era no tempo em que eles eram tratados como cidadãos de segunda classe. Hoje são catadores de material reciclável, porque não é apenas a modernização no empréstimo, é nas palavras.

Então, o que nós estamos percebendo é uma mudança de prática, de conceito e de relação neste país. Isso vale para a agricultura, sobretudo a familiar, isso vale para qualquer pessoa deste país. Nós... eu lembro do começo do nosso governo, a briga entre o BNDES e os bancos populares, porque os bancos populares queriam tomar dinheiro emprestado do BNDES a 1% para emprestar a 4%, e o BNDES achava “Que desgrama é essa? Como é que eu vou emprestar a 1[%] e vocês vão emprestar a 4[%]?” Era porque os bancos populares tinham que ter alguém para atender a pessoa que fosse pegar dinheiro, tinham que pagar o salário, e o BNDES não tinha uma rede bancária. O BNDES, ou o cara vai ao Rio ou não tem como pegar dinheiro. Depois é que nós criamos o cartão de crédito do BNDES, que precisa ser fomentado mais. Agora estamos abrindo o BNDES internacional. Estamos chiques, até Londres abriu um escritório do BNDES! Pensa que é chique? O do Uruguai não está funcionando direito ainda, não, mas vai funcionar.

Então, o meu discurso era este papelzinho amarelo com o nome do teu pai e o teu nome, Daniel, porque foram vocês que me inspiraram a propor a



criação deste prêmio das boas práticas. E por que é preciso um prêmio das boas práticas? Por que é preciso um prêmio das boas práticas? Porque no país, ultimamente, político só aparece nas páginas policiais. Você quase não vê uma matéria bem-sucedida, de um prefeito, neste país, só se tiver denúncia de corrupção.

Então, eu fiquei pensando: por que a gente não homenageia as pessoas, tanto de governo como da sociedade civil, que se dedicam a fazer as coisas da melhor forma possível? E este prêmio surgiu. Se ninguém cria uma coisa dessas para incentivar, as pessoas começam a ficar desacreditadas: “Será que é para valer?” Eu acho que a ONU precisava instituir um prêmio para cada país, a cada ano: a cidade de cada país que melhor teve uma prática deveria ser premiada. Porque parte das coisas que a gente vai resolver neste país tem que passar pelas prefeituras, tem que passar pelas prefeituras.

Eu digo isso, digo isso como alguém que já teve muito preconceito. Eu lembro que quando nós começamos o mandato, em 2003, que nós criamos o programa Fome Zero, nós começamos a discutir quem é que ia cadastrar. Aí aparece, ao meu lado, logo alguém que fala: “o movimento popular”, que pode fazer uma parte, mas não tem fôlego, nem estrutura para cadastrar milhões de pessoas no Brasil inteiro. Não tem nem gente, nem estrutura, não tem nada. O que é que nós fizemos? Fizemos convênios com as prefeituras, fizemos cadastros com as prefeituras, (incompreensível) com as prefeituras, e o povo pode se organizar para fiscalizar, que é muito mais fácil e muito mais funcional. E posso dizer para vocês que o programa Bolsa Família é, hoje, o maior exemplo de seriedade de cadastramento feito no Brasil. Nós, todos os anos, colocamos gente nova e tiramos, porque nós conseguimos descobrir, já, quem é que não está cumprindo corretamente as normas do Programa.

Então, ou nós evoluímos para tentar fazer com que os entes federados trabalhem juntos, o governador do estado cumpra com a sua função, o governo federal com a sua função, a prefeitura com a sua função, e toda a sociedade,



cada um cumprindo com um pedacinho, a gente consegue atingir o sucesso que nós estamos atingindo hoje.

Como eu ando muito pelo Brasil, eu posso dizer para vocês que nós vamos atingir as Metas do Milênio em todas as áreas, posso dizer para vocês. E, certamente, em algumas nós poderemos fazer muito mais do que o que está previsto, muito mais, porque eu acho que o Brasil, também, entrou numa rota de a gente gostar da gente mesmo. Não tem coisa melhor do que a gente se levantar de manhã de bom humor, se olhando no espelho – não precisa ser todo mundo bonito como eu, pode ser menos bonito –, mas a gente gostar da gente mesmo, a gente acreditar na gente mesmo.

Houve um tempo em que a gente não acreditava. Tudo o que era do Brasil não era bom, tudo que é aqui “não presta. O prefeito não presta, vereador não presta, os deputados não prestam, governador não presta, presidente não presta, a fruta não presta, a comida não presta, a roupa não presta, a contabilidade não presta”. Tudo que era bom era dos países ricos. Isto aqui era uma cultura de submissão que este país tinha adotado. A gente pensava que Portugal tinha saído daqui, mas não saiu; passou para Londres. A gente pensava que Londres tinha saído, mas não saiu; passou para os americanos. A gente pensava que eles saíram, mas não saíram. Eles só saem quando a gente faz como fizemos com o FMI. Paga o que deve e fala: não dá mais palpite aqui, que nós vamos cuidar do nosso nariz. Porque a autonomia de um governante é tudo. A autonomia de um prefeito, de um governador, de um presidente da República...

Como é que funcionava? Eu fui ao Congo. Para fazer uma estrada no Congo, o FMI não deixava. Não deixava, por quê? Porque tinha que cumprir o superávit primário ou porque tinha que guardar dinheiro para pagar a dívida do Congo com o FMI. Então, o presidente não tinha autonomia.

Então, como nós aprendemos, desde pequenos, a ser donos do nosso nariz... Aliás, por sermos donos do nosso nariz, companheiro Temporão, eu



assinei a medida provisória, hoje, da Secretaria Especial de Políticas de Saúde para os Índios. Eu ia deixar para assinar a [medida provisória da] Secretaria no dia 19, que é Dia do Índio, Dia Nacional do Índio, mas como eu percebi que ia ter muito índio aqui, eu falei: vai que algum está lá armado, e eu estou de peito aberto e me vem uma flechada de lá para cá... Eu falei: deixa eu assinar logo aqui. E assinei, então você já pode ficar tranquilo que já vai estar no Congresso. Já pode começar a funcionar a Secretaria imediatamente. Eu espero que a gente faça mais e melhor do que a gente fez, mais e melhor. A nossa responsabilidade agora é maior, porque antes você tinha alguém para culpar. Hoje é você, hoje é você, então... Nós, agora, vamos cobrar diretamente de quem de direito.

Então, Dulci, eu queria te dar os parabéns, porque eu acho que a gente chegar até onde chegamos foi importante, acho que isso é um estímulo. Eu vi aqui os prefeitos e a sociedade com orgulho, com as suas medalhinhas. Parecia Copa do Mundo! Se fosse dourada, era que nem a Jules Rimet. Mas eu vi o orgulho de vocês. Eu tenho certeza de que este prêmio que vocês receberam será um patrimônio na sede da entidade que conquistou e será um patrimônio na sede da prefeitura. Qual a prefeitura que vai ter vergonha do Ministério Público, e esconder o seu prêmio? Quando o Ministério Público for fiscalizar a prefeitura, ele vai, com orgulho, colocar o prêmio dele lá em cima, e falar: “Eu sou um ganhador de boas práticas políticas neste país. Portanto, me trate bem”.

Eu... então, Dulci, eu acho que a gente tem que agradecer o trabalho da Secretaria-Geral. Muitas vezes, a gente chega em uma festa e está o bolo para comer, as moças para dançar, a gente não pergunta quem levou. E, neste caso, eu sei que quem levou... o coordenador foi a Secretaria-Geral da Presidência da República, eu sei do trabalho do teu pessoal. Portanto, parabéns, e espero, mesmo não sendo presidente, que eu seja convidado para o quarto prêmio que vocês vão entregar, das Metas do Milênio, aqui neste



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

auditório.

Um abraço. Parabéns. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura do 2º Congresso de Mulheres Metalúrgicas do ABC
São Bernardo do Campo-SP, 25 de março de 2010**

Despublicado em: 01/07/2010

Republicado em: 05/11/2010

Olhe, primeiro, meu companheiro, nobre presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Minha companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Companheira Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Política para as Mulheres,

Companheiro Devanir Ribeiro, deputado federal,

Companheiro Vicentinho, deputado federal,

Companheiro Marinho, prefeito de São Bernardo do Campo,

Companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Companheiro Meneguelli, presidente do Sesi,

Nossa querida companheira Simone Aparecida Vieira, coordenadora do Coletivo de Gêneros do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, por intermédio de quem cumprimento as mulheres metalúrgicas presentes,

Companheiro Abel, presidente da (incompreensível)

Companheiros deputados estaduais,

Companheiros prefeitos,

Eu vou ser muito rápido aqui, porque a Dilma está falando mais do que a mulher da cobra. Segundo, porque nós temos que ir a um jantar ainda, da comunidade árabe, e depois temos que dormir, ainda, em Ilhéus, na Bahia, porque amanhã temos atividade em Itabuna, inauguração de obras de um governo que trabalha “*del pueblo para el pueblo*”.

Bem, depois, eu quero, aqui, começar a fazer uma crítica, aqui, ao companheiro Meneguelli, ao companheiro Vicentinho, ao companheiro Giba, ao



companheiro Marinho, ao companheiro Feijóo... Doutor Maurício, são 32 anos para fazer o 2º Congresso. Imagina, Névia, você, que está aqui, nesses 32 anos, Névia, você deveria ter brigado para fazer os próximos congressos, Névia. Você também se acomodou aí e não reivindicou. Você deveria ter feito uma greve, aí, nos dentistas do Sindicato, chamado a atenção do Vicentinho, do Meneguelli e do Marinho, para que... Você veja um negócio: já em [19]78 predominava na minha cabeça a questão de gênero. E todos vocês não cuidaram da questão de gênero com nenhum carinho. Precisou vir o Nobre, um companheiro que também é preocupado com as mulheres, para fazer o 2º Congresso.

E eu vou te contar porque eles não fizeram tantos congressos: porque se eles tivessem feito o congresso em 80, 82, 84, 86, 88, 89, até agora, quem sabe só tivesse mulher na diretoria do Sindicato e tivesse pouco homem na diretoria do Sindicato. Então, na verdade, na verdade, o que está por detrás disso é o medo de perder o lugar para as mulheres. Não é o meu caso, que, antes de perder, já indiquei logo. Aí, ninguém pode dizer que eu perdi.

Bem, brincadeira à parte, eu queria alertar aos homens aqui que vocês começam a reunir um monte de mulher todo dia, vocês vão ver o que vai acontecer com vocês. Vocês vão ver, porque as mulheres estão ficando espertas, gente. As mulheres... E eu lembro que o Sindicato contribuiu muito para isso. Eu lembro que a participação política das mulheres contribuiu muito para isso.

Eu conto sempre uma história: eu me casei em 1974. E eu lembro que, naquele tempo, a relação do homem com a mulher era uma relação, na maioria das vezes, muito autoritária. Tinha papel definido para o homem e papel definido para a mulher. Essa é a verdade, viu, Dilma, da década de 70, embora você já tivesse sido presa para evitar que isso acontecesse. Mas a verdade é que, no meio metalúrgico, havia uma relação de predominância masculina no lar. A mulher... a mulher era tratada, muitas vezes, como objeto de cama e



mesa. A mulher tinha que lavar, a mulher tinha que passar, a mulher tinha que cuidar das crianças, a mulher tinha que trocar de roupa e ainda, quando o marido chegasse em casa tarde da noite, a mulher tinha que colocar comida para ele. Era essa a lógica da sociedade.

Você mesmo, Topo Gijo [Gigio], você sabe quantas vezes eu fui levar você na sua casa, cheio de cachaça, e a sua mulher tinha que lhe aturar. O Gijo é o exemplo de um homem que venceu na vida, porque ele, hoje, cuidou da mulher, cuidou dos filhos, e a melhor chuleta de São Bernardo do Campo, quem quiser comer, é só ir no bar do Gijo comer.

Eu estou contando essas coisas porque eu lembro o quanto o Sindicato foi importante na vida e na minha relação com a minha mulher. Porque foi aqui que ela começou a aprender as primeiras coisas e a ter consciência. Depois veio a CUT, depois veio o PT, depois veio uma série de coisas, até que um dia, eu cheguei em casa lá para as 10 horas da noite e falei: Marisa, e a comida? Ela falou: “Está lá no fogão, e só pegar”. Aí eu descobri que o mundo estava mudando; e eu descobri que o bicho estava pegando; descobri que as mulheres estavam com muito café no bule para tomar conta da casa. E essa coisa ficou muito explícita no Congresso de [19]78. Eu prometi para o Nobre, que eu vou ver se nas minhas coisas antigas eu tenho o resultado daquele Congresso. Eu pensei que tinha no Sindicato um arquivo, mas como nós sofremos muitas intervenções, possivelmente, não tenha. Mas é um dado concreto: vocês evoluíram muito. As mulheres conquistaram muita coisa. É importante vocês lembrarem que o voto no Brasil, conquistado pelas mulheres, foi da Constituição de [19]34. A primeira mulher a votar no Brasil não tinha direito a voto. Ela ganhou na Justiça, na cidade de Mossoró, para votar. A primeira vez, Maurício. Ela foi na Justiça e ganhou o direito de votar – só uma mulher votou. Então veja que não faz muito tempo que as mulheres começaram a conquistar espaço.

A pesquisa feita pelo Sindicato mostra um avanço extraordinário. Eu



estava lendo uma revista que mostra uma mulher que foi da comissão de fábrica, a Olga, se não me falha a memória, em 1991, acho que está aí a Olga. Mas é importante lembrar, Olga, que nós anos 70, você já estava na Volkswagen. É importante lembrar quantas e quantas brigas nós tivemos com uma chefe da linha de montagem, chamada Iara, que ela exigia – as mulheres estavam grávidas, tinham vontade de ir ao banheiro fazer xixi –, ela exigia que as mulheres fossem na mesa dela pegar uma placa, um número para poder ir, e as mulheres, com medo, não iam duas vezes. Às vezes muitas faziam xixi na roupa, trabalhando, para não pedir a segunda senha e não serem mandadas embora da Volkswagen em 1974, 73, 72, 75, até 1978. As coitadas das mulheres, se ficassem grávidas, era um martírio, porque as empresas não gostavam de contratar mulher casada, as empresas gostavam de contratar mulher solteira. E as mulheres... É verdade, porque as mulheres grávidas tinham... quanto tempo? Quatro semanas, não é? Quatro semanas antes e quatro semanas depois para a licença maternidade. Agora nós estamos reivindicando 180 dias. É preciso que, ao conquistar 180 dias, a gente não permita que a lei seja proibitiva para a mulher... para as empresas contratarem mulher, porque daqui a pouco o Grana coloca uma camisa dessas, vai ser contratado para substituir as mulheres nas fábricas deste país. É importante ficar alerta.

Esses dias – o Maurício, que é advogado importante sabe. Esses dias, Maurício, nós tentamos financiar caminhão, e tem uma lei que não permite que o caminhão seja dado como garantia, porque é um instrumento de trabalho. Ora, é correta a lei. Mas essa lei correta, não permitindo que o caminhão seja a garantia, não permite que essa pessoa tenha financiamento. Então, ele não vai nunca comprar um outro caminhão, porque não tem como dar garantia.

Então, é importante, companheiros do movimento sindical e companheiras mulheres, que, ao ser aprovado os 180 dias, vocês tenham em conta de que é preciso criar outros mecanismos que não permitam que se



utilize subterfúgios para não contratar as mulheres para trabalhar nas fábricas. E, sobretudo, prestem atenção na questão da empregada doméstica. Prestem atenção, que é preciso que a aprovação dos 180 dias venha acompanhada de um mecanismo de proteção, senão aquilo que a gente pensa que é uma ajuda pode atrapalhar.

Depois, se o Nobre for a Brasília, eu vou conversar mais detalhes com ele, para ele discutir com vocês essas coisas. Porque, às vezes, a gente manda para o Congresso Nacional um Projeto de Lei que parece um pônezinho, um pônei, um cavalinho bonito, e quando sai de lá, sai um camelo, todo deformado, e aí prejudica muitas pessoas. É importante, então... É bom que o Devanir e o Vicentinho estejam aqui, como deputados, para saber que é preciso olhar o conjunto da obra, porque senão a gente pode ser prejudicado.

Eu lembro que quando foi estendida a aposentadoria para o trabalhador rural, vocês estão lembrados que milhares de fazendeiros que tinham pessoas que moravam dentro da sua propriedade, que tinha casa, que criava galinha, que criava o seu porquinho, foram tudo mandado embora, tudo. E ainda derrubaram as casas para as pessoas não entrarem na Justiça e não ganharem benfeitorias que tinham feito. Então, é apenas um alerta para vocês.

E a última coisa para poder ir embora, porque a Dona Marisa está me esperando, e a Dona Marisa com esse negócio das mulheres ganharem muita liberdade e muita autonomia, virou mais brava, Maurício. “Coitado do Lula”, sabe, “coitadinho do Lula”. Então, eu... eu queria dizer para vocês o seguinte: olhe, esse Congresso, eu acho que ele pode marcar uma nova trajetória na vida das mulheres deste sindicato. Vocês já foram 26% da categoria nos anos 80. Hoje, são 14%. Hoje, são 14%. Está certo que a categoria, também diminuiu, mas uma coisa que eu acho gratificante é que hoje... eu tenho andado muito, e tenho... a Dilma tem ido comigo e eu tenho mostrado para a Dilma... eu tenho ido, por exemplo, na construção da hidrelétrica do Rio Madeira: aqueles caminhões grandes, aqueles caminhões que carregam não



sei quantas mil toneladas, os motoristas deles hoje são mulheres, não são homens não. Guindastes enormes, que antes só trabalhavam homens, hoje trabalham mulheres. E a quantidade, Feijóo, de mulheres soldadoras neste país... No meu tempo de sindicato, era proibido mulher ser soldadora. E mesmo nós, homens, era insalubre trabalhar. A gente se aposentava com 25 anos de idade, quando trabalhava com solda. Hoje, as mulheres estão ocupando esse espaço. E é exatamente na ocupação dos espaços – que permite que vocês não sejam mais consideradas uma mão de obra auxiliar, mas uma mão de obra prioritária e principal – que vocês precisam reivindicar mais salários e mais respeito no mundo do trabalho. Ou seja, vocês já não são mais vistas como se fossem uma peça auxiliar. Até porque, antigamente, a mulher trabalhava para auxiliar o marido dentro de casa. Hoje, mais da metade das mulheres que trabalham são chefes de famílias. São elas que cuidam dos seus filhos, são elas que têm responsabilidade de pagar o aluguel, são elas que educam, elas... e têm ainda dupla ou tripla jornada de trabalho.

Então, é importante que vocês discutam e façam com que o que vocês aprovarem aqui seja uma caixa de ressonância, não para vocês mesmos – terminar o Congresso, vocês pegarem as coisas que vocês aprovaram, guardar em uma gaveta e só for lembrar quando tiver outro congresso. Não. O Sindicato, esse sindicato aqui... O Marinho dizia agora há pouco para mim: “Tem dois companheiros que vieram aqui, quando pisaram aqui disseram: ‘a impressão que eu tenho é que eu estou pisando num solo sagrado’”. E esse auditório é um solo sagrado, porque tudo o que acontece neste país, desde 1978, passa pelas discussões nessa categoria e nesse espaço aqui.

Então, eu queria pedir ao companheiro Nobre que, ao terminar esse congresso, utilize o seu lado feminino – para poder ter mais sensibilidade, obviamente – e faça com que outras categorias de mulheres pelo mundo inteiro saibam o que foi aprovado aqui; que a nossa ministra Nilcéa receba o resultado desse congresso, para que a gente possa tentar transformar em lei coisas que



vocês aprovaram aqui nesse congresso; e que vocês passem a transformar o resultado desse congresso em uma plataforma de luta e de conquista dessas categorias.

Se as mulheres de São Bernardo do Campo e do ABC tiverem a mesma garra que os homens tiveram – e eu sei que vocês têm mais, porque eu estava daqui de cima olhando o segurança, viu, general, olhando o segurança. E eu estava vendo como é fácil fazer segurança quando tem homem: é só dar uma cotovelada aqui, uma cotovelada ali. Mas nenhum segurança tem coragem de dar cotovelada na mulher, nenhum. Nenhum tem coragem. Eu vejo, ali, o medo deles. É um “toque-toque” para não mexer com mulher. Se fosse homem, já tinha uns três presos aí. Mulher não.

Então, vocês têm que aproveitar. Primeiro, parem com essa bobagem de acreditar que o homem é que vai dar espaço para vocês. Vocês sabem que, dentro das casas de vocês, se vocês não brigarem, não terão espaço. Não terão espaço. Não existe essa de ficar esperando o marido evoluir para ele permitir que vocês ocupem espaço. No tempo em que televisão não tinha controle remoto, sempre quem levantava para mudar de canal era a mulher. Eu posso até pegar alguém de testemunha aqui. Eu não vou pegar, mas era verdade. Agora, com controle remoto, fica todo mundo sentado. Mas ainda assim, se não for a novela... ainda assim o homem tem predominância no filme, Maurício. Se é jogo de futebol, então, coitadas das mulheres: ou tem duas televisões, ou ele vai arrumar um jeito de ver o jogo dele. Então, eu acho que isso acabou. Hoje, as mulheres... se o cara não quiser ver o que ela quer ver, ela empurra ele do sofá. O Feijózinho está cansado de cair do sofá, o Feijó está cansado.

Então, eu acho que vocês... vocês podem, vocês podem mudar um pouco a cara deste país. Isso não é impossível, não. A diferença entre vocês e a luta do passado, era que vocês... vocês não estão fazendo apenas uma guerra de gênero. Não é – me desculpa, aqui, Nilcéa e companheira Dilma –



aquele feminismo da década de 70, onde parecia mais um enfrentamento com o homem do que uma briga de defesa com os interesses da mulher. Eu acho que hoje, embora vocês mantenham a visão feminista, a questão de gênero, hoje vocês têm uma coisa mais nobre: como vocês estão ocupando muito o mercado de trabalho, vocês têm que fazer a pauta de reivindicação de vocês evoluir tanto ou mais do que os homens já conquistaram.

E uma coisa sagrada, meus companheiros, é que aqui, neste sindicato, companheiro Edinho, neste sindicato aqui, a média de salário das mulheres é de R\$ 2.300,00. É maior... É menor do que a do homem daqui, é 30% menor do que a do homem que trabalha aqui. Presta atenção, Nilcéa, para você fazer discurso pelo mundo afora: a média salarial das mulheres do ABC, deste sindicato, é 30% menor do que a do homem ainda, com toda evolução. Mas a média das mulheres do ABC é 37% acima dos homens de outras categorias espalhadas pelo Brasil, sobretudo na área metalúrgica. Significa que aqui, no ABC, as mulheres já ganham mais do que a média dos homens no Brasil inteiro. E isso é resultado de luta deste sindicato, isso não foi nenhuma bondade empresarial, nenhuma bondade governamental. Isso aqui é tradição de luta deste sindicato.

Portanto, Nobre, além de te dar os parabéns, dar os parabéns à coordenação do nosso Congresso, eu queria dizer: eu espero que daqui a dois ou três anos a gente tenha outro congresso, para essa pauta de reivindicação não ficar velha e superada.

Um abraço. Boa sorte, bom congresso. E está aberto o 2º Congresso das Mulheres Metalúrgicas do ABC.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração e entrega de unidades habitacionais do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Saneamento e Habitação na Vila Vicentina

Osasco-SP, 25 de março de 2010

Bem, companheiros e companheiras da Vila Vicentina, companheiros e companheiras de Osasco. Vocês não imaginam a alegria que eu estou aqui, vendo a fisionomia de vocês e, sobretudo, vendo ainda muito presente a cara do companheiro Cláudio, que fez o seu pronunciamento aqui.

Eu sei que o tempo está fechando, parece que vai chover, mas nós aprendemos a não ter medo de chuva. E queria dizer para vocês duas coisas, aqui: primeiro, agradecer ao nosso querido companheiro Emídio, prefeito de Osasco, porque o Emídio tem sido um companheiro de extraordinária competência, tem sido um companheiro leal a vocês, de Osasco, e tem sido um companheiro leal à relação de amizade que ele mantém comigo, como presidente da República.

Quero cumprimentar os nossos queridos companheiros deputados. O Arlindo Chinaglia teve que sair mais cedo. Mas quero cumprimentar a Aline Corrêa, o Arlindo Chinaglia – está aqui o Arlindo Chinaglia – e o João Paulo. A Aline está fazendo aniversário hoje. A gente não pergunta para as mulheres quantos anos elas fazem porque, para nós, as mulheres têm sempre 18 anos de idade, nunca mais do que isso.

Quero cumprimentar o companheiro Osvaldo Vergínio, presidente da Câmara Municipal de Osasco,

Quero cumprimentar os demais deputados estaduais,

Quero cumprimentar o Édilo Valadares, vice-presidente da Caixa Econômica Federal,



E quero cumprimentar a Maria do Carmo Avesani, gerente de projetos de habitação do Ministério das Cidades,

E, por último, cumprimentar o companheiro Cláudio, que quase fez a gente chorar aí.

Olha, eu vou pegar esse microfone aqui, segura o discurso aqui. Eu vou ser rápido porque vai chover e eu vou de helicóptero para São Bernardo ainda, porque tem um congresso, tem um Congresso de Mulheres Metalúrgicas e eu tenho que participar da abertura desse Congresso, lá em São Bernardo.

Mas, olha, primeiro, Emídio, a alegria... E, ministra Dilma, preste atenção, que essas casas têm uma varanda. E essa varanda tem sido uma briga minha, imensa, tanto com as empresas que constroem casas, quanto com a Caixa Econômica, que financia casas.

Veja, uma varandinha é o mínimo que a gente pode oferecer para alguém que vai ter um apartamentozinho novo. Tem noite de lua cheia que as pessoas querem apreciar a lua da varanda. Às vezes o marido e a mulher brigam, é importante irem para a varandinha refrescar a cabeça para poder entrar e não brigar. E isso não encarece o preço da casa. A quantia de dinheiro a mais é insignificante diante da importância que tem uma varanda na vida das pessoas. Em vez de a mulher ficar batendo no marido com o chinelo ou com a concha de pegar feijão, é melhor ela trancar ele do lado de fora, ele fica na varandinha, sabe, refrescando a cabeça. É melhor.

A segunda coisa importante, é que nós aprendemos a fazer as coisas neste país. Levou tempo, porque não é fácil a gente mudar as coisas de uma hora para outra.

E eu quero agradecer a vocês a confiança que vocês tiveram quando o companheiro Emídio veio aqui dizer para vocês que a gente iria fazer. Hoje, eu posso dizer para vocês, sem medo de errar: não existe uma cidade no Brasil que não tenha uma obra do governo federal, uma única cidade deste país. Não



existe, hoje... existem poucos municípios brasileiros, hoje, que não tenham um projeto habitacional do governo federal. Seja um projeto da Caixa Econômica Federal, financiado pelo Fundo de Garantia, seja do PAC, seja do Minha Casa Minha Vida, que é um programa novo que nós assumimos o compromisso de fazer 1 milhão de casas. E agora, segunda-feira, nós vamos estar lançando um outro PAC, um outro Programa Minha Casa Minha Vida, para assumir o compromisso de fazer mais 2 milhões de casas nos próximos quatro anos neste país.

Para nós, a casa é a garantia para a gente fazer o filho da gente crescer, construir amigos, poder estar perto da escola, poder construir um mundo de trabalho. Eu morei de aluguel muito tempo e eu sei o que é. Todo ano vence o contrato, o dono pede um preço maior, você tem que mudar. Todo ano é assim. Viu, Dilma, quem mora de aluguel é um inferno. Porque às vezes um cidadão está morando em uma casinha, a mulher já fez amizade com as vizinhas, o dono já tem amizade, já está comprando até fiado na padaria da esquina, as crianças já estabeleceram uma relação de amizade. Aí chega um belo dia, batem na casa dele: “É o dono da casa... eu quero minha casa”, e o coitado tem que sair correndo atrás de uma outra casa, às vezes encontra uma pior, pagando mais caro do que aquela que ele morava. Então, a casa própria eu sei que é o grande sonho de todo homem e de toda mulher para construir e para criar os seus filhos. Portanto, parabéns, meu companheiro Emídio, por essa inauguração aqui.

A segunda coisa que eu acho muito importante dizer para vocês é que nós vivemos um momento muito bom no Brasil. Lógico que como nós ficamos muito tempo atrasados, nós vamos levar um tempo para recuperar.

Mas eu estava conversando com o Aloizio Mercadante ali – não pensem que a gente não estava prestando atenção em vocês. Vocês viram que em janeiro desse ano, a gente gerou a maior quantidade de empregos da história, com o Caged, no mês de janeiro: cento e oitenta e um mil empregos novos de



carteira assinada. Em fevereiro, com Carnaval e tudo, foram gerados 209 mil empregos com carteira assinada. Hoje, o IBGE divulga, hoje o IBGE divulga que no mês de fevereiro foi a maior quantidade de empregos gerados desde a criação do IBGE. E é pouco, é pouco, porque nós sabemos aqui... aquela moça bonita que eu entreguei a chave para ela, ela tem apenas 23 anos de idade, é casada com um motoqueiro e tem dois filhos. Então, essa menina precisa trabalhar para ajudar no sustento da família e também para não ficar dependendo apenas do salário do marido, porque não é legal, não é legal a mulher ficar dependendo do salário do marido. Eu digo sempre... Eu digo sempre que não tem nada mais humilhante do que a mulher chegar de manhã: “Amorzinho, me dá R\$ 10,00?”. Se ele estiver de bom humor e for um cara como eu, dá logo e não pergunta para quê. Mas se ele não estiver de bom humor, ele fala: “Outra vez, outra vez? O que você vai fazer com R\$ 10,00?”. Como se ela tivesse que explicar para ele as coisinhas que ela precisa comprar. Então, a mulher trabalhar é uma coisa sagrada para a sua independência, porque quando o marido for gritar com ela, ela fala: “Ô, baixinho, baixinho, não como às suas custas, não. Vivo com você porque gosto de você, agora não fala grosso, não, porque eu não preciso disso”.

Então eu acho que esse é o mundo ideal que nós precisamos construir: a convivência em harmonia dentro de casa. E isso só é legal quando a gente tem um apartamentozinho da gente, próprio. Esse apartamento, Dilma, ainda não está totalmente terminado, porque o prefeito falou o seguinte: “Tem gente que pega o apartamento com o azulejinho de uma cor, na semana seguinte ele está tirando e colocando outro da cor dele”. Então ele falou que é melhor entregar semi-acabado, para as pessoas poderem fazer o acabamento necessário daquilo que as pessoas gostam.

Então, eu queria dar os parabéns para vocês. Eu sei que tem gente com favela, tem um pedacinho aqui atrás ainda. Também vai ser tratado e urbanizado e vai ficar bonito, com calçada, com gramado, com apartamento.



Aquela companheira que me entregou uma cartolina aqui... também, também, veja, nós estamos anunciando, segunda-feira, o PAC 2, e o PAC 2 vai fazer muito mais coisas do que nós fizemos no PAC 1.

Então, não é possível a gente resolver o problema de todas as favelas em um mandato só. Então, é preciso a gente começar a fazer, e nós começamos a fazer. O que nós estamos fazendo aqui, Emídio, é reparação naquilo que os outros governos fizeram, porque se os governantes, que governaram este município há 40 anos tivessem responsabilidade, eles não permitiriam que o povo estivesse morando na beira de córrego, na encosta de morro, eles teriam construído casas na época e teriam construído casas dignas.

Então, nós estamos fazendo um processo de reparação. E eu tenho certeza que isso vai continuar, isso vai continuar. Eu não posso, já disse a vocês, [sem] citar nome, porque eu já fui multado pela Justiça Eleitoral em R\$ 5.000,00, porque eles disseram que eu falei o nome de uma pessoa. Então, para mim, não tem nome aqui. Para mim, é o seguinte: nós... Se eu for multado, eu vou trazer a conta para vocês. Quem é que vai pagar a minha multa? Levanta a mão aí, para saber se vocês vão pagar a multa. Eu vou cobrar, viu, Emídio? Eu vou cobrar.

Mas, olhe, deixa eu lhe falar uma coisa, deixa eu lhe falar uma coisa: este ano tem eleição. Agora, nós, do governo federal – quem vai ser candidato vai ter que se afastar para fazer campanha – mas nós, do governo federal, nós vamos ter que trabalhar muito mais, porque nós vamos ajudar este país é construindo as obras que nós prometemos para vocês, é gerando mais emprego, gerando mais renda, gerando mais casas, urbanizando mais favelas, melhorando o transporte, melhorando a rodovia, melhorando a educação, melhorando a saúde. É esse o compromisso que nós temos com vocês. E, por isso, estejam certos: O João Paulo... o Emídio tem mais dois blocos para inaugurar aqui. Talvez em julho esteja pronto, ou até antes. Nós vamos voltar



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

aqui, porque este ano é o ano que eu vou viajar o Brasil inteiro, para a gente inaugurar todas as coisas que nós estamos aprontando neste país.

Companheiros e companheiras da Vila Vicentina e de Osasco, um grande beijo para vocês e até a próxima volta a Osasco.

(S211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega a 573 municípios de 650 ambulâncias do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - Rede Samu 192

Tatuí-SP, 25 de março de 2010

Meu caro governador do estado de São Paulo, governador José Serra,
Meu caro presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer,
Minha cara companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Meu caro companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,
Nosso companheiro, senador Aloizio Mercadante,
Companheiros deputados federais, Aline Corrêa, Arlindo Chinaglia, Bel Mesquita, dr. Nechar, Édio Lopes, Elcione Barbalho, Jader Barbalho, Jefferson Campos e João Paulo Cunha,

Meu caro Luiz Gonzaga Vieira de Camargo, prefeito de Tatuí, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos do Brasil que estão aqui, prefeitos de todos os estados da Federação brasileira,

Quero cumprimentar o vereador... prefeitas e prefeitos aqui presentes,
Quero cumprimentar o vereador José Tarcísio Ribeiro, presidente da Câmara Municipal de Tatuí, por meio de quem cumprimento os demais vereadores de Tatuí e região, e agradecer pelo título de cidadão de Tatuí. Agora eu vou poder frequentar o Conservatório musical aqui com mais tranquilidade.

O Temer disse que Tatuí, 45 anos atrás, tinha o melhor carnaval do interior de São Paulo e que o prefeito está brigando para voltar o carnaval a ser tão bom quanto era. Certamente nem o prefeito e nem o Temer vão conseguir dançar como dançavam 45 anos atrás. Mas, de qualquer forma, vale a intenção. A juventude está aí para pular o carnaval de Tatuí.

E quero cumprimentar o nosso querido João Alberto Bolzan, presidente



do Grupo Rontan e Fundação Brasileira de Alumínio,

Cumprimentar todos os companheiros e companheiras, trabalhadores e trabalhadoras da empresa,

Cumprimentar a imprensa – dizem que eu tenho sido muito crítico à imprensa. Mas eu tenho sido apenas um alertador das coisas equivocadas que acontecem no país e que acontecem, conseqüentemente, na imprensa.

Eu queria ter uma conversa entre companheiros aqui – prefeitos, prefeitas, empresários, políticos e trabalhadores. Primeiro, eu quero dar os parabéns ao ministro Temporão. Quando nós criamos o Samu, em 2004, a gente tinha muita dúvida se ia dar certo porque era uma experiência nova. Nós tínhamos que trabalhar em parceria com prefeitos e governadores, e nós tivemos casos de prefeitos que receberam a ambulância, trancafiaram a ambulância numa garagem ou num pátio e sequer contrataram motorista para dirigir a ambulância porque o Programa era do governo federal e não dele e, portanto, ele agiu com mesquinhez e não colocou as ambulâncias para viajar e para carregar doentes na sua cidade.

Todo mundo sabe que eu estou falando do prefeito de uma cidade grande, que não é do estado de São Paulo, mas estou falando exatamente da capital do Rio de Janeiro, onde o prefeito... o ex-prefeito escondeu as quase 80 ambulâncias que tinha para não colocar para funcionar. Só para ter ideia, governador Serra e povo de Tatuí, nem o Bolsa Família eles cadastraram porque achavam que o dinheiro do governo federal não deveria chegar para os pobres do Rio de Janeiro que [de quem] eles não cuidavam.

Nós evoluímos muito de lá para cá, evoluímos. Hoje quem cadastra o programa Bolsa Família não é um ministério do presidente Lula. Quem cadastra é o prefeito de cada cidade. É o prefeito de cada cidade que, independentemente do partido a que pertença, ele foi eleito democraticamente pelo povo da cidade e, portanto, ele tem responsabilidade. E como eu sou um



presidente republicano, eu nunca perguntei se um prefeito é do meu partido ou de qualquer outro partido, nunca perguntei se ele é católico ou evangélico, e nunca perguntei se ele é corintiano, palmeirense, são-paulino ou santista. O que eu quero saber é que ele é prefeito, representa o povo e se o povo precisa, é ele que tem que ter a responsabilidade de cumprir aquilo que ele prometeu no palanque na época das eleições. Eu sei que aqui em Tatuí nós temos quase 4 mil Bolsas Família, que é o prefeito que cadastra, é ele que sabe onde está. Não é o Presidente da República, lá de Brasília, que fica sabendo das coisas.

Pois bem, hoje o programa Samu é uma fotografia de uma coisa bem-sucedida no Brasil. Onde tem Samu, todo mundo elogia e todo mundo sabe que muita gente foi salva por conta do Samu. Pois bem, o ministro Temporão falou que agora vai ter uma evolução. São mais 650 [ambulâncias] que estamos pegando hoje. Até julho deste ano tem mais mil e não sei quantas [ambulâncias] que vamos pegar – 1.650 [ambulâncias] que vamos pegar até julho deste ano – e depois, obviamente que ainda falta mais, porque as primeiras vão ficando gastas, nós vamos ter que comprar novas, e aquelas velhas vão para outra atividade, para poder atender. Portanto, se essa empresa mantiver o bom preço que manteve até agora, certamente muita gente aqui vai ficar tão velha na empresa quanto o nosso operário-padrão que está ali sentado à mesa.

Portanto... mas ainda, ainda é pouco porque nós estamos vendo que nós precisamos – e isso vai ser uma coisa que nós vamos ter que fazer, em algum momento o ministro Temporão vai ter que propor isso – que é... nós vamos ter que ter alguns aviões para transportar gente de lugares mais distantes, e vamos ter que ter helicópteros para transportar gente porque, às vezes, um minuto pode salvar uma pessoa e, às vezes, um segundo de atraso pode matar uma pessoa.

Foi muito importante o que o ministro Temporão e o Governador falaram do SUS, porque nós temos um problema crônico na Saúde brasileira. A classe



média, a classe média... eu estou falando a partir de mim, portanto, não estou acusando ninguém da classe média. É que nós que estamos aqui neste palanque, todos nós, mais uma parte das pessoas que estão aqui, nós temos plano de Saúde. Então, nós nos orgulhamos e falamos assim: “Eu pago tal plano de saúde, então eu vou ao hospital tal. O médico me trata bem, aquilo é que é coisa boa. O SUS não. O SUS atende muita gente pobre, o SUS não dá conta do bom atendimento.” O que a gente não sabe – ou melhor, nós sabemos – o que a maioria do povo não sabe é que um cidadão rico que tem um plano de saúde, que faz *check-up* todo ano, ele desconta o que ele paga no Imposto de Renda, e quem paga o plano dele é a parte mais pobre da população deste país, que trabalha. Eu digo isso, e digo isso por mim, eu tenho plano de saúde, eu pago caro e eu faço *check-up* todo ano. Todo ano eu vou em um hospital em São Paulo, deito em um monte ... porque agora *check-up*, também, é só máquina, não é, Temporão? O médico não fala mais com você. O médico fala: “Bom dia e até logo, ou bom dia e até amanhã”. Porque você chega em um hospital moderno, agora, e você vai deitando numa máquina: máquina 1, máquina 2, máquina 3, máquina 4, máquina 5. A última.. a única voz que você ouve no hospital é a [voz da] mocinha que fala: “Respira fundo, prende a respiração”. É a única voz que você ouve não é? Ou quando você entra naquele tubo que parece um caixão de defunto, você fica lá dentro. Eu não sei nem o nome do exame, mas é uma máquina apertada. Quando eu entrei, eu pensei que eu não iria sair mais. Então, a moça fica: “Tudo bem? Tudo bem?” É a única voz. Mas hoje é tudo assim, moderno, você não passa por nada, é uma máquina atrás da outra.

Então, a gente acha que aquilo é bom, é o que nós temos de excelência no Brasil. A gente fica sabendo muita coisa, porque toda gente grã-fina vai lá. Pobre, você só tem notícia que ele foi ao hospital quando ele sai morto, não é? Nos hospitais chiques, não! “Entra lá. Entra o governador José Serra. Sai o José Serra, entra o presidente Lula. Sai o Lula, entra o José Alencar. Entra o



empresário tal. O empresário fulano de tal foi ao hospital tal e se curou.” É verdade que isso deveria ser para todo mundo. E o SUS é a única possibilidade que nós temos para fazer para todo mundo. Acontece que muitas dessas coisas chiques que vocês veem na televisão são pagas pelo SUS. Muitas dessas coisas boas que vocês veem... quem faz transplante neste país é pago pelo SUS e aparece a fama do hospital particular, mas quem pagou foi o SUS.

Então, o SUS, ele vai ser cada vez melhor quando a gente for aperfeiçoando, porque vocês, um dia, vão perceber o seguinte: tudo o que a gente tenta universalizar, tudo o que a gente tenta dar para todo mundo, cai um pouco a qualidade. Aquilo que a gente dá de forma seletiva, só para quem pode pagar, melhora a qualidade. E o SUS, está correto, Serra: é o melhor plano de saúde da América Latina. Ele tem muita deficiência, ele tem muita deficiência porque, por exemplo, uma pessoa vai ao SUS – e eu tenho discutido isso com o ministro Temporão, ainda antes de ontem discutimos com o ministro Temporão –, o cidadão vai ao SUS... Quem pode pagar, quem pode pagar...

Eu, por exemplo, eu, Presidente da República. Eu chego para fazer um *check-up*, tem trinta médicos atrás de mim, trinta médicos: “O que você tem, Presidente? Eu vou cuidar, Presidente, pode deixar”. Agora, isso não acontecia quando eu era metalúrgico, não acontecia. E certamente, e certamente, Serra, não vai acontecer quando eu deixar de ser presidente. Quando eu deixar de ser presidente, eu chego lá e falo: olha, fala para o doutor fulano de tal que é o Lula. Aí o cara fala: “Que Lula?” Porque... sabem o que acontece? Político sem mandato, gente, pode crer, nem vento bate nas costas. O cidadão...

Então, o que nós queremos é criar um modelo de Saúde que possa atender as pessoas com dignidade. É por isso que eu fiquei muito magoado e muito ofendido quando a minha oposição no Senado derrubou a CPMF. Eu não conheço um empresário no Brasil que reduziu o custo do seu produto em



0,38%, que é o que a gente pagava no cheque. Não conheço nenhum! Entretanto, tiraram da União R\$ 40 bilhões por ano, e a gente, que tinha feito um plano de Saúde para atender até criança na escola... Porque quando eu era moleque, mesmo o pobre, na escola pública, tinha dentista. Tinha dentista! Eu estudava na Vila Carioca, Serra, na Vila Carioca, na Rua Albino de Moraes e, portanto, tinha dentista que ia ver a gente. Eu queria colocar dentista, oftalmologista, porque tem crianças no Brasil que não aprendem porque não enxergam, e como não dói o olho, você não vê ninguém se queixar: “O meu olho está doendo”. Às vezes, o cidadão tem uma deficiência no olho, ele só vai descobrir quando ele vai fazer um exame apurado. Tem gente que só descobre quando vai fazer exame para entrar no Exército. Então, eu queria colocar tudo isso. Ele fez um programa, nós aprovamos um programa com mais de mil pessoas, e depois o Senado, por mesquinha, me tira [R\$] 40 bilhões por ano do orçamento da Saúde neste país.

Eu quero dizer, aqui, a vocês: quem quer que seja, quem quer que seja que seja presidente da República depois de mim, vai ter que discutir mais dinheiro para a Saúde. Não tem alternativa, não tem alternativa. Não é possível fazer Saúde neste país sem dinheiro, custa caro, custa caro. E os prefeitos do interior sabem: para levar um médico para uma cidade do interior, às vezes eles querem cobrar o dobro do salário que eles ganham na cidade. Às vezes... Não sei você sabe, Temporão, tem prefeito que está querendo contratar médico, eles estão pedindo [R\$] 30 mil, [R\$] 20 mil por mês. Ora, o prefeito não pode levar. Então, nós vamos ter que formar uma geração de médicos mais à esquerda, para poderem cobrar um pouco menos de salário, para poderem trabalhar nas prefeituras do interior deste país.

E tem gente que reclama quando algumas cidades resolvem trazer médicos cubanos. E depois, os coitados dos nossos meninos que vão estudar em Cuba, eles voltam formados em Medicina, querem trabalhar aqui no Brasil, não deixam. Você sabe disso, a briga que a gente tem porque o Conselho



Nacional de Medicina não reconhece. Agora algumas universidades estão reconhecendo e essa meninada está prestando serviço, sobretudo nas regiões onde não tem médico. É muito fácil ser médico na Avenida Paulista, ser lá na Marechal Deodoro, em São Bernardo, ser na Avenida Copacabana. Eu quero ver é no meio do brejo, onde mora o povo brasileiro, nos rincões do sertão deste país, na grande periferia das cidades brasileiras.

Por isso... o prefeito estava me contando, o prefeito estava me contando que para levar uma pessoa de Tatuí para São Paulo, ele tinha que alugar uma ambulância por R\$ 2 mil, quando achava, quando achava. Agora, não. Agora ele vai ter as ambulâncias do Samu, ele vai ter.

Então, essa coisa... Nós precisamos aprender que este país só será justo no dia em que todo mundo for tratado em igualdade de condições. Eu acho que tem gente que é mais rica, vai viver sempre melhor, que Deus abençoe e que continue vivendo cada vez melhor. Mas o que nós precisamos é garantir ao povo pobre deste país o acesso às coisas elementares que estão previstas na Constituição. Este povo tem direito de comer, de estudar, de morar, ter acesso à cultura, ao lazer, ter acesso a um sistema de saúde adequado.

Eu tinha 17 anos quando eu perdi este dedo aqui, ó. Este dedo aqui, se eu fosse hoje presidente, não perderia o dedo. Hoje até faria um implante, colocaria um dedo maior do que este aqui. Mas, como eu era um peão, cheguei fedendo a macacão... fedendo a graxa, às três horas da manhã, o médico olhou para a minha cara e falou "Para que esse peãozinho precisa de dez dedos? Vou... vou logo tirar", e tirou o cotozinho. Poderia ter deixado o cotó para eu poder coçar o nariz. Ele tirou. E eu estou aqui agora, me considero até um portador de deficiência, com este dedo aqui. Hoje eu estou tratando isso bem, mas eu passei um ano, que eu andava no ônibus com vergonha. Eu não queria que ninguém visse o meu dedo. Ficava com a mão no bolso, embrulhava a mão em uma toalha, uma bobagem, uma bobagem! Eu tinha



dificuldade porque quando eu ia lavar o rosto, eu colocava a mão assim, e antes da água chegar no rosto a água caía. E depois levou um tempo... levou um tempo e eu, então, aprendi... Eu não fui a uma escola de recuperação porque não tinha, mas eu aprendi que era só fazer assim e a água chegava todinha no rosto.

Então, eu quero, Temporão, dizer para você o seguinte, olhe: a fotografia que eu vi do helicóptero é uma cena maravilhosa. Alguém poderia perguntar: “Por que o presidente Lula sai de Brasília e vem a Tatuí para receber 650 ambulâncias?” Eu venho porque, se eu não vier, não vai sair nenhuma nota no rodapé de nenhum jornal deste país. Eu venho. Mas, mas se morrer, mas se morrer alguém na estrada por falta de ambulância, ocupa todos os espaços na televisão, em rede nacional.

Então, é o seguinte: quem quiser falar mal de mim, que fale, mas as coisas que eu faço, eu mostro. Eu, quando... Eu, quando era dirigente sindical, eu dizia assim: o político mentiroso chega no comício e fala: “Eu mato a cobra e mostro o pau”. Você chegar com um pau no comício e falar: “Matei uma cobra”, você não está provando nada. Eu dizia: eu mato a cobra e mostro a cobra morta. Então, como a gente não pode matar cobra porque a coitadinha está no seu *habitat* natural, não está nos enchendo o saco. Nós é que enchemos o saco dela de vez em quando, não é isso? Não vamos matar a cobra, mas eu vim mostrar as minhas ambulâncias, eu vim mostrar. Quem quiser, vai perceber. E aqui a diretoria, a diretoria da empresa...

E Prefeito, pode ficar certo, pode ficar certo, Prefeito, pode ficar certo de uma coisa: em julho deste ano, em julho deste ano eu estarei aqui para receber as outras 1.650 ambulâncias. Pode ficar certo: estarei, estarei aqui. Só não prometo ir em cada cidade porque aí seria demais, seria demais. Mas estarei aqui.

E quero dizer para vocês da alegria de saber que uma atitude do governo está permitindo gerar empregos para milhares de homens e mulheres.



Eu vejo a cara dessas meninas e desses meninos: não tem nada mais digno para um ser humano do que ele levar o alimento para a sua mulher, com o suor do seu trabalho.

E quero parabenizar, quero parabenizar a direção da empresa, porque eu sei que nasceram na Vila Ema, do nada, e se transformaram nessa empresa extraordinária. Só podia ser um corintiano, que é perseverante, teimoso e consegue vencer.

Um grande abraço, e até julho do próximo [deste] ano, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia e jantar de celebração do Dia Nacional da Comunidade Árabe no Brasil

São Paulo-SP, 25 de março de 2010

Bem, meus companheiros e minhas companheiras,

Eu vou falar muito pouco porque temos que viajar ainda hoje à noite para Ilhéus, porque amanhã nós vamos inaugurar um grande gasoduto, ligando todo o Sudeste ao Nordeste brasileiro, e foi a primeira grande parceria que o nosso país construiu com a China nesses últimos tempos.

Eu sou um homem que acredita na relação humana. Talvez por ser essencialmente político, eu acredito que não é possível a gente fazer política se você não tiver um contato pessoal, o olhar no olho, o tocar de mão, o abraço, para que você possa construir, sentindo que tipo de química o ser humano que está diante de você tem e o que você pode construir a partir daí.

O Brasil, uma nação extraordinária, que durante muito tempo não teve noção do seu tamanho, não teve noção da sua importância, porque se permitiu ser tratado como um país de segunda categoria e como um povo de segunda classe. E não foram os outros que nos colocaram assim. Foi uma parte da elite política brasileira que ousou se tratar assim durante muito tempo.

Eu lembro, como se fosse hoje: dia 25 de janeiro de 2003 eu estava indo a Davos. Alguns falam “Davôs”. E muito por insistência do então ministro Furlan, que achava que eu deveria ir, viu, Miguel Jorge, naquele tempo, para poder ter contato com os grandes empresários do mundo... Porque Serra, Davos, naquele tempo, em 2003, vivia aquele cenário apoteótico. O mundo especulativo fazia daquilo a [rua] 25 de Março dos ricos, lá na Suíça. Eram milhares de pessoas transitando, negociando: Bill Clinton, George Soros e tantos outros. Era um desfile de megaempresários, de megaespeculadores, de



megaenganadores, de mega tudo o que a gente possa querer. Mas era tudo muito grande lá. Bill Gates e não sei das quantas... Naquele tempo o Furlan tinha saído da Sadia, era pintinho novo, era pequeno, diante da grandeza dos megas que iam lá.

E, na volta, eu voltei com a convicção de que o Brasil precisaria ter uma inserção na política internacional e mudar um pouco a geografia comercial. O Brasil não poderia ficar subordinado apenas à lógica da política americana ou à lógica da política da União Europeia. O Brasil precisaria se abrir para o mundo, com a sua grandeza.

Não sei da minha cabeça o primeiro encontro que... a primeira viagem que nós fizemos. Quando eu decidi viajar para o Mundo Árabe, em determinado setor das Comunicações no Brasil, tratavam aquilo como uma heresia: “O que o presidente Lula, representando o Brasil, vai visitar Dubai?” Está lembrado, Furlan? Gastamos, Miguel Jorge, US\$ 500 mil numa feira em Dubai, que foi um escândalo aqui no Brasil, por [para] alguns setores, um escândalo. Como é que nós poderíamos gastar US\$ 500 mil numa feira em Dubai? E ninguém, que criticou tanto os US\$ 500 mil, perguntou quanto aquela feira vendeu em Dubai, naquela noite. Ninguém perguntou quanto nós ganhamos.

O dado concreto é que nós saímos de uma balança comercial de apenas US\$ 8 bilhões por ano, para uma balança comercial de mais de US\$ 20 bilhões por ano com o Mundo Árabe. E viajamos, naquela ocasião, por volta de sete países. E mais constrangedor ainda foi descobrir que o último mandatário brasileiro a ter viajado pelos lugares que eu fui tinha sido o imperador Dom Pedro II, entre 1846 e 1875 ou 76. Significa que o mundo moderno, que a descoberta do avião, que os aviões a jato, que os Concorde não abriram a cabeça dos dirigentes brasileiros para descobrirem o mundo. A gente não viajava para a América do Sul, a gente não viajava para a América Latina, a gente não viajava para a África, e a gente não viajava para os Países Árabes.



A gente viajava para Nova Iorque, para Washington, para Londres, para Paris e para outros países europeus. Nós não tínhamos dimensão da importância que o Brasil tinha adquirido, nós não tínhamos dimensão do potencial de disputa mercadológica que o Brasil poderia ter com o mundo.

Quando nós tomamos essa decisão, o Brasil tinha uma balança comercial que dependia, praticamente, 30% dos Estados Unidos e 30% da Europa, e o restante era dividido com o mundo. Se nós não tivéssemos diversificado a nossa balança comercial, nós, nessa crise, teríamos afundado ou quase quebrado, porque depois da crise a nossa balança comercial com os Estados Unidos e com a Europa, mesmo tendo aumentado 20% ao ano... naquele tempo, que representava 30%, hoje representa apenas 14%. E onde cresceu? Cresceu com os africanos, cresceu com o Mundo Árabe, cresceu com a América Latina, cresceu com a América do Sul, cresceu com o Mundo Asiático; fora o Japão, que ainda se mantém pequena diante da grande relação que o Brasil tem com o Japão.

Então, as críticas eram infundadas. Mas, neste país, as pessoas que erram não têm coragem de fazer autocrítica e não reconhecem que erraram nunca, e não reconhecem que o Brasil estava certo de tomar a decisão de diversificar a sua relação comercial.

Mas isso não parou por aí. Vocês viram as críticas que eu recebi, agora, porque decidi visitar Israel, visitar a Palestina, visitar a Jordânia e marcar a minha agenda, em maio, para visitar o Irã. Todo mundo... A subserviência é de tal ordem que as pessoas acham que um acordo no Oriente Médio depende dos Estados Unidos ou depende da União Europeia. As pessoas não percebem que o acordo no Oriente Médio não acontece exatamente porque não se conversa com quem não quer a paz, não se conversa com todos os interlocutores que estão envolvidos no processo de discussão no Oriente Médio. Por exemplo, quem é que vai conversar com o Hamas, com o Hezbollah, quem vai conversar com a Síria, quem vai conversar com o Irã,



quem vai conversar com países que são aliados, de um lado, dos Estados Unidos, e, de outro lado, fornecem dinheiro para o Hamala [Hamás] comprar armas? Se nós não colocarmos todas as pessoas envolvidas em torno de uma mesa, e começarmos a discutir que tipo de paz nós queremos, e a gente deixar acontecer o que está acontecendo... há 50 anos, que não tem paz. É só para fotografia: fulano tira fotografia com sicrano, ganha prêmio Nobel da Paz com beltrano, e cada dia tem um probleminha a mais.

Eu acho, governador José Serra, ministra Dilma, presidente Temer, companheiros da Comunidade Árabe: não terá paz no Oriente Médio enquanto a gente não compreender que a ONU – que foi a instituição multilateral que criou o Estado de Israel – tem a responsabilidade de trabalhar pela questão da paz. Não é uma questão bilateral, é uma questão multilateral. A ONU teria que assumir as negociações, tomar as decisões e fazer cumprir. E eu não estou dizendo aqui na Comunidade Árabe, porque disse isso no Parlamento judeu na semana passada, porque disse lá em Belém para o presidente Abbas, e porque disse na Jordânia para o rei Abdullah. Eu não sou daqueles políticos que têm duas caras e dois discursos. Eu quero dizer que o problema está mal encaminhado.

Quando nós tentamos fazer a reunião em Annapolis, tentando envolver outros países, fora os tradicionais que (incompreensível) da paz no Oriente Médio, fizemos uma reunião e nunca mais aconteceu a segunda reunião. A paz no Oriente Médio não é... não depende do estado de espírito de um governo americano ou dos governos europeus. Ela é uma necessidade para a Humanidade viver em paz, para que palestinos, para que árabes e judeus vivam em paz no mundo.

Vocês já sabem a quantidade de críticas que eu tenho recebido porque tomei a decisão de receber o presidente Ahmadinejad e tomei a decisão de ir lá. Eu vou lá porque eu não quero que se repita no Irã o erro que se cometeu no Iraque, não quero que se repita no Irã. E no Irã... e no Iraque, aquela guerra



aconteceu por conta de duas grandes mentiras contadas à Humanidade. Primeiro, porque o Iraque não tinha armas químicas. As armas químicas que o Iraque teve foram dadas pelas grandes potências para poder jogar contra o Irã. Quem participava da agência que controlava armas químicas era um embaixador brasileiro, o Bustani, que hoje é embaixador na França, e ele dizia que não tinha armas químicas. Entretanto, as grandes potências criaram a mentira das armas químicas, inventaram... invadiram o Estado do Iraque, derrubaram e mataram o Saddam Hussein – que eu não tinha nenhum amor por ele. Entretanto, até agora a Humanidade está à espera de que alguém nos mostre quais as armas químicas que tinha no Iraque. Até agora ninguém mostrou absolutamente nada, e até agora não existem sinais de que o Iraque está mais tranquilo do que estava antes, porque as mortes lá estão acontecendo às dezenas, às centenas e aos milhares.

Nós, brasileiros, temos na nossa Constituição a proibição de utilizar armas nucleares. Não é uma vontade do Presidente da República, Serra. Você era constituinte junto comigo, Temer era constituinte quando a gente aprovou, na nossa Constituição, a não utilização de armas nucleares.

Portanto, eu não quero para o Irã nada mais do que eu quero para o Brasil. Mas quero que o Irã tenha o direito de enriquecer urânio para produzir energia elétrica, para cuidar da indústria farmacêutica, para produzir remédios. O que eu não posso ficar é... aceitar a ideia de que o Irã vai produzir armas nucleares porque aí o Brasil será contra, e vou lá para dizer ao presidente Ahmadinejad, em Teerã: sou contra você querer fazer armas nucleares, mas sou favorável a você enriquecer urânio, como o Brasil enriquece, para produzir energia elétrica. E eu tenho dito a todos os presidentes: não vamos tratar o Irã como se tratou o Iraque, porque o Irã não é apenas um país, é uma civilização. É preciso levar em conta. E eu sei que o Mundo Árabe tem muita gente, muita gente com razão, preocupada com o Irã e discordando do Irã. Eu sei disso. Eu sei quais são as preocupações de todos, até dos palestinos eu sei quais são as



preocupações. E nós precisamos juntar todas essas preocupações para dizer (incompreensível) para o presidente Ahmadinejad: Olhe, nós queremos paz, o mundo quer paz, e nós precisamos que o Irã também queira paz, que o Irã ajude na construção da paz entre Palestina e Israel, que a Síria ajude e que todos ajudem, porque ninguém pode ficar riscando palito de fósforos onde tem pólvora. É preciso ter juízo. O mundo precisa disso para se desenvolver.

E, quando eu tomei a decisão de visitar esses países, ah, como eu fui criticado: “Esse Lula, metido, o que ele pensa que ele é? O que ele pensa que ele é? Aquilo é coisa para os Estados Unidos, aquilo é coisa para não sei para quem”. Não é coisa para ninguém. Aquilo é coisa para quem acredita e tem uma vida praticando paz, e que quer conversar com aquele que é chamado de diabo e aquele que é chamado de deus, porque eu não acredito em um ser humano 100% bom e em um ser humano 100% ruim. Eu acredito que os dois têm um ponto de equilíbrio, que nós temos que encontrar para construir a paz total no Oriente Médio e no mundo.

Por isso que eu quero conversar, por isso que eu quero visitar outros países, por isso que eu quero desafiar: quem é que quer a paz, de verdade? Eu sei que o povo humilde quer, de todos os lados, mas não sei se toda a classe política quer, não sei se toda potência quer, porque tem muita gente silenciosa e eu não estou disposto a ficar silencioso. Se amanhã não der certo, eu encostarei a cabeça no travesseiro e direi: pelo menos eu... não consegui, mas também eu não me omiti. Eu trabalhei para construir a paz no Oriente Médio.

E o exemplo, o exemplo mais dignificante que eu carrego na vida é a convivência pacífica no meu país. Eu, quando vou visitar o Hospital Sírio-Libanês, eu encontro lá os médicos do Albert Einstein. Quando eu vou ao Albert Einstein, eu encontro os médicos do Sírio-Libanês. Isso poderia ser no mundo inteiro. Agora, quem viu o Muro sabe... eu, que lutei a vida inteira para derrubar o Muro de Berlim, Serra... um muro dentro de Israel, são 750



quilômetros passando por ruas, cercando. Não é uma coisa nobre para o século XXI, não é uma coisa nobre para o século XXI. Eu me senti dentro de uma eclusa, eu me senti dentro de uma eclusa, tanto para ir para a Palestina quanto para voltar. Você para num local, fecha as portas, você desce do carro, entra num outro carro, e aí você atravessa. Ou seja, é como se nós não estivéssemos vivendo num mundo civilizado, no século XXI! Onde está o grande aprendizado que esses homens que dirigem o mundo aprenderam na universidade? Será que essas pessoas não percebem que o ser humano não pode, não foi feito para involuir, mas sim para evoluir?

Então, eu queria dizer para vocês, nesta noite em que vocês me homenagearam tanto. Eu tenho mais sete meses de mandato, oito meses de mandato. Se vocês me perguntarem por que é que não fizemos muita coisa antes, é porque essas coisas não acontecem quando a gente quer. Essas coisas acontecem quando têm que acontecer. Na política é assim: as coisas acontecem quando têm que acontecer. E depois de nós conversarmos com tanta gente, eu posso dizer para vocês que o Brasil pode dar uma contribuição extraordinária para ajudar a construir a paz no Oriente Médio, porque eu acho que vocês merecem.

Eu conheço o Irã, conheço... ou melhor, conheço o Líbano, e Beirute é uma cidade maravilhosa, e a gente não pode ver Beirute ser destruída a cada dor de cabeça, a gente não pode conviver com isso.

E nós devemos muito a vocês, porque o povo árabe ajudou o Brasil a ser o que o Brasil é. Vocês ajudaram a economia brasileira, a cultura, a Medicina, a arte, vocês ajudaram. E vocês perceberam, no discurso do Serra, que ele terminou sendo o único estrangeiro aqui porque não tem a cara de árabe como eu tenho, não tem. Agora, de qualquer forma, nós o tratamos muito bem aqui, o tratamos muito bem, e já o consideramos meio árabe. Mais um discurso e virará árabe inteiro.

Um grande abraço. Muito obrigado pelo carinho e que Deus abençoe a



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

todos nós.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Gasoduto Sudeste-Nordeste (Gasene)**

Itabuna-BA, 26 de março de 2010

Meus companheiros e companheiras da nossa querida cidade de Itabuna,

Meus companheiros e minhas companheiras do estado da Bahia,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Senhor embaixador Qiu Xiaoyi, embaixador da China no Brasil,

Senhora Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu companheiro Geddel Vieira, ministro da Integração Nacional,

Meu caro Carlos Henrique Gaguim, governador do estado de Tocantins,

Meu caro senador César Borges,

Companheiros deputados federais: Alice Portugal, Geraldo Simões, João Carlos Bacelar, José Rocha, Lídice da Mata, Mário Negromonte e Maurício Trindade,

Meu caro companheiro Paulo Sérgio que, na semana que vem, estará ministro dos Transportes,

Meu caro José Nilton Leal, prefeito de Itabuna,

Senhor (incompreensível), presidente da empresa chinesa de produção de petróleo e química,

Meu caro companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Dom Ceslau Stanula, bispo diocesano de Itabuna,

Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora da área de Gás e Energia da Petrobras,

Nosso companheiro Antônio Sérgio Santana, diretor em exercício da área de Serviços da Petrobras,



Nosso querido companheiro Sérgio Machado, presidente da Transpetro,
Davidson Magalhães, presidente da Bahiagás,

Nosso querido companheiro José Lima de Andrade Neto, presidente da
Petrobras Distribuidora,

Meu caro companheiro João Antonio de Moraes, coordenador nacional
da Federação Única dos Petroleiros,

Minhas queridas e meus queridos companheiros trabalhadores do
Gasene,

Companheiros e companheiras da Petrobras,

Companheiros e companheiras da imprensa,

Eu, na verdade, até por uma questão de cuidado, não vou falar do
Gasene porque já falou aqui o Gabrielli, já falou o Wagner, já falou a ministra
Dilma Rousseff. Se o Embaixador chinês falasse português como eu falo
chinês, eu ia dar a palavra para ele, mas ele ainda não fala português como eu
falo bem chinês. Então, vai ficar para um outro momento.

Eu acho o dia de hoje um dia marcante. Fazia oito anos que eu não
vinha a Itabuna há oito anos. Eu vim muitas vezes a Itabuna. Mas fazia oito
anos que eu não vinha, porque eu fui eleito presidente da República e,
certamente, eu parava mais em Salvador, quando eu venho à Bahia. É mais
fácil levar os prefeitos lá do que o Presidente visitar todas as cidades.

Entretanto, hoje é um dia especial. Sabe o companheiro José Sergio
Gabrielli, sabe a ministra Dilma, e sabe o ministro [governador] Wagner, que
era ministro na época, que a decisão de fazer este gasoduto com a China foi
uma decisão ideológica. Nós já tínhamos um estudo e um trabalho avançado
com o banco japonês – o JBIC – para financiar a obra, quando, em 2004, lá na
Granja do Torto, eu e alguns ministros fomos discutir se a gente ia fazer
parceria com a China ou se a gente ia fazer parceria com o Japão. Nós
entendíamos que era necessário o Brasil se aproximar da China, e era preciso



construir uma parceria estratégica entre Brasil e China. E foi a única vez, a primeira e última vez que eu fiz uma votação no Ministério: Quem era favorável à China e quem era favorável ao Japão. E a China ganhou por quatro a dois, e nós fizemos a parceria com a China.

Agora, os chineses não são fáceis. Você vê, a cara do embaixador é uma cara muito simpática; a cara dos diretores das empresas... Mas chinês é duro na negociação! Pense em uns cabras duros! Eles realmente negociam com a alma, com o pé, com o coração, e são duros na queda. Acontece que eles encontraram diante deles a Petrobras, que, em se tratando de dureza, não fica devendo nada a nenhum chinês, em nenhum país do mundo.

Essa obra, havia quem acreditasse que essa obra não fosse sair, havia quem acreditasse: “Porque esse Lula... Como é que esse Lula vai gastar 7 bilhões, 7,2 bilhões enterrando cano embaixo da terra, não dá nem para colocar o nome dele numa placa”, porque é uma obra difícil. Entretanto, essa obra significa mais um degrau na conquista da independência do Nordeste brasileiro, ou seja, nós não estamos tirando nada de nenhum lugar do Brasil, nós apenas estamos dando ao Nordeste brasileiro, a mesma oportunidade de se desenvolver que já tiveram o Sul e o Sudeste deste país.

Eu saí de Pernambuco com sete anos de idade para ir para São Paulo, e a vida inteira... a vida inteira eu ficava irritado, porque as pessoas acham que nordestino vai para São Paulo só para ser pedreiro. As pessoas acham que estão elogiando a gente, quando falam: “Está vendo, está vendo, aquela ponte é o nordestino que construiu. Aquele asfalto é o nordestino que construiu”, como se nós quiséssemos ser apenas pedreiros ou ajudante de pedreiros. Não! Nós agora queremos ser engenheiros, queremos ser médicos, queremos ser os projetistas da obra. É por isso que nós precisamos desenvolver o Nordeste brasileiro, para que o país seja tratado de forma igualitária, que todo mundo tenha direito às conquistas deste país, porque o Nordeste aparece nos indicadores do IBGE, [como] a região que tem mais analfabetos, a região que



tem mais mortalidade infantil, a região que tem menos mestres, que tem menos doutores, que tem menos pesquisadores. E isso está acabando. Por que está acabando? Porque nós estamos fazendo mais universidades no Nordeste. Só aqui na Bahia foram três unidades novas que nós estamos fazendo, estamos fazendo mais escolas técnicas no Brasil inteiro.

Veja que engraçado: eu não sei se a imprensa do Nordeste já sabe, mas esse que vos fala, que é o único presidente da República que não teve diploma universitário no Brasil, já é o presidente que mais fez universidades na história deste país.

Em cem anos, toda a elite brasileira fez 140 escolas técnicas. Em cem anos, desde 1909 até eu chegar ao governo, toda a elite brasileira – fazendeiro, advogado, professor, cientista político – todos que governaram o Brasil, em cem anos, fizeram 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos fazer 214 escolas técnicas.

Além, além do ensino fundamental – só para vocês terem ideia –, quando eu cheguei ao governo, em 2004, tinha uma coisa chamada Olimpíada de Matemática no Brasil. Só participava escola privada. Tinha 274 mil alunos que participavam da Olimpíada de Matemática; a Argentina tinha 1,2 milhão de pessoas que participavam; os Estados Unidos tinham 6 milhões que participavam. Aí – o Tarso Genro era ministro da Educação –, eu falei: Tarso, vamos fazer a Olimpíada de Matemática na escola pública? Aí aparecem aquelas pessoas azedas: “Ah, não vai dar, criança pobre não vai participar de Olimpíada. Na escola pública, não vai dar certo”. Pois bem. Em 2004 fizemos as inscrições. Em 2005, se inscreveram 10 milhões de crianças. Em 2006 tinha eleição, a Justiça Eleitoral não deixou nem colocar um cartaz na escola, achando que era propaganda política, e se inscreveram 14 milhões de crianças. Em 2007 se inscreveram 17 milhões de crianças. E agora nós tivemos, em 2009, 19,3 milhões de crianças participando da Olimpíada de Matemática. Eu acho que nós temos até mais do que a China, agora,



participando em Olimpíada de Matemática. Mais do que a China, mais do que o Japão, mais do que os Estados Unidos. Por quê? Porque na hora em que as pessoas mais humildes têm uma oportunidade, elas pegam com as duas mãos, e vão levar as coisas para valer.

Neste país, acabou aquela história de que pobre não tem interesse, pobre não quer, pobre não gosta. O que o pobre não tinha era oportunidade, era alguém... Quando nós criamos o Prouni, sabe qual é o discurso que a elite fazia contra a gente? “O Lula está nivelando a educação por baixo. Ele quer colocar pobre da periferia na universidade. Vai baixar o nível da Educação”. Pois bem. Hoje, nós já temos quase 650 mil jovens da periferia, 40% negros, jovens da periferia na universidade. E quando o MEC faz um teste, os melhores alunos são exatamente do ProUni, os pobres da periferia que estão chegando à universidade.

Este país não para mais. Este país não para mais e não tem mais volta, porque nós aprendemos a gostar de nós. Eu digo sempre: a gente é pobre, mas a gente tem orgulho e vergonha na cara. A gente não quer desrespeitar ninguém, nós apenas queremos ser respeitados.

É por isso que este país ganhou a Copa do Mundo, em 2014. É por isso que nós fomos a Copenhague e ganhamos do Japão, dos Estados Unidos e da Espanha, o direito de fazer a Olimpíada de 2016 aqui neste país. É porque nós não queremos ser tratados como cão vira-lata, nós não queremos ser tratados. Nós queremos ser respeitados. Nós queremos mostrar que nós temos orgulho, nós temos autoestima, que nós haveremos de fazer deste país uma grande nação, generosa, desenvolvida, geradora de empregos, geradora de oportunidades, humanista, uma sociedade fraterna, onde as pessoas se deem as mãos, se autoajudem.

A Petrobras, antes de nós chegarmos à Presidência da República, antes de este companheiro virar presidente, a Petrobras, com todo o seu potencial, tinha mania de empresa tacanha, de empresa pequena, vivia perdida nos



vazamentos de oleodutos que tinha (incompreensível) deste país. Por que a Petrobras mudou? Não foi apenas pela entrada do Gabrielli ou desta diretoria. É porque a gente tomou a atitude de fazer investimento em pesquisa, e hoje nós investimos em pesquisa cinco vezes mais do que era investido. Não pensem que a gente achou o pré-sal a 7 mil metros de profundidade porque Deus é mais brasileiro. Se bem que eu acho que é mesmo, se bem que eu acho que... Eu, a cada vez que vejo um quadro de Deus, uma fotografia, uma pintura, eu fico pensando: ele tem a cara de brasileiro, tem a cara... e, se duvidar, nasceu aqui no Nordeste. Se duvidar, nasceu por aqui.

Pois bem, não é por isso. É porque nós investimos em pesquisa, nós investimos em pesquisa. Eu, agora, companheiros, só tenho um cuidado, porque a Petrobras vai pegar petróleo a 7 mil metros de profundidade. Vocês não têm noção: são 2 mil metros de água, 3 mil metros de rocha e mais 2 mil metros de sal. Eu estou falando para o Gabrielli: os chineses que tomem cuidado, os japoneses, porque qualquer dia essa broca da Petrobras traz um chinesinho lá do fundo, ou traz um japonês, porque daqui a pouco ela está furando o Planeta. Então, a Petrobras precisa só tomar cuidado, investir mais em tecnologia, para não atacar os nossos companheiros lá de baixo.

Portanto, essa obra, para nós, ela é marcante, porque ela traz para o Nordeste a mesma possibilidade de ter energia limpa, mais barata do que a energia que a gente tinha com o óleo diesel. A indústria vai poder produzir mais e a gente vai se tornar cada vez mais autossuficiente em outras fontes energéticas. Essa é uma coisa.

A outra coisa, que eu vim aqui, é porque nós publicamos o edital de licitação da Ferrovia Oeste-Leste. É assim que se fala? Não é Leste-Oeste, é Oeste-Leste? Eu sei que ela vai daqui de Ilhéus até Aguiarnópolis, lá em Tocantins. Mas ela vai, primeiro, fazer o trecho da Bahia, primeiro é o trecho da Bahia, para que a gente pegue toda a produção de Caetité, a produção de Barreiras, e a gente possa trazer para o porto que nós vamos fazer em Ilhéus,



porque não é só a ferrovia, é a ferrovia e tem que ter um porto aqui, para quê? Para poder receber mercadoria e para poder levar a mercadoria que o povo da Bahia produz, para vender para o chinês comer, para o japonês comer, para o alemão comer, para todo mundo comer, e também para nós, do Sudeste, comermos um pouco do feijão produzido lá em Irecê, com o processo de irrigação do Baixio de Irecê, que nós vamos inaugurar, uma parte já foi inaugurada.

Ontem, Jaques Wagner, já foram licitados mais 7 mil hectares lá do Projeto Salitre, em Juazeiro. Mais 7 mil hectares foram licitados, para a gente fazer irrigação, para que as pessoas possam produzir mais alimentos, com mais qualidade, para chegarem mais baratos à mesa de cada mulher e de cada homem deste país.

Mas, também... Aí o Wagner falou assim para mim... Um radialista de Itabuna perguntou: “A BR-415?” Não é só a BR, é que o entorno aqui de Itabuna está chinfrim, e também de Ilhéus. É preciso fazer a rodovia e fazer o contorno, para a entrada da cidade ficar bonita, para a cidade de Ilhéus ficar bonita, porque nós precisamos cuidar, e isso vai entrar no PAC, isso já vai entrar no PAC II. Então, companheiros, depois nós vamos a Ilhéus também assinar contratos para mais 3.170 casas populares, que vai ser assinado o contrato hoje, do programa Minha Casa, Minha Vida.

A Bahia tem direito a 80 mil casas. Das 80 mil casas, a Bahia tem uma maioria de 0 a 3 salários mínimos. Quando for na segunda-feira, nós vamos anunciar um outro programa para fazer mais 2 milhões de casas no programa Minha Casa, Minha Vida, ou seja, nós vamos acabar com o maldito déficit habitacional desse país em poucos anos.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, eu, na verdade, na verdade, quero agradecer do fundo do coração e quero dizer para vocês que nós precisamos aprender apenas para que a gente se cuide corretamente. Nós precisamos aprender a separar o ato institucional de um ato político,



porque senão, sabe o que acontece? A gente vem aqui, no dia seguinte, a manchete do jornal é: “fulano foi vaiado, fulano foi criticado”. Não sai uma nota do que a gente veio fazer aqui. Então, não é correto isso. Veja, politicamente o povo tem direito de fazer... o Geddel tem sido um companheiro que tem contribuído com o governo...

Então, eu penso que nós precisamos apenas levar em conta isso. A gente não é obrigado a gostar de todo mundo. A gente, na época da eleição... Eu, quando era mais novo, o Corinthians ia disputar a final do campeonato, às vezes, eu tinha muitos companheiros palmeirenses, santistas [que] iam lá em casa ver o jogo comigo, a gente quase se pegava de tapa....quase. Era uma desgraceira. Hoje eu estou de barba branca, assisto ao jogo com palmeirense, com são paulino, com torcedor do Vitória, do Bahia. Não importa quem faça gol, eu não brigo mais. Depois do jogo, nós continuamos a amizade. A eleição é apenas um ato político na vida da gente. Depois da eleição, nós não temos que brigar mais, nós temos que governar, porque é para isso que o povo tem eleito o povo brasileiro. Por isso, meu caro companheiro, Jaques Wagner, eu quero dizer para você da alegria, da alegria de estar aqui e do conforto que eu tenho de ter um companheiro meu, sindicalista, provando que a Bahia precisava de alguém mais comprometido com o povo da Bahia para poder a Bahia dar certo e ser mais democrática.

Um abraço, que Deus abençoe todos vocês e até a próxima volta a Itabuna.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no lançamento dos editais para licitação da Ferrovia Oeste-Leste e assinatura de contratos do programa Minha Casa, Minha Vida para municípios da Bahia

Ilhéus-BA, 26 de março de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras de Ilhéus,
Queridos companheiros e companheiras da Bahia,
Querido companheiro governador do estado da Bahia,. Jaques Wagner,
Querida companheira ministra Dilma Rousseff,
Querido companheiro Geddel Vieira, ministro da Integração Nacional,
Querido companheiro Franklin Martins, ministro da Comunicação,
Meu querido companheiro governador do estado do Tocantins, Carlos Eduardo Gaguim, que está aqui abocanhando um pedaço da Ferrovia Oeste-Leste,
Meu caro amigo César Borges, senador da República,
Deputados federais Alice Portugal, Geraldo Simões, João Carlos Bacelar. José Rocha, Lídice da Mata, Mário Negromonte, Maurício Trindade e Veloso,
Meu caro companheiro Nilton Silva Lima, prefeito de Ilhéus,
Senhor Paulo Patos,
Companheiro Paulo Sérgio, secretário-executivo do Ministério dos Transportes,
Nosso querido companheiro Juquinha, presidente da Valec,
Meu caro Márcio Scherer, diretor de Projetos de Saneamento do Ministério das Cidades,
Companheiro Hereda, da Caixa Econômica Federal,
Meus companheiros jornalistas,



Companheiros empresários,
Companheiros da imprensa,

Eu vou ser muito breve, porque esse horário agora era para a gente estar chegando em São Paulo, e eu ainda estou aqui em Ilhéus. Significa que, quando eu chegar em São Paulo, eu vou ter uma galega chamada Marisa brava quem nem... porque eu vou chegar às nove, quando deveria ter chegado às seis.

Mas eu não poderia deixar de vir a Ilhéus. Eu poderia ter ido a Salvador, mas eu preferi vir aqui, para poder ter uma conversa com vocês, muito franca, sobre o que está acontecendo aqui. A primeira coisa, a primeira coisa é que a gente não pode, nessa época do ano, em cada cidade que a gente chega, a gente ficar prometendo fazer uma coisa, porque nem vocês acreditam, nem o povo acredita, e a imprensa e a Justiça Eleitoral vai dizer que a gente está fazendo campanha e prometendo coisas demais. Então, não é correto. A ponte que vocês querem não tem projeto ainda. Então, é preciso fazer o projeto para a gente saber se é possível financiar a ponte.

Eu tenho dito, na minha experiência como presidente da República: não adianta nenhum governador, nenhum prefeito dizer que precisa de uma obra, eles têm que mostrar o projeto. Se o projeto for consistente, aparece o dinheiro. Por exemplo: a rodovia 415 e o contorno em Ilhéus e Itabuna – eu fui andando de carro até Itabuna e voltei, e essa rodovia tem que ser duplicada e tem que fazer o contorno. E aí, nós assumimos o compromisso de fazer juntos, nós assumimos o compromisso, da mesma forma que nós assumimos o compromisso de fazer essa ferrovia. Essa ferrovia é uma ferrovia muito grande. O projeto original dela liga Ilhéus a Figueirópolis, em Tocantins, a 400 quilômetros depois da ferrovia Norte-Sul. É uma ferrovia muito importante, porque ela vai tanto fazer uma integração da Bahia com o Centro-Oeste brasileiro, como ela vai ligar a Bahia ao porto de Santos. A gente, portanto, vai



ter o Porto de Itaqui, o Porto de Belém, o Porto de Ilhéus e o Porto de Santos, tudo ligado por um esquema ferroviário poderoso.

Nós estamos recuperando aquilo que foi abandonado na década de 50, quando veio para cá a indústria automobilística. Vocês estão lembrados que... Vocês estão lembrados que na década de 50, quando Juscelino falou em integração, aqui nessa região veio uma caravana de carros. Aqui veio Romi Isetta, aqui veio DKW-Vemag, porque era o sinônimo da integração via rodovia. E agora nós estamos recuperando o sistema de integração via ferrovia. E vai acontecer exatamente o que deveria ter acontecido há muito tempo: a gente construir um sistema intermodal de transporte, que utiliza a hidrovia, que utiliza a ferrovia, que utiliza a rodovia e ainda utiliza aeroportos. Porque também na nossa política de aeroportos que foi apresentada pelo Ministro da Defesa vai entrar, para os próximos anos, um novo aeroporto aqui na cidade de Ilhéus.

Pois bem, a coisa sagrada que nós queremos dizer para vocês é que o Brasil voltou a aprender a investir em obras de infraestrutura. O Brasil ficou 25 anos sem fazer investimentos e, portanto, o Brasil praticamente teve uma geração e meia que não viu investimentos em infraestrutura. Se eu pegar para vocês alguns presidentes e perguntar se vocês lembram qual a obra que eles fizeram, certamente vocês não vão lembrar de quase nenhuma obra importante que os presidentes fizeram. Teve presidentes da República que passaram muitos anos no governo e não fizeram uma única universidade nesse país. Teve presidente da República que passou o mandato inteiro apenas preocupado em resolver o pagamento da dívida com o FMI. Hoje nós não devemos nada ao FMI e é ele quem deve US\$ 14 bilhões para o Brasil, porque hoje nós fizemos uma reserva importante para o Brasil.

Então, companheiros e companheiras de Ilhéus, dia 31 de dezembro está terminando o meu mandato. Eu irei para casa... eu irei para casa com a certeza de que nós fizemos muita coisa neste país, mas irei para casa também com a certeza de que ainda temos um grande caminho a percorrer para que a



gente possa recuperar o atraso a que a maioria do povo brasileiro foi submetida ao longo de séculos e que o povo pobre foi abandonado neste país. A gente não pode esquecer... A gente não pode esquecer que neste país a mulher só conseguiu votar a partir da década de 30, portanto, faz pouco tempo. A gente não pode esquecer nunca que mesmo quando foi proclamado o fim da escravidão, o negro ainda não era tratado como um ser humano neste país, era tratado como cidadão de terceira categoria. Então nós não vamos mudar em oito anos, ou em dez anos, aquilo que foi construído de desgraça, neste país, em 500 anos. Mas eu vou dizer uma coisa para vocês, eu vou dizer uma coisa para vocês: se tem um dia que eu fiquei alegre na vida, foi quando eu soube da notícia... eu fiquei triste porque eu não ganhei do Alckmin no primeiro turno, mas fiquei feliz porque, aqui, o nosso galego deu uma surra e ganhou as eleições no primeiro turno.

E foi importante, e foi importante que ele ganhou... foi importante que ele ganhou e derrotou, aqui... ele e o Geddel estavam juntos, no mesmo palanque, e eu imaginava que eles iam continuar no mesmo palanque, mas me parece que tem um pouquinho de divergência entre o Vitória e o Bahia. Agora, a gente não pode se tratar como inimigo. A gente sabe que a eleição é apenas um episódio na nossa vida. Depois das eleições, a gente vai ter que trabalhar, e muito, para que a gente possa garantir que o povo da Bahia continue avançando, para que o povo da Bahia continue trabalhando e recebendo os benefícios do governo.

Uma coisa eu vou dizer para vocês, uma coisa eu vou dizer para vocês, companheiros e companheiras: o Nordeste brasileiro nunca mais será tratado como se fosse uma região de segunda classe, nós não podemos aceitar. Nós não queremos tirar nada de nenhuma região do país. Eu sou grato a São Paulo, porque foi lá que eu aprendi tudo na vida. Acho que o Brasil é grato a São Paulo, o Brasil é grato ao Rio Grande do Sul, o Brasil é grato ao Rio de Janeiro. Nós não queremos tirar nada de nenhum país [estado], mas nós



queremos que o Nordeste tenha carne na mesa, que o Nordeste tenha educação, que o Nordeste tenha emprego e que o Nordeste possa competir em igualdade de condições com as outras regiões do país. É por isso que nós estamos fazendo um forte investimento no Nordeste, é por isso que está gerando muito emprego no Nordeste, é por isso que estamos fazendo uma refinaria em Pernambuco, uma no Maranhão, uma no Ceará e uma no Rio Grande do Norte. É por isso que estamos fazendo 6 mil quilômetros de ferrovia neste país, é por isso que já fizemos 14 universidades federais novas e 105 extensões universitárias, é por isso que vamos fazer 214 escolas técnicas. E o Nordeste brasileiro, daqui a dez ou quinze anos, terá a mesma quantidade de doutores, de mestres que tem São Paulo, que tem Rio, que tem Minas Gerais, porque é isso que vai permitir que o Nordeste se desenvolva.

Por isso, meus companheiros e companheiras, eu não poderia deixar de vir aqui. Tem gente que acha: “Bom, por que o Lula vai construir uma ferrovia de 1.500 quilômetros lá na Bahia? Por que não faz uma aqui no Sul?” Nós vamos fazer no Sul quando precisar fazer. Mas agora, é a vez da Bahia, é a vez da Transnordestina, ligando Pernambuco, Ceará e Piauí. É a vez do Nordeste se desenvolver. E, ao mesmo tempo, estamos fazendo muitos investimentos na região Sudeste.

O PAC demonstra o seguinte: esse governo não discrimina ninguém. Pode perguntar para os prefeitos do DEM aqui na Bahia; pode perguntar para os governadores do PSDB, em qualquer lugar do Brasil; pode perguntar para os prefeitos do PSDB se, em algum momento, a gente deixou de dar o dinheiro que eles tinham direito porque eles eram meus adversários. Eu não governo para prefeito ou para governador. Eu governo para o povo brasileiro, e por isso nós governamos de forma republicana.

Companheiros e companheiras, eu queria dizer três coisas antes de ir embora. Eu estou cansado, estou cansado. Político não gosta de falar que está cansado, mas eu estou cansado.



Eu queria, primeiro, dizer ao pessoal da demarcação: hoje eu liguei para o presidente da Funai para saber o que estava acontecendo. Ele disse que esse é um processo que está apenas iniciando. Que é um conflito entre as tribos dos tupinambás, se não me falha a memória, e eu disse para ele, eu disse para ele: companheiro, você tem que lembrar que naquela área mora gente há 80 anos, há 50 anos, há 200, há 100 anos. Então, é verdade que a Universidade pode escolher especialista, fazer investigação, é verdade que pode ter sido terra de índio mesmo. O Brasil inteiro era de índio. São Paulo era de índio, o Rio Grande do Sul era de índio, é verdade. Então é verdade que eles têm direito à terra, mas é verdade que tem gente morando na terra e que a gente precisa tratar os dois como brasileiros. Então, pode ficar tranquilo que nós vamos tratar isso com muito carinho e com muito respeito.

Segundo... Segundo: a questão do pessoal da polícia que reivindica o piso. Meus companheiros e companheiras, eu aprendi uma coisa. Eu sou um homem que um dia, um dia, o meu filho caçula, que tem hoje 25 anos, chegou em casa da escola e falou assim para mim: “Pai, a minha... a minha classe inteira vai para a Disneylândia, e eu queria ir”. É muito difícil um pai dizer para um filho: “Você não vai”. Mas é muito mais difícil você prometer o que você não tem condições de fazer. E eu, em vez de mentir para o meu filho, eu disse: “Você não vai, porque nós não temos dinheiro para mandá-lo para a Disneylândia. Então, você não vai. No dia que tiver, você vai”.

Então, com a mesma coragem que eu tive de falar para o meu filho, eu tenho que falar com vocês: vocês merecem ganhar um salário decente, a polícia merece ganhar um salário decente. Eu mesmo, eu mesmo fui lá na polícia de Brasília anunciar o piso de R\$ 3.500,00 para a polícia de Brasília. Agora, é importante apenas lembrar que na hora que o Congresso Nacional aprovar o piso, ele tem que dizer de onde é que vai vir o dinheiro, porque vocês sabem que a maioria dos estados está em uma situação de pobreza. Então, é preciso que haja uma combinação, que na hora em que o Congresso Nacional



estiver discutindo a PEC, ele discuta, concomitantemente, onde é que a gente vai criar o fundo para poder pagar o salário. Não pensem que eu acho que R\$ 3.500,00 é muito salário, não. Se a gente quer policial honesto, trabalhador, servindo a sociedade, a gente tem que pagar bem. Porque se a gente tiver policial mal remunerado, que não consegue cuidar da própria família, a gente não pode exigir nada de policial.

Eu conheço muita gente da polícia neste país, muita gente. E eu sei que tem gente que mal leva para casa o que comer com o salário miserável que ele ganha. E, se ele não for um cara honesto, ele ainda começa a levar propina para casa. Então, nós temos que pedir a Deus que tenham muitos policiais honestos pedindo aumento de salário e que a gente possa criar as condições de melhorar – e vamos criar. Nós criamos agora o Bolsa-Copa para os estados, vamos criar a Bolsa-Olímpica e, se Deus quiser, nós vamos criar condições para poder constituir um fundo para poder pagar o salário que a polícia brasileira precisa, senão a gente não vai enfrentar a questão da segurança pública com decência. Um policial andando na rua com a bota furada e um ladrão andando com um cromo alemão, é difícil essa disputa e nós então precisamos criar as condições.

A outra coisa que eu queria falar aqui: Não tem faixa, não tem nada, mas tinha um companheiro aqui gritando: “E os aposentados, Lula, e os aposentados, Lula?” Eu vou dizer uma coisa para vocês: ninguém, ninguém neste país defende mais trabalhador do que eu. Pode defender igual, mas mais eu duvido. No meu governo, além da gente ter aumentado o mínimo em mais de 70%, os aposentados que ganham mais do que mínimo em nenhum momento receberam menos do que a inflação. Eu sei que, durante muito tempo, o salário do aposentado foi corroído, ele foi diminuído. Porque teve governantes que nem pagaram aquilo que a inflação comeu. Mas os trabalhadores têm que entender que a Previdência é do próprio trabalhador e que ela tem uma receita, entra dinheiro e sai dinheiro. E que, portanto, se a



gente for dar mais do que a gente arrecada, a gente termina quebrando a Previdência Social, que é do próprio trabalhador. Nós fizemos um acordo com as centrais sindicais, propusemos um pequeno aumento acima da inflação, isso está para ser votado no Congresso Nacional, e eu espero que os congressistas votem isso para a gente resolver a questão dos aposentados no Brasil.

No mais, ditas essas três coisas, eu quero dar um beijo em cada mulher, um abraço em cada homem, e até outro dia, se Deus quiser, companheiros.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento
(PAC 2)**

**Centro de Eventos e Convenções Brasil 21 - Brasília-DF, 29 de março de
2010**

Bem, primeiro, eu queria cumprimentar o meu companheiro José Alencar,

Cumprimentar o deputado Michel Temer,

Cumprimentar a companheira Dilma Rousseff,

Cumprimentar os governadores Jaques Wagner, da Bahia; Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro; Ana Júlia, do Pará; Eduardo Campos, de Pernambuco; Alcides Rodrigues, de Goiás; Blairo Maggi, do Mato Grosso; Cid Gomes, do Ceará; José Maranhão, da Paraíba; Wellington Dias, do Piauí; Wilma Maria de Faria, do Rio Grande do Norte; Marcelo Déda, de Sergipe; Eduardo Braga, do Amazonas; Binho Marques, do Acre; Ivo Cassol, de Rondônia; Carlos Henrique Gaguim, do Tocantins, e Waldez Góes, do Amapá.

Quero cumprimentar cada companheiro deputado federal aqui presente, cada companheira deputada federal,

Quero cumprimentar os vice-governadores que estão representando os seus governadores,

Quero cumprimentar os companheiros prefeitos que estão aqui presentes, os prefeitos das capitais, os prefeitos das cidades maiores de 200 mil habitantes, de 100 mil habitantes, de 50 mil habitantes, de 20 mil habitantes, de um habitante.

Quero cumprimentar o Paulo Godoy, que falou aqui representando os companheiros empresários; o nosso companheiro Artur, que falou aqui representando os trabalhadores,



Cumprimentar os empresários aqui,

E, por incrível que pareça, eu vou ser breve de verdade, porque a agenda hoje está demasiadamente carregada e eu tenho uma agenda internacional ainda.

Primeiro, eu queria, tanto ao Artur quanto ao Godoy, à Dilma, ao Guido Mantega, ao governador Jaques Wagner e ao prefeito Eduardo Paes, dar os parabéns pelos discursos feitos aqui.

Certamente, o Brasil já viveu outros momentos destes, em que o governo anunciou um conjunto de obras. Certamente, em alguns momentos as obras aconteceram, em outros momentos as obras não aconteceram. Vocês poderiam estar perguntando: “Por que o presidente Lula resolveu lançar o PAC 2 no seu último ano de governo, já que o PAC 1 foi lançado no seu primeiro ano de governo?” Apenas para efeito de registro histórico, o PAC 1 era para ter sido lançado também em 2006, antes das eleições. A gente não lançou porque já era mais ou menos o mês de setembro, e a gente não queria confundir o PAC 1 com as eleições de 2006. E nós entendíamos que era melhor, então, guardar para lançá-lo no começo do ano seguinte. Isso demonstra o otimismo que a gente tinha naquela época, com o lançamento de um programa da envergadura do PAC, que não queríamos utilizá-lo politicamente.

Por que, então, agora, tomamos a decisão de lançar o PAC 2? Primeiro, porque nós aprendemos – prefeitos, governadores, os gestores públicos do governo federal em todos os ministérios –, nós aprendemos que, entre anunciar uma obra - disponibilizar dinheiro no orçamento é a coisa mais fácil - e essa obra começar a ser executada, tem um tempo que não depende individualmente de nenhum de nós e que depende de todas as barreiras que, historicamente, nós criamos para nos autofiscalizar.

Estou dizendo isso com muito orgulho, porque nós fizemos um governo que, mais transparência, era impossível. Mas, dois exemplos que eu vou dar



para vocês, inclusive um comunicado ao Eduardo Campos: eu não estou indo amanhã a Pernambuco porque nem sempre as coisas são como as pessoas dizem que são. Depois eu vou contar a minha viagem de Itabuna, você vai saber do que eu estou falando.

A Transnordestina, nós estamos trabalhando nela há cinco anos. Não são cinco dias, há cinco anos. Só a elaboração do projeto, a arquitetura financeira, que envolveu vários... ministro da Fazenda, presidente do Banco Central, ministro da Integração... Nós levamos mais de três anos para construir a engenharia financeira para fazer a Transnordestina. Quando nós concluimos a engenharia financeira, nós tínhamos nos esquecido da engenharia burocrática de cada ente que estava envolvido – seja do BNDES, seja do Finor, seja do Ministério da Integração, seja da empresa. Ou seja, sempre você tinha uma vírgula que, quando eu perguntava: Quando vamos começar?, diziam: “Um pouco mais, Presidente”. Depois, tem o problema dos governos estaduais com as desapropriações, que não é uma coisa fácil. Só para vocês terem ideia, na reunião que eu fiz em janeiro – porque agora eu estou fazendo reunião a cada trinta dias – estava tudo pronto, na de fevereiro já não estava pronto. Ou seja, só para ter uma ideia do transtorno que é você fazer uma obra de grande envergadura neste país. É por isso que de vez em quando se falava do “cemitério de obras paradas”. É porque nem todo mundo é perseverante como eu sou, para ir em cima, para concluir, porque senão elas não acontecem.

Veja, eu estou dizendo isso de público porque eu ia amanhã para a Transnordestina, para inaugurar a fábrica de dormentes, a maior do mundo, e a fábrica de brita que, sozinha a usina de brita, vai produzir mais brita que as quarenta que tem em São Paulo. E não vamos porque não está pronta. Esse compromisso foi feito comigo em janeiro, em janeiro. Não está pronta.

Poderíamos pegar outras obras. A Transnordestina, para quem é paulista, para quem é gaúcho, para quem é catarinense, para quem é... é uma ferrovia de quase 1.800 quilômetros, que vai ligar o Porto de Pecém ao Porto



de Suape, em Pernambuco – Pecém, no Ceará – e vai até Eliseu Martins, no Tocantins, pegar a produção de soja que tem lá... no Piauí, no Piauí - é que ela vai chegar no Tocantins logo, logo. E vai pegar toda a soja produzida e vai ser um sistema de transporte muito moderno.

Eu lembro que na campanha de [19]79, quando eu fui fazer um comício no Crato, na volta, o doutor Arraes, que estava me apoiando firmemente, disse para mim: “Ô Lula, me faça a Transnordestina. O Nordeste precisa reativar essa ferrovia”. Portanto, nós... toda a engenharia foi para que a gente inaugurasse ela em 2010, toda a engenharia; e vamos inaugurar somente lá para 2012, porque entre a vontade de fazer... E agora uma prova: não é falta de dinheiro. Porque antigamente, se dizia que não tinha dinheiro. Tem dinheiro. O que nós precisamos resolver nas prefeituras, nos governos dos estados e no governo federal é a facilidade dos projetos.

É importante e eu vou dizer [em] alto e em bom som para todo mundo entender: o que libera dinheiro não é discurso, o que libera dinheiro não é pressão política, o que libera dinheiro não é emenda parlamentar, o que libera dinheiro não é o estado ser mais rico ou mais pobre. O que libera dinheiro é o cidadão que governa uma cidade ou um estado, ou um ministro que governa uma pasta trazer um projeto consistente, com cumprimento de todas as exigências legais.

Por isso... todo mundo aqui já aprendeu, todo mundo aqui já aprendeu. Acho que não tem um prefeito neste país... não tem um prefeito e um governador, que a gente não tenha aprendido como é difícil a distância entre a gente ter o dinheiro e a gente ter a obra. É uma coisa... você pensa que é só a 319? Se fosse só 319...

Pois bem. Pois bem, companheiros. Por que foi importante, e eu queria fazer o lançamento do PAC 2, agora e urgente? Porque era para garantir que cada companheiro, desde uma empresa como a Petrobras, a uma empresa como a Eletrobras, a outras empresas importantes, até cada prefeito ou cada



governador e cada ministro, vão ter um tempo para construir e preparar os seus projetos. Daqui até junho, de todas essas coisas que a ministra Dilma anunciou, nós já temos por volta de 441 projetos selecionados, inclusive, projetos selecionados já com projetos básicos em muitos casos, ou projetos executivos. Portanto, obra preparada para começar. Agora, Aloizio, não pense que quando eu falo “obra preparada para começar”, ela começa. Demora um tempo. Eu lembro que antes de terminar o mandato, o Fernando Henrique Cardoso foi entregar a ordem de serviço da BR-101 lá na cidade de Osório, no Rio Grande do Sul. E eu, em 2004, fui lá buscar a ordem que ele deu e dar outra ordem. É, porque não aconteceu nada com a ordem que ele deu. E com a minha, quase que não acontece, porque tinha uma perereca no túnel, e a perereca “embirrou” seis meses a obra, seis meses.

Bem, então era necessário lançar... era necessário lançar o PAC agora, porque até junho – é importante vocês prestarem atenção - até junho o núcleo coordenador do PAC vai se reunir com os prefeitos e com os governadores para que a gente comece a destrinchar cada coisa. E isso é importante porque se não fizermos agora, quem assumir o governo no dia 1º de janeiro do ano que vem vai perder um ano fazendo o que nós estamos fazendo agora. Como nós não precisamos ficar parados, esperando obra, nós temos o PAC 1 funcionando, ou seja, nós vamos ter uma equipe, concomitantemente com a execução do PAC 1, trabalhando os projetos dos prefeitos com a sua estrutura, os governadores, para que o pessoal comece 2011 embalado. Mais ou menos que nem o time do Corinthians, ontem, embalado, embalado. Para não falar o time do Santos aqui, eu tenho que falar do Corinthians.

Então nós vamos ter, só para vocês prestarem atenção, prestarem atenção: entre abril e junho, nós deveremos estar discutindo mais de dez mil projetos. Entre vocês trazerem o projeto à mesa do ministro ou à mesa da coordenação do PAC e esse projeto se transformar numa coisa concreta... porque parte disso vai entrar no orçamento que a gente vai aprovar em... este



ano, para 2011. A gente não pode deixar para fazer as coisas... porque aí só vão ser feitas a partir de 2012, e nós não temos tempo a perder.

Na medida em que o Brasil aprendeu a se planejar, na medida em que nós estamos construindo... eu considero isso, Dilma, uma carteira, uma carteira de obras. É que nem uma carteira de advogado. O advogado, quando ele se forma... eu estou vendo aqui o Jobim, estou vendo o Tarso Genro, advogados. O advogado, quando ele se forma – o Temer –, ele pensa que vai ganhar dinheiro. Aí, monta um escritório. Aí, ali passa um mês sem aparecer um cliente, passam dois meses, e quando aparece o primeiro cliente ele só vai receber o dinheiro daquele cliente quatro ou cinco anos depois, quando a causa é julgada. Isso, se ele ganhar. Se ele perder...

Então, o que nós estamos construindo no Brasil é uma prateleira de projetos nas prefeituras, nos estados e no governo federal para que quem vier a governar este país, em qualquer momento, não pegue o país como vocês pegaram as prefeituras, como vocês pegaram os governos dos estados e como nós pegamos aqui, em que você não tinha projeto. Tudo, você tinha que começar praticamente do zero.

Essa é uma coisa que o Brasil, na hora em que construir essa carteira, o Brasil vai poder pensar em outras coisas. Vocês viram que nós falamos aqui muito em PAC de infraestrutura, PAC... mas o Fernando Haddad sabe que vai ter que construir mais coisas para a Educação; o Sergio Rezende sabe que vai ter que construir mais coisas para a Ciência e Tecnologia; a Embrapa sabe que vai ter que pensar um pouco mais para frente, porque é pensando quatro anos para frente que a gente pode construir este país mais rapidamente, para que as futuras gerações não vivam a situação que nós vivemos.

Eu estava vendo a Dilma dizer um dado aqui que me deixou impressionado: o último grande investimento em infraestrutura foi feito pelo Geisel. Você pode dizer o Brasil planejado, com aqueles planos decenais, quinquenais, que eram feitos pelos militares. Está certo que o Geisel deixou



também a dívida externa para a gente pagar, ele deixou. Mas o dado concreto é que depois dele ninguém teve mais competência ou possibilidade de fazer qualquer coisa para a frente, porque o país estava endividado. Nós passamos duas décadas discutindo apenas a questão de pagamento de dívida.

Bom, nós estamos em um outro momento agora. O que nós estamos querendo é dar fôlego para que este país possa pensar o futuro, em que um presidente da República venha a fazer um discurso e ele não tenha que ficar falando mal de quem saiu, e que ele tenha que apresentar propostas à frente, propostas para os nossos netos, para os nossos filhos.

E é isso que eu acho que nós fizemos, com todas as mudanças. Vocês estão lembrados que em 2007 eu disse, no começo do segundo mandato: é preciso destravar este país. Por conta desse discurso de destravar o país, o companheiro Luciano Coutinho nos levou, junto com o Miguel Jorge, ao BNDES, para a gente aprovar um programa chamado Política de Desenvolvimento Produtivo – PDP, que é, na verdade, é uma espécie de revolução, que trata, entre outras coisas, da inovação tecnológica, porque se nós não fizermos inovação tecnológica, muitas das coisas que nós sonhamos não acontecerão, sobretudo de o Brasil se transformar na quinta economia do mundo, na quarta economia do mundo ou na sexta economia do mundo.

Nós estamos trabalhando firmemente para não sermos apenas campeões de exportar suco de laranja, minério de ferro ou soja. Nós queremos exportar muito mais coisas, dentre elas o conhecimento e a inteligência do povo brasileiro, que será aprendida em um processo de qualificação, melhorando as universidades, fazendo mais universidades, mais escolas técnicas, mais Cefets. É isso que vai permitir que a gente possa fazer o Brasil ingressar no rol dos países desenvolvidos.

E obviamente que isso só pode ser feito se você tiver a roda da economia girando, se você estiver gerando emprego, se você estiver gerando salário, se você estiver gerando renda. Porque uma coisa, uma coisa todos os



economistas, todos os advogados, todos os políticos precisam saber: a coisa mais importante que aconteceu neste país, no nosso governo, foi a prova de que é plenamente possível você compatibilizar o crescimento com a distribuição de renda, concomitantemente, não esperar que o segundo degrau seja feito para você subir o primeiro. E o resultado disso foi o enfrentamento da crise, no ano passado. Vocês não sabem como me enche de orgulho quando as pesquisas mostram que as classes D e E das regiões mais pobres do Brasil consumiram mais do que a classe A, da região Sul do país. Eu gostaria que a A também tivesse consumido mais, porque aí o PIB teria crescido um pouco mais. Mas, ao mesmo tempo, nós temos que lembrar dos efeitos de uma pequena política de transferência de renda, o que causou na opinião pública.

O povo nordestino, o povo do Norte e o povo da periferia dos grandes centros urbanos – de São Paulo, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro – sabe disso. O Sérgio Cabral sabe da alegria daquele povo da favela de ver o Estado lá dentro, não apenas levando polícia, mas levando assistência, levando casa, levando educação, levando emprego, levando cultura. As pessoas percebem que o Estado está lá dentro. E qual é o meu orgulho? É o que acontece no Rio de Janeiro, acontece em São Paulo, acontece em Salvador, acontece em Aracaju, acontece em Recife, acontece em Fortaleza, ou seja, não tem uma capital deste país... Eu vou dizer mais: não tem uma cidade deste país que não tenha hoje um investimento do PAC.

É por isso que a Dilma disse corretamente: ser republicano não é retórica de palanque. É colocar em prática. Certamente, alguns companheiros governadores de outros partidos não vieram, mas têm representantes, têm vices. E, se não vieram, não foi por oposição. É porque estão preocupados em gastar o dinheiro do PAC 1, que eles já receberam neste mandato. Tenham certeza disso, de que a preocupação de todos eles é inaugurar as obras antes de terminar o 2 de abril. Eu mesmo estou convidado para algumas, mas não posso ir porque tenho muita coisa para fazer aqui, amanhã.



Então, eu quero terminar, companheiros, dizendo para vocês apenas duas coisas. Eu não estou contente com o que nós fizemos até agora, e acho que nenhum de vocês está contente, porque nós temos a obrigação de fazer mais, temos competência de fazer mais. O povo pobre deste país precisa que a gente faça mais, e a economia precisa que isso aconteça.

Eu fico imaginando se nós, naquele momento de crise, tivemos que fazer um investimento de quase R\$ 12 bilhões no Bolsa Família, o próximo governo não pode se contentar com [R\$] 12 [bilhões], vai ter que fazer mais. Ou vai ter que gerar tanto emprego, que um dia não vai precisar mais ninguém ter o Bolsa Família. Porque quando a gente começou a fazer o programa Bolsa Família, qual era a crítica que a gente recebia? “Cadê a porta da saída? A porta da saída? A porta da saída?”. Os coitados não tinham nem entrada. Eu não sei porque pobre incomoda tanta gente neste país! Não, porque a verdade é essa, é que incomoda. Você dizer que vai fazer as coisas para os pequenos neste país incomoda, é perda de tempo. Inclusão, fazer estrada, fazer Bolsa Família, tudo isso é secundário. O que é importante é fazer infraestrutura. Obviamente que nós concordamos, mas se a gente fizer um aeroporto e do lado de fora tiver o povo morrendo de fome, quem vai viajar de avião? Quem vai viajar de avião se o povo não pode comer? Vejam, um pouco dos pobres andando de avião já está dando problema nos aeroportos. Todo dia o Jobim chega e mostra para mim: “Está crescendo 10% ao ano, está crescendo 10% ao ano”. E vai crescer mais.

Eu lembro a primeira vez que eu entrei em um avião. A primeira vez que eu viajei em um avião era coisa de rico, eu me preparei para viajar. Em 1975, eu fui eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e tinha um congresso da Previdência aqui. Quando eu vim para cá me prepararam: “Olha, só tem gente rica no avião. Você leva uns 30 lenços porque vai colocar tudo para fora”. Eu entrei no avião, amarrei a barriga, quase que estouro. Naquele tempo tinha champanhe no avião, Rollemberg. Tinha champanhe, Vicentinho. Champanhe,



tinha comida no prato, garfo... E eu falei: não vou comer nada, não vou beber nada. Sentei duro ali, travei a mão ali, fechei os olhos. Eu falei: daqui para a frente, quero ver o que vai acontecer. Fiquei só esperando vomitar. Aquele saquinho de plástico que tinha, eu pus uns 10 lá na minha sacolinha. Quando eu menos... quando eu menos espero, o cara comunica: “Parou em Brasília”. Então era coisa de rico mesmo, eu me preparei. Hoje, não, hoje os pobres estão viajando de avião. Tem mais gente viajando de avião, sabe. E nós queremos que mais gente viaje mais de avião. Nós queremos que mais gente viaje de avião, que possa percorrer esse Brasil inteiro. E isso só pode acontecer se a gente continuar fazendo distribuição de renda. E aí, Guido, você disse uma coisa que para mim merece registro. Fazer tudo isso sem perder a noção, de cuidar com carinho da responsabilidade fiscal e de controlar a inflação neste país. Porque a inflação, na hora em que volta, ela volta exatamente para corroer o salário das pessoas que ganham salário.

Então, essa é uma coisa sagrada que nós não podemos perder de vista. Este país pode crescer bem, este país pode ter juros menores e este país pode ter a inflação controlada, porque nós aprendemos isso.

E aí eu queria fazer um apelo aos companheiros congressistas, aos companheiros congressistas: gente, ano de eleição não é hora de a gente fazer loucura em votação. Ano de eleição é hora de a gente pensar na próxima geração. E a gente só vai poder cuidar bem da próxima geração se a gente agir com o máximo de cuidado e com o máximo de responsabilidade.

Eu sei da quantidade de propostas que já apareceram para o pré-sal. Mas, se a gente não tomar cuidado, a gente vai diluir tanto que a gente vai terminar não utilizando esse recurso para significar a independência do Brasil.

Eu estive na Bahia agora, Jucá, eu estive na Bahia. E estavam lá os policiais, querendo piso. Não é que eu ache que R\$ 3.500,00 é um salário alto. Eu não acho. Se eu ganhasse isso, quem sabe, eu estava até protestando. Mas é importante a gente olhar quantos estados brasileiros podem pagar um



piso de R\$ 3.500,00, hoje. Quantos governadores? Estão todos ali. É perguntar para alguns quantos podem pagar.

Então, eu penso que essa harmonia entre as votações que a gente vai fazer e a realidade de cada lugar que a gente mora, vive, não pode ser perdida por causa do ano eleitoral.

Eu queria fazer um apelo a vocês. Um apelo que começa pelo comportamento do presidente da República, que deve passar pelo comportamento de quem vai ser candidato a presidente da República neste país, que passa pelo comportamento dos ministros que vão sair e dos ministros que vão ficar. Se tem uma coisa sagrada que fez este país chegar onde chegou foi a seriedade do nosso comportamento até agora. A nossa seriedade, no fundo, no fundo é o que permitiu – e o Sérgio sabe disso –, foi o que permitiu que a gente fosse lá em Copenhague e ganhasse o direito de realizar as Olimpíadas em 2016. É essa seriedade que permite que o Brasil seja elogiado por onde passa hoje.

Aqui tem muita gente que viaja. E todos vocês sabem que o Brasil nunca foi tratado com 10% do respeito que ele tem hoje. Porque aqui a gente provou que tem até mais competência de fazer as coisas melhor do que aqueles que antes davam tanto palpite nas nossas coisas, e agora estão lá endividados e num emaranhado de confusões, que não sabem como sair. Enquanto o mundo desenvolvido está sofrendo o desemprego, neste país, no pior ano da crise, nós criamos 905 mil empregos; este ano, até agora, em dois meses, já criamos quase 400 mil novos empregos. Eu tenho a certeza de que este ano será um ano extraordinário, para alegria do povo brasileiro, para alegria dos dirigentes sindicais não fazerem greve nem passeata no meu último ano de mandato, e para alegria do trabalhador, que vai poder ganhar um pouco mais.

Por último, companheiros e companheiras, a partir de amanhã muitos companheiros irão deixar o governo, porque muitos estarão na luta democrática. Você sabe que é assim, não é? Quando o presidente da



República vai querer tirar o ministro, então ele fala: “Mas eu, Presidente? Eu sou tão dedicado! Eu...” É duro tirar. É duro, você não sabe como é triste tirar um ministro. Agora, quando eles querem sair, eles inventam o seguinte discurso para mim: “Olha, o povo precisa, a base decidiu. A base decidiu, eu tenho que ir. Não tenho como faltar com a minha base. O meu estado quer”. Mesmo que depois, nas eleições, ele tenha uma “merrequinha” de voto, assim, ele nem se arrepende, porque ele fez aquilo que era vontade dele. Ninguém segura, ninguém segura alguém que quer ser candidato a deputado, é um negócio impressionante. A deputado e a outras coisas, também. Não apenas a deputado.

Mas, de qualquer forma, eu... vários companheiros vão sair, nós vamos ter uma despedida aqui, um “trololó” com eles. Todo mundo sabe que eu não vou fazer mudança no governo, ou seja, todo mundo sabe que eu não vou... não adianta nem partido pedir ministro, que não tem, a equipe que vai ficar é a equipe que está trabalhando, nós vamos fazer os ajustes que tem que fazer e não tem... Que ninguém venha me pedir a presidência da Petrobras ou da Caixa Econômica, do Banco do Brasil, do BNDES, não venha... A não ser que o Zé Alencar pedisse. Como ele não pede...

Então, nós vamos continuar. Eu estou marcando uma reunião para segunda-feira, depois da Semana Santa, uma reunião com todo mundo que vai ficar, porque eu posso dizer para vocês: quem quiser ficar, sabe que vai trabalhar o dobro dos que saíram, porque agora, a fiscalização nas obras vai ter que ser muito mais rígida, porque a gente não pode se deixar pegar na disputa eleitoral. Ministro não é para cuidar de finanças de campanha de ninguém, ministro é para trabalhar e para cuidar do dinheiro público corretamente. Nós vamos fiscalizar isso, para que as coisas funcionem bem. E nós precisamos fazer o que o Brasil fez no Chile em 1962: Pelé se machucou... – porque tem vários “Pelés” que vão sair – e o Garrincha e sua turma conseguiram ganhar a Copa do Mundo de [19]62.



Então, eu só queria agradecer a vocês e dizer o seguinte: Companheira Dilma, você, que foi a mãe do PAC 1... Certamente, eu não posso ficar chamando você de mãe eterna do PAC 2, porque daqui a pouco surge outra mãe aí, adotiva, e vai... E também não vou chamá-la de avó do PAC, porque isso não ajuda. Mas, de qualquer forma, eu quero que vocês saibam, eu quero vocês saibam, e isso aqui eu falo de coração, amanhã, no dia em que a Dilma for sair – eu sei que vocês não estarão aqui, muitos de vocês, porque têm outras atividades –, mas eu gostaria de dizer uma coisa para vocês: se não fosse a trinca da Dilma – ela, a Erenice, a Miriam Belchior e mais a Tereza –, eu estou dizendo... se não fosse a dedicação dessas companheiras, talvez a gente não pudesse nem estar lançando isso aqui hoje, porque eu estou prometendo desde setembro, elas ficaram pedindo conversa comigo em setembro, outubro, novembro, eu não pude conversar. Eu só vim conversar com elas no começo do ano. E elas, eu sei que se dedicaram sábado e domingo até altas horas da noite, para a gente poder apresentar para vocês.

Certamente, isso aqui vai passar por um ajuste, pente fino, nas discussões com os governadores de estados que vão querer uma coisa, vão querer aprimorar outra, vão querer tirar outra; com prefeitos, que vão querer tirar umas, colocar outras... De qualquer forma, o PAC não é do Lula. O Lula só tem mais nove meses aqui. Nove? Acho que menos, até. Estou querendo ganhar alguns dias. Mas, de qualquer forma, esse PAC, se for feito por vocês, governadores e prefeitos, esse PAC, quem entrar aqui na Presidência não vai poder simplesmente pegar e dizer: “Eu não vou fazer isso aqui, vou rasgar e vou fazer outra coisa”, porque terá os governadores eleitos e os prefeitos eleitos no pé, para que ele cumpra o compromisso do Estado brasileiro com a redenção definitiva deste país.

Parabéns, companheira Dilma. Parabéns, companheiro Guido Mantega. E parabéns a todos vocês que, ao longo desse tempo, contribuíram para que a gente pudesse chegar onde nós chegamos.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Está encerrado este ato.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse de novos ministros**

Palácio Itamaraty, 31 de março de 2010

Meu caro companheiro Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,

Nossa querida companheira Erenice Guerra, ministra-chefe da Casa Civil,

Meus companheiros Luiz Paulo Barreto, ministro da Justiça; Nelson Jobim, da Defesa; Guido Mantega, da Fazenda; Paulo Passos, dos Transportes; Wagner Rossi, da Agricultura; Fernando Haddad, da Educação; Juca Ferreira, da Cultura; Carlos Gabas, da Previdência – é importante vocês saberem que o Gabas é tão importante que ele trouxe a minha “mãe”, de Paris, para participar... Podia ficar em pé, Glória. Ele trouxe a Glória Pires, de Paris, para a posse dele. Imaginem o que é que nós vamos inventar... enfrentar de “nego” metido na Previdência,

A nossa querida Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. A Marcinha nunca deveria ter saído do Ministério. Saiu, e eu disse que ela ia se arrepender, e ela está de volta.

Nosso querido companheiro Miguel Jorge,

Nosso querido companheiro Márcio Zimmermann,

Nosso querido companheiro Paulo Bernardo. Foi um dos que eu pedi para que não fosse candidato a nada, até porque a mulher dele é, e ia ter uma disputa séria dentro de casa.

Nosso querido companheiro Sérgio Rezende,

Nosso companheiro José Artur Filardi, das Comunicações,

Nossa querida companheira Izabella Teixeira, do Meio Ambiente,

O Orlando Silva foi outro companheiro a quem eu fiz o apelo para que



ele não fosse candidato, porque ele tem tarefas mais importantes, afinal de contas, nós vamos ter Copa do Mundo e Olimpíadas pela frente.

Nosso querido companheiro Luiz Barretto, do Turismo,

Nosso querido João Santana, da Integração Nacional,

Nosso querido Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

Nosso querido companheiro Marcio Fortes, das Cidades,

Nosso querido companheiro Antônio Lambertucci, interino da Secretaria-Geral da [Presidência da] República,

Nosso companheiro general Jorge Armando Félix, do Gabinete de Segurança Institucional,

Luís Inácio Adams, advogado-geral da União,

Nosso querido companheiro Jorge Hage, do Controle e da Transparência,

Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais,

Franklin Martins, da Comunicação Social,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães Neto, da Secretaria de Assuntos Estratégicos,

Eloi Ferreira de Araújo, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Nosso querido Altemir Gregolin, da Pesca e Aquicultura,

Nossa querida companheira Nilcéa Freire, também já transformado em Ministério, Nilcéa, [a Secretaria de Políticas para as] das Mulheres,

Nosso querido Paulo Vannuchi, do Ministério dos Direitos Humanos,

Nosso querido companheiro Pedro Brito, dos Portos,

Nossa querida companheira ex-ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, que se despede hoje do governo,

Nosso querido companheiro Alfredo do Nascimento, ministro dos Transportes,



Nosso querido companheiro Reinhold Stephanes, ministro da Agricultura,

Nosso querido companheiro José Pimentel, da Previdência Social,
Patrus Ananias, do Desenvolvimento [Social] e Combate à Fome,
Edison Lobão, do Ministério de Minas e Energia,
Hélio Costa, das Comunicações,
Carlos Minc, do Meio Ambiente,
Geddel Vieira, da Integração [Nacional],

E Edson Santos, companheiro da Secretaria [de Políticas de Promoção] da Igualdade Racial, Ministério, na verdade, da Igualdade Racial,
Quero cumprimentar os... Esses últimos que eu citei aqui são os companheiros que estão nos deixando, para tristeza nossa, e [para a] alegria dos que os estão substituindo.

Nossos companheiros senadores aqui presentes,
Nosso querido companheiro Jucá, líder do governo no Senado,
Companheiro Vaccarezza, líder do governo na Câmara,
Deputados federais,
Senadores,
Companheiros familiares,
Meus amigos e minhas amigas,

Hoje, por incrível que pareça, é um dia menos triste do que quando a gente tem que tirar um ministro porque a gente quer tirar o ministro. Um dia, quando vocês forem prefeitos, governadores ou presidente da República, vocês vão perceber que o momento mais difícil na vida de um político é o dia em que ele tem que dizer para um companheiro que ele convidou para o governo que ele o está desconvidando. É um momento triste, penoso. Quando a gente convida os companheiros para serem, normalmente é assim – eu estou dizendo isso porque é um dos aprendizados que eu vou levar daqui –, quando



você convida alguém para vir aqui, os caras falam: “Olha, Presidente, vou ser leal ao máximo, e quero dizer uma coisa: quando o senhor precisar do meu cargo é só me comunicar, que eu sou um servidor deste país, do povo, eu lhe entrego o cargo.” Não acreditem nisso. Não acreditem, porque na hora de tirar é muito difícil, muito. Eu tive casos históricos que um dia, quando estiver perto da extrema-unição, eu posso contar. Antes, não. Mas...

Uma outra coisa importante é que você nunca traga um companheiro que você não pode tirar do governo, porque tem isso. Tem determinadas pessoas que são tão ligadas a você por “n” coisas que, se você trouxer, quando elas te decepcionarem, fica muito difícil você tirar, muito, muito. Agora, isso quando a gente quer tirar. Agora, quando eles querem sair, é assim: todo mundo rindo... Vocês vão ver que na posse de um ministro... que eu espero não mexer com ninguém até o dia 31 de dezembro, mas se eu tiver que tirar alguém porque eu quero tirar, vocês vão perceber que aqui ele não estará sorrindo como estes aqui.

Todos estão deixando o governo na expectativa de construir uma outra história política, uma outra página da sua história. Na verdade, eles estão deixando o sacrifício de ser governo, porque... Eu fiquei 27 anos dentro de uma fábrica e nunca trabalhei como eu trabalho no governo. Quando eu trabalhava na fábrica, eu sabia que eu entrava às 8[h], eu sabia que eu saía às 6[h], e eu sabia que a noite era minha, sabia que o resto do dia era meu. E aqui, não. Aqui você não tem sábado, você não tem domingo, você não tem segunda[-feira], você não tem terça[-feira], é à meia-noite, é a uma hora da manhã, e está cheio de gente desafortada que liga para você depois das onze da noite, que liga no sábado, que liga no domingo, e acha que você tem que atender. Então, eles estão, na verdade, deixando esse sacrifício. Eu tenho certeza de que todos aqui que não tiveram experiência de Executivo ainda, que estiveram no governo, sabem que se trabalha muito mais.

Então, eles estão querendo... alguns estão querendo “procurar sarna



para se coçar”, estão querendo ser candidato a governos. Outros estão querendo ser candidatos a deputado, a senador. Eu acho extraordinário. Ir para o Senado, Renan, dizem que é uma coisa maravilhosa porque só tem... nem o céu é melhor do que o Senado, porque dizem que no céu a gente tem que morrer para ir, e no [para] o Senado a gente vai vivo.

Então essas pessoas estão felizes por isso. Elas, certamente, estão procurando... Olha o Hélio Costa, o sorriso dele. Ele vai voltar para o Senado. O Geddel vai voltar para a Câmara, o Alfredo vai voltar para o Senado, o Minc vai voltar para a “deputância” dele, o Edson vai voltar para ser deputado, o Lobão vai voltar para ser senador... E assim vai um monte de companheiros retornando ao paraíso, e nós ficamos aqui com a carga de trabalhar por nós e por eles.

Então, é um momento menos sofrido porque é muito difícil perder companheiros que vestiram a camisa do governo, que acreditaram na proposta, que se dedicaram, que trabalharam, e que estão deixando porque têm sonhos, desejos, compromissos partidários, e que eu respeito profundamente a decisão de cada companheiro. Gostaria que todos ficassem até o final do mandato.

Mas, na medida em que eles saíram, eu sou obrigado a fazer alguns reconhecimentos aos companheiros. Montar uma equipe é a arte do sucesso de governar. Isso vale para o futebol – o técnico tem que montar uma equipe –, isso vale para uma orquestra – o maestro tem que escolher os melhores músicos para compor a sua orquestra e treiná-los bastante – vale para uma redação de jornal, vale na construção da família da gente e vale para a política. Montar uma equipe, educar essa equipe para um determinado tipo de trabalho, não estabelecer uma relação de medo entre o Presidente e os ministérios, mas estabelecer uma relação de confiança e de respeito, que é muito diferente da relação de medo. E todo mundo que conviveu comigo sabe que eu trato todo mundo em igualdade de condições, que o mesmo presidente que é capaz de



dar um grito com um companheiro - sobretudo quando está fazendo regime e que para de comer determinado tipo de coisa -, é o mesmo presidente que tem a humildade de pedir desculpas algumas horas depois. Eu nunca utilizei, junto com eles, a história de que “eu estou determinando, eu estou mandando”. Eu normalmente peço, discuto. Porque é gostoso, para a liturgia do cargo, sempre aparecer a ideia de que “o Presidente mandou, o Presidente determinou”. Não. Na maioria das vezes nós conversamos, nos colocamos de acordo, e as coisas acontecem sem precisar uma determinação mas, sim, uma construção a dois, a três, a dez. É sempre melhor do que uma construção autoritária, a um sozinho. Então, foi assim que nós trabalhamos.

Então, eu sou agradecido a cada um de vocês. Obviamente que não cabe a um presidente da República ficar aqui tecendo elogios a todo mundo, porque todos são candidatos e daqui a pouco estão todos colocando eu, aqui, na televisão, elogiando eles.

Mas eu sou obrigado a agradecer a cada companheiro. O companheiro Alfredo do Nascimento, eu tenho uma gratidão profunda porque no momento em que era difícil saber se eu ia ganhar as eleições em 2002, ele, lá na capital do estado do Amazonas, assumiu o compromisso de apoiar a minha campanha. Na verdade, ele nem queria vir para o Ministério. Eu é que fiz questão de trazê-lo para o Ministério, depois de muita insistência, porque um outro companheiro nosso foi ser candidato a prefeito da sua cidade. E eu quero te dizer, Alfredo, que eu sou grato pelo trabalho prestado ao país e ao governo. Certamente, o Ministério dos Transportes deu um salto de qualidade. Certamente, nós multiplicamos por mais de cinco ou seis vezes o dinheiro que o Ministério dos Transportes tinha para ser utilizado, e você e a sua equipe – da qual faz parte o nosso companheiro Paulo Sérgio, que já foi ministro quando você foi candidato ao Senado – trabalharam muito. Então, eu quero dizer do meu reconhecimento aos trabalhos prestados a este país. Muitas vezes, se não fosse o teu jeito de ser, a tua calma, a tua tranquilidade, a paciência que



você teve nos momentos difíceis, certamente a gente não teria conseguido fazer tudo o que nós fizemos. Portanto, os meus agradecimentos, querido companheiro Alfredo do Nascimento.

Meu companheiro Pimentel... O Pimentel é um que quando... Para quem não sabe, o Pimentel era deputado federal do Ceará, ex-funcionário do Banco do Brasil. Quando o Marinho deixou a Previdência Social, eu tinha ideia de que eu ia montar o Ministério somente com pessoas que não fossem candidatas a nada, porque eu sabia que ia acontecer isso, eu sabia. A única pessoa que não era candidata, mas teve gente que quis, foi a Dilma. O restante, todo mundo queria ser candidato. Então, eu disse ao Marinho: Marinho, eu quero alguém que não queira ser candidato a nada na eleição. Aí o Marinho vem e me apresenta o Pimentel: “Ah, eu estou cansado de ser deputado, Presidente. Eu não quero ser deputado. Eu vou para o Executivo e...” Aí eu estou percebendo essas coisas... a gente vai ficando matreiro... Uns quatro meses atrás já começou a dizer: “Olha, as bases estão querendo, a militância está querendo, há uma oportunidade. Se a gente trabalhar direito, a gente elege os dois e derrota a oposição”. E vai por aí, vai por aí, vai por aí. Eu tentei... Falei: vou pensar. Vou chamar o Marinho e falar para o Marinho cobrar dele a palavra. Aí eu pensei: não vale a pena. Não vale a pena, porque também eu tenho que agradecer ao companheiro Pimentel. Está certo que o trabalho começou lá atrás, com o Ricardo Berzoini, ainda, no Ministério da Previdência. Depois passou pelo companheiro Marinho e outros, mas uma coisa é importante: é que este Pimentel conseguiu mexer com uma coisa muito séria neste país. Vocês nunca mais viram uma manchete de jornal falando da fila do INSS.

Eu lembro como se fosse hoje, eu estava dando uma entrevista para... acho que uma rádio do Rio de Janeiro – não sei se é a rádio Globo ou a rádio CBN do Rio de Janeiro, uma coisa assim –, ao vivo e eu disse: nós vamos acabar com essa, com essa, com essa fila. O Nelson Machado, que então – estou vendo ele ali agora –, que era o ministro da Previdência... No dia



seguinte tem uma manchete: Ministro desautoriza Presidente a falar que acaba com as filas. Aí eu chamei o Nelson, e aí ele disse: “Olha, não acabar com a rapidez que o senhor falou, mas é possível acabar com as filas”.

Então, entrou o companheiro Pimentel e me anunciou a primeira grata surpresa... porque eu trabalhei no sindicato nos anos 72 e eu cuidava de aposentadoria, e eu sabia o que era esperar um trabalhador chegar da fábrica, você fazer a contagem dos anos de trabalho dele, às vezes ele não tinha documento. Você tinha... eu não sei se era J.A. ou uma... J.A.?... Era um documento que você tinha que dar como indício de prova para dar entrada no INSS. Depois o INSS passava três anos para tentar localizar aquilo e não localizava. E às vezes, um trabalhador dava entrada na aposentadoria e levava três anos... Se ele estivesse trabalhando, ele esperava, mas se ele tivesse já sido mandado embora, ele passava três anos sem receber a aposentadoria dele. Era um verdadeiro martírio a gente conquistar uma aposentadoria.

E de repente o Pimentel vem e me comunica: “Presidente, a partir de tal data o senhor pode anunciar que todos os trabalhadores brasileiros, todos da indústria brasileira, daqueles que têm carteira assinada, a partir de tal data ninguém mais vai precisar apresentar nenhum documento ao INSS. Ou seja, nós é que vamos comunicar o cidadão, em casa, que ele completou o seu tempo de serviço, que o salário mensal será de tanto, e que ele pode vir à Previdência receber e, em meia hora, estará quitada a sua previdência”. Você quer colírio...

Depois, nós tínhamos um problema sério aqui, sério, muito sério, que eram as filas para as pessoas marcarem especialistas na Previdência Social, sobretudo na perícia médica. Porque era assim: O trabalhador, quando estava doente, ele se afastava. Os primeiros quinze dias eram pagos pela fábrica. É isso, Pimentel? Bem, para que ele retornasse à fábrica, ele tinha que fazer uma perícia médica para saber se ele ia ser enquadrado como beneficiário e receber o benefício, ou se ele ia voltar para a fábrica. Então, o que acontecia?



Esse trabalhador, ao tentar marcar a perícia, demorava nove meses, um ano, onze meses. Por quê? Porque não tinha perito. Tinha tido uma greve dos peritos antes de a gente chegar aqui, então acharam melhor acabar com os peritos e terceirizar. Consequentemente, o trabalhador ficava um ano e ganhava até um pouco mais do que ganhava na fábrica. Então, era tudo o que um cara quer. Você imagine, é tudo o que um ser humano quer: ganhar mais sem trabalhar! Então, era assim.

Nós tomamos a decisão de contratar peritos. Contratamos quantos, Pimentel? Cinco mil e duzentos peritos. Depois, a gente é obrigado a ler matéria de que “nós inchamos a máquina”... Porque, na verdade, as pessoas que criticam o inchaço da máquina são as pessoas que preferem que a gente faça o inchaço das filas. E como nós preferimos tratar o cidadão com decência, nós contratamos os peritos. E eu lembro como se fosse hoje. Você pode até ligar de Paris, Nilcéa, “135”, que você vai ver que do Oiapoque ao Chuí, você marca hoje uma perícia médica, no máximo, em cinco dias. E o Gabas disse que quer diminuir o Pimentel o máximo, que quer fazer em um dia, dois dias, ou seja, você sabe o que é marcar uma perícia em cinco dias no lugar mais difícil, que é São Paulo, onde tem mais gente? Quantas agências foram inauguradas? Quatrocentas inauguradas e 320 em construção, são mais 720 agências novas que você tem que fazer, se você quiser melhorar o serviço ao público, e aí você tem que contratar mais gente. O computador é ótimo, mas ele não atende as pessoas, ele não fala bom dia para as pessoas, então, nós temos que contratar.

Então eu quero, Pimentel te agradecer pela revolução. E ele ainda me deu outro presente: é que agora já tem mais de quatro milhões e meio de pequenos produtores rurais cadastrados; cinco milhões – já aumentou um milhão – 5 milhões e 119 pequenos produtores cadastrados, pessoas que têm propriedade com menos de quatro módulos, até quatro módulos rurais. E essas pessoas também não vão precisar provar mais documento nenhum, nós é que



temos que garantir que essa pessoa tem direito. Então, essa pessoa vai receber agora, porque nós vamos comunicá-lo em casa que ele atingiu o tempo de idade dele e ele vai receber sua aposentadoria por tempo de serviço.

Então, Pimentel, eu não poderia deixar de fazer esse reconhecimento público e dizer que você também só pôde fazer isso porque o Gabas estava do seu lado. Então, eu aproveito, tiro uma cara metade e fica a outra cara metade para dar sequência nos bons serviços prestados à Previdência Social.

Quero agradecer de coração ao companheiro Reinhold Stephanes, que deu uma contribuição extraordinária para nós na Agricultura. Agradeço, inclusive, ao PMDB que, ao indicar o Reinhold Stephanes, indicou um cara que parece que nasceu dentro do Ministério ou, se não nasceu, veio para o Ministério muito cedinho, porque ele conhecia não apenas tudo do Ministério, mas conhecia as pessoas do Ministério. Então, prestou um trabalho importante, deixou alguns trabalhos já em andamento, que o Wagner Rossi, nós vamos discutir. E, sobretudo, uma coisa que é marcante para nós: nós fizemos um acordo que os trabalhadores rurais... os empresários rurais esperavam há mais de 30 anos, junto com o Guido Mantega, eles construíram um acordo da dívida que todo mundo esperava há 30 anos, o que foi uma coisa muito importante. Se reconstituiu uma relação de confiança, porque como a agricultura é cíclica, ou seja, às vezes ela dá dois anos bem, três anos bem, depois ela dá um ano ou dois anos mal. Quando ela está bem é mérito de quem colheu e de quem plantou, é sabedoria do plantador, do cara que vai trocar a sua caminhonete, e tal. Mas quando dá desgraça é o governo que é culpado. Então, nós temos que assumir isso como fato consumado e trabalhar assim mesmo. Também as críticas são cíclicas e os apoios são cíclicos também.

Então... Nesse momento nós estamos num momento bom porque fizemos acordo, estamos resolvendo o problema dos cacauzeiros na Bahia, que eu espero que tenha resolvido ontem. A agricultura familiar, nós não fizemos tudo, mas fizemos coisas extraordinárias para a agricultura familiar. Portanto, o



caminho está trilhado. E uma coisa importante que foi a boa combinação entre o Reinhold Stephanes e o Guilherme Cassel. Uma coisa importante que o Reinhold pegou nesse período e que nós vamos concluir agora, graças à compreensão da Petrobras, que há cinco anos estamos falando que a Petrobras precisa entrar na área de fertilizantes, sobretudo nos nitrogenados, que é a ureia, que o Brasil importa muito para produzir. Agora que a gente tem gás... porque três anos atrás a gente dizia que não tinha gás, mas com o Plangás, que nós criamos, nós já temos gás. Portanto, a Petrobras já tomou a decisão de fazer a fábrica de ureia em Três Lagoas e a fábrica de amônia em Uberaba. Nós conseguimos dar um jeitinho político de atender os dois lados.

E tem todo o projeto de fertilizantes que o Reinhold deixou. Ontem, nós... já está na Casa Civil para a gente trabalhar como é que a gente vai encaminhar. Porque nós vamos chamar a Vale do Rio Doce e a Petrobras juntas, e as duas, na questão de fertilizantes, têm que ser parceiras, porque nós não podemos continuar comprometendo a nossa agricultura a ficar dependendo de fertilizantes que a gente importa de duas ou três multinacionais. Portanto, quem achar ruim, quem achar que isso é o Estado se meter... O Estado não vai se meter, mas o Estado vai induzir as nossas boas empresas a produzirem o oxigênio que falta para a nossa agricultura ser mais competitiva e melhor. Portanto, obrigado, Reinhold Stephanes, pela sua participação.

Companheiro Carlos Minc! Companheiro Carlos Minc, esta figura... a menos polêmica de todos os companheiros que eu tenho, o que gosta menos de falar com a imprensa, o que se veste mais discretamente. É um companheiro... Primeiro, é um companheiro de partido, de muitos anos. É um companheiro... e muitas vezes o Minc é criticado pelas coisas boas que faz e não pelas coisas ruins. Normalmente, acontece um pouco isso no Brasil. Quando você não fala a linguagem da supremacia da elite dominante, você é criticado pelas coisas boas que você faz. E a verdade é que o Minc, ele deu



uma certa robustez ao papel do Ministério do Meio Ambiente, ou seja, não é um Ministério de contestação às políticas do governo, mas é um Ministério que trabalha para que o governo faça as coisas certas porque é melhor para o país, é melhor para o meio ambiente, é melhor para o povo. E o Minc prestou serviços enormes. Muitas divergências... não pensem que é fácil trabalhar com o Minc, é muita divergência, mas, também, muita lealdade.

Então, eu quero fazer esse reconhecimento público aqui, do trabalho que ele prestou, e o último trabalho que nós poderemos ter em conta foi a hidrelétrica de Belo Monte que nós, finalmente, vamos poder começar a trabalhar e fazer os leilões para que o Brasil ofereça ao seu povo e aos investidores energia com fartura e energia mais barata para o povo brasileiro. Portanto, muito obrigado. E deixa a companheira Izabella que, certamente, será melhor do que ele, certamente será melhor do que ele.

O nosso companheiro Edson. O Edson, eu quero te agradecer, Edson, pela... eu diria quase pela construção da unidade do movimento negro no Brasil. Nós sabemos das divergências que existem nos mais diferentes movimentos espalhados por esse país afora. Nós sabemos que foi a sua atuação que conseguiu construir uma perspectiva no movimento, de a gente ter, embora com divergência, um pensamento único, com o Estatuto da Igualdade Racial. E eu acho que tem alguns problemas no Senado, que nós vamos ter que resolver mas, certamente, o Estatuto tem que ser aprovado, e eu acho que esse trabalho que você fez foi muito importante.

E você deixa, Edson, no seu lugar, o companheiro Queiroz... Eloi. Então, eu quero, Edson, dizer para você dos meus agradecimentos. Lamentando que você não tenha me entregue a ponte de Ivaporunduva. A ponte do Ivaporunduva... Eu, em 93, eu vou contar essa história porque é uma das coisas que eu falo sempre, da burocracia.

Em 93, eu fiz a caravana da cidadania para o Vale do Ribeira. E eis que eu fui visitar um quilombo lá, em Ivaporunduva. É assim, não é? Em uma



cidadezinha de Registro, uma vila lá. E eu via os garotos pegando uma canoa para ir para a escola. Como a caravana previa a elaboração de um projeto de desenvolvimento para o Vale do Ribeira, eu fiz o projeto do Vale do Ribeira e fui entregar em 94 ao Mário Covas, que tinha sido eleito governador do estado de São Paulo. E eu dizia para o Mário Covas: “Olha, se for necessário fazer pelo menos uma... Sabe aquela ponte que o Tarzan carregava a Jane nas costas e a Chita vinha atrás correndo? Se for preciso fazer uma daquelas, para nós está bom, atravessa ali segurando nas cordas, mas é mais seguro do que uma criança pegar uma canoa para ir para a escola”.

Bem, eu sei que, em 2003, eu assumi a Presidência, não estava feita a minha ponte. Eu falei: “Agora eu faço”. Matilde foi escolhida para a Secretaria da Igualdade, eu tinha pedido para as empresas Usiminas e Vale do Rio Doce, que iam fazer a ponte do rio Jequitinhonha lá em Minas Gerais - que cidade que era, Patrus? Itinga, Itinga - uma ponte grande... Você acredita que eu já inaugurei a ponte de Itinga e a nossa de Ivaporunduva ainda não consegui inaugurar. Então, eu falei com o General de Exército, para você saber que eu falei, pedi até a interferência do Jobim para falar com o homem que dá licença lá em São Paulo, que é o Xico Graziano, para liberar, porque faltam 400 metros para liberar. A ponte está pronta, falta só o acesso ao quilombo. E eu não posso deixar o meu governo sem inaugurar essa ponte do quilombo de Ivaporunduva.

Eloi, portanto você sabe que você tem o trabalho de acompanhar... Eu pedi para o general Enzo conversar com o pessoal que está fazendo para concluir, porque não é possível uma pequena ponte demorar tantos anos para construir. Então, Edson, muito obrigado por tudo, querido.

Companheiro Patrus Ananias, eu acho que muita gente conhece o Patrus como prefeito de Belo Horizonte, o Patrus deputado federal, o Patrus companheiro, o Patrus da PUC de Minas Gerais, mas o Patrus conseguiu notabilizar o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Acho



que a paciência dele, em momentos de duras críticas a que o Ministério foi submetido, e críticas contundentes, de setores que jogam fora, por dia, mais comida do que essa gente come em uma semana. E tem uma parcela da hipocrisia neste país, que acha que cuidar de pobre é desperdício, quando, na verdade, cuidar dos pobres significa a gente elevar o padrão da classe média brasileira; significa elevar o padrão de escolaridade; significa elevar o padrão de nutrição das crianças; significa a gente elevar o padrão de cidadania das pessoas. Porque tem gente que acha que a sociedade tem que ter o seguinte: se 30% estiver bem, está bem. O resto pode ficar tratado como se fosse de terceira categoria. Não é verdade. A coisa mais fácil – e isso vai fazer parte do meu discurso até o dia da morte –, a coisa mais fácil para um prefeito, para um governador e para um presidente da República é cuidar dos pobres. Não tem nada mais barato do que cuidar dos pobres. Não tem nada mais barato. E eu acho que nós fizemos muito, se comparado ao que era feito, mas fizemos pouco, se comparado ao que precisamos fazer. E que, portanto, nós vamos ter que fazer muito, e muito mais. Muito e muito mais. Nós apenas estamos começando essa caminhada. E, portanto, Patrus, eu quero te agradecer o trabalho, acho que é uma experiência extraordinária, e quero dizer para quem quiser ouvir, e até para quem não gosta do governo: se tem política social neste país, ela é feita pelo governo federal, em qualquer estado, em qualquer município.

O Luz para Todos, que eu considero uma transferência de renda, porque o Luz para Todos é você trazer uma pessoa do século XVIII para o século XX, apertando um botãozinho... Os cálculos que o IBGE tinha publicado, em 2003, era que nós tínhamos 2 milhões de pessoas... 2 milhões de ligações a fazer. A Dilma ainda era ministra do Meio Ambiente [de Minas e Energia], nós começamos a fazer esse... a Dilma ainda era ministra da Minas e Energia, nós começamos a fazer o programa Luz para Todos. Quando nós concluímos os 2 milhões, nós descobrimos que não eram os 2 milhões só do IBGE, que tinha



mais 975 mil ligações a serem feitas. Assumimos o compromisso de fazer e, quando nós pensávamos que íamos acabar, surgiram mais 495 números a fazer. Ou seja, é quase que uma coisa que quanto mais a gente adentra – Samuel, escuta o adentra... Quanto mais a gente adentra às entranhas deste país, a gente vai descobrindo o quanto de brasileiros tinha sido esquecido até pelo nosso querido IBGE, ou seja, pessoas que não estavam na contabilidade, na matemática deste país. Então, quando os meninos vão a campo... e as empresas, também, que têm responsabilidade de fazer... as nossas empresas vão ter que assumir compromisso. Agora, o que é engraçado? Muitos estados nem pagaram a parte deles, que é apenas 20%. É 80% da União e 20% dos estados. Muitos estados não conseguiram pagar a parte deles. Nós fizemos a nossa e a deles. E esse Programa é um programa ligado ao Bolsa Família, mas é uma genialidade que veio do Ministério da Integração, e eu quero transferir os elogios do Patrus para o companheiro Lobão, porque foi um trabalho extraordinário esse programa Luz para Todos.

Eu penso que hoje a gente pode olhar para o Brasil, Lobão, e dizer o seguinte: “Olha, o Brasil está tranquilizado do ponto de vista energético”. Ai, quanta, quanta, quanta... Quantas aves de mau agouro torceram para que faltasse energia neste país! Quantas, você sabe, para mostrar que no nosso governo ia ter o mesmo apagão que teve em 2001, e nós vamos terminar o nosso governo sem ter o tão sonhado apagão dos meus adversários. Isso foi uma alegria. E, daqui para frente, nós vamos deixar uma quantidade de projetos que quem governar este país vai ter muito mais facilidade do que nós tivemos. E eu quero dizer, Lobão, que você foi uma grata surpresa. Quero dizer... fazer um reconhecimento público, porque quando os companheiros do PMDB vieram dizer do Lobão, eu falei: pô, mas o Lobão, aquele que era do PFL? Eu vou ter que ter ele aqui? E hoje eu quero de público, Lobão, de público, dizer que foi um orgulho para mim, orgulho, ter você como ministro de Minas e Energia no meu governo, sabe? Pelo alto grau de companheirismo,



sem abrir mão das convicções, o Lobão é um homem de fino trato, que gosta de bons vinhos, embora nunca tenha me pagado um almoço, nem um jantar. Está devendo. Eu espero que como candidato a alguma coisa, o seu coração esteja mais leve e seu bolso mais aberto para você poder pagar o tão sonhado vinho e o almoço que você prometeu durante tanto tempo. Se não no Ministério, em um bom restaurante aqui em Brasília.

Bem, nosso companheiro Hélio Costa... Eu acho que o Hélio Costa teve uma coisa extremamente importante, além da credibilidade, do jornalista renomado que é, do cara que... Eu, toda vez que vejo o Hélio, eu ainda o vejo em Nova York, falando para o Fantástico. Agora, uma coisa extraordinária que nós, que o Brasil vai dizer... O Hélio Costa, obviamente que sempre com o trabalho conjunto da Casa Civil, é a implantação da nossa TV digital. Parecia impossível que o Brasil iria ter um modelo de TV digital chamado nipo-brasileiro. E foi um desafio que nós fizemos, que quando nós fomos atrás e provocamos as universidades brasileiras, 27 universidades deram resposta competente e produziram para nós algo de japonês ficar com inveja, tal era a competência.

Hoje, nós já temos Brasil, Argentina, Chile, Peru, Venezuela, Equador, Costa Rica. Faltam Colômbia, Uruguai e Paraguai adotar o sistema, aí nós poderemos até nos orgulhar de dizer que temos um sistema digital da América do Sul. Chiquérrimo. Porque antes só podia ter Estados Unidos, só podia ter Europa e a China, que o pessoal dizia que o da China tinha problemas. Então, nós estamos com um modelo e devemos isso ao trabalho e à crença do nosso companheiro Hélio Costa, sempre com o apoio da Casa Civil.

E também os telecentros montados pelo interior afora e nas escolas do interior. Ou seja, certamente quem fica em uma sala com ar-condicionado e não visita o país não vai entender as coisas que eu estou falando. Porque, de vez em quando, eu fico vendo que eu... Embora pareça que eu não leio, eu leio muito o jornal, viu Arlindo? E eu fico vendo as minhas coisas que dizem e eu



fico me deleitando com a distância entre o que eu vi e o que está escrito. E aí eu vou contar a minha história de Ibiúna, porque essa todo mundo vai ter que aprender. Eu estava em uma padaria em Ibiúna e eu parei para comprar pão. E parei para comprar pão e o caixa estava na minha frente, olhando, e fez assim: “Você parece com o Lula”. Você sabe que eu não era candidato a Presidente ainda, mas todo mundo que é público, dirigente sindical, quando alguém reconhece a gente na rua é o máximo do máximo. Não tem nada pior para um político do que abrir as portas e ninguém conhecer ele. Então, já estava... Eu vou... Acho que todo mundo aqui sabe o seguinte: eu... tem hora que eu estou no avião, quando alguém começa a falar bem de mim, o meu ego vai crescendo, crescendo, crescendo... Tem hora que eu ocupo, sozinho, três bancos – o ego. Então, nesse caso da padaria, a minha cara já não cabia mais naquele buraquinho do caixa. Até já tinha... E aí aparece um cidadão atrás de mim e fala o seguinte: “Ele não é o Lula, não. Eu conheço o Lula, conheço o Lula, da Vila Euclides. O Lula é mais alto e mais moreno”. Eu fiquei pensando: o cara me reconhece e vem um cara aqui, que eu nunca vi, dizer... Peguei meu documento, a identidade, e falei: companheiro, eu sou o Lula, olha aqui. Ele olhou, pediu para ver meus dedos, eu mostrei. Aí ele falou: “É. É, mas não parece”. Então, eu... Eu fico me deleitando, Franklin Martins, porque as pessoas fazem um esforço muito grande, porque as pessoas sabem que é, as pessoas sabem que esse governo é bom, as pessoas sabem que esse governo cuidou de coisas que outros não cuidaram, as pessoas sabem que o Brasil mudou de patamar, elas sabem porque elas lêem jornal estrangeiro. Porque, antigamente, eles copiavam quando falavam mal de nós. “Deu no New York Times, o Brasil não vai para frente”. Agora que deu no New York Times que o Brasil vai para frente, não querem nem dar notícia. Eles sabem, mas eles fingem que não aparece. Então, vamos levando a vida, vamos levando a vida.

Faltam nove meses para terminar o mandato, eu tenho que trabalhar que nem um “desgraçado” ainda, e quem quiser me derrotar vai ter que



trabalhar mais do que eu. Vai ter que trabalhar mais do que eu. Quem quiser... quem quiser dormir até às 10, quem quiser achar que tem que fazer relação com um formador de opinião pública e vai me derrotar, vai ter que botar o pé no barro, vai ter que viajar este país, vai ter que correr. Porque as pessoas têm que aprender que este país não aceita mais ser tratado como se fosse um país de segunda classe! O povo brasileiro não é um povo menor! O povo brasileiro está aprendendo a ter orgulho. Houve um tempo que neste país cerveja de qualquer lugar, mesmo que fosse das ilhas Seychelles, tinha mais valor do que a nossa. “É brasileiro, não presta”. Não era assim que falava? Este país está aprendendo a gostar de si próprio. Este país está...

Eu acho engraçado, porque eu fui a Israel, não estava nem na minha agenda, nem os israelenses pediram para eu visitar o túmulo do criador do sionismo, mas nem os israelenses pediram. Alguns jornais aqui no Brasil ficaram incomodados porque eu não quis ir visitar uma coisa que nem Israel queria. E ainda diziam: “O que o Lula está se metendo, o que ele pensa que é? Discutir crise internacional... Se coloca no seu lugar, baixinho!” Eu sou baixinho, mas o povo brasileiro não é. O povo brasileiro é muito grande! E nós não aceitamos supremacia de uma nação sobre a outra. Não aceitamos supremacia dos que têm dinheiro contra os que não têm dinheiro. Não aceitamos a supremacia daqueles que acham, em uma outra geopolítica, daqueles que acham que eles são donos das decisões mundiais. É por isso que este país tem brigado de forma intransigente há quinze anos – não é apenas no meu governo, não – para que a gente consiga mudar as Nações Unidas. As Nações Unidas precisam representar o mundo de 2021 e não o mundo da década de 40. Nós queremos mais países. Nós queremos que tenha senso de decisão.

E eu estou convencido – companheiros ministros e companheiros da imprensa – de que o conflito de Israel não é apenas uma coisa quando um quer ou quando o outro quer.



A ONU criou o Estado de Israel e ela tem que ter força para criar o Estado palestino, e para fazer com que haja a paz entre os dois. Ninguém mais, ninguém mais discute a supremacia de um sobre o outro. Ninguém mais discute porque tem que negar um para criar o outro. Todo mundo - judeus e palestinos - já sabe que precisa dos dois Estados. Agora, aquilo não é um clube de amigos. “Ah, porque os Estados, não é sempre que podem fazer a paz, se pudesse já tinham feito”. Eu já vi tanto presidente americano apertando a mão de presidente judeu e palestino, e não fez. A Europa vai fazer também, não faz. Ali, é preciso saber o seguinte: a paz só vai acontecer quando os que estão em guerra quiserem. É preciso colocar todo mundo em uma mesa de negociação: quem está conversando com o Hamas, quem está conversando com o Hezbollah, quem está conversando com a Síria, quem está conversando com o Irã? Como é que você vai construir a paz, se tem pessoas envolvidas no conflito que estão de fora? Já são considerados como bandidos e não se conversam.

Então, o Brasil, pelo seu jeito de ser, um país pacífico, tranquilo, sou amigo de todo mundo, da mesma forma que eu abraço o Obama, eu abraço o Chávez. Da mesma forma que eu cumprimento o Sarkozy, eu cumprimento o Ahmadinejad, cumprimento o rei Abdullah, cumprimento o... Não tem problema, um chefe de Estado não escolhe amizades, um chefe de Estado se relaciona com outro chefe de Estado. E discute interesses, não é questão de amizade pessoal. E tem gente, e tem gente que se incomoda: “Nossa, que baixinho metido. Será que esse Brasil não se enxerga, fazendo coisas que só os outros sabiam fazer?”. Quem é que disse que eles sabem mais do que nós?

Então, companheiros, eu acho que a nossa vida é assim, e eu entro na vida do nosso companheiro Geddel. O Geddel, um companheiro, todo mundo sabe que o Geddel fez oposição a mim durante quatro anos, no primeiro mandato, todo mundo sabe. E, para minha surpresa, o Geddel é trazido às minhas mãos pelo Jaques Wagner, que tinha acabado de fazer uma aliança



com ele para ganhar a Bahia em 2006. E eu quero te dizer, Geddel, que apesar das divergências entre você e o Wagner, eu, sinceramente, não gostaria que tivessem essas divergências. Se vocês dois me obedecessem, não teria. Mas o desejo de cada um é o desejo de cada um, a gente não pode evitar. Mas eu quero dizer que eu sou grato pelo seu trabalho no Ministério da Integração. Sou grato porque você, tinioso do jeito que você é, brigão do jeito que você é, você foi um cumpridor de tarefas extraordinário, e isso eu tenho ouvido não apenas da minha boca, que viajo com você, mas da companheira Dilma, que conviveu contigo e coordenou... E eu disse ao Geddel outro dia: é uma pena que você deixe o governo. Você poderia continuar no governo, que seria melhor, pela grandeza do seu trabalho. Eu acho que o Temer deveria pegar os deputados aqui de todos os partidos e levar para ver algumas obras que estão acontecendo no Nordeste brasileiro, para saber o que está acontecendo no Nordeste brasileiro. O canal da integração é uma obra em que vocês vão perceber porque D. Pedro II queria fazer essa obra em 1847. E uma parte dela já vai estar pronta, mas eu espero que até 2012 a gente conclua ela inteira. Então, Geddel, meus agradecimentos por todo o seu trabalho nesses três anos e meio de governo.

Por último, a nossa querida Dilma Rousseff. Eu não deixei a Dilma por último porque ela é a única mulher que vai sair. Eu deixei a Dilma por último porque a Dilma é parte integrante do sucesso de tudo que esses “meninos” fizeram de bom, tudo.

Porque vocês passaram a vida inteira de vocês dizendo o que vocês achavam, dando palpite na vida dos outros, fazendo oposição, vocês agora vão ter que trabalhar com o legado que vocês construíram. O Hélio Costa, o Geddel, o Reinhold Stephanes, o Alfredo, o Pimentel, o Minc, todos vocês agora vão ter que ir para a rua para defender o que vocês fizeram. Porque eu espero que vocês utilizem o que vocês fizeram como instrumento de divulgação das coisas boas que aconteceram neste país.



E eu acho que a Dilma Rousseff foi, eu diria, uma figura... Não existe ninguém insubstituível, não existe. Mas eu acho que a Dilma foi de uma competência extraordinária. A capacidade de articulação, a capacidade de trabalho. Muita gente acha que a Dilma é dura, que a Dilma é isso... Porque, também, nem todo mundo é obrigado a ficar se arreganhando para todo mundo todo dia. Tem uma história de que político tem que aparecer rindo, que nego vem te falar de um velório e você começa a rir. Não, a Dilma é o que ela é. Ela é assim, e, sobretudo, a mulher tem que ser mais serena e saber que ainda tem muito preconceito contra a mulher. E que, portanto, muitas vezes, ser um pouco dura é, possivelmente, uma das estacas que você utiliza para exercer a sua função, o seu poder.

E eu, ô Dilma, eu te confesso que eu não conheço... mas eu não sei quantas vezes a Casa Civil deste país funcionou com a competência que funcionou na tua gestão na Casa Civil. Eu acho que... eu acho que a tua saída é um prejuízo para o país, mas a tua saída é dentro de uma perspectiva de que você seja mais do que chefe da Casa Civil. Então, a esperança é a motivação da tua saída. E você deixa uma companheira da qualidade da Erenice, que foi... Eu, se pudesse colocar duas ministras em uma só, eu colocaria a Erenice e a Míriam Belchior no... não cabe... Mas a Erenice é a parte que ajudou a Dilma a tocar a Casa Civil, e a Míriam Belchior ajudou a tocar o nosso PAC. Portanto, uma vai continuar cuidando do PAC. Daqui para a frente, Jobim, você vai ter que se ver é com a Míriam, na questão dos aeroportos, não é com a Dilma branda, do jeito que é. Você vai ver a Míriam, como é que é! Quem achava que a Dilma era dura, deixa sentar à frente da Míriam, para você ver o que vai acontecer na questão do PAC. Então, Dilma, eu acho que vai ficar um vazio, [por] um determinado tempo, no Palácio. As nossas conversas, as nossas discussões, as tuas brigas como José Sergio Gabrielli, da Petrobras; a tua briga com a Maria Fernanda, na Caixa Econômica, por causa do programa Minha Casa, Minha Vida; a tua briga com o nosso querido Lobão, na questão



das Minas [e Energia]; com o Minc... toda vez que tinha um problema, eu falava: Dilma, o Minc é teu companheiro de luta armada, vai conversar com ele, vai acalmar. Então, eu penso que você vai deixar... Eu duvido que tenha tido um companheiro, um companheiro que trabalhou contigo, que não tenha uma extraordinária impressão. Tem alguns que saíam da tua sala e iam à minha sala se queixar, de que você tinha maltratado ele, que tinha sido muito dura com ele, o que também é normal, também é normal. De vez em quando, deve sair alguém da minha sala e ir à tua sala se queixar do meu tratamento, sobretudo o Gilberto Carvalho, o ...

Mas de qualquer forma eu acho que o Brasil, Dilma, deve a ti muitas coisas, eu acho que o Brasil deve a ti muitas coisas. E eu acho que a Erenice tem uma responsabilidade imensa pelo que vai acontecer daqui para a frente, na continuidade dos trabalhos que nós fizemos.

Então, companheiros, a todos vocês os meus agradecimentos. Aos companheiros novos, eu estou convocando uma reunião para segunda-feira, eu vou fazer o discurso lá, para vocês. Mas eu só queria alertar vocês de uma coisa: em 1962 o Brasil foi disputar a Copa do Mundo no Chile, e o Pelé estava no auge da sua carreira, era o auge da sua... O Pelé era, em [19]62, o Messi, o Maradona, o Kaká e o Ronaldinho juntos. Então, você percebe que ele fazia falta para a Seleção brasileira. Quando ele se machucou, não dava para você convocar uma nova Seleção, você tinha que colocar quem você tinha escolhido antes. E colocou-se o Amarildo para ser o substituto do Pelé. Eis que o Amarildo não deixou a desejar, já começou fazendo gol. E o Garrincha, que era um cara muito bom de bola, mas que não era tido como o carro-chefe, como o líder, assumiu a liderança e a gente terminou sendo bicampeão do mundo, 3 x 1 contra a Tchecoslováquia, em 1962.

Então, eu queria dizer para a nova equipe que está entrando que nós vamos ter que trabalhar mais, porque vocês têm nove meses. Veja que interessante: nove meses é o tempo da coisa mais extraordinária que o mundo



criou, que é o tempo de gestação de um ser humano, ou seja, entre concebê-lo e nascer dá exatamente nove meses. Alguns nascem prematuros, um pouquinho outros, mas dificilmente ultrapassam os nove meses. Então, vocês têm exatamente esse tempo de construir a passagem de vocês pelo governo. Significa que vocês vão ter que trabalhar mais do que os companheiros que saíram, vocês vão ter que realizar mais, sem poder inventar nada novo, porque nós não estamos na época de pensar em um novo programa. Nós estamos na época de executar os programas que vêm andando, porque eu não sei se vocês perceberam, não dá para a gente, faltando nove meses, dizer: “Ah, eu vou fazer tal coisa.” Entre você pensar, fazer o projeto e ter dinheiro no orçamento, acabou o mandato. Então, companheiros, eu, na segunda-feira vou cobrar de vocês.

E queria terminar dizendo o seguinte: aos companheiros que saem, boa sorte, que Deus abençoe vocês na caminhada de vocês. E espero que vocês realizem o desejo que levou vocês a saírem do governo.

Aos que entram, boa sorte, e espero que vocês “coloquem no chinelo” os que saíram, de tanto trabalhar e de tanta competência.

Um grande abraço, meu carinho a todos vocês, e vamos à luta.

(\$211A)